ECOS DO CAMPO DE BATALHA

BARBARA LANE

Tradução: Amadeu António

ECOS DO CAMPO DE BATALHA

RELATOS NA PRIMEIRA PESSOA DE VIDAS PASSADAS NA GUERRA CIVIL

BARBARA LANE 1996

Dedicatória

Este livro é dedicado aos meus amados pais, John e Kathleen Lane, a todos aqueles tocados pela Guerra Civil para que possam ser curados, aos meus companheiros trabalhadores da luz, e aos meus parceiros, Robert E. Lee e Edgar Cayce, que assistiram neste trabalho a partir do outro lado.

"Não somos inimigos, mas amigos. Não devemos ser inimigos. Embora a paixão possa ter provocado tensão, não deve quebrar os nossos laços de afeto. Os místico acordes da memória, estendendo-se de cada campo de batalha e sepultura de patriota, a cada coração vivo e lareira, por toda esta vasta terra, irão ainda entoar o coro da União, quando novamente tocados, como certamente serão, pelos melhores anjos da nossa natureza."

A conclusão do Primeiro Discurso Inaugural do Presidente Lincoln

Índice

Agradecimentos
Prefácio
Ecos na Névoa
Viveremos de Novo?
Um Curso Curto em Reencenação
e Termos Comuns da Guerra Civil
Steve: O Soldado Regressa
Alan: Sorte de Principiante
Dave: Coincidências Estranhas
Rob: Pela Boca dos Infantes
Problemas de Coração
MaryLynne: Uma Saia de Aro por uma Arma
Dale; Richmond em Chamas
Ed: Alimento para a Alma
Tom: Um Oficial e um Cavalheiro

David: Morte em Vida
Paul: Regresso a Casa em Alexandria
Brian: O Coração de um Historiador
Ecos Revisitados
Notas Finais
Bibliografia
Para Leitura Adicional
Eventos de Reencenação e Envolvimento

Agradecimentos

Com alegria e gratidão no meu coração, agradeço a todos aqueles que apoiaram a minha investigação e escrita, particularmente às equipas dos National Archives em Washington, D. C., e da Lloyd House em Alexandria, Virgínia; Tracey Hormuth da Prince William County Park Authority; Don Steiner de Fort Washington, Maryland; Capitão Albert Fuerst, Companhia D, 1st U.S. Artillery; e especialmente ao historiador Brian Pohanka por me assistir na investigação sobre a Guerra Civil.

Gostaria também de agradecer ao Dr. Albert Lock pelas suas capacidades organizacionais e abordagem científica; Jon Robertson da A.R.E. Press pela sua orientação gentil e entusiasmo pelo meu projeto; à minha amiga, Dodie Henson, e à minha mãe, Kathleen Lane, pela sua alegre edição. Estou grata aos meus pais, John e Kathleen Lane, que involuntariamente lançaram as bases para a minha paixão pela metafísica, a Barry Woods por fazer esta jornada da Guerra Civil comigo, a Marie Sisk cujo traje da Guerra Civil me transformou numa elegante dama do século dezanove, e aos reencenadores no meu estudo pela sua deliciosa cooperação e pelo seu apetite insaciável pela Guerra Civil.

Prefácio

A chuva forte criou sulcos monumentais e poças no campo que tinha sido utilizado para filmar o filme Gettysburg. Apenas os reencenadores e espectadores mais resistentes caminhavam penosamente pela lama que dava pelos tornozelos para comemorar o 132.º aniversário da batalha. No sábado, 2 de julho de 1995, quinze meses após ter concluído um estudo sobre reencenadores da Guerra Civil, vi-me como um deles. Estava a aprender quantos ossos tem uma saia de aro, como me sentar (de forma semi-graciosa),

e como manter o meu vestido rosa claro fora da lama. Estava a usar o conjunto autêntico completo, da rede de cabelo às meias.

Entretanto, o meu amigo Barry Woods tinha sido equipado com um uniforme butternut que era autêntico, até aos sapatos brogans que eram um número abaixo do seu. Pela altura da batalha, ele tinha sido treinado no uso de dois manuais de armas, no disparo da sua espingarda e na preparação dos seus próprios cartuchos. Ele conseguia até explicar aos espectadores por que razão o seu uniforme Confederado era cor de butternut.

A transição para o meu envolvimento com a reencenação da Guerra Civil tinha sido interessante — primeiro como espectadora, depois como investigadora e, finalmente, como participante.

Como surgiu esta situação invulgar? Após falar com vários reencenadores em diversas reencenações e eventos de história viva, fiquei impressionada com o entusiasmo sério que emanavam — tanto que o seu envolvimento no "o hobby", como lhe chamam, parecia ser mais uma obsessão. O fervor e a sinceridade dos participantes levaram-me a perguntar: Poderia esta paixão ser o resultado da recordação de uma vida no período da Guerra Civil? E se assim fosse, poderia eu, na minha capacidade de terapeuta de regressão a vidas passadas, ajudá-los a recordar as suas vidas passadas?

Isto precipitou o meu estudo sobre a ideia. Localizei doze sujeitos, todos reencenadores, que estavam dispostos a tentar a experiência. Eles tinham várias coisas em comum: a maioria era rigorosa com os factos. Quase todos eram perfeccionistas no que tocava à reencenação de temas da Guerra Civil.

E a maioria destes entusiastas da Guerra Civil tinha ceticismo sobre a reencarnação. Ainda assim, sob hipnose, todos os doze recordaram memórias de uma vida passada na era da Guerra Civil.

Como hipnoterapeuta clínica utilizando técnicas padrão de hipnose de regressão a vidas passadas, fui capaz de escutar as suas mentes enquanto eles estavam realmente a reviver as suas experiências na Guerra Civil. A guerra já não era algo de livros de história antigos. Estava viva na minha sala de estar. Dos seus lábios, peça após peça de informação espantosa desenrolava-se: detalhes sobre os seus uniformes; a vida no acampamento; ser ferido, até morrer.

Os resultados das suas regressões a vidas passadas, que realizei entre o final de 1993 e o início de 1994, foram tão variados como as próprias pessoas,

que eram uma mistura de classes sociais, género, origem geográfica e profissões.

Este livro é, pois, o relato na primeira pessoa de doze vidas passadas que tiveram lugar durante a Guerra Civil. Originalmente realizei este trabalho como parte da minha dissertação para um doutoramento em ciências metafísicas pela Westbrook University no Novo México, mas fiquei tão entusiasmada pelas implicações mais amplas do material e pelo interesse para um público maior que comecei a reunir o material em formato de livro.

Além das próprias entrevistas de regressão, investi centenas de horas a fazer investigação histórica e verificação de factos sobre os dados que saíram das regressões. A busca levou-me a cemitérios, campos de batalha, arquivistas e historiadores. Dei por mim a examinar folhas de registo militar originais da Guerra Civil e senti-me como se estivesse a exumar os soldados e a infundir vida neles ao limpar o pó das pastas de ficheiros mofadas dos National Archives que guardavam os seus registos de guerra. Não só a maioria dos factos históricos dos meus sujeitos eram precisos, como fui capaz de encontrar onze correspondências em doze que tinham alguma conformidade com as vidas recordadas.

Nota da autora: Com a exceção de Paul Jones, todos os sujeitos de regressão reencenadores deram permissão para eu usar os seus nomes reais. O texto real das narrativas de regressão foi, em alguns locais, condensado e editado para melhorar a legibilidade.

Ecos na Névoa

Uma chuva leve batia no para-brisas enquanto eu e o meu amigo Barry Woods conduzíamos pelas ruas de Old Town, Alexandria, onde candeeiros de ferro iluminam casas em banda restauradas de dois andares dos séculos dezoito e dezanove.

Tínhamos estado a debater se o tempo nos permitiria continuar com os nossos planos — uma visita à luz de archotes a Fort Washington, logo do outro lado do Rio Potomac, em Maryland. O forte foi preservado historicamente e, em ocasiões especiais, como naquela noite, historiadores vivos vestir-se-iam como soldados da Guerra Civil e recriariam a forma como era a vida no forte durante a Guerra Civil.

Decidimos arriscar e ir, apesar do tempo.

Uma vez atravessado o Potomac, a visibilidade era má. Através da escuridão e da morrinha, a noite húmida de junho misturava-se com a chuva, o que fazia com que vapores subissem do solo quente, criando uma sensação surrealista. As florestas que rodeavam Fort Washington pareciam protegê-lo do século vinte. Depois de nos perguntarmos se estávamos perdidos, aproximámo-nos de uma pequena guarita. Estávamos a ficar desorientados. Uma estrada sinuosa deixou-nos confusos quanto à localização do parque de estacionamento. Finalmente encontrando-o, saltámos do carro. Quando começámos a caminhar, distinguimos a alvenaria de Fort Washington a surgir da névoa.

Apressámo-nos para a ponte levadiça de pedra mas, em vez de vermos rostos amigáveis, um guarda de serviço sério num uniforme da União da Guerra Civil, já na sua personagem, desafiou-nos. Olhou para os nossos passes, descobrindo que um não tinha sido assinado pelo ajudante. Isto causou um atraso. Ele olhou-nos com suspeita após determinar que vínhamos de Alexandria. Por tudo o que ele sabia, poderíamos ser espiões ou poderíamos ter vindo vender licor aos soldados. Afinal de contas, não é qualquer um que pode entrar numa guarnição militar.

Enquanto esperávamos pela aprovação do ajudante, ele contou-nos as últimas fofocas e política na capital. Embora normalmente demorasse alguns dias para as notícias chegarem ao forte, ele estava bastante atualizado sobre os acontecimentos de 9 de junho de 1861. Nunca saindo da personagem, descreveu-nos o nervosismo dos soldados.

O bombardeamento de Fort Sumter tinha sido apenas sete semanas antes, e tinha passado apenas uma quinzena desde a ocupação de Alexandria pela União. Relaxando um pouco, disse que os soldados estavam todos num alvoroço sobre uma recente ascensão de balão em Washington City que tinha sido visível do forte.

O cheiro de uma fogueira de lenha vinha da sua sala da guarda. Através da porta, eu conseguia ver dois beliches. Eram largos, e ele disse-nos que, no inverno, os homens juntavam-se para se manterem quentes. Havia duas caixas de madeira uma em cima da outra que serviam de secretária, e havia também uma cadeira e um par de bancos de madeira. Do outro lado da sala da guarda havia uma prisão usada para encarcerar soldados por várias infrações.

Enquanto ele nos permitia caminhar para lá da ponte levadiça para dentro do forte através de um túnel de tijolo, os meus olhos caíram nos

archotes a tremeluzir no pátio de armas. Colocados pela guarnição no nevoeiro, os soldados pareciam ter uma qualidade etérea. Com cada passo no chão molhado, podíamos sentir os anos a desaparecer — até estarmos lá, encontrando-nos em 1861.

Dentro das muralhas deste local autossuficiente, tínhamos de alguma forma recuado no tempo. Sentíamo-nos como se estivéssemos num vácuo ou num túnel do tempo. No isolamento do local, fomos transportados 129 anos para trás. De alguma forma, a ponte levadiça tinha sido uma ligação entre o século vinte e o dezanove.

Fomos direcionados para o gabinete do ajudante ao virar da esquina e subindo os degraus de pedra. Ele era um tipo bastante instruído que conseguia ler e escrever e recordar muitos factos e figuras. O bloqueio do Potomac pelos Confederados tinha-lhe causado problemas em obter vegetais frescos para as tropas. Aparentemente, os homens também se tinham queixado da infrequência do correio. Obter palha dos agricultores locais era outra questão a gerir. A maioria da população local era simpatizante do Sul e não se podia confiar neles.

O ajudante fez um comentário depreciativo sobre a falta de bravura dos soldados do Sul. Barry arrepiou-se. Tinha nascido e sido criado na Geórgia. O seu bisavô tinha lutado na maioria das grandes batalhas da guerra, tinha sido ferido, preso e depois caminhado para casa para eventualmente ser pai de nove filhos. Morreu muitos anos mais tarde com uma bala — uma bala minie — ainda na sua perna. Barry saltou imediatamente para a defesa da bravura dos Confederados. Tinha sido claramente atraído para o drama.

Quando o seu oficial superior entrou no gabinete, o ajudante pôs-se em sentido. O oficial discutiu a sua recente viagem a Washington City para assinar por provisões de armamento. Depois de ele sair, o ajudante queixou-se de todo o registo e assinatura de formulários que tal viagem acarretava.

Saindo do seu gabinete, passámos pelo pátio de armas. Era estranho sermos os únicos civis presentes e havia algo de estranho na quietude. O ar estava pesado. A lua era apenas um brilho nebuloso. Caminhámos pelos archotes tremeluzentes.

Os alojamentos dos oficiais surgiam ao fundo. Do outro lado do mastro da bandeira e ao fundo estavam as casernas dos soldados. Quebrando o silêncio, alguns dos soldados marcharam até ao mastro da bandeira, repetiram as suas instruções e renderam os guardas de serviço.

O pouco de luar que atravessava as nuvens caía sobre os artilheiros que explicavam como os canhões funcionavam. Eles usavam várias formas de munição — desde granadas de estilhaços esféricas a metralha e caixas de munição. Enquanto eles discorriam sobre os prós e contras das várias fragmentações e explosões que resultariam de cada uma, olhei para o Potomac. Nesta noite sombria, as luzes de Alexandria e Washington City eram indistintas, quase obscuras.

Os soldados ilustraram que eram necessários sete deles para carregar e disparar um canhão. Parecia quase um ballet no sentido em que todos tinham as suas funções e estavam todos dependentes dos movimentos uns dos outros.

Os homens disseram que numa noite clara, rio abaixo, podiam ver-se as grandes árvores de Mount Vernon e, rio acima, as luzes de Alexandria. Durante o dia, podia ver-se o telhado vermelho da casa do Presidente Washington a sul e Washington City a norte. Os Federais emanavam um forte sentimento de orgulho em defender a capital da nação via Potomac. Se os Confederados bombardeassem Washington City a partir de navios, eles acreditavam que isso causaria mais danos políticos do que físicos. Outra razão para a sua presença em Maryland era manter o estado na União, mesmo sob a força das armas.

Enquanto a luz incidia sobre os seus rostos, os seus olhos iluminavam-se com paixão. Contaram-nos como o próprio Robert E. Lee tinha aprovado o design de construção para as latrinas quando ainda era chefe de engenharia do exército.

Em breve, não era tanto o que eles estavam a dizer que me intrigava. Era como se eu estivesse a aceder a algum santuário interior das suas almas. Estas figuras fantasmagóricas tinham-se tornado visivelmente mais animadas, o seu entusiasmo radiante. Falavam com uma convicção intensa que ia muito além dos factos.

Poderia esta convicção ter vindo do outro lado da campa? Era estranho quão confortáveis eles estavam no seu ambiente. Teria eu tropeçado num segredo tão privado que estava trancado dentro das mentes subconscientes destes historiadores vivos? Seria a sua paixão tão íntima que a sua verdadeira fonte estava escondida das suas próprias mentes conscientes?

Parecia que o tempo tinha parado para o Barry e para mim. Ficámos surpreendidos ao descobrir que já passava da hora de dormir dos soldados. Através da névoa, caminhámos calmamente de volta pelo pátio de armas. Os

archotes tremeluziam e dançavam, enquanto a brisa parecia carregar um resquício de ecos do passado.

Enquanto caminhávamos pela passagem agora muito escura e atravessávamos a ponte levadiça, deixámos para trás o recinto que tinha desencadeado a nossa viagem no tempo. Sentíamo-nos desconfortáveis, como se tivéssemos de nos ajustar conscientemente ao quadro temporal das nossas vidas do século vinte.

A viagem de regresso a Alexandria foi cheia de reflexão para ambos. Normalmente cético em relação a tais coisas, Barry, um engenheiro, ficou tocado pela qualidade de outro mundo da experiência. Entretanto, sendo eu uma hipnoterapeuta com especialidade em terapia de regressão a vidas passadas, estava assombrada pela possibilidade de estes soldados de fim de semana poderem estar, na realidade, a repetir vidas anteriores. O fervor dos homens pela era tinha-me mexido profundamente.

Catorze meses depois, vi-me novamente frente a frente com este pensamento persistente sobre a reencarnação quando eu e o Barry assistimos à nossa primeira reencenação — a Batalha de First Manassas ou Bull Run. Quando chegámos ao que é agora um parque do condado perto do campo de batalha original em Manassas, Virgínia, comecei, mais uma vez, a sentir o século vinte a escapar.

Desta vez, quando saímos do carro, o parque de estacionamento tornou-se a barreira que dividia os séculos. Com os sedans e convertíveis claramente fora de vista, os nossos sentidos transportaram-nos novamente atrás no tempo. Impressões bombardeavam os nossos sentidos — cavalos a relinchar, cornetas a tocar, crianças a rir, homens a marchar, bandeiras a voar.

Isto era diferente da nossa experiência no forte. Embora Fort Washington fosse vitalmente importante na defesa da capital da nação, não viu combate real durante a Guerra Civil. Aqui, as coisas estavam a preparar-se para uma reencenação de batalha real. A área fervilhava de entusiasmo e atividade. Para onde quer que olhássemos, víamos uma nova fatia da recriação que estas mil pessoas, coletiva e individualmente, estavam a produzir. O seu compromisso em recriar a autenticidade da batalha e o estilo de vida da década de 1860 era evidente.

Passeando pelos acampamentos militares da União e da Confederação, espreitámos para dentro das tendas e vimos mosquetes empilhados ordeiramente. Alguns soldados comiam *hardtack* (bolacha de água e sal) e

porco salgado. Outros mexiam um guisado de milho e outras iguarias, fumegante e tentador, sobre uma fogueira. Tambores e pífaros tocavam alegremente melodias favoritas do acampamento. Noutros locais, soldados felizes divertiam-se enquanto melodias saltitantes de concertinas, banjos e harmónicas acompanhavam as suas palhaçadas. Enquanto alguns homens socializavam, outros praticavam a sua instrução militar.

Os cirurgiões hospitalares demonstravam o tratamento de ferimentos e doenças. Os seus estojos de campo incluíam bisturis finos e uma serra de metal que utilizavam para cortar os ossos de membros feridos. Odores a suor masculino e a "membros decepados" chegaram até nós, fazendo-me abandonar a tenda médica. Embora soubéssemos que os cirurgiões utilizavam cortes de carne em vez de membros humanos, a qualidade realista causava náuseas a muitos estômagos.

No lado mais leve, esposas elegantemente vestidas exibiam as suas modas — saias de aro, bonés, e o mais recente penteado usado em apanhado. As mulheres explicavam como conseguiam manter as suas famílias durante as duras condições de guerra. Tinham de lidar com problemas e preocupações financeiras enquanto os maridos estavam fora, a lutar na guerra.

Mais uma vez, senti-me impelida a conhecer os homens e mulheres que retratavam estas personagens do passado da América. Tive de lhes perguntar por que razão faziam isto.

Um reencenador Confederado começou uma longa explicação sobre a democracia Jeffersoniana e Hamiltoniana. Disse que estava a lutar pelos direitos dos estados e que o Supremo Tribunal nunca se tinha pronunciado sobre o direito de secessão da União. Fiquei impressionada com o nível do seu conhecimento histórico e contexto. Para além das suas palavras, no entanto, o seu fervor atingiu-me como uma vaga. Ele estava claramente apaixonado pelo que estava a fazer. Começou a ficar com lágrimas nos olhos. Recompondo-se lentamente, juntou-se ao resto da sua unidade nos preparativos finais para a batalha.

Passado algum tempo, uma longa e impressionante formação de tropas Confederadas e da União alinhou-se. Oficiais a cavalo lideravam soldados de infantaria e artilheiros para o campo de batalha. No início, fiquei absorvida pela imponência dos uniformes azuis e cinzentos — casacos *frock*, casacos *sack*, quépis e chapéus *Hardee*. A autenticidade ia para além dos uniformes e acessórios. Havia algo no seu comportamento, na sua marcha e linguagem corporal que era único.

Algo era diferente e, no entanto, uniforme na forma como os homens se portavam, no modo como caminhavam e na sua postura. As suas características faciais, cabelo, bigodes e barbas lembravam outra era. Os seus rostos expressavam emoções mistas. Medo, camaradagem, coragem, aventura, retidão. Porque estariam a fazer isto?

Observámos maravilhados enquanto ambos os exércitos avançavam e recuavam pelo campo de batalha de um milhão de pés quadrados. Salvas de mosquetaria e fogo de canhão começaram agora a rugir, e o fumo de mil armas de pólvora negra pairava sobre os campos. O cheiro de pólvora permeava o ar. Cavalos empinavam-se. Soldados caíam por terra. Era particularmente estranho ser um dos milhares sentados em mantas de piquenique sob o sol quente, a ver uma batalha de há 130 anos desenrolar-se diante dos nossos olhos.

A verdade é que aquele dia quente de julho de 1861 também teve a aparência de um piquenique de feriado. Assim que a notícia se espalhou, surpreendentemente, congressistas e as suas damas em carruagens, aventureiros a cavalo, gente comum a pé, jornalistas e *sutlers* (mercadores ambulantes) com mercadorias para vender, todos chegaram para assistir a esta batalha como se fosse um evento desportivo. A exceção era que, na altura, homens iam morrer!

O que transpirou não foi um piquenique, mas sim uma derrota esmagadora para a União. Soldados da União desmoralizados fugiram. Espectadores em pânico criaram uma debandada na sua pressa de regressar à segurança de Washington.

Na reencenação, os espectadores bebiam tranquilamente sarçaparrilhas perfumadas e desfrutavam de entretenimento musical por uma banda de cordas do regimento. Entretanto, num barracão de madeira decorado com bandeiras a alguma distância, uma banda civil tocava canções de acampamento e outras melodias populares do século dezanove. Vários soldados levantaram-se espontaneamente e dançaram uma giga.

Os seus casacos de campanha desabotoados mostravam camisas aos quadrados. Alguns ainda usavam os seus quépis e sapatos *brogan*. Era como se estes jovens de barbas desalinhadas estivessem de licença ou tivessem vindo a casa para uma visita da frente de batalha.

Civis e soldados passeavam pelo acampamento dos *sutlers*, examinando a mercadoria — muita dela sendo reproduções autênticas destinadas ao

reencenador. Quase tudo nas tendas dos *sutlers* parecia ser feito à mão. Os jovens experimentavam quépis e brincavam com armas. As mulheres experimentavam saias de aro e bonés para os seus maridos. Até os doces eram mergulhados e embrulhados à mão.

Os cheiros nas tendas lembravam as antigas lojas de conveniência "five-and-dimes" da *Woolworth*, com o chão de madeira e os armários de vidro. O Barry encontrou um livro que listava o seu bisavô e a história do seu regimento (a *21st Georgia Infantry*).

Entretanto, eu estava cativada pela história de um *sutler* que se dava ao trabalho de explicar com grande detalhe histórico a autenticidade das suas mercadorias. Depois, surgiram aquelas lágrimas novamente. Havia aquela reverência. Isto era mais do que coincidência. Era um fio condutor que ligava todos os que conheci.

O *sutler* lembrou-me que estes reencenadores pagam quase mil dólares por um uniforme de época e acessórios. Por vezes, passam um fim de semana por mês nestas atividades. Alguns vieram de tão longe como a Florida, Kansas e Alemanha, e muitos investigam os seus papéis estudando documentos antigos, cartas e fotografias.

Por volta da mesma altura da minha ida à reencenação, estava a aprofundar a minha educação em metafísica, o que exigia que escrevesse uma dissertação. Enquanto falava com o *sutler*, ocorreu-me novamente esta questão premente sobre se algum destes homens teria realmente vivido, lutado ou até morrido durante a Guerra Civil.

Não podia ignorar a paixão avassaladora que estes reencenadores exibiam ao recriar batalhas, estudar táticas militares e criar acampamentos como um hobby. Embora viessem de todas as esferas da vida e parecessem muito individualistas, este entusiasmo sério parecia ser um fio comum a uni-los. Porque gastariam o seu tempo livre a dormir no chão sem sacos-cama e a comer *hardtack*? Perguntei-me se este poderia ser um tópico adequado para a minha dissertação.

Tendo formação tanto em formas tradicionais como alternativas de aconselhamento, estava geralmente fascinada em escavar até ao fundo do que motiva as pessoas a fazer o que fazem. Havia uma motivação forte entre estas pessoas, mas foi apenas depois de ver outra reencenação e o filme *Gettysburg* que comecei a refletir sobre a ideia de realmente fazer regressões a estes

homens e mulheres através de hipnose para ver se o meu palpite estava correto.

Havia algo no filme *Gettysburg* que me comoveu profundamente. Quando o Barry e eu saímos do cinema, virei-me para ele e disse: "Vou investigar estes reencenadores da Guerra Civil para ver se conseguem recordar uma vida na Guerra Civil." O Barry mofou. Disse que eu nunca conseguiria as pessoas para o meu estudo. Que pensariam que eu era louca.

Após anos a trabalhar nas artes de cura holística, eu estava habituada a essa resposta, mas sendo uma ex-repórter, foi a minha vez de me eriçar. "Vê bem," disse eu. "Mesmo que tenha de ir ao Alasca, vou conseguir as pessoas de que preciso para o meu estudo."

Contactei imediatamente a mulher que organizava as reencenações em Manassas. Ela não tinha a certeza da resposta que eu obteria, mas deu-me uma lista de reencenadores da área da grande Washington. Comecei o processo de recrutamento contactando indivíduos por telefone. Devido à sua reverência pela Guerra Civil, os homens estavam inicialmente apreensivos em participar na investigação. Estavam determinados a manter a reencenação da Guerra Civil o mais próximo possível da história tradicional.

Alguns tinham estado na vanguarda de tornar os seus eventos de história viva o mais precisos e realistas possível. Eram muito protetores do seu hobby de reencenação. Mas, assim que começavam a falar-me do seu envolvimento com a Guerra Civil, era como se não conseguissem parar. Durante as entrevistas telefónicas iniciais de recrutamento, alguns deles chegaram a partilhar experiências de *déjà vu* e admitiram que questionavam a razão da sua própria obsessividade.

Mesmo após a entrevista telefónica, continuavam céticos. O primeiro reencenador a aceitar uma regressão, David Purschwitz, um técnico de museu de Manassas, decidiu esperar antes de recomendar o processo de regressão a outros, até que ele próprio o tivesse experimentado. Fizemos a sessão de regressão do Dave na casa dele, que era por si só como entrar num museu. A Guerra Civil preenchia cada uma das suas divisões — mobiliário de época e bandeiras, moedas antigas, fotografias e livros estavam por todo o lado.

Após me fazer a "visita guiada" e uma entrevista pré-regressão, estávamos preparados para começar. Estávamos ambos nervosos — nenhum de nós sabia o que esperar. Sentei-me num sofá de época que o Dave tinha feito, enquanto ele se estendia numa poltrona reclinável. Conduzi-o lenta e

cuidadosamente a um estado hipnótico utilizando várias técnicas que incluíam a visualização. Assim que o Dave esteve em estado de hipnose, sustive a respiração. Iria ele recordar uma vida na Guerra Civil? Sugeri agora que ele voltasse a um tempo que estivesse correlacionado com o seu interesse atual pela reencenação.

Durante as horas seguintes, fiquei espantada e hipnotizada pelas suas narrativas (relatadas no capítulo 5). Enquanto falava, o Dave passou por uma miríade de emoções e o que parecia ser muita dor. As suas aparentes "memórias" tinham sido dilacerantes. Senti-me como uma repórter a experienciar a Guerra Civil ali mesmo ao lado dele. Através das suas narrativas, eu estive presente em cada evento importante da sua vida como soldado.

Que tarefa! Na minha capacidade de pivô de rádio e repórter de TV na Califórnia, eu tinha entrevistado Sally Ride e Chuck Yeager, Muhammad Ali e Sandy Koufax, e coberto a Convenção Democrata Presidencial Mondale-Ferraro. Tinha estado em plataformas petrolíferas, em lixeiras de resíduos tóxicos e centrais nucleares, e tinha coberto lançamentos de mísseis. Mesmo assim, o calafrio que me percorreu ao ser transportada de volta ao tempo da Guerra Civil com o Dave não podia ser igualado.

O Dave e eu ficámos ambos abalados pela dramática narrativa em transe. Quando terminou, tínhamos claramente partilhado uma experiência incrível juntos. Ficámos ambos convencidos da veracidade da informação que surgiu sob hipnose. Quando eu estava a sair da casa dele, o Dave entregou-me uma lista de nomes de alguns dos outros reencenadores da sua unidade. A experiência de regressão a vidas passadas do Dave confirmou a minha decisão de continuar a perseguir isto como o tema da minha dissertação.

Nas semanas seguintes, tive sucesso semelhante com vários outros voluntários na unidade do Dave e noutras unidades durante regressões a vidas passadas realizadas na minha casa, o que me convenceu de que estava no caminho certo. Felizmente, a passagem de palavra estava a começar a substituir a minha necessidade de recrutar sujeitos para o meu estudo.

Pouco depois de a série de regressões ter começado, o Dave foi à festa de Natal da sua unidade Confederada, onde o principal tópico de conversa foram as vidas passadas. Os reencenadores que já tinham feito as suas regressões estavam a partilhar as suas experiências com os outros. À medida que comparavam as suas histórias de vidas passadas, também começaram a divulgar os seus sentimentos sobre o que foi revelado. Ficaram espantados

com um tipo que não era particularmente interessado em história, mas que tinha, sob hipnose, apresentado uma narrativa de vida passada que era historicamente precisa. No dia seguinte, outro membro da unidade deles voluntariou-se ansiosamente para ter o seu próprio encontro.

Foi assim que aconteceu noutras unidades. Após uma regressão, o sujeito ficava em contacto direto com os outros, partilhando sentimentos e validando informações históricas. Um historiador, Brian Pohanka, conteve-se até ficar tão intrigado pelas peripécias dos outros e tão espantado com a sua precisão histórica que também deu o mergulho (ver capítulo 14). Ao longo do caminho, ele fundamentou historicamente para mim muitas das outras regressões, mesmo quando o que eles tinham experienciado conflituava com o que pensavam estar correto. Na sua maioria, estes tipos eram incrivelmente bem lidos no que tocava à Guerra Civil. Alguns interesses eram muito especializados — como táticas militares ou vestuário histórico.

No caso do Brian, ele ficou espantado por, ao contrário da reencenação, em mais de seis horas sob hipnose realizadas em duas sessões, não ter havido um único detalhe não autêntico. Ele ficou tão comovido com a sua experiência de regressão que sugeriu que eu fizesse a regressão a uma mulher reencenadora que ele conhecia, e ela aceitou.

E assim, ali tinha eu. Onze homens e uma mulher que, como hobby, recriam a Guerra Civil e a vida do período. As suas idades variavam entre os vinte e sete e os cinquenta e um anos. Destes, três eram solteiros, oito eram casados e um divorciado; sete tinham famílias. Todos menos um tinham alguma frequência universitária; um terço tinha licenciaturas em história, e um terço estava a fazer carreira a partir da sua paixão pela Guerra Civil.

Para meu deleite, todos os doze sujeitos foram capazes de recordar uma vida na era da Guerra Civil. Cada um tinha um conto fascinante. Alguns tinham sido mutilados; outros aprisionados. Alguns tinham sido mortos em batalha, enquanto alguns tinham casas ou negócios que foram parcialmente destruídos durante a guerra.

Embora eu não tivesse intenção de tentar provar a validade da reencarnação, achei que os resultados eram interessantes, particularmente quando comparados com outro estudo. Quando a psicóloga Helen Wambach regrediu hipnoticamente 213 sujeitos na Califórnia para uma vida em 1850, apenas três recordaram ser soldados da Guerra Civil. Isto contrastava nitidamente com as minhas descobertas de 100 por cento de recordação de vida passada destes reencenadores com envolvimento na Guerra Civil. Usando

o estudo de Wambach como grupo de controlo, percebi que o contraste das minhas descobertas poderia ser uma indicação de que os interesses e passatempos que escolhemos seguir poderiam concebivelmente estar enraizados em vidas passadas.

O facto de todos os doze reencenadores que participaram no meu estudo terem tido recordação de uma vida na Guerra Civil, e de as regressões serem consistentes com estudos de regressão e literatura relacionada por outros, sugere fortemente motivo para especulação inteligente e investigação adicional sobre o assunto.

No decurso da minha investigação, senti-me de alguma forma ligada a cada participante e fui rapidamente arrastada para o fascínio da Guerra Civil. Eu tinha sido originalmente formada para ser professora de história, porque sabia que teria de haver uma forma de fazer a história ganhar vida. Finalmente, para mim, a história não estava apenas viva, mas vívida, nas palavras e experiências recriadas dos sujeitos sob hipnose.

Para mim, a frase "a história repete-se" estava a ganhar um novo significado, muito mais pessoal. Estava a começar a apreciar uma perspetiva fresca sobre por que escolhemos os passatempos ou até o currículo escolar, carreiras e amigos que escolhemos.

As regressões acabaram por ser a parte fácil, porque eu também queria tentar documentar os nomes, unidades e histórias que seriam revelados durante a hipnose. Extrair os nomes dos sujeitos hipnotizados nem sempre foi fácil. Eu sabia que seria desafiante mesmo antes de começar. Tendo conduzido muita investigação de vidas passadas e muitas regressões, eu sabia que é muito mais fácil recordar um incidente emocional de uma vida anterior do que um nome ou número.

Mesmo na vida atual, é mais difícil lembrar o que se comeu num dia banal há um mês, do que lembrar o que se comeu na noite de núpcias há dez anos.

Também acredito que sob hipnose acedemos ao lado criativo do nosso cérebro. Durante o processo, estamos a orientar o lado prático do cérebro para intervir e preencher a informação que queremos. Não seria difícil para mim acreditar que, uma vez terminada uma vida, não é muito importante quais eram os nossos nomes. É mais importante o que fizemos ou deixámos de fazer e como essas coisas nos afetam agora. Na morte, essa parte de nós pode ainda ser retida, enquanto o ego simplesmente se esvai.

Se eu não tivesse sido tão orientada para resultados durante a minha investigação, teria achado piada à resistência dos reencenadores em trazer à tona os nomes da Guerra Civil. Perguntei e, por vezes, insisti. Até os guiei sob hipnose a perguntar aos seus companheiros na memória. Por vezes não conseguiam. Por vezes não queriam parecer estúpidos.

Noutras alturas, porém, perguntavam e obtinham respostas. Pedi-lhes para olharem em volta para os seus uniformes, emblemas de corpo, bandeiras — qualquer coisa que pudesse fornecer detalhes de identificação. Alguns ficaram irritados por eu estar a interromper o fluxo da cena. Outros sentiram-se ansiosos ou baralhados porque não conseguiam aceder a essas respostas tão facilmente como ao resto das suas experiências recordadas.

Talvez com mais sessões de hipnose, eles pudessem ter refinado os nomes e factos. Apesar de tudo isto, onze das doze pessoas recordaram nomes e outros dados.

Outra dificuldade que encontrei foi na interpretação das histórias de vida. Quando alguém morria num campo, provavelmente assumiríamos que tinha sido ferido. E, no entanto, os soldados em hospitais de campanha eram por vezes tratados no exterior, nos campos. É possível que alguém que recordasse ter morrido num campo, mas não se lembrasse de uma batalha, pudesse ter morrido de infeção. Soldados em movimento raramente sabiam o destino da sua marcha ou o nome da área em que estavam a lutar. Apenas com trabalho de detetive e ajuda de historiadores, particularmente Brian Pohanka, é que as peças do puzzle seriam montadas.

Verificar dados históricos teve as suas próprias dificuldades. Por exemplo, não era invulgar que as pessoas, particularmente os sulistas, usassem os seus nomes do meio. Enquanto eu trabalhava, a minha preocupação era que esses fossem os nomes que os reencenadores tivessem mais provavelmente recordado. Receava que algures nos rolos de microfilme o par perfeito fosse encontrado sob o primeiro nome e não o do meio.

Se os reencenadores estivessem ligeiramente errados na recordação do seu estado ou apelido, seria quase impossível exumar os registos corretos do soldado a partir da pasta de arquivo mofada correta. Eu simplesmente não teria o código de acesso adequado.

Quando comecei as regressões, senti que as personagens da Guerra Civil recordadas eram tão reais que seriam relativamente fáceis de documentar. Quase senti que era o meu dever localizá-las e limpar o pó das suas histórias.

No entanto, quando não as conseguia encontrar imediatamente, preocupava-me com registos desaparecidos, soldados que mudavam de unidade e soldados desconhecidos enterrados em locais de batalha. Nos setenta e nove cemitérios nacionais da Guerra Civil, cinquenta e quatro por cento das sepulturas são de soldados desconhecidos.[2]

Um historiador disse-me que não se importavam muito com quem morria na prisão naquela altura. Dos mais de 12 000 prisioneiros da União enterrados na Prisão de Salisbury, Carolina do Norte, noventa e nove por cento são desconhecidos.[3] Um dos meus sujeitos reencenadores disse que passou quatro anos a localizar um único antepassado da Guerra Civil. Até o bisavô de Barry Wood tinha sido listado na unidade errada na rendição em *Appomattox*.

Durante a minha investigação, no entanto, a providência esteve comigo em mais do que uma ocasião. Tinha conseguido deparar-me com reencenadores cujas narrativas de regressão eram tão legítimas que valorizavam as suas sessões de regressão quase como uma experiência religiosa. Apreciei a sua abordagem séria tanto ao estudo como ao seu hobby da Guerra Civil, sabendo que levavam a sério a autenticidade de ambos. Em segundo lugar, o historiador Brian Pohanka estava a ajudar-me com os factos.

Outro evento fortuito ocorreu um dia nos *National Archives* quando, ligeiramente desanimada, decidi pedir ajuda a um arquivista. Já tinha passado muitas horas a examinar registos militares e de pensões. As correspondências não apareciam tão facilmente como eu esperava. Depois de contar ao arquivista sobre as minhas tentativas de localizar soldados a partir de regressões a vidas passadas, ele reprimiu um sorriso e atirou casualmente um livro sobre a Prisão de Salisbury na minha direção.

Como um cão faminto que acaba de receber um osso, abri-o. Ao olhar para a primeira página que se abriu, fiquei espantada ao descobrir o nome pelo qual procurava. Após muitas horas de investigação minuciosa, tinha encontrado um soldado desaparecido! (Ver documentação adicional sobre Edward White no encarte de fotos na página 8.)

Na contagem final, senti-me encorajada ao descobrir que onze correspondências possíveis em doze tinham alguma conformidade com nomes, unidades e histórias de vida recordadas pelos reencenadores. Todos os meus esforços a verificar locais de sepultura e campos de batalha, a falar com historiadores e a investigar tinham valido a pena o suficiente para me convencer de que as narrativas eram, de facto, memórias de vidas passadas.

Senti que podia finalmente deixar estes soldados descansar ao completar o meu projeto de investigação. Voltando-me para outros empreendimentos, viajei para *Natural Bridge*, Virgínia, para dar uma palestra sobre hipnose a coordenadores do Programa de Bem-Estar de faculdades. Enquanto lá estava, descobri que *Appomattox* ficava a apenas cerca de uma hora de distância. No dia seguinte, aventurei-me até ao local onde a guerra terminou.

Quando cheguei a *Appomattox* e parei onde Grant tinha estabelecido o seu quartel-general, eram cerca das 13:30. Outro turista informou-me de que, por coincidência, era o 130.º aniversário da rendição em *Appomattox*. Apressei-me para o centro da pequena cidade. Reencenadores — soldados fardados e as suas esposas nas suas coloridas saias de aro — passeavam entre os edifícios e pelos caminhos ladeados de árvores. Tinha começado a ficar com uma dor de cabeça — algo invulgar. O filme informativo mencionou a hora a que Grant tinha entrado na cidade. Eram 13:30! Mencionou também que ele teve uma dor de cabeça até receber notícias de Lee sobre a trégua.

Ao visitar a *McLean House*, recordei como a reencenação de *First Manassas* me tinha motivado a lançar a minha investigação. A primeira batalha da Guerra Civil começou literalmente mesmo à porta desta casa, quando os McLean viviam em Manassas. A família mudou-se então para longe, para *Appomattox*, para evitar a guerra. Quatro anos mais tarde, a sala de estar da *McLean House* em *Appomattox* foi o cenário para a restauração da paz numa nação devastada pela guerra. Achei estranho ter começado a minha investigação em Manassas e, após a sua conclusão, ter-me encontrado em *Appomattox*.

Talvez tivesse fechado o círculo. Quando penso nas vidas da Guerra Civil que foram revividas na minha sala de estar, espero que alguma medida de cura possa resultar para os doze reencenadores. Talvez os seus relatos estejam a insuflar nova vida num espírito que as pessoas acreditavam estar morto — um espírito que ecoa nas almas daqueles que reencarnaram neste tempo. Talvez estes reencenadores tenham, sem saber, aberto uma janela de testemunho ocular para perceções mais profundas sobre a Guerra Civil e também sobre a imortalidade da alma.

2

Vivemos de Novo?

Ainda me lembro de estar sentada na varanda de um hotel luxuoso em Nova Deli, a ler um livro e a beber chá gelado. Tendo acabado de regressar de

uma maratona de compras, estava chateada por não poder usar a piscina. Estava a ser reparada. Os operários trabalhavam lenta e diligentemente. Um deles era uma mulher indiana com cerca da minha idade. Estava vestida de forma pobre.

Observei-a a carregar laboriosamente carga após carga de tijolos na cabeça. Se tivéssemos apenas uma vida, por que era eu a ser mimada enquanto ela parecia ter uma vida de labuta? Não parecia justo. Foi então que comecei a prestar atenção real à filosofia da reencarnação. Mas foi só quando me tornei terapeuta de regressão a vidas passadas e, mais tarde, lancei o meu próprio projeto de investigação, que descobri ainda mais sobre o processo de recordar outras vidas.

A regressão a vidas passadas utilizando a hipnose não é nova. Só porque os psiquiatras tropeçaram nela e os *talk shows* a cobriram recentemente, não significa que seja um fenómeno contemporâneo. Fiquei surpreendida por, há quase 100 anos, o psiquiatra Albert de Rochas ter investigado a recordação de vidas passadas dos seus clientes.[4] Ele descobriu que as pessoas são, na verdade, recicladas em décadas. Esta nova informação surpreendente desafiou as crenças anteriormente defendidas de um ciclo mínimo de 1 200 anos. Seguindo as pisadas de de Rochas, o psiquiatra inglês Alexander Cannon regrediu quase 1 400 voluntários.

Depois, em 1956, o hipnotizador e empresário Morey Bernstein abalou os tradicionalistas e trouxe as vidas passadas à atenção do público americano. Os leitores de mais de um milhão de exemplares do seu livro explosivo, *The Search for Bridey Murphy*, acompanharam as regressões hipnóticas de uma jovem dona de casa do Colorado até Cork, na Irlanda, onde cresceu, casou e morreu aos sessenta e seis anos. O *Denver Post* enviou o colunista William J. Barker à Irlanda para realizar a única caça intensiva por "evidências de Bridey". Ele descobriu que várias afirmações de Bridey Murphy eram consistentes com factos históricos.[5]

Cerca da mesma altura, L. Ron Hubbard, fundador da Cientologia e autor de vários livros, incluindo *Have You Lived Before This Life?*, criou as suas técnicas de Dianética. Estas permitem que "auditores" facilitem o acesso das pessoas às suas vidas passadas, utilizando um trauma presente para regressar a um trauma original encontrado noutra vida.[6] Tenho utilizado um processo semelhante e eficaz, popularizado entre profissionais pelo Dr. Morris Netherton em *Past Lives Therapy*.[7] Ele faz com que os seus clientes acedam a

vidas passadas através da repetição de frases emocionalmente carregadas como "estou a ver vermelho".

Um verdadeiro "casamento" entre ciência e espiritualidade levou ao que foram alguns dos primeiros estudos cientificamente relatados de regressões a vidas passadas a serem publicados na década de 1960. A união conjugal e profissional do psiquiatra Denys Kelsey e da psíquica Joan Grant levou-os a descobrir memórias de clientes sobre o nascimento, o período pré-natal e vidas passadas. Grant, tal como Taylor Caldwell, baseou-se nas suas memórias de vidas passadas ao escrever os seus romances. As de Grant eram recordações conscientes; Caldwell foi regredida pelo jornalista Jess Stearn para descobrir que esta era também a sua fonte.

O Dr. Kelsey ficou espantado ao encontrar evidências de recordação de memória pré-natal antes de o feto desenvolver um sistema nervoso para reter as memórias. Em *Many Lifetimes*, ele concluiu: "Num ser humano deve existir um elemento que existe e é capaz de funcionar mesmo na ausência de um corpo físico."[8]

Lembro-me de quando o hipnoterapeuta Dick Sutphen utilizou a televisão para interessar as pessoas no seu trabalho de regressão a vidas passadas. Em 1976, o hipnoterapeuta, investigador e autor apareceu no *Tomorrow Show* da NBC com Tom Snyder e conduziu a primeira regressão hipnótica a vidas passadas transmitida nacionalmente. Sutphen, autor de *Past Lives, Future Loves*, é particularmente conhecido pela sua investigação sobre as vidas passadas de companheiros e amantes.[9]

Eu e os meus amigos participámos num dos seus seminários de investigação em Los Angeles. Mais tarde, no conforto das nossas casas, deitávamo-nos no chão e ouvíamos a sua cassete de regressão. Eles recordavam vidas exóticas; eu normalmente adormecia. Ainda me lembro do Dick a entoar: "Mais fundo, mais fundo, mais fundo, para baixo, para baixo, para baixo." Hoje em dia, ocasionalmente, dou por mim a usar a mesma entoação durante uma sessão de hipnose.

Tal como Sutphen, descobri que, durante a hipnose de regressão, muitos dos meus clientes se focam em questões de relacionamento e que beneficiaram imenso com o seu trabalho de vidas passadas. Depois, parecem ter uma perspetiva e compreensão totalmente novas das suas relações. Outros terapeutas tiveram resultados semelhantes, entre eles a Dra. Edith Fiore.

Utilizando técnicas de regressão de idade hipnótica na sua prática de psicologia clínica, Fiore, tal como o psiquiatra Brian Weiss, tropeçou mais recentemente no conceito de vidas passadas. Fiore e Weiss consideraram os resultados extremamente eficazes no tratamento de pacientes. Ambos estão convencidos de que muitos problemas atuais têm as suas raízes em vidas anteriores.

O Dr. Weiss descreveu os seus resultados notáveis em *Many Lives, Many Masters*, bem como em *Through Time into Healing*.[10] Em *You Have Been Here Before*, Fiore revelou que a maioria dos seus pacientes com problemas crónicos de peso teve uma vida de privação alimentar ou fome.[11] Tive clientes que começaram a perder peso imediatamente sem esforço após uma sessão em que a causa passada do seu problema foi revelada.

Enquanto a Dra. Fiore se focou nos aspetos clínicos da regressão, a psicóloga Helen Wambach focou-se na investigação científica. Utilizando técnicas de hipnose, Wambach regrediu grandes grupos e compilou dados de vários períodos temporais. Em *Reliving Past Lives: The Evidence Under Hypnosis*, Wambach tabulou o que os seus sujeitos vestiam e comiam, a sua raça e estatuto social, a sua experiência de morte e o período pré-natal.[12]

Netherton, Fiore e Wambach foram membros fundadores da *Association for Past-Life Research and Therapies*, que começou em 1980 com Hazel Denning à cabeça. Hoje é uma sociedade internacional viável e, desde 1986, publica o *The Journal of Regression Therapy*.

Até à data, a hipnose tem sido o método mais comum de recordar memórias passadas. Muitos pioneiros na terapia de regressão a vidas passadas — Edith Fiore, Ph.D.; Irene Hickman, D.O.; Ernest Pecci, M.D.; Chet Snow, Ph.D.; Hazel Denning, Ph.D.; Barbara Findeisen, M.F.C.C.; Bruce Goldberg, D.D.S.; Charles Tebbets; e Thorwald Dethlefsen, Ph.D., confiam em técnicas de hipnose. No entanto, tal como eu, eles descartam as acusações básicas contra a hipnose: o controlo pelos terapeutas e o uso de sugestões especiais.[13]

Autora de *Mind-Probe Hypnosis*, Irene Hickman, D.O., uma das mais fortes defensoras da hipnoterapia, considera a hipnose provavelmente a melhor ferramenta disponível para sondar a mente.[14] O psiquiatra Brian Weiss acredita que a hipnose acede à sabedoria do subconsciente de uma forma focada para alcançar uma cura. Em *Through Time into Healing*, ele descreveu o estado hipnótico: “Estamos em hipnose sempre que o subconsciente desempenha um papel mais dominante. O cliente está sempre no controlo e a mente pode comentar, criticar e censurar.”

É isso que digo aos meus clientes logo à partida. A hipnose é uma ferramenta enganadoramente simples que pode sondar as profundezas do nosso subconsciente e fazer grandes reparações. A hipnose é apenas isso: aquietar a conversa consciente para que possamos ouvir o subconsciente. Não há misticismo nisso. Relembro os meus clientes de que eles estão no lugar do condutor. Eu estou apenas a ajudá-los a ler o mapa.

Como resultado, os meus clientes experienciaram curas em áreas que vão desde relacionamentos a medos, fobias e depressão, disfunção sexual, imagem corporal, autoestima e saúde física. Tem sido gratificante para mim ver as mudanças dinâmicas, rápidas e eficazes que podem resultar. Isto contrasta nitidamente com as minhas experiências no trabalho social. Como ouvinte de uma linha de apoio e, mais tarde, gestora de casos para um abrigo de sem-abrigo, achei o meu trabalho por vezes desanimador. Apenas alguns meses depois de eu ter ajudado os homens a conseguir emprego, habitação e vestuário, muitos estariam novamente sem abrigo.

Devido ao facto de milhares de clientes terem sido ajudados na cura de uma vasta gama de questões físicas, psicológicas e emocionais através da terapia de regressão a vidas passadas, esta está a tornar-se cada vez mais popular. Os resultados terapêuticos e a educação levaram a uma aceitação crescente da terapia de regressão a vidas passadas pela comunidade médica e pelo público.

Outro uso terapêutico das regressões a vidas passadas que eu quis explorar com mais profundidade, tanto como terapeuta como cliente, é a compreensão dos antecedentes de como desenvolvemos talentos e interesses. Eu tinha feito principalmente trabalho de regressão em grupo nesta área e recebido feedback positivo imediato, mas não fiz qualquer acompanhamento. Um dos meus colegas deu uma vez uma sugestão a uma mulher sob hipnose para trazer à tona capacidades artísticas. Após a sessão, ela comprou tintas, teve aulas de escultura e ficou espantada com as suas criações.

Faz sentido para mim que estes reencenadores da Guerra Civil pudessem ter transportado o seu interesse e conhecimento da guerra de uma vida anterior. Muitas vezes perguntei-me por que me sentia mais confortável num país do que noutro e por que algumas pessoas sobressaíam numa habilidade ou talento particular. O diagnosticador psíquico Edgar Cayce tocou frequentemente neste tema, conforme descrito por Gina Cerminara em *Many Mansions*. Dando leituras enquanto estava em transe, ele identificou estas memórias pré-nascimento existindo abaixo do que poderia ser chamado de um

alçapão — e em níveis mais profundos do inconsciente do que aqueles comummente acedidos por psicoterapeutas tradicionais.[15]

Em transe, conforme relatado por Noel Langley em *Edgar Cayce on Reincarnation*, Edgar Cayce disse: "Não temos de recordar vidas passadas porque somos a soma total de todas as nossas memórias. Manifestamo-las nos nossos hábitos, idiossincrasias, gostos e aversões, talentos, pontos cegos, forças e vulnerabilidades físicas e emocionais."[16]

Ao longo de quase 2 000 das suas mais de 14 000 leituras, Cayce aconselhou jovens e adultos a desenvolverem certos percursos de carreira, o que potenciaria competências adquiridas noutras vidas. Langley cita uma leitura de Cayce sobre um bebé de seis meses, que diz aos pais que o seu filho deveria ter a oportunidade de estar na área da medicina devido à sua relação anterior com a doença em França.

Os pais relataram mais tarde que a criança mostrou um interesse particular no corpo físico quando era muito pequena e tinha fobia de germes. Aos dez anos, tinha um percurso de distribuição de jornais para poupar dinheiro para a faculdade de medicina.

No seu estudo marcante de crianças descrito em *Children Who Remember Previous Lives: A Question of Reincarnation*, o investigador de vidas passadas Dr. Ian Stevenson descobriu o mesmo. Muitas crianças expressavam nas suas brincadeiras a vocação da personalidade anterior: uma criança que abria uma loja de biscoitos de brincar (anteriormente um lojista), uma que se deitava debaixo do sofá da família fingindo reparar um carro (antigo mecânico de automóveis), uma criança que criava a sua própria vassoura para varrer (antiga varredora).

Quando eu tinha três anos, costumava cantarolar e dançar pela casa apoiada no calcanhar e na ponta do pé, com os dedos mindinhos levantados. Todos gozavam comigo. Anos mais tarde, assistimos ao acampamento de escuteiros do meu irmão. Ficámos espantados ao ver índios americanos a fazer a minha dança!

As leituras de Cayce colocam o talento e o interesse firmemente na hereditariedade da alma, em vez da hereditariedade dos avós.[17] Ele disse que eram precisas trinta e cinco vidas para desenvolver um talento ao nível de uma criança prodígio. O pai do compositor George Frederick Handel era um barbeiro-cirurgião e opôs-se ao interesse pela música que o seu filho mostrava na infância.

A família não tinha antepassados conhecidos com interesse pela música.[18] Desde que recebi esta informação, tenho um respeito saudável pelos meus amigos que são músicos fabulosos. Uma toca para a Ópera do *Kennedy Center* em Washington, D.C. Digo-lhe que ela deve ter passado trinta e tal vidas a praticar!

As leituras de Cayce revelam que, por vezes, talentos antigos que ficaram esquecidos precisavam de ser despertados. Em *You Have Lived Here Before*, a Dra. Fiore descreveu a ajuda a pacientes para despertar capacidades, indo a vidas anteriores para encontrar a fonte de talentos, competências e interesses.[19] O investigador Hans TenDam, em *Exploring Reincarnation*, chega mesmo a dizer que a prática de tais competências numa vida pode levar a capacidades na seguinte, enquanto a negligência pode levar à atrofia.[20]

Os passatempos ou qualquer interesse impulsionador provêm muito provavelmente da atividade numa vida anterior: por exemplo, um interesse por coisas espanholas sugere uma encarnação espanhola, de acordo com Cayce.[21] Pode servir para despertar faculdades adquiridas nessa vida e até levar a pessoas com quem tivemos ligações anteriores na mesma vida. Quando o meu amigo Barry e eu visitámos o museu do Prado em Madrid, fiquei atónita ao encontrar uma pintura de uma mulher que se assemelhava a uma mulher que eu acabara de conhecer na Virgínia. Na sala seguinte, o Barry encontrou uma pintura que se assemelhava a um homem que ele conhecia atualmente na Virgínia. Curiosamente, as pessoas representadas nas pinturas eram aparentadas.

Passatempos e interesses, períodos históricos, trajes, mobiliário, arte e música que têm uma atração especial podem ajudar a refrescar memórias de outra vida. Michael Talbot descobriu que este era o caso e descreve técnicas específicas em *Your Past Lives: A Reincarnation Handbook*.[22] Um dos meus reencenadores interessou-se pelo "o hobby" depois de adquirir uma moeda da Guerra Civil, outro através do vestuário histórico.

A reencarnação, a filosofia de que as pessoas renascem, é a forma como vários reencenadores explicam a sua experiência de regressão. Eles não estão sozinhos. Cerca de dois terços da população mundial moderna acredita em alguma forma de renascimento. A crença é aceite há muito por hindus e budistas e está a ser cada vez mais adotada pelos ocidentais. Em 1969, uma sondagem da Gallup mostrou que vinte por cento dos americanos (dois por cento mais do que os europeus) e vinte e seis por cento dos canadianos acreditavam na reencarnação.

Muitos mais ocidentais acreditariam na filosofia hoje se não tivesse sido a política no início da Igreja Católica Romana, de acordo com *Edgar Cayce on Reincarnation* de Noel Langley. Alguns historiadores apontam para o Concílio de Niceia em 325 d.C. como o momento em que o Imperador Constantino negociou a condenação da doutrina. Outros atribuem ao Imperador bizantino Justiniano e à sua esposa a eliminação da maioria das referências à reencarnação da Bíblia no século VI.[23]

A crença na reencarnação também está presente no Judaísmo. A Cabala, que é o misticismo judaico, menciona a reencarnação em inúmeros textos. O rabino Yonassan Gershom, que explorou incidentes de reencarnação do Holocausto no seu livro *Beyond the Ashes*, diz que o termo hebraico para reencarnação é *gilgul*. Tal como os sujeitos no livro de Gershom, encontrei dois alunos numa aula de cura Reiki que acreditavam ter vivido durante o Holocausto. Curiosamente, um tinha sido judeu, o outro um soldado nazi. Historiadores religiosos dizem que a crença na vida após a morte estava estabelecida desde os tempos bíblicos ao longo da Idade Média. Gershom escreve que várias seitas judaicas, particularmente os Hassidim, incluem a reencarnação como parte das suas crenças.[24]

O Dr. Stevenson afirma ainda que a crença é atualmente mantida por seitas islâmicas da Ásia ocidental e tribos na África Oriental e Ocidental, América do Norte, Pacífico Sul, Austrália central e norte do Japão.

Alguns definem a reencarnação como o estado de ser "encarnado de novo". A alma de uma pessoa falecida, após um período intermédio no outro mundo, renasce de acordo com os méritos adquiridos durante a sua vida anterior. Alguns acreditam que a alma humana é um fragmento do Divino e acabará por regressar à sua fonte divina. A alma deve evoluir ou amadurecer através da experiência de uma vasta gama de conhecimento e sofrimento em mais do que uma vida.

Esta evolução não é casual, mas segue a lei do karma ou de causa e efeito. Todas as ações têm consequências, algumas das quais são adiadas para vidas futuras. Punimo-nos pelas nossas ações, e os próprios defeitos e dificuldades sob os quais sofremos oferecem margem para o aperfeiçoamento.[25] Sobre reencarnação e karma, a teosofista Annie Besant escreveu: "... na memória da Natureza cada ato de cada um dos seus filhos está autogravado e deste registo escrito por si próprio flui o destino mutável dos homens e das nações... em parte alguma qualquer injustiça, capricho ou favoritismo."[26]

Nas minhas palestras sobre terapia de regressão a vidas passadas, digo ao meu público que as pessoas que acreditam na reencarnação estão em boa companhia. O fio da crença na reencarnação encontrou o seu caminho até aos tempos modernos desde os antigos escritores romanos e as escolas gregas de Pitágoras até aos Essénios. Head e Cranston, em *Reincarnation in World Thought*, listaram alguns dos maiores pensadores do mundo como tendo defendido a filosofia: os filósofos Platão e Aristóteles; os estadistas Cícero e Júlio César; os poetas William Butler Yeats e Robert Frost; os cientistas Ben Franklin e Thomas Edison. Pitágoras afirmou que tinha sido Euforbo numa existência anterior.[27] O general George Patton "sabia" onde César tinha montado a sua tenda e onde estavam os antigos templos romanos quando chegou a Langres, França, para assumir o seu primeiro comando.[28]

No entanto, essa "boa companhia" não inclui a maioria dos cientistas investigadores. Até o próprio investigador de regressão Ian Stevenson considerou apenas um caso de regressão hipnótica credível. Nesse caso, relatado no *Journal of the American Society for Psychical Research*, mais de 100 factos sobre uma mulher regredida para a Espanha do século XVI foram verificados pela terapeuta e investigadora Linda Tarazi.[29]

Em geral, porém, existem muito poucos dados científicos que apoiem a autenticidade das regressões hipnóticas a vidas passadas. Para começar, os cientistas questionam a própria mecânica da hipnose. O hipnoterapeuta Dr. Masud Ansari, no seu livro *Modern Hypnosis: Theory and Practice*, descreve a hipnose como "um estado alterado de hipersugestibilidade seletiva provocado pelo relaxamento, fixação da atenção e sugestão."[30] Os cientistas também apontam para os conceitos da suspensão das faculdades críticas e da sugestão como problemas inevitáveis.

A evidência científica da melhoria da memória sob hipnose é também mista. A hipnose revelou-se uma ferramenta tão útil na recordação de memória que tem sido utilizada em algumas investigações criminais. Estudos, como um conduzido em 1980 por Reiser e Neilsen e relatado no *American Journal of Clinical Hypnosis*, mostram que a memória foi melhorada através da hipnose, particularmente quando o trauma para a vítima está envolvido.[31]

Outros estudos, como os revistos empiricamente por David Payne em 1987 e relatados no *Psychological Bulletin*, também indicaram que a capacidade de recordar memórias de filmes, películas, imagens ou eventos ao vivo é fortalecida ao usar a hipnose.[32] Entretanto, cientistas como Yuille e

McEwan apontam para o seu estudo de 1985 que concluiu que não ocorreu nenhuma melhoria da memória com a hipnose.[33]

A confusão da fantasia com a realidade no processo de recordação hipnótica tem sido o foco de estudos clínicos e experimentais, nomeadamente um investigado por Steven Lynn e Michael Nash em 1994.[34] Em *"Truth in Memory: Ramifications for Psychotherapy and Hypnotherapy"*, relatou-se que uma cliente, sob hipnose, disse ao seu terapeuta que tinha faltado a uma consulta de terapia anterior porque tinha ido a um cemitério e entrado numa sepultura aberta. O seu filho negou isto e disse que a mãe estava em casa a dormir durante a sessão de terapia perdida.

Encontrei pelo menos um estudo no qual os investigadores Wilson e Barber rotularam as pessoas como "propensas à fantasia" quando estas experienciavam uma vida anterior, o seu próprio nascimento ou viajavam para o futuro. Estas "fantasias" foram descritas como tendo uma "intensidade alucinatória".[35]

Devido a tais estudos, alguns investigadores acreditam que as regressões de idade — o regresso a um período anterior da vida — podem ser uma mistura de facto e fantasia. Encontrei vários estudos, um dos quais realizado por Philip Spinhoven e o seu colega em 1992, que foram favoráveis à regressão de idade num contexto clínico.[36]

Num estudo de 1991 conduzido por Eric Van Denburg, quando regredidos para os sete anos de idade, todos os adultos apresentaram uma caligrafia mais infantil e recordaram muitos detalhes vívidos da segunda classe.[37] Mas isto não parece suficientemente convincente para os cientistas. Alguma investigação sugere agora que os adultos regredidos em idade obtêm pontuações mais altas em tarefas cognitivas do que as crianças e pensavam da forma que os adultos previam que as crianças pensariam.[38] Digo aos meus clientes, quando se preparam para a regressão de idade, que podem continuar conscientes da sua personalidade atual.

Investigação adicional revelou que a ciência teve dificuldades particulares em apoiar a reencarnação, especialmente no último século. Um investigador chamado Burnham desmascarou a reencarnação ao enfatizar o papel que as "ilusões da memória" desempenham na criação de cenários de vidas passadas. Após rever a literatura sobre a memória, ele concluiu que estas ilusões eram um aspeto importante do funcionamento cognitivo normal e que estavam particularmente presentes entre pessoas com imaginações vívidas.[39]

Investigadores como Stevenson, Perry, Hilgard e Spanos focaram-se no papel que a sugestionabilidade desempenha na capacidade dos sujeitos para serem hipnotizados.[40] Numa experiência referida no ensaio de Nicholas Spanos, *"Past-Life Hypnotic Regression: A Critical View"*, foi dito a um grupo experimental que não era invulgar mudar de sexo, raça ou viver em culturas exóticas em vidas passadas. Este grupo mostrou-se muito mais propenso a manifestar estas mudanças durante a hipnose do que um grupo de controlo ao qual não foram dadas essas sugestões.[41]

Isto não invalida necessariamente a possibilidade de vidas passadas, mas demonstra apenas que os sujeitos experimentais se sentiram mais livres para selecionar essas existências. Noutro estudo, Spanos descobriu que trinta e cinco pessoas que relataram vidas passadas durante a hipnose obtiveram pontuações mais altas em hipnotizabilidade. Eram mais propensas a ter tido experiências de *déjà vu*. Os sujeitos que pensavam que o conceito de reencarnação era plausível atribuíram mais credibilidade à experiência.[42]

Investigadores policiais e outros, no entanto, demonstraram que o hipnotizador pode, inconscientemente, dar pistas ao seu sujeito e suscitar memórias que outros não conseguem duplicar.

Mais de noventa por cento dos sujeitos regredidos em idade conseguiam lembrar-se do dia do seu décimo aniversário após lhes ser perguntado: "É segunda, terça-feira, etc.?". Quando outros investigadores tentaram duplicar o estudo de Orne usando o mesmo procedimento, mas sem perguntar dias específicos, não obtiveram resultados nem de perto tão bons.

Eles não tinham induzido os seus sujeitos revendo os dias da semana e especularam que o investigador no estudo anterior tinha, sem saber, sugerido a resposta através da sua especificidade.[43] Seguindo a pista destes estudos, tive o cuidado de não orientar os reencenadores a irem "de volta à Guerra Civil" durante as suas regressões, para que os cientistas não pudessem alegar que eu tinha sugerido vidas na Guerra Civil aos meus sujeitos.

Então, como alcancei credibilidade no meu estudo? Eu já estava ciente da possibilidade de confabulação — improvisar ou preencher as lacunas — durante as sessões de recordação hipnótica. Já em 1932, os cientistas J. Stalnaker e E. Riddle regrediram hipnoticamente em idade estudantes universitários e pediram-lhes para recitar poemas memorizados anteriormente na vida. Estes poemas eram tipicamente parte de um trabalho escolar.

Os estudantes sob hipnose pareceram mostrar um aumento dramático na recordação dos poemas, quando comparados com o seu desempenho enquanto acordados. Após algum escrutínio, as melhorias na recordação dos poemas foram atribuídas à confabulação. Os investigadores concluíram, em *"The Effect of Hypnosis on Long Delayed Recall"*, que os estudantes, sob hipnose, tinham improvisado e preenchido as lacunas de forma algo imperfeita.[44]

Eu estava ainda mais intimamente ciente do fenómeno da criptomnésia durante a minha investigação. Isto envolve a tendência das pessoas para incorporar, como experiência própria, aquilo que leram ou viram e que se esqueceram de que o fizeram.[45] O caso muito publicitado de Bridey Murphy foi criticado como estando eivado de criptomnésia. O *Chicago American* publicou um artigo que sustentava que Virginia Tighe tinha uma tia que era irlandesa e que tinha "deliciado a rapariga com histórias de infância da velha Irlanda".

Outra descoberta, conforme relatada por Ian Wilson em *All in the Mind*, foi que, enquanto rapariga, ela tinha vivido do outro lado da rua de uma tal Sra. Bridie Murphy Corkell, de County Mayo, Irlanda. Ela tinha estado na casa frequentemente, mas nunca se tinha lembrado de saber o nome de solteira da mulher.[46]

O caso mais surpreendente na investigação do Dr. Reima Kampman sobre criptomnésia, intitulado *"Past-Life Regression: The Grand Illusion"*, foi o de uma jovem rapariga.[47] Numa de oito vidas passadas recordadas, ela lembrou-se de morrer num ataque aéreo em 1939. Sabia a morada da casa e o nome dos seus antigos pais. A morada estava correta, tal como a data exata do ataque aéreo. No entanto, quando a rapariga foi regredida em idade, lembrou-se de si própria como uma menina a folhear as páginas de um livro com fotografias. Recordou-se de ver a data exata do ataque aéreo e uma fotografia de uma mãe e filha mortas nesse dia. Outra possibilidade, contudo, é que o livro possa ter servido de gatilho para a sua recordação.

Como hipnoterapeuta, eu tinha estado tão agudamente ciente da criptomnésia que debati se deveria sequer conduzir o meu estudo. Sabia antes de começar que a própria natureza do meu estudo — selecionar uma população que está mais ciente de um período histórico do que a maioria, uma que até participa na recriação da vida durante esse período — estava cheia de armadilhas científicas.

De um ponto de vista científico, estas barreiras académicas poderiam dissuadir o mais corajoso terapeuta de vidas passadas de um estudo como este.

Não apenas o conhecimento dos sujeitos, mas a própria natureza da reencenação — recriar a experiência da Guerra Civil, a capacidade dos reencenadores de fazer diálogos na primeira pessoa e até a participação num filme realista — faz com que as aparentes fendas na história de Bridey Murphy pareçam pequenas por comparação.

A minha regressão de reencenadores da Guerra Civil forneceria definitivamente matéria para a crítica científica, muito para além do risco de criptomnésia. Mas ignorar esta grande sede de conhecimento é ignorar a paixão por detrás dela. Se psicólogos, sociólogos e professores de história observassem a paixão dos reencenadores pela Guerra Civil e a sua influência nos seus relacionamentos, cerimónias de casamento, carreiras, dietas e decoração da casa, poderiam achá-la inspiradora. Um reencenador sente-se tão fortemente ligado a eventos que aconteceram há mais de 130 anos que daria a sua vida para preservar a sua história. A paixão avassaladora dos reencenadores pelo "o hobby", um passatempo que não é convencional e que atrai individualistas, levou muitos reencenadores a perguntarem-se o que os leva a focar-se tão intensamente numa guerra que ocorreu há mais de 130 anos. Mesmo que alguns filósofos e cientistas estivessem abertos à possibilidade de reencarnação ou memória genética, a questão de saber qual veio primeiro — a vida anterior, a sensibilidade à memória genética que criou a paixão, ou a paixão que criou as memórias — poderá nunca ser determinada com sucesso.

Armada com todas as explicações que os cientistas poderiam dar sobre o meu estudo e as razões pelas quais estes reencenadores recordavam vidas na Guerra Civil, analisei cuidadosamente os próprios reencenadores e como eles podem ter influenciado as narrativas.

Fatores psicodinâmicos poderiam certamente ter desempenhado um papel importante. Isto sugere que alguma necessidade inconsciente poderia ter sido a motivação para criar uma vida. Embora a maioria dos reencenadores tenha sido recrutada voluntariamente para o estudo, eles têm laços fortes — alguns até aparentemente espirituais — com a Guerra Civil. Embora praticamente todos fossem céticos em relação à reencarnação, alguns podem ter tido um desejo subconsciente de ter vivido na Guerra Civil.

A maioria dos reencenadores foi muito seletiva ao partilhar a sua experiência de regressão com outros. Vários sentiram que tinha quase uma qualidade espiritual. Alguns não conseguiam explicá-lo ou como obtiveram a informação. A única coisa que receberam ao participar no estudo foi a

oportunidade para a experiência de regressão, pelo que não haveria motivação aparente para fraude.

Como os reencenadores eram geralmente conhecedores de muitos aspetos da Guerra Civil, teria sido possível para alguns preencherem as lacunas e improvisarem, confiando inconscientemente na confabulação. Mas, enquanto sob hipnose, vários expressaram distintamente o desconforto por não saberem o que aconteceria a seguir. Outros não foram capazes de fazer ajustes nas cenas que experienciavam. Outro temeu um desfecho que esperava do seu conhecimento prévio e ficou aliviado quando não aconteceu como temia.

Outros ainda experienciaram eventos que pensavam contradizer o que acreditavam ser exato, e a informação inesperada revelou-se historicamente correta. Isto indica evidência convincente de que, pelo menos alguns, não foram capazes de "escrever o guião", mas sim esperaram para ver que informação ou experiências surgiriam a seguir. Esta incapacidade de controlar o guião pode ou não ir além dos limites da confabulação.

A criptomnésia — a exposição prévia do sujeito a informação relevante através de livros, filmes ou conversas que são subsequentemente esquecidos e mais tarde recordados como uma vida passada — é outra possível influência. Um dos meus sujeitos, Paul Jones, disse que, a um nível consciente, não sabia que o vagão fúnebre de Lincoln foi construído em Alexandria, Virgínia, mas preocupava-se com a possibilidade de ter lido o material e se ter esquecido de que o fizera. A minha única personagem feminina, MaryLynne Bauer, diz que um dos nomes que lhe surgiram ela lembrou-se mais tarde de o ter dactilografado um mês antes.

A primeira regressão de David Morse como um guia com chapéu de pele de urso para os *Red Coats* marchando para o forte em Albany lembrou à sua esposa um filme da Guerra Revolucionária que ele tinha visto. Mas o Dave diz que a sua recordação de vida passada foi anterior a esse período, possivelmente por volta da Guerra Franco-Indígena, com edifícios de troncos. Mesmo assim, nenhum filme poderia ter explicado as suas pernas doridas, as panturrilhas a latejar, o estômago a roncar, a sensação de frio e o ver uma chama e um rosto enegrecido com uma expressão de choque. Nenhum filme poderia tê-lo preparado para a morte vívida que experienciou enquanto soldado da Guerra Civil.

Na sua regressão, Brian, o historiador da Guerra Civil, ficou espantado por ter visto rostos e personalidades distintas que interagiam entre si. Com o seu conhecimento atual ou mesmo anterior, não tinha noção de como eles

poderiam ter sido criados. Brian, tal como os outros reencenadores que tinham lido diaristas e escritores da Guerra Civil, descobriu que o material da sua regressão podia ser documentado como sendo bastante diferente e único daquilo que tinha lido anteriormente. Poderia até ser possível que certos filmes e livros tenham um impacto particular porque ressoam com certas memórias reais de uma vida anterior.

Tive o cuidado, durante as sessões hipnóticas, de não mencionar a Guerra Civil ou aludir a uniformes ou qualquer coisa dessa natureza até que os reencenadores tivessem deixado claro, por si próprios, que estavam na era da Guerra Civil. Sugeri, no entanto, que recordassem memórias "que se relacionassem com o seu interesse na reencenação".

Embora os investigadores apontem para a influência da sugestão enquanto em hipnose, os reencenadores nem sempre foram capazes de seguir as minhas sugestões. Alguns tiveram dificuldade em recordar nomes, unidades e detalhes concretos. Um demonstrou irritação ao ser questionado sobre o seu nome, como se as suas atividades ou pensamentos tivessem sido perturbados. Quatro dos sujeitos não foram capazes, nem através da força de vontade, de fazer a mais pequena alteração ao que estava a ocorrer nas suas regressões.

A imaginação é frequentemente usada de forma eficaz na hipnose, mas também pode criar paramnésia ou pseudomemórias (falsas memórias). A maioria dos reencenadores, no entanto, pareceu não ter quaisquer ideias preconcebidas sobre as suas vidas passadas. Apenas um poderá ter lutado na batalha de *Chickamauga* na sua vida passada, uma batalha que ele tinha achado particularmente comovente na reencenação. Outro sempre teve a sensação de que tinha morrido cedo na guerra. Isto pode ter acontecido na sua vida passada.

A fantasia pode ou não parecer ser um elemento nas regressões dos reencenadores. Se eles pudessem ter criado o que desejavam, provavelmente haveria mais oficiais, até homens famosos. Dois dos homens assemelham-se a generais famosos da Guerra Civil nesta vida. Mas nem sequer foram oficiais nas suas regressões. Um poderá ter-se tornado sargento mais tarde na guerra. Seis sujeitos foram mortos, cinco feridos, três prisioneiros de guerra. Nove em cada dez soldados experienciaram fome e o não saberem para onde iam por vezes. Um disse: "Não é suposto morrermos num sonho". Não conseguiam evitar que um membro fosse cortado, ir para uma batalha que poderia ser fatal ou serem capturados.

Ao contrário de um sonho, os reencenadores foram capazes de recordar detalhes vívidos da sua regressão meses mais tarde. Um desenhou vários mapas da área de Richmond e a planta do seu edifício de escritórios meses após a regressão.

Também seria improvável que a imaginação e a fantasia pudessem produzir a verificação histórica da maioria dos detalhes e da cronologia em cada regressão. Após cerca de seis horas de material de regressão contínuo, não houve um pequeno detalhe que não fosse 100 por cento autêntico na regressão do historiador, incluindo algumas personalidades e informações que ele não conhecia anteriormente.

A possessão é outro método de obter informação de vidas passadas. É a possessão da pessoa viva por uma entidade morta. Nenhum dos reencenadores pareceu mostrar qualquer um dos sinais comuns de possessão conforme descrito em *The Unquiet Dead* da Dra. Fiore.[48] As experiências de morte descritas pelos sujeitos não foram indicativas de uma entidade ligada: sem serem orientados, foram para a luz e seguiram a descrição de quase-morte de Moody em *Life After Life*.[49]

Sinto que é possível que alguns reencenadores possam ter entidades ligadas. Por um lado, passam fins de semana inteiros em campos de batalha da Guerra Civil. A Dra. Fiore diz que as pessoas que trabalham em hospitais e cemitérios são alvos para a possessão devido ao número de pessoas que ali morreram e permanecem ligadas à terra.[50] Devido às mortes traumáticas, alguns soldados da Guerra Civil muito provavelmente permaneceram ligados à terra. Como os reencenadores são tão *simpatico* com a sua causa, seriam os anfitriões perfeitos para as entidades. As entidades seriam até capazes de repetir a Guerra Civil através das reencenações. Isto poderia talvez potenciar a obsessão de um reencenador pela Guerra Civil.

Uma proposta de investigação pelo departamento de psicologia da Universidade Estadual do Colorado em 1987 hipotetizou que a perturbação de stress pós-traumático encontrada em veteranos do Vietname é o resultado da ligação das almas de soldados mortos em combate a camaradas ainda vivos.[51] Infelizmente, o estudo não recebeu financiamento.

É possível que reencenadores altamente sensíveis pudessem aceder às memórias reais ou "almas" daqueles que viveram no passado, lendo telepaticamente os seus padrões de pensamento. Eu poderia conceber isto, particularmente em campos de batalha da Guerra Civil onde as emoções foram intensas e ainda são intensas durante as reencenações. Anos antes de

embarcar neste estudo, estive no local da Batalha de *Chancellorsville*, onde o bisavô do meu amigo Barry tinha sido baleado. Enquanto estávamos no local, tive impressões de guerra que sabia não serem minhas. Tive a sensação de aventura, camaradagem, medo, de estar onde a ação estava e de ser parte de algo muito maior do que eu própria. Nunca tinha olhado para a guerra dessa forma antes. Para mim, tinha sido sempre uma perspetiva "masculina".

A teoria da memória genética pressupõe que as memórias da vida passada surgem das experiências dos antepassados do sujeito. Ian Stevenson diz que isto pode explicar um pequeno número de casos em que a personalidade regressa diretamente à mesma família.[52] Num reencenador em doze, este foi o caso. O Dave recordou ser o seu próprio bisavô.

Nove outros reencenadores tiveram antepassados na era da Guerra Civil, seis tiveram antepassados que lutaram na guerra. Houve algumas semelhanças entre duas das vidas passadas. Um reencenador recordou uma vida passada como prisioneiro — talvez em *Point Lookout*, Maryland — o que aconteceu a um antepassado. Outro foi dono de um negócio em Richmond na sua vida passada; tal como um antepassado. Após se tornarem reencenadores, a maioria investigou esses antepassados que tinham sido soldados. Apenas um fez investigação antes de se juntar à reencenação.

A memória genética, portanto, poderia explicar algum do conhecimento dos reencenadores. Mas isto não explica as descrições de eventos de vida específicos, personalidades, detalhes e sentimentos que cada indivíduo experienciou durante a sua regressão.

O conceito de memória racial explica que o conhecimento, atitudes e sentimentos sobre eventos históricos estão impressos em culturas inteiras. A Guerra Civil foi um fenómeno americano. Se a Guerra Civil estivesse impressa nas memórias celulares dos americanos, porque é que existem reencenadores da Guerra Civil na Inglaterra, Alemanha e Austrália? Um reencenador cresceu no Panamá. Porque seria ele atraído para a Guerra Civil Americana e para a reencenação?

O conceito de inconsciente coletivo do psicólogo suíço Carl Jung sonda profundezas ainda maiores do que o conceito de memória racial. Ele viu um rico filão de padrões universais ou arquétipos, não individuais mas coletivos, nos quais a mente se pode basear. Este inconsciente coletivo é a parte da psique que retém e transmite a herança psicológica comum da humanidade.[53]

Entretanto, a teoria do campo de energia morfogenética do cientista Rupert Sheldrake — que parece abranger a memória racial e o inconsciente coletivo — baseia-se na memória comum de espécies semelhantes. Sheldrake postula que atraímos aquilo com que mais ressoamos. Isso pode ser os nossos próprios estados passados. Sheldrake diz no seu ensaio *"Can Our Memories Survive the Death of Our Brains?"*: Através deste campo de energia, Sheldrake teoriza que o eu consciente poderia reter a capacidade de se sintonizar com os seus próprios estados passados, mesmo após a morte do cérebro.

Isto é semelhante ao conceito de "rede de inteligência" do endocrinologista Deepak Chopra, fundamentado na física quântica. Em *Quantum Healing*, ele diz: "A memória de uma célula é capaz de sobreviver a si própria... O seu corpo é apenas um lugar ao qual a sua memória chama lar."[54] Isto poderia explicar como as regressões de cada reencenador poderiam ser tão específicas sobre detalhes da vida, sentimentos e pensamentos de um indivíduo em particular.

Por várias razões, cheguei a acreditar que a reencarnação poderia ser uma explicação possível para as vidas recordadas dos reencenadores. Fiquei impressionada com as personalidades, eventos, emoções e detalhes distintamente diferentes que eram evidência de casos completamente individuais. As emoções reais, sentimentos físicos e descrições vívidas eram difíceis de ignorar. O facto de homens adultos e uma mulher expressarem os seus medos a uma hipnoterapeuta feminina que tinham acabado de conhecer foi revelador. Também de importância é o interesse intenso pela Guerra Civil que a maioria dos reencenadores exibiu enquanto jovens.

As características e descobertas destas narrativas, tomadas individualmente e em grupo, foram consistentes com muita literatura sobre vidas passadas, como o facto de ninguém ser famoso. Além disso, a documentação de eventos históricos, a autenticidade histórica e factos que ou não eram conhecidos ou eram contraditórios com o que se acreditava levam-me a considerar a reencarnação como uma explicação viável.

Da minha perspetiva, as explicações mais plausíveis para a vida passada na Guerra Civil de todos os doze reencenadores no estudo parecem ser: a teoria da ressonância morfogenética, a memória genética, a criptomnésia, a confabulação e a reencarnação. Outras explicações plausíveis são a obsessão, o acesso à alma (*soul tapping*) e um desejo psicológico de uma vida na Guerra Civil.

No entanto, dado o facto de todos os doze reencenadores terem tido recordação de uma vida na Guerra Civil e de as regressões serem consistentes com estudos e literatura de outros, estas narrativas servem para estimular a especulação profissional e devem inspirar os leitores com as possibilidades que apresentam.

3

Um Curto Curso de Recriação Histórica

e Palavras de Ordem da Guerra Civil

Após assistir às minhas primeiras recriações da Guerra Civil, perguntei-me há quanto tempo estas ocorriam. Seria este um fenómeno relativamente novo? Fiquei surpreendida ao descobrir que não existe muita literatura sobre a recriação da Guerra Civil e a sua história. A maior parte da literatura periódica limita-se a atrair turistas e amantes da história para assistirem a uma das recriações de história viva.[88]

Revistas e jornais para reencenadores, tais como o *The Civil War News*, o *Camp Chase Gazette* e o *Reenactors Journal*, apresentam artigos sobre perspetivas históricas e listam eventos e recriações futuras.[89] Os reencenadores também podem encontrar onde comprar uniformes da Guerra Civil e outros artigos. O *Camp Chase Gazette* tem mantido os reencenadores informados há mais de vinte anos. Para compensar a falta da palavra escrita sobre a recriação, recorri à minha experiência nos meios de comunicação e fui a uma fonte viva para obter informações: o historiador da Guerra Civil e reencenador Brian Pohanka.

De acordo com Pohanka, as tropas realizavam algumas batalhas simuladas e sessões de treino para entretenimento civil mesmo durante a

Guerra Civil. Após a guerra, grandes organizações de veteranos envergavam os antigos uniformes para desfiles e cerimónias. Entre 1880 e 1940, entre oito a dez dos campos de batalha da Guerra Civil foram preservados historicamente e ficaram sob a égide do Departamento de Guerra. Parques de campos de batalha como Chickamauga e Gettysburg foram utilizados como campos de acampamento e áreas de treino para soldados dos EUA durante a Guerra Hispano-Americana de 1898 e durante a Primeira Guerra Mundial. Tão tarde quanto a década de 1930, foram também utilizados como local para jogos de guerra por soldados modernos armados com metralhadoras e apoiados por tanques e aviões. Algumas batalhas pretendiam recriar as situações táticas das batalhas originais da Guerra Civil.

Desde o final da década de 1950, o interesse pelo passatempo da recriação tem crescido. Antes da antecipação do Centenário, existiam apenas alguns grupos de reencenadores, e a primeira recriação em grande escala foi realizada no campo de batalha de Manassas em julho de 1961. Compareceram cerca de 3.000 participantes. Na altura, os padrões atuais de autenticidade eram virtualmente inexistentes.

Nesta altura, o Serviço de Parques controlava os campos de batalha e tinha ficado perturbado com as violações de segurança que ocorreram em Manassas. Após a recriação da Batalha de Antietam em setembro de 1962, o Serviço de Parques desencorajou as recriações nos locais dos campos de batalha. Em julho de 1963, o Centenário de Gettysburg foi recriado no local da batalha, mas não foram disparados tiros. Desde então, a maioria das recriações ocorre em terrenos privados ou parques estaduais.

Após o Centenário, "o passatempo", como os reencenadores lhe chamam, cresceu em número e autenticidade. Vários milhares de homens participavam em recriações regularmente até ao final dos anos 60 e início dos anos 70, altura em que houve um ligeiro declínio no interesse. Isto deveu-se a uma questão de adequação enquanto a Guerra do Vietname estava em curso.

Em meados dos anos 70, o interesse pela recriação e pela autenticidade floresceu. Com a celebração do Bicentenário da Revolução Americana, as recriações da Guerra Revolucionária tornaram-se populares. No entanto, não continuaram a atrair os números que as da Guerra Civil atraíam.

A 4 de julho de 1976, a recriação da Batalha de Gettysburg reuniu entre 4 a 5 mil reencenadores, milhares de espetadores e o pivot de televisão Dan Rather. Foi a maior recriação até à data. A autenticidade estava a melhorar. Alguns grupos estavam a fazer a transição para a melhoria dos seus

uniformes. A partir daí, o interesse disparou. "O passatempo" espalhou-se por grupos na Alemanha, Inglaterra, Austrália e antigos países do bloco soviético.

O 125.º aniversário da Guerra Civil, de 1986 a 1990, deu início às maiores recriações de sempre. Entre 6.000 e 7.000 reencenadores participaram no 125.º aniversário da Primeira Batalha de Manassas. Quase 10.000 recriaram a Batalha de Gettysburg em 1988 para 40.000 espetadores.

Existem agora entre 12.000 e 25.000 reencenadores, dos quais cerca de 12.000 a 15.000 são regulares. A maior concentração encontra-se na Virgínia, Maryland, Pensilvânia, Kentucky, Tennessee e Geórgia. Existe um contingente considerável no Midwest — Ohio, Indiana, Michigan. Existem também números significativos de tropas na Flórida e na Califórnia. O interesse na recriação da Guerra Civil é lento nos estados da Nova Inglaterra, uma vez que a recriação da Guerra Revolucionária parece ter precedência aí.

Hoje em dia, muitas organizações esforçam-se por dominar os mesmos manuais táticos que os soldados originais utilizavam. Os oficiais reencenadores passam muito tempo a debruçar-se sobre os diagramas e instruções complexas de *Hardee's and Casey's Infantry Tactics*.[90] Algumas organizações de cúpula maiores, como o National Regiment, realizam anualmente dois dias de instrução em sala de aula para aperfeiçoar o treino, o conhecimento de exercícios, desfiles e regulamentos do exército da década de 1860.

As táticas e exercícios são muito mais sofisticados do que há três décadas, quando as recriações nos campos de batalha eram muito menos estruturadas.

Na primeira recriação, há trinta e três anos, o vestuário e o equipamento também eram imprecisos. Os Confederados usavam calças de sarja e camisas da J.C. Penney, enquanto os soldados da União usavam jaquetas azuis, blazers, jeans e chapéus azuis. Qualquer arma servia. Trinta e três anos depois, 150 a 200 vendedores ou *sutlers* (vivandeiros) ganham a vida a fornecer aos reencenadores reproduções de uniformes de lã, sapatos, cintos, canecas, mosquetes e baionetas, tendas e mochilas. O uniforme médio custa cerca de 550 dólares, o mosquete entre 450 a 800 dólares, e a tenda e a mochila 200 dólares. A maioria dos reencenadores tem pelo menos dois uniformes.

Um *farb* é um termo calão de reencenador para algo não autêntico. "É uma unidade *farby*" ou um "*farbfest*" são derivados descritivos. Há rumores de que o termo popular teve origem, segundo alguns relatos, no antigo

reencenador George Gorman, que originalmente começou a produzir uniformes autênticos em lã. Quando alguém criticou o vestuário não autêntico daqueles que não usavam o traje de Gorman, ele disse: "*Far be it for me to criticize*" ("Longe de mim criticar"). O termo ficou.

Em geral, um terço dos reencenadores leva a autenticidade a sério. Comem *hardtack* (bolacha de marinheiro) e usam suspensórios de linho e ceroulas de algodão. Um terço divide-se quanto à autenticidade e pode esconder uma geleira Igloo® ou comer um bife quando o público não está por perto, mas manter-se-á na personagem quando necessário. Outro terço está lá principalmente por diversão, pode ter problemas com a autoridade e a disciplina, e pode resistir à estrutura militar.

Ao nível da unidade, a maioria dos oficiais é eleita, embora alguns sejam autonomeados. Uma unidade típica inclui um capitão, um tenente, um 1.º sargento, um 2.º sargento e vários cabos, juntamente com algures entre vinte e cinco e sessenta soldados rasos. A maioria das unidades constitui-se como associação e tem um presidente e um conselho de administração para fins administrativos. Um conselho inclui um secretário e um tesoureiro. Insatisfeitos com a política interna, por vezes grupos dissidentes separam-se ou indivíduos encontram outra unidade que lhes convenha. Agora, começa a surgir uma estrutura organizacional maior. Os grupos de cúpula maiores incluem organizações mais pequenas, e alguns, como o "Exército do Norte da Virgínia" Confederado, mobilizam até dois mil soldados, divididos em vários batalhões. O seu propósito é recriar batalhas maiores com uma base militar substancial, o que resultará em recriações mais históricas.

Encaixados nesta estrutura militar estão os reencenadores que chegam ao "passatempo" vindos de todas as áreas da vida. Existe um grande grupo de trabalhadores manuais e uma amostra representativa de professores, funcionários governamentais, médicos e advogados. Alguns reencenadores têm setenta ou mais anos, mas a maioria está na casa dos trinta e quarenta. São geralmente mais velhos e mais pesados do que o soldado médio da Guerra Civil, que era magro e estava na casa dos vinte anos. Isto tornou-se um motivo de alguma preocupação entre os "autênticos".

Estes reencenadores dedicam muitas horas às suas atividades militares. As atividades de verão podem atingir uma média de dois a três eventos por mês, diminuindo do final de novembro até abril. Os reencenadores não hesitam em conduzir centenas de quilómetros para convergir em recriações, demonstrações de história viva e desfiles para o público. As "táticas" e jogos

de guerra são estritamente para reencenadores. Alguns eventos servem para angariar fundos para preservar os campos de batalha.

A recriação satisfaz muitas necessidades. As razões dos reencenadores para o seu envolvimento contínuo variam desde desfrutar do acampamento, camaradagem, relaxamento, respeito e escapismo, até serem capazes de viver a história, preservá-la e educar outros. Alguns falam de romantismo, de honrar os mortos, de retratar o guerreiro ou de uma profunda ligação espiritual. Um deles vê-o como arqueologia experimental.

A organizadora da recriação da Batalha de Manassas, a Guarda-Florestal do Parque do Condado de Prince William, Tracy Hormuth, observa razões que vão desde o regresso a tempos mais simples no século XIX até ao afastamento das pressões familiares; desde sentir-se mais confortável com papéis de género claramente definidos até não ter saída na sua vida pessoal; e desde obter posições de poder e patente no campo até escapar de uma vida ou emprego sobre o qual não têm controlo. Ela diz que as unidades se unem como fraternidades.

Quanto ao porquê desta absorção incrível com a Guerra Civil, Lew Lord relatou num artigo de destaque da *U.S. News and World Report* de agosto de 1988 que as respostas residem profundamente tanto na história como na psique americana. "É tanto um fascínio pela história como uma sede de pólvora que faz as pessoas brincarem aos soldados da Guerra Civil." O historiador de Princeton, James McPherson, disse a Lord que a Guerra Civil foi, de longe, o evento individual mais vívido, dramático e violento da nossa história.[91] Talvez as questões não estejam mortas. Os reencenadores ainda discutem emocionalmente a favor da legalidade da secessão e dos méritos da democracia Jeffersoniana.

Outros historiadores entrevistados por Lord incluíram Frank Vandiver e Emory Thomas. Frank Vandiver disse: "A Guerra Civil continua a voltar quanto mais nos afastamos dela. A guerra em si pode ser remota no tempo, mas não na geografia." Emory Thomas, historiador na Universidade da Geórgia, afirmou: "A Guerra Civil está tão próxima dos americanos como o baú do avô no sótão de alguém."[92] Psicólogos clínicos e de investigação como Fiore e Wambach, bem como videntes como Edgar Cayce, diriam que pode estar ainda mais próxima do que o sótão.

Entretanto, os reencenadores estão a ajudar a trazer a Guerra Civil de volta à vida em filmes e a causar impacto em Hollywood. Atuaram em *Norte e Sul, Parte II*, e na minissérie *Lincoln* feita para a televisão; e nos filmes

Sommersby, *Glória*, *Gettysburg* e *Andersonville*. Eles estão a fazer ouvir as suas vozes e Hollywood está a ouvir. Filmes da Guerra Civil, como *Gettysburg*, são muito mais precisos e autênticos devido às exigências dos reencenadores.

Como os reencenadores estão tão preocupados com a autenticidade, estão familiarizados com vários termos de marcha e itens do uniforme da Guerra Civil. Os meus sujeitos referiram muitos destes durante as suas regressões. Para um amador como eu, é útil ter um guia de referência. Considere estas as suas notas de auxílio para a regressão da Guerra Civil.

Termos de Marcha

BREASTWORK (Parapeito): Uma barreira baixa, construída rapidamente com terra ou troncos para proteger os soldados.

BY THE RIGHT (ou THE LEFT) FLANK, MARCH; ou RIGHT, FACE (ou LEFT, FACE), FORWARD, MARCH: Colocação dos soldados numa coluna de quatro; esta era a forma típica como os soldados marchavam ao longo da estrada ou para a batalha antes de se posicionarem na linha de batalha (duas fileiras de profundidade).

CASEY'S INFANTRY TACTICS: Um manual de campo escrito pelo Brigadeiro-General Silas Casey. Utilizado principalmente por oficiais da União, incluía exercícios, marchas e manobras militares, música e instruções para escaramuçadores.

DOUBLE-QUICK (Passo de Corrida): Um passo de corrida utilizado numa carga. Era a forma como os soldados marchavam rapidamente ou avançavam.

FIX, BAYONETS (Calar Baionetas): O comando dado pelo qual os soldados sacam as suas baionetas das bainhas e as fixam nas extremidades dos seus mosquetes.

GILHAM'S MANUAL OF DRILL: Um manual de campo para instrução e táticas militares utilizado principalmente pelos Confederados. As técnicas derivavam do manual do General Scott utilizado na Guerra Mexicano-Americana.[93]

HARDEE'S TACTICS: O livro de texto padrão sobre instrução e manobras militares para infantaria de espingarda e ligeira, escrito pelo General W. J. Hardee. Utilizado tanto por Confederados como por Federais,

incluía regulamentos para lidar com má conduta, dar a conhecer a palavra de ordem e as funções de capelães e vivandeiros (*sutlers*).

RIGHT SHOULDER SHIFT, ARMS: O comando coloca os soldados na posição de "ombro direito". O mosquete era levantado de modo a que a coronha da peça ficasse assente na palma da mão direita. Com a chapa da culatra logo abaixo do ombro, o cano ficava inclinado sobre o ombro direito. Este comando era geralmente utilizado quando os homens se moviam ou carregavam num passo de corrida (*double-quick*). Isto permitia que a arma fosse manuseada mais facilmente e não estivesse no caminho dos homens da frente.

ROUTE STEP (Passo de Rota): Este comando permitia aos soldados marchar confortavelmente, carregando os seus mosquetes da forma que desejassem. Uma maneira casual, como bem entendessem; ninguém tinha de manter o passo. As tropas ainda tinham de manter o seu lugar na coluna de quatro. Esta era a forma como os soldados marchavam longas distâncias.

SHOULDER ARMS: Esta era a posição padrão a partir da qual eram feitos outros movimentos do mosquete. A arma era mantida paralela ao lado direito do corpo, enquanto a mão direita envolvia a guarda do gatilho.

SKIRMISH LINE (Linha de Escaramuça): Os escaramuçadores eram destacados para a frente numa fileira única, com cinco a dez passos entre cada homem. Eles faziam a cobertura do avanço. Assim que o combate começava a sério, recuavam para a linha de batalha, cotovelo com cotovelo com todos os outros.

TRAIL ARMS: Este era o comando pelo qual o mosquete era transportado na mão direita, ao nível da anca ou coxa direita. Era utilizado para passar por vegetação rasteira para que a arma não se emaranhasse nos ramos das árvores.

Modas de Uniformes da Guerra Civil,

Equipamentos e Suprimentos

(Tal como me foi contado por Robert Hodge, que teve um interesse vitalício pela moda militar do período da Guerra Civil. Veja a sua história de regressão no capítulo 7. Nota: Custou originalmente ao governo federal 727 milhões de dólares para vestir e alimentar o exército e 339 milhões de dólares para suprimentos e transporte.)

BROGANS (Brogues): Feitos de couro, estas botas à altura do tornozelo estiveram entre o primeiro calçado produzido em massa que distinguia entre o pé direito e o esquerdo. Estes sapatos tornaram-se o calçado militar padrão.

CHEVRONS (Divisas): Insígnias de sargentos e cabos. Geralmente em forma de V, eram usadas nas mangas para mostrar a patente, anos de serviço e alistamentos.

ENFIELD MUSKET: Esta arma foi uma das mais amplamente utilizadas pelos Confederados. Equipamento padrão no exército britânico; a Confederação importou 400.000 exemplares. Disparava uma bala cónica de calibre .577. O mosquete estriado era o mais preciso para os padrões da Guerra Civil. Disparar um mosquete exigia onze movimentos distintos. Os soldados eram obrigados a disparar três tiros certeiros por minuto. Na altura, um mosquete custava cerca de 13 dólares.[94]

FORAGE CAP (Barrete de Campanha): Barrete de lã com pala de couro e francalete. Usado tanto pelas tropas alistadas do Norte como do Sul, este era uma variante do *kepi*. Mais folgado e alto que o *kepi*, tinha mais material pendente à frente, que se inclinava em direção à pala. Também era chamado de "*bummer's cap*".

FROCK COAT (Casaca): Um casaco de gala de abotoadura simples com uma saia comprida que chegava aos joelhos. Tinha mais botões, era mais bem confecionado e era mais justo do que um casaco de serviço (*sack coat*).

GALLOON KNOTS (Nós de Galão): Um entrançado de algodão, seda, lã ou fio de metal usado como adorno. Encontrado principalmente nas mangas dos oficiais confederados, indicava a patente e era apelidado de "*chicken guts*" (tripas de galinha).

GAUNTLETS (Luvas de Cano): Luvas de couro de cano alto usadas por oficiais montados e cavaleiros.

HARDEE HAT: Um chapéu militar federal de aba larga. O chapéu tinha uma copa alta e cónica de sete polegadas que era rígida quando nova. Após o uso, cedia, tornava-se macia e assumia o carácter de um chapéu desabado (*slouch hat*). Alguns dos chapéus eram usados com as abas presas lateralmente. Também era chamado de chapéu "*Jeff Davis*".

HARDTACK (Bolacha de Marinheiro): Um alimento básico para o soldado federal, as bolachas eram feitas de farinha e água. Eram muitas vezes

tão duras que ganharam a alcunha de "*toothduller*" (embota-dentes). Alguns Confederados também recebiam rações de *hardtack*.

HAVERSACK (Bornal): Um saco, frequentemente feito de lona e pintado de preto com tinta impermeável. Usado quase como uma mala de tiracolo, era pendurado sobre o ombro direito e ficava à anca. Os soldados transportavam as suas rações, tais como *hardtack*, carne de porco salgada e café nos seus bornais.

CONFEDERATE JEAN JACKET: Uma jaqueta confederada feita de pano *jean*; 85 por cento lã e 15 por cento algodão, era um tecido apertado, grosseiro, semelhante a serapilheira.

KEPI: Um barrete militar de estilo francês, de lã azul ou cinzenta, com uma banda na base e uma pala à frente. Um disco circular é afundado na copa para que os lados do tecido se possam curvar para dentro.

KNAPSACK (Mochila): Geralmente feita de pano de algodão pintado de preto com correias de couro. A mochila continha frequentemente metade de uma tenda de abrigo, uma manta de borracha, artigos de higiene e roupa de reserva.

LANYARD (Cordel de Disparo): Quando puxado, provoca uma faísca a partir de um iniciador de fricção no ouvido do canhão, disparando a peça de artilharia.

MINIE BALL (Bala Minie): Uma bala cónica para uma espingarda de mosquete de calibre 58, batizada com o nome do capitão do exército francês que a desenhou.

SACK COAT (Blusa de Serviço): Uma peça de vestuário simples de quatro botões em flanela azul. Esta blusa de fadiga foi amplamente distribuída durante a guerra aos soldados do exército da União. Este casaco folgado chegava a meio da coxa e era produzido em massa.

SCABBARD (Bainha): Uma capa para a baioneta feita de couro preto curtido com rebites de cobre e uma ponteira de latão. A lâmina da baioneta tinha geralmente dezoito polegadas de comprimento. O estilo mais comum era uma lâmina triangular.

SHELL JACKET (Jaqueta Curta): Uma jaqueta à altura da cintura (logo abaixo da linha do cinto). Geralmente, os Confederados usavam estas jaquetas. Uma variedade, a *COLUMBUS DEPOT JACKET*, era de pano *jean* azul médio e tinha punhos em azul sólido. Havia vários estilos de

RICHMOND DEPOT JACKETS, com ou sem dragonas e passadores de cinto. Outro termo utilizado para as jaquetas do depósito de Richmond era *EASTERN JACKET*.

SHOULDER STRAPS (Passadeiras de Ombro): Placas retangulares que exibiam a insígnia de um oficial. Usadas em ambos os ombros, eram vistas com mais frequência no exército Federal.

SLOUCH HAT (Chapéu Desabado): Um chapéu de feltro de lã de aba larga com uma copa em forma de colmeia. A aba podia ser usada plana ou virada para cima e acompanhada de uma pluma. Os chapéus de aba macia eram populares entre as fileiras confederadas.

SOFT PACK: Um tipo de mochila, diferente de um bornal (*haversack*).

ZOUAVES (Zuoavos): Inspirados nas unidades de Zuoavos franceses durante a Guerra da Crimeia, os uniformes e a instrução dos Zuoavos foram popularizados em 1859 por uma companhia de cadetes de Chicago. Algumas unidades de Zuoavos da Guerra Civil foram recrutadas em companhias de bombeiros, conhecidas pelo trabalho de equipa e bravura. Os uniformes variam. Um dos mais distintos é o do 5.º de Nova Iorque: jaquetas azuis curtas com vivos vermelhos, calças vermelhas largas e um fez. Uniformes de Zuoavos também foram encontrados no Sul, particularmente no Luisiana.

Estrutura Militar

COMPANY (Companhia): Em teoria, uma companhia consistia em 100 homens e era comandada por um capitão. Devido a baixas, muitas companhias tinham apenas vinte e cinco a cinquenta homens.

REGIMENT (Regimento): Um coronel comandava um regimento que incorporava dez companhias. No início da guerra, um regimento consistia em 1.000 homens, mas gradualmente muitos diminuíram para 250 a 500 homens.

BRIGADE (Brigada): Geralmente, três a seis regimentos compunham uma brigada, que deveria ser liderada por um brigadeiro-general.

DIVISION (Divisão): Três a quatro brigadas compunham uma divisão. Deveria ser comandada por um major-general.

CORPS (Corpo de Exército): Três a quatro divisões compunham um corpo, também geralmente comandado por um major-general.

ARMY (Exército): Vários corpos compunham um exército. No exército da União, a partir de 1863, cada corpo tinha o seu próprio símbolo, usado como um distintivo de pano no boné ou no uniforme.

Interpretação de Códigos

Quando vir algo como isto: *Company K, 17th New York Infantry*, significará um soldado de infantaria no 17.º Regimento de Nova Iorque na Companhia K. Poderá ouvir ou ver algumas pistas quanto aos vários ramos de serviço: vivos azuis nos uniformes representam a infantaria, amarelos a cavalaria e vermelhos a artilharia.

Outros Termos

DISTRIBUTION CAMP (Campo de Distribuição): Recrutas ou homens que tinham recuperado de doenças eram devolvidos aos campos de distribuição antes de serem enviados para as suas unidades no terreno.

PROVOST MARSHALL (Marechal de Provoste): O comandante de uma força que funcionava como polícia militar.

RETINUE (Séquito): Um grupo de pessoas que acompanham uma pessoa de patente; uma escolta.

SKEDADDLER (Desertor de Combate): Um soldado que desertou ou fugiu da batalha. *Skedaddle* significa "escapulir-se".

Guia das Principais Batalhas

Embora tenham ocorrido mais de 10.000 ações militares na Guerra Civil, apenas uma pequena proporção foram grandes batalhas como Gettysburg. Houve duas arenas principais nas quais as grandes operações militares tiveram lugar. Eram divididas pelas Montanhas Apalaches. Tudo o que ficava a leste era o Teatro de Operações Oriental. Esta área englobava tanto a capital da União como a da Confederação. O Teatro de Operações Ocidental estendia-se até ao Rio Mississípi.

Este guia inclui batalhas mencionadas pelos reencenadores. Pode ajudar a colocar as batalhas em perspetiva. Parecia que a maioria das batalhas foi travada no teatro Oriental.

Teatro Oriental

- Rendição do Forte Sumter, S.C. — 12-13 de abril de 1861

- Primeira Batalha de Manassas (Bull Run), Va. — 21 de julho de 1861
- Campanha de Jackson no Shenandoah, Va. — 23 de março a 9 de junho de 1862; Winchester — 25 de maio de 1862
- Seven Pines, Va. — 31 de maio de 1862
- Batalhas dos Sete Dias, Va. — 26 de junho a 1 de julho de 1862
- Batalha de Mechanicsville — 26 de junho de 1862
- Batalha de Gaines's Mill — 27 de junho de 1862
- Batalha de Malvern Hill — 1 de julho de 1862
- Segunda Batalha de Manassas, Va. — 28-30 de agosto de 1862
- South Mountain e Antietam, Md. — 14-17 de setembro de 1862
- Primeira Batalha de Fredericksburg, Va. — 11-13 de dezembro de 1862
- Segunda Batalha de Fredericksburg, Va. — 4 de maio de 1863
- Gettysburg, Pa. — 1-3 de julho de 1863
- Wilderness, Va. — 5-6 de maio de 1864
- Spotsylvania, Va. — 10-12 de maio de 1864
- Cold Harbor, Va. — 1-2 de junho de 1864
- Cerco de Petersburg, Va. — 18 de junho de 1864 a 2 de abril de 1865
- Batalha de Monocacy, Md. — 9 de julho de 1864
- Winchester, Va. — 19 de setembro de 1864
- Cedar Creek, Va. — 19 de outubro de 1864
- Batalha de Sayler's Creek, Va. — 6 de abril de 1865
- Rendição em Appomattox, Va. — 9 de abril de 1865

Teatro Ocidental

- Batalha de Shiloh, Tenn. — 6-7 de abril de 1862
- Campanhas de Vicksburg, Miss. — out.-dez. 1862; março-julho de 1863
- Batalha de Chickamauga, Ga. — 19-20 de setembro de 1863
- Campanha de Chattanooga, Tenn. — outubro-novembro de 1863
- Batalha de Bentonville, N.C. — 19-21 de março de 1865

Agora está munido de tudo o que precisa de saber para iniciar esta aventura de vidas passadas na Guerra Civil. Já sabe muito mais do que o jovem recruta médio que nunca tinha saído de casa antes. Se ainda não tem dezoito anos, basta escrever "18" num pedaço de papel, enfiá-lo no sapato e poderá afirmar honestamente que está "acima dos dezoito".

Embora o soldado típico da União tivesse vinte e cinco anos e a maioria estivesse entre os dezoito e os quarenta e seis, quase 200.000 tinham apenas quinze ou dezasseis anos.[95]

Podemos dispensar o atar feno ao pé esquerdo e palha ao direito para os distinguir. Como recrutas, seriam demasiado espertos para serem chamados de "*strawfoots*" (pés de palha) como aquela última unidade. Na verdade, já sabe mais sobre a Guerra Civil do que alguns dos soldados da Guerra Civil que estamos prestes a visitar.

Se acabou de se alistar, primeiro passou pelo campo de distribuição para descobrir a quem se deve apresentar. Identificaria o seu sargento (*NCO*) olhando para as suas divisas. Receberia *kepis* e uniformes e, embora as suas calças sejam demasiado curtas e a sua mochila pareça pesada, irá habituar-se. Eventualmente, reduzirá a sua carga. Também aprenderá a demolhar a sua bolacha de marinheiro (*hardtack*) no café, para que a consiga comer.

4

Steve: O Regresso do Soldado

Como pacifista, Stephen Melko tinha passado a maior parte da década de 1960 a evitar ir para o Vietname. Durante a entrevista pré-hipnose, ele riu-se de si próprio ao notar a ironia: "Agora brinco à Guerra Civil." Nos últimos onze anos, tinha passado pelo menos um fim de semana por mês em recriações e locais de batalha. Nos primeiros anos, era quase todos os fins de semana.

Como a recriação consumia grande parte do seu tempo livre, Steve fez um compromisso com a sua esposa e reduziu algumas atividades. Na altura da entrevista, estava a passar mais tempo com a sua filha de oito anos e dois enteados adolescentes.

O gestor de propriedades comerciais de quarenta e quatro anos admitiu livremente que a recriação era uma mudança maravilhosa em relação ao stresse da vida quotidiana. Para ele, era um período de descanso e lazer (*R and R*) dentro dos limites de uma estrutura militar. Steve, que se licenciou em gestão pela Universidade Estadual da Pensilvânia, levava "o passatempo" a sério. Gostava da recreação e da camaradagem associadas à recriação. Ainda assim, desempenhava as suas funções militares com responsabilidade, gostava

das exigências físicas e passava o máximo de tempo possível a ler sobre a Guerra Civil.

Através do seu envolvimento na recriação da Guerra Civil, ele disse que o seu pensamento sobre o tema da guerra tinha amadurecido. Percebeu que, por vezes, a guerra é um mal inevitável. A sua filosofia sobre a guerra era agora consistente com o antigo adágio: a melhor defesa é um bom ataque.

Durante a nossa entrevista, os seus olhos azuis tornaram-se pensativos. Steve expressou a sua incapacidade de escolher entre a filosofia Yankee ou a Confederada, porque a década de 1850 era um modo de vida completamente diferente. Ele comparou o debate atual entre pró-vida e pró-escolha sobre o aborto com a questão do abolicionismo versus direitos dos estados. Na opinião de Steve, o aborto era a questão mais próxima nos tempos modernos para suscitar emoções semelhantes e perguntas sobre o que é moral e legalmente correto. Resultou até em derramamento de sangue.

Passando a outros assuntos, Steve disse que a sua esposa o incentivou a participar na investigação de regressão. Ela sempre sentiu que Steve já tinha vivido antes. Os cantos dos seus olhos enrugaram-se enquanto ele sorria. Com um sentimento de antecipação, Steve acomodou-se no sofá para a sua sessão de regressão. Fechou os olhos, entrou rapidamente em hipnose e, enquanto eu gravava as suas palavras e tomava notas, ele tornou-se imediatamente consciente de sensações corporais.

"Os meus pés e as minhas pernas estão frios", disse ele. "Sinto-os gelados, como se estivessem em água fria." Ele deu um solavanco. Um calafrio percorreu-o. "Sinto um frio, como se estivesse gelado dentro da minha tenda. Está a começar a ficar claro e a aquecer um pouco. Há uma lareira. Estou a tentar aquecer-me junto ao fogo ou a tentar aquecer algo no fogo. Sinto fome; talvez esteja a fazer café. O café ainda está a cozinhar e eu continuo a querer que esteja pronto. Sinto que vou ser chamado para longe dele."

Ficou claro para mim que Steve estava a processar informações de forma cinestésica, através de sensações. Estava a sentir em vez de ver imagens ou ouvir coisas. Repetia constantemente palavras como "sinto" e "percebo".

"Sou necessário para algo", começou ele. "Estou a ser chamado. Tenho de me apresentar a alguém. Sinto que tenho de preparar o relatório matinal. Tenho de reunir os homens. Tenho de fazer a chamada e apresentar-me ao sargento-ajudante. Mas não vou beber o meu café. Vou perdê-lo outra vez.

Estou a vestir-me e a calçar os meus *brogans*. Preciso de vestir o meu casaco. Agora sinto-me mais quente.

"É hora da chamada e hora das tropas formarem", continuou ele. "As tropas estão em linha. Tudo o que se ouve de manhã são homens a tossir. Parecem estar todos presentes — todos os dezoito homens.

"Suponho que sou um graduado (*NCO*) — talvez a substituir o sargento. É invulgar ser eu a fazer a chamada. Os homens parecem estar brincalhões. Querem meter-se comigo, mas não podiam fazer isso com o sargento. Estão a ser um pouco engraçadinhos com isso. Querem voltar para as suas camas. Eu também. Adoraria ter o meu café. Nunca consigo terminá-lo.

"A chamada acabou", disse ele. "Tenho de a levar ao sargento-ajudante. Como é habitual, ele tem algumas ordens. Ele quer um destacamento. Espero que seja algo que eu possa delegar. Depois de os homens comerem, devemos ir para o bosque render a guarda. Uma esquadra tem de ir e eu tenho de ir para colocar formalmente a guarda. Lá se vai o meu café."

Durante a sua narrativa, notei que Steve é cabo na recriação e, embora tivesse funções semelhantes durante a regressão, ele nunca tinha feito a chamada como reencenador. Na recriação, Steve também nunca parecia ter a oportunidade de terminar o seu café. Nesta memória, ele perdeu a sua chávena matinal por causa do serviço de guarda. Estava ciente de que os céticos poderiam sugerir confabulação para explicar estas semelhanças.

"O guarda deu-me o novo santo — 'margaridas' é a palavra-passe." Vi o Steve sorrir com a palavra-passe. "Ele pediu permissão para ser rendido do seu posto. O destacamento está posicionado. Estamos no bosque. É 'corre e espera' — não se passa nada. Quem me dera poder voltar para o meu café.

"Vem aí um mensageiro. Ele diz que seremos rendidos às três horas. São apenas 6h30. Não gosto deste serviço. É aborrecido. Acho que os homens não comeram, a menos que o tenham feito enquanto eu estava com o sargento-ajudante. Eu não comi. Não podemos ter fogo onde estamos. Não queremos alertar o inimigo da nossa posição. Sinto que eles podem estar perto. Não quero correr riscos desnecessários.

"Há algo estranho. Sinto que há alguém para lá da nossa linha." Ele riu-se com alívio. "Oh, é apenas um veado. Antes um veado do que o inimigo. Chamamos ao inimigo Johnny Reb. Não vi nenhum Reb de perto."

O sentido de humor de Steve e a sua forma fácil mas profissional de lidar com as tropas impressionaram-me.

"Dói-me a cabeça. Quando não como, fico com dores de cabeça às vezes. Uma boa chávena de café preto não faria mal."

Steve estava imparável. Achei que era altura de tentar obter alguns detalhes como o seu nome, patente e unidade. Através da sugestão, conduzi-o nessa direção.

"Ando a fazer isto há demasiado tempo", respondeu ele. "Dois anos. William Snyder. Chamam-me 'Corp' (Cabo). Devo ser cabo. Sou da Carolina do Norte. Os homens não falam como eu. Não sou de onde eles são. Eles são do Michigan. Pareceu-me apenas a coisa certa a fazer juntar-me a eles — 4.º Michigan, Companhia B, 'Black Hats' (Chapéus Pretos) (acho eu). Às vezes eles gozam comigo por causa da maneira como falo. São bons homens. As coisas têm estado calmas."

Steve tinha acabado de se identificar como um Federal, embora fosse originalmente da Carolina do Norte. Na sua vida do século XX, ele sempre recriou como um soldado da União. As suas simpatias residem claramente no Norte. Devido às suas opiniões antiesclavagistas, ele não tem qualquer vínculo com o Sul. Na recriação, usou um uniforme confederado apenas uma vez. Enquanto atuava como soldado da União para o filme *Gettysburg*, passou muito tempo à espera. Decidiu pedir emprestado um uniforme do Sul e entrar na ação, em vez de ficar sentado ociosamente.

Na altura da minha investigação, Steve vivia na Virgínia, no entanto cresceu no Norte. Quando era jovem, apenas aceitava o papel de Yankee. Cresceu a brincar com o mosquete e a baioneta do seu bisavô, e ainda se lembrava das histórias vívidas que a sua mãe inventava sobre sangue a pingar da lâmina.

Steve foi um dos poucos reencenadores no meu estudo a fazer investigação sobre os seus antepassados antes de entrar na recriação. Levou quase quatro anos a localizar a unidade, os registos militares e de pensão do seu bisavô. O seu bisavô, um soldado do Connecticut, tinha morrido em Gettysburg. Outro parente tinha recebido uma pensão por ter contraído "hemorroidas hemorrágicas" durante a guerra. Steve relatou a rir que ele era chamado de "velho Murphy do rabo ensanguentado". Murphy tinha estado de sentinela na Igreja de Hartwood, Virgínia. Coincidentemente, a atual unidade de recriação de Steve também esteve em Hartwood no inverno de 1862. E,

curiosamente, o empregador de Steve era proprietário da Plantação de Hartwood no mesmo local.

À medida que a memória da vida na Guerra Civil de Steve continuava, guiei-o para o evento significativo seguinte, no qual ele se encontrava numa campanha.

"É dia. Há folhas nas árvores. Está calor. Estamos a marchar pelas estradas. Sinto-me cansado e empoeirado. Estamos com os casacos vestidos. As estradas estão muito movimentadas, com muitos homens e movimento. Sinto-me inquieto porque algo está a acontecer.

"Há uma sensação de urgência", disse ele, "como se fôssemos necessários em algum lugar em breve. O ritmo é rápido, mas há muitas coisas à beira das estradas. Os homens montados — a cavalaria está a passar. Algo se passa lá à frente. Consigo senti-lo. Oiço o arrastar dos pés e as canecas a bater nos cantis enquanto os homens marcham. (Ele riu-se.) Um coelho assustado atravessou a estrada.

"Alguém está a chorar. Está sentado na beira da estrada. Acho que é um tamborileiro. Oh Deus, ele é tão novo! Talvez dez ou doze anos. Eu tenho vinte e dois. A maioria dos rapazes tem a mesma idade que eu; depois há um par de velhos ranhosos. Acho que o tamborileiro está a chorar porque não consegue acompanhar o ritmo. O tambor dele deve ser terrivelmente pesado.

"O cano do meu mosquete parece quente. Deve ser do sol a bater nele. Raios, está calor lá fora. Estivemos em Culpeper, Virgínia, há uns dias. Temos andado há vários dias. Acho que acampámos lá um dia ou dois. Estamos a afastar-nos de lá. Eles escaparam-nos. Estamos a perseguir o Johnny. Ele deve estar lá à frente. Estão a mover-nos terrivelmente depressa. Não tenho a certeza do que sinto em relação a isto. Suponho que temos de os apanhar nalgum momento."

A regressão de Steve fluiu como qualquer outra regressão que eu tivesse facilitado, evoluindo sequencialmente. A natureza inerente da experiência de regressão é que o participante não sabe o que irá acontecer de um momento para o outro. Este elemento do desconhecido é a razão pela qual Steve preferia manobras militares a recriar batalhas onde o resultado já estava pré-determinado há muito tempo. As manobras táticas exigem perícia e astúcia, e Steve achava-as mais realistas — não saber onde estava, para onde ia ou o que aconteceria a seguir. O elemento de confusão, de não saber se encontraria

amigo ou inimigo ou se poderia mudar o rumo das coisas, era um desafio para o Steve.

Depois, ele recordou um evento de recriação em Allentown, Pensilvânia, onde acampou numa igreja e fez exercícios ao amanhecer sob um nevoeiro tão espesso que não conseguia ver nada. Quando o nevoeiro levantou, a sua unidade descobriu que os Confederados se tinham infiltrado no forte com uniformes da União. Basicamente, o Sul tinha capturado o forte usando a astúcia. Este elemento imprevisível desencadeou as experiências de recriação mais emocionais de Steve. Ele acreditava que todos os reencenadores estavam a tentar aproximar-se o mais possível da essência do que as coisas eram na realidade. A imprevisibilidade é exatamente o que Steve estava a encontrar na sua aventura de vida passada.

"Estão a tirar-nos da estrada", continuou ele. "Algo vai acontecer. Querem que carreguemos os nossos mosquetes. Eu carrego-o. Estamos em linha. Há outro regimento ao nosso lado. Estamos a parar. Estamos bem fora da estrada agora e a alinhar as fileiras. '*Fix bayonets*' (Calar baionetas). Consigo ouvi-los a chegar — como banshees a gritar. Não gosto desse som. Nunca o ouvi assim. Estão a soar mais alto e mais perto. Parece haver muitos. Não consigo vê-los.

O meu estômago sente-se estranho. Tenho um nó no estômago." O seu corpo deu um solavanco visível no sofá. "Os pelos da parte de trás do meu pescoço estão em pé. É estranho. Consigo ver algum fumo, mas não ouvi o barulho durante um bocado. Talvez estejam a umas centenas de jardas de distância. Está a ficar mais alto."

Steve agora gritava ordens que seriam audíveis para as suas tropas.

"Mantenham o alinhamento! Mantenham o alinhamento! Em frente!

Não podemos perder o contacto com o outro regimento. Temos de nos manter alinhados com eles. Não consigo ver as cores (a bandeira). Saberei onde estou quando vir as cores. Estão para lá de uma colina. Não consigo ver o regimento todo. Estamos mais altos do que eles, mas há uma inclinação.

Estamos a parar. Estamos a preparar-nos para disparar. Tenho de carregar outra vez. Estamos a avançar. Estamos a ir em frente novamente. É mais difícil carregar enquanto se tenta avançar. Estou nervoso. Deus, estou nervoso. Não sei se estou excitado ou com medo. Estamos a parar outra vez. Consigo vê-los agora. Estão muito perto. Eles não podem ficar simplesmente aqui parados."

Agora, as ordens fluíam mais rapidamente.

"Vamos lá! Vamos lá! OK, aqui vamos nós. Muito bem. Estamos a disparar por filas. OK, recarregar. Calma.

Deus, não consigo ver nada. Há muito fumo. Não sei para que raio estou a disparar. Raios, deixei cair o meu cartucho. Tenho mais."

Steve repetia as ordens conforme as ouvia.

"Vamos, rapazes! *Cease fire!* (Cessar fogo!)

Estamos a mover-nos outra vez. Ainda há muito fumo. Está a começar a dissipar-se, mas não estamos a ser alvejados agora. Estamos a avançar. Ali estão eles. Estão a vê-los? Estão protegidos atrás de uma vedação ou de troncos. Eles têm alguns parapeitos (*breastworks*)."

Enquanto ele estava em hipnose, vi a expressão no rosto de Steve mudar para uma de apreensão e depois medo.

"Oh, não, eles querem que carreguemos contra os parapeitos. Estou morto de medo. O quê? Não. Isto é loucura. Eles fazem-nos tirar as escorvas das armas. Não querem que disparemos quando carregarmos. Querem gastar-nos. Eu não quero ir. Não me obriguem a ir."

Na sua vida desperta, Steve expressa desdém pelos reencenadores que não fazem o esforço extra para se manterem na personagem. Enquanto recria, ele não leva muita bagagem e sobrevive sem confortos materiais. Tinha descrito o seu "passatempo" apaixonado como uma vocação secundária, mas sob hipnose o que era uma vocação foi rapidamente transcendido para uma questão de vida ou morte. Isto era mais real do que qualquer recriação que Steve alguma vez tivesse experimentado. Apesar do seu medo, no entanto, ele seguiu as ordens e carregou contra os Confederados.

"Acabou", disse ele subitamente, de forma sombria. "Não sei o que aconteceu. Nós carregámos. Não estou com os outros. Eu não consegui. Alguns dos outros conseguiram. Estou no chão. Sinto-me entorpecido por todo o lado. Sinto-me fraco. Estou rebolado de costas. Tenho sede. Sinto como se estivesse a adormecer. Sinto-me cansado. Alguém me está a abanar. Estou a acordar lentamente."

Steve falava agora mais devagar e mais suavemente.

"Alguém me está a ajudar a levantar", disse ele. "Sinto-me tonto. A minha cabeça está dorida. A minha cabeça parece que está prestes a cair. O

Jim, o meu amigo, está a ajudar-me. Ele está a levar-me para trás. Há algumas árvores. Consigo ouvir tiros, mas não é por perto. Há homens debaixo da árvore. Alguns estão feridos. Outros estão apenas ofegantes e exaustos."

Steve riu-se com alívio.

"O Jim diz que tenho um galo na cabeça. Sem ferimentos graves. Sim — eu consegui! Ele está a dar-me um pouco de água. Acho que vou ficar bem. Tenho cabelo ruivo, não me barbeio há algum tempo e tenho um pouco de barba. Já tive melhor aspeto." Ele riu-se outra vez. "Perdi o meu chapéu. O Jim certificou-se de que eu ainda tinha a minha arma. A minha caneca está toda amolgada — acho que caí em cima dela."

Ao contrário da sua vida passada, Steve tinha cabelo castanho médio e bigode. Tinha cerca de um metro e oitenta e exibia um toque de timidez. Colegas reencenadores diziam que ele se assemelhava ao Major-General britânico Prettyman, que serviu como governador militar na África do Sul por volta de 1880.

A regressão de Steve continuou. Agora, ele estava mais preocupado com a forma como se sentia e com o que lhe aconteceria a seguir.

"Querem levar-nos para outro lugar, os que conseguem andar. Eu consigo andar bem agora. Se nos vão dar de comer, podem ter a certeza. Eu vou. Acho que é um oficial que nos está a liderar. Não creio que ele seja do nosso regimento. Não sei onde está o resto do meu regimento. Estão aqui alguns dos meus homens. O Jim está aqui. Querem levar-nos para a retaguarda para nos alimentarem e nos organizarem."

Observei que Steve tinha aguentado bem o seu primeiro ferimento e estava de bom humor.

"Estou a andar bem agora, mas a minha cabeça ainda dói. Está a ficar escuro. Ainda há coisas a acontecer a cerca de uma milha de distância. Desde que seja lá e não aqui. Encontraram o nosso regimento. O Jim e eu temos de nos apresentar nas nossas novas posições. Estou feliz por estar vivo." Ele suspirou de alívio. "Os homens parecem não estar muito piores por causa do desgaste. Há algumas pessoas desaparecidas, mas não parece que tenhamos sofrido muito."

O elemento esquivo de autenticidade que Steve tinha procurado estava ali mesmo — o patos, o medo, o companheirismo, a dor. O que ele estivera a tentar recriar na recriação histórica — as experiências do soldado comum —

estava a desenrolar-se na regressão. Estas memórias alimentaram um nível de apreciação ainda maior pelos soldados da Guerra Civil por parte de Steve.

Agora, Steve encontrava-se em marcha.

"Estamos a mover-nos outra vez. Sinto-me bem. Preferia estar a fazer outra coisa — quase qualquer outra coisa. Meu Deus, consigo ver a nossa coluna. É muito, muito longa — talvez o corpo de exército inteiro. Não sei quem está no comando. Temos estado em movimento. É como se estivéssemos a serpentear por uma estrada de montanha. Consigo olhar para trás e ver a coluna. Acho que estamos em Maryland — acabámos de atravessar o Potomac. A última batalha foi vários dias antes de atravessarmos o rio.

Tenho um chapéu preto novo — ainda está rígido. Vou ter de o amaciar. Consigo ouvir a artilharia, longe, a ecoar nas montanhas. Preciso mesmo de um banho. O último foi quando atravessámos o rio — há dois dias. Até onde consigo ver, à minha frente e atrás de mim, há uma coluna de homens. Os chapéus são todos diferentes. Há alguns uniformes diferentes." Ele riu-se com vontade. "Um tipo tem as polainas ao contrário. Deve ser um 'peixe fresco' (*fresh fish*). Onde é que eles encontram estas pessoas?"

Nesta vida, Steve entesourava os seus uniformes da Guerra Civil. Ele comprou a maior parte do equipamento para o seu primeiro uniforme antes de se tornar um reencenador. O seu primeiro uniforme foi o mais tradicional da União. Na altura desta investigação, Steve estava a fazer recriação como um Zuoavo, usando uma jaqueta azul com vivos vermelhos, calças vermelhas largas (*pantaloons*), polainas brancas e um turbante branco com uma borla dourada (ver página 5 da secção de fotos). Ele gostava da impressão exótica. Steve disse que simplesmente não conseguia deitar fora uma peça do seu uniforme, mesmo quando estava toda esfarrapada, porque estava demasiado apegado a ela.

O foco de Steve mudou agora dos uniformes para uma pausa de descanso.

"Estamos a parar. Acho que nos vão acampar aqui. Sabe bem sentar. Os meus pés doem sempre. Não creio que vamos parar tempo suficiente para cozinhar. Estão apenas a dar-nos um descanso. Estou com fome, no entanto. Talvez possa comer algumas bolachas. Antes isso que nada. Que nojo. A minha água está morna."

Steve tinha razão. Em breve, estava de volta ao pé.

"OK, muito bem. Estamos de volta à estrada. Deus, sinto-me tão rígido quando me levanto. Vejo estrelas. Estão a fazer-nos marchar à noite. Vejo fogueiras ao longe. Parecem pirilampos. Talvez o resto do exército esteja lá à frente. Devemos chegar lá em breve. Vão deixar-nos descansar aqui. Vamos passar a noite. Não dormimos muito — duas horas aqui e ali."

A noite de Steve passou em apenas instantes.

"É manhã", disse ele lentamente. "Há milho nos campos. Está alto. Estamos a marchar através dele. Passaram três ou quatro dias ou mais desde que atravessámos o Potomac. O milho está quase maduro. Pus algumas espigas no meu bornal. Vou assá-las esta noite. Parece-me muito bem — a primeira comida fresca em muito tempo. Os rapazes estão a divertir-se imenso a tirar o milho. A marcha abrandou. Não estamos a marchar agora. Estamos em linha de batalha. Estamos a atravessar o milho em linha de batalha."

Periodicamente, os homens falavam sobre comida ou a falta dela. Steve estava encantado por ter tropeçado no que planeava ser um banquete. Rapidamente, a sua atenção voltou-se para o que o rodeava.

"Não se vê nada de jeito — só consegues ver de relance o tipo ao teu lado. É muito confuso, muito estranho. Não quero ir mais longe. Eles querem que continuemos a mover-nos. Isto é loucura. Não consigo ver nada. Ai! Torci o tornozelo. O terreno é acidentado. Há pedras no campo. Dei um pontapé numa.

Oiço ruídos. Alguém mais está no milho. Não sei quem. Oiço pessoas a andar. Consigo ouvir as folhas do milho. Estão a vir na nossa direção. Acho que o regimento inteiro está aqui dentro. Não consigo dizer. Não consigo ver mais do que algumas pessoas de onde estou. Consigo ouvi-los, mas não consigo vê-los."

Subitamente, o que parecia uma brincadeira pelos campos tornou-se assustador. Steve retesou-se.

"Estão a disparar lá mais à frente na linha. Para que é que estão a disparar? Não consigo ver nada."

Steve começou a falar num sussurro para os outros à sua volta. "Acho que ele está lá fora. Eu sei que ele está lá fora. Sim, o Johnny está ali. Ele está a vir na minha direção, mas acho que não me vê."

Ele começou agora a ouvir e a transmitir ordens num sussurro audível.

"O que foi aquilo? Acho que o vejo.

Qual é o comando? De joelhos. No chão. No chão. Todos no chão.

Primeira fileira. Prontos. Levantar. Fogo.

Carregar. De joelhos. Segunda fileira — levantar. Fogo.

De joelhos. Primeira fileira — estão carregados? Prontos? Levantar. Fogo. De joelhos."

Steve tentava manter a calma, mas eu detetava agora pânico na sua voz.

"Não sei o que está a acontecer. Eles não se mexem.

Mantenham a vossa posição.

Raios — que confusão! Que pena — destruir este milho todo. Está a ficar todo desfeito — baleado e espezinhado.

Vamos mover-nos outra vez. Baionetas. Calar baionetas. *Right shoulder shift*. Em frente."

Fiquei espantada. Provavelmente durante dez minutos, Steve esteve a transmitir ordens. Nunca saiu da personagem nem se afastou do seu papel de cabo. Steve, que achava os campos de trigo em Gettysburg particularmente emocionantes, estava agora a debater-se com as dificuldades no campo de milho. Depois, as ordens pararam.

"Estou a afundar-me. Acho que fui atingido. Estranho — é como se eu estivesse lá, mas não estivesse lá. Não consigo levantar-me. Estou a tentar. Acho que é a sério desta vez. Acho que fui mesmo atingido. Fui atingido no peito. Parece que alguém está sentado em cima do meu peito. Arde muito. Arde mesmo muito."

A respiração de Steve tornou-se trabalhosa neste ponto. Prestei muita atenção.

"Sinto-me fraco, muito cansado. Quero dormir. Não me posso deixar dormir — não me vou levantar. Não me deixem dormir."

Steve estava agora a respirar fundo, ofegante. "Sinto-me cansado e não consigo ver nada. Estou a tentar recuperar o fôlego. Sei que não vou conseguir. Sinto a vida a esvair-se de mim."

Steve começou agora a parecer calmo e a falar suavemente como se se estivesse a afastar.

"Quero dormir. Já não tenho medo. Não sei porquê. Sinto-me muito leve — apenas branco — como uma luz a vir para mim. Se eu conseguir alcançá-la — quase consigo tocá-la — tudo ficará bem se eu conseguir chegar à luz. Não há dor. Sinto-me apenas melhor."

O que ele descreveu a seguir pareceu confuso ao início.

"Estou feliz, porque estou em casa. A Mamã está ali. A Mamã fez-me uma tarte de maçã. Eu adoro tarte de maçã. Está tudo bem agora. Estou de volta. Mamã. Vejo o chão da nossa casa. Estou a mover-me. Estou a baloiçar na cadeira de baloiço da Mamã junto ao fogo. Sinto-me muito bem. Apenas sentado na cadeira de baloiço junto ao fogo. Posso ficar aqui? Quero ficar com a minha mamã um bocado."

O que significava isto? Teria Steve sido apenas ferido e enviado para casa em licença? Ao longo de várias regressões de reencenadores, descobri que quando os homens eram feridos, muitas vezes pensavam que estavam a morrer. Por vezes descreviam os mesmos elementos que aqueles que relataram "experiências de quase-morte" (EQM). Estaria Steve agora morto e a fazer uma visita à sua mãe?

Após o falecimento de alguém que amam, as pessoas afirmam frequentemente que foram visitadas pelos seus entes queridos falecidos — muitas vezes antes de serem informadas da morte. Poderia ser que fosse assim que ele imaginava o encontro com a sua mãe na vida após a morte? Investigadores de EQM encontraram tais exemplos de encontros entre amigos e familiares.

Enquanto eu ainda ponderava as possibilidades, Steve lançou-me outra surpresa.

"Sinto que estou a ser puxado para dentro", disse ele, "como se estivesse a ser puxado para dentro. Não sei." Ele suspirou. "Estou a respirar. Estou a acordar. É estranho."

Steve parecia intrigado enquanto tocava no seu corpo e no seu cabelo. "É difícil de descrever — parece que estou parte aqui e parte noutro lugar. Não sei onde é 'aqui', mas sinto que me é familiar. Não sei o que é 'lá'; é como se, onde quer que fosse, tivesse deixado uma parte de mim lá. Sinto que se é feliz aqui e não quero ir embora. Como talvez onde a luz estava."

Neste ponto, eu estava perplexa. Senti que o Steve não achava que estava a acordar depois da batalha ou a descansar em casa da mãe. "O teu nome ainda é William?", perguntei. Sustive a respiração e esperei pela sua resposta.

"Acho que não. É Daniel Haynes. Estou em casa." Estávamos claramente fora da vida na Guerra Civil. Embora estivesse fascinada por saber mais sobre Daniel Haynes, que presumi ser um bebé, Steve estava em hipnose há horas. Relutantemente, trouxe-o de volta à nossa realidade do século XX. Quando ele abriu os olhos, ambos abanámos as cabeças com espanto.

Embora tivesse sido criado como católico, ele estava aberto às possibilidades de renascimento. Steve acreditava na imortalidade da alma. Sentia que, como almas, passamos por muitos estágios de evolução e desenvolvimento antes de nos "reformarmos".

Durante a adolescência, Steve teve uma experiência paranormal. O seu jovem amigo, Ernie, que meditava e praticava ioga durante horas a fio, tinha dito a Steve que estava a desenvolver as suas competências de projeção astral. Um dia, Ernie veio visitá-lo. Estavam a ver *Perdidos no Espaço* na televisão e a conversar. Durante a visita, a mãe de Steve entrou na sala e perguntou a Steve porque é que ele estava a falar sozinho. Não estava lá mais ninguém.

A cena de morte que Steve descreveu durante a sua regressão partilhava aspetos comuns com as cenas de morte de outros reencenadores. No seu conjunto, elas encaixam no cenário das EQM conforme descrito na investigação de Raymond Moody, M.D.[96] Steve foi um dos seis reencenadores que descreveram as suas mortes como soldados.

Tal como Steve, quatro outros sentiram dor e depois sentiram-na partir; dois outros sentiram sono; três outros viram ou luz ou escuridão; e um outro viu amigos ou família. Embora Steve não tenha descrito voluntariamente a visualização do seu corpo, como a maioria dos outros fez, não lhe perguntei sobre isso, uma vez que ele já se tinha afastado do campo de batalha para a cadeira de baloiço da sua mamã, talvez transitando para a sua experiência de vida após a morte.

Curiosamente, quando os meus sujeitos, enquanto soldados, eram feridos, as suas provações tinham algumas das mesmas características que as experiências de morte. Dos quatro que foram feridos e não morreram, todos os quatro sentiram dor; um deles perguntou-se então porque é que a dor tinha diminuído. Dois expressaram o medo de poderem estar a morrer; três quiseram descansar; e três viram luz, escuridão, ou ambas.

Cinco dos seis reencenadores que morreram em batalha estavam muito interessados na Guerra Civil quando eram jovens. Pelo menos três deles brincavam aos soldados da Guerra Civil. O conhecido investigador de vidas passadas, Ian Stevenson, teve casos de crianças que reviveram em brincadeiras a forma como a personalidade anterior morreu. Algumas brincavam ao afogamento, outras ao enforcamento.[97]

As cenas de morte de Steve e dos outros homens poderiam ter deixado marcas psicológicas nas suas vidas atuais. A maioria dos terapeutas de vidas passadas concorda que a morte é o grande trauma não resolvido.[98] Os assuntos pendentes que deixamos na morte — sejam físicos, mentais ou emocionais — são transportados para a vida seguinte para serem revividos ou resolvidos. Poderia esta ser uma das principais razões para o fascínio dos reencenadores pela Guerra Civil? No fundo das suas almas, estariam eles realmente a procurar resolver assuntos pendentes das suas vidas na década de 1860?

No que diz respeito à experiência da alma, as mortes em guerra são particularmente traumáticas. Investigadores de vidas passadas falam de soldados que continuam a lutar depois de terem morrido.[99] Alguns, particularmente aqueles com mortes violentas, podem permanecer nas proximidades do local da morte.[100] Com toda a carnificina nos campos de batalha da Guerra Civil, alguns soldados do século XIX poderiam ainda estar a guarnecer os seus postos.

Edgar Cayce e outros demonstraram preocupação com as crianças da guerra que, atordoadas pelas suas mortes violentas, vagueavam pelos planos astrais inferiores e regressavam à Terra demasiado depressa.

Na sua experiência de regressão a vidas passadas, Steve pareceu regressar quase imediatamente. Ele recorda-se, no entanto, de experienciar a luz, o que pode sugerir que passou por arenas mais celestiais pelo meio. Steve passou algum tempo a visitar a sua mãe antes de seguir em frente.

Para além da aparente credibilidade da cena da morte de Steve, as suas experiências também foram confirmadas historicamente. Steve descreveu a sua unidade a ser atacada de surpresa. A *Iron Brigade* (Brigada de Ferro) foi atacada de surpresa na Segunda Batalha de Manassas, entre 28 e 30 de agosto de 1862.

O 24.º Regimento de Infantaria de Voluntários do Michigan juntou-se à Brigada de Ferro um mês depois de Antietam, embora o 4.º do Michigan não o tenha feito. No entanto, o 24.º do Michigan esteve envolvido na Batalha de

Brawner's Farm, a 28 de agosto de 1862. O 4.º do Michigan esteve envolvido em Manassas, embora não em Brawner's Farm. A Brigada de Ferro atravessou depois o rio e seguiu para a campanha de Maryland.[101]

Como Cabo Snyder, Steve disse que era da Carolina do Norte. Embora pudesse parecer estranho que um sulista estivesse numa unidade do Michigan, o General Gibbon, comandante da Brigada de Ferro, também era da Carolina do Norte.

Apesar de Steve o ter temido e de ter ficado chocado com isso, a sua companhia recebeu ordens para avançar contra os parapeitos (*breastworks*) com as armas sem escorvas (*not capped*). Eram necessárias cápsulas de percussão para serem colocadas nos ouvidos dos mosquetes para que as armas pudessem disparar. O historiador Brian Pohanka confirma que esta era uma prática comum quando os oficiais não queriam que os seus homens parassem para disparar, mas sim que continuassem a avançar rapidamente, reduzindo assim as baixas e utilizando as suas baionetas.

Steve viu um recruta a calçar as polainas ao contrário e, no início da guerra, era comum a Brigada de Ferro usar polainas, embora muitas outras unidades não as usassem.

Os eventos na regressão de Steve seguem a cronologia histórica. A Segunda Batalha de Manassas ocorreu de 28 a 30 de agosto de 1862. A marcha na montanha (a longa coluna serpenteando por Maryland depois de ter atravessado o Potomac vários dias antes) foi provavelmente a marcha através de South Mountain, Maryland. Isso poderia ter sido tempo suficiente para colocar o Cabo Snyder no campo de milho de Miller na Batalha de Antietam, a 17 de setembro de 1862. O milho estaria maduro na altura. Esta foi também a batalha mais sangrenta da guerra até à data.

Não só os detalhes na regressão de Steve pareciam historicamente corretos, como também a pessoa de quem se recordou sob hipnose. Num cemitério da Guerra Civil em Antietam, encontrei as lápides de dois soldados da União cujos nomes, unidades e histórias de vida podem ser correspondências próximas. Edwin R. Snyder, Companhia D, 3.º de Infantaria de Voluntários do Wisconsin, foi mortalmente ferido em ação em Antietam. De acordo com os seus registos militares, era um sargento de vinte e um anos. William Snyder, Companhia D, 97.º de Infantaria de Voluntários de Nova Iorque, também foi uma baixa de Antietam. Morreu pouco depois da batalha no Hospital de Smoketown, perto do campo de batalha. O 97.º de Nova Iorque pertencia ao Primeiro Corpo, o mesmo corpo da Brigada de Ferro.

Os registos militares e de pensões dos Arquivos Nacionais revelaram alguma correlação com outros dois soldados. O soldado William H. Snyder, de vinte e um anos, Companhia G, 2.º de Infantaria de Voluntários do Michigan, foi morto em ação perto de Petersburg, Virgínia, a 18 de junho de 1864. Embora o nome e a unidade fossem uma correspondência muito boa, tínhamos identificado a última batalha de Snyder como Antietam.

É possível, no entanto, que Snyder tenha morrido num campo de milho que não o de Antietam. Era raro um soldado saber a sua localização exata. Outra boa correspondência de unidade era Harrison Sneider, Companhia F, 3.º de Infantaria de Voluntários do Michigan. Embora tenha feito serviço de sentinela, a semelhança termina aí. Harrison esteve doente no hospital, foi prisioneiro de guerra e depois foi retirado das listas, possivelmente por deserção.

Fiquei grata por não haver demasiadas grafias para Snyder enquanto pedia os registos de pensões da União nos Arquivos Nacionais. Os investigadores têm de esperar duas horas após pedirem os registos e só lhes é permitido consultar três processos por hora. Fiquei entusiasmada com as possíveis correspondências.

Além disso, era perseguida pelas visões de Steve a colher milho entusiasticamente para uma refeição noturna que nunca chegaria a ter, a afundar-se no chão enquanto sussurrava ordens de batalha e a ver a sua reação de choque ao encontrar-se noutro corpo após deixar o campo de batalha para trás.

7

Alan: Sorte de Principiante

Havia algo que fazia Alan McBride destacar-se de todos os outros reencenadores que participaram no meu estudo. Eu não conseguia compreender bem a razão. Por um lado, ele dava respostas curtas e concisas na entrevista pré-regressão, em comparação com a maioria dos outros reencenadores, que pareciam entrar num ritmo e depois falar sem parar sobre a Guerra Civil.

Alan era um dos reencenadores mais jovens do meu estudo. Tinha vinte e nove anos na altura da regressão. Os outros tinham idades compreendidas entre os vinte e sete e os cinquenta e um anos, sendo a média de quarenta

anos. Alan era, de longe, o reencenador novato. Nesta altura, fazia recriação há cerca de dois anos e meio. Os reencenadores seguintes com menos experiência tinham entre seis e sete anos de prática, e o restante grupo tinha entre vinte e dois e trinta e dois anos de experiência. Isto perfaz um investimento de vida superior a 167 anos entre doze pessoas, ou uma média de catorze anos por pessoa.

Alan era casado e, na altura da regressão, o casal esperava o seu primeiro bebé para dali a cerca de quatro meses. Três dos reencenadores eram casados, um era divorciado e os restantes eram solteiros. Alan disse-me que a sua esposa apoiava muito a sua atividade de recriação. Embora alguns reencenadores fiquem tão consumidos pela recriação que isso pode criar tensão nas suas relações, ela não se importava com o tempo que Alan dedicava ao "passatempo". Embora nunca tivesse tido interesse em "vestir-se com trajes da época" e acampar com a unidade como algumas outras esposas e namoradas, ela assistia à unidade de Alan em desfiles locais e recriações e ajudava conforme necessário.

Ao contrário da maioria dos outros sujeitos, Alan não acreditava ter quaisquer antepassados na Guerra Civil e nunca tinha feito qualquer investigação. Além disso, admitiu livremente durante a sua entrevista pré-hipnose que nem sequer sabia muito sobre a história da Guerra Civil. Não tinha lido muito sobre o assunto. O foco de Alan tinha sido o historial da sua unidade e a sua especialidade particular era a instrução de baioneta. Ele destacava-se nisto, no Manejo de Armas e em todas as nuances da instrução militar do século XIX.

Ao contrário de alguns outros, Alan não se sentia particularmente confortável a fazer interpretação histórica com diálogo na primeira pessoa. Dizia que era necessária uma quantidade incrível de conhecimento para o fazer corretamente. Outra diferença entre Alan e a maioria dos outros era que ele não participou no filme *Gettysburg*.

Outra distinção era que Alan, um especialista em informática, era um dos poucos reencenadores no meu estudo que já tinha sido hipnotizado anteriormente. A frequentar o curso de contabilidade quando a sua regressão foi feita, Alan recordava-se de ter sido hipnotizado uma vez numa aula de psicologia. Disse-me que achava que não tinha sido hipnotizado porque não tinha estado em transe. Disse que não tinha sido capaz de sentir, ouvir ou ver nada de invulgar. Na verdade, ainda conseguia ouvir o que se passava na sala. A sua alma não abandonou o seu corpo e ele não conseguia ver-se na cadeira.

Descreveu uma onda de relaxamento a percorrer o seu corpo. Depois, afundou-se num relaxamento mais profundo e permaneceu assim até ao fim da noite.

O que o Alan relatou foi exatamente a sensação que a hipnose deve ter. Quase toda a gente se sente da mesma forma que o Alan sentiu. Antes de cada sessão com um novo cliente, explico as realidades e os conceitos errados sobre a hipnose, e o que o cliente deve e não deve esperar. Inevitavelmente, os clientes continuarão a dizer que não foram hipnotizados, mesmo que tenham estado "sob efeito" durante horas.

Quando dou palestras sobre hipnose, às vezes levo uma t-shirt e mostro-a ao grupo. Ilustra um cliente elevado cerca de trinta centímetros acima do sofá. A legenda diz algo como: "Mas eu não fui hipnotizado. Ouvi tudo o que disse."

Para que fique registado, os clientes estão no controlo durante a hipnose e muitas vezes estão conscientes do que os rodeia. Na verdade, os seus sentidos estão geralmente aguçados no processo de hipnose. É realmente apenas uma mudança de consciência, muito semelhante a um estado meditativo. A única diferença é que o subconsciente é guiado numa direção terapêutica.

Ansiosa por prosseguir com a regressão hipnótica de Alan, iniciei um processo de visualização e contagem decrescente. Alan entrou rapidamente num estado hipnótico relaxado. Os seus olhos começaram a tremer, o que é o sinal de entrada num estado alterado, e os seus olhos continuaram a tremer durante toda a regressão. Respondendo rapidamente às minhas perguntas, encontrou-se no exterior com outros. Calçava sapatos pretos.

"Um homem está encostado a uma parede ou árvore", disse ele. "Veste calças, jaqueta e chapéu cinzentos com vivos amarelos. Calça sapatos pretos. Tem cabelo curto louro ou ruivo e um bigode mais escuro. É jovem, na casa dos trinta anos. É alto, esguio, limpo. O seu uniforme parece novo, mas os sapatos não. Não o conheço.

Está numa área gramada inclinada. Outros estão deitados numa área pequena e plana sem árvores. A relva é curta. O sol brilha, mas não está a pino. É tarde. Está calor, seco.

Todos os outros estão deitados na terra sem se mexerem. Vestem calças sujas e camisas brancas abertas, e não usam chapéus, casacos, nem carregam nada. Parecem todos iguais. Estão com calor. Não há tendas.

O primeiro homem é o único com uniforme. Alguns outros, de pé ao lado dele, também estão vestidos de cinzento com vivos amarelos. Uma nova pessoa tem cabelo castanho escuro ou preto, barba e o mesmo chapéu cinzento. O primeiro homem está a observar os homens no chão. Tem um mosquete."

Ironicamente Alan, atualmente um perfeccionista com a apresentação do uniforme, encontrou-se no meio de um grupo de homens desalinhados. Mesmo num dia quente, quando imaginava que os soldados da Guerra Civil teriam tirado as suas jaquetas, ele preferia manter o seu casaco completamente abotoado. Mantinha os seus metais polidos e os sapatos engraxados. Alan gostava de ter um aspeto cuidado na moda militar porque as pessoas notam, e isso demonstrava disciplina. Usava o cabelo curto, tinha boa postura e queria que a sua apresentação e a sua marcha estivessem corretas. Como reencenador, sentia que o seu objetivo era ser o melhor soldado do seu regimento. Na sua regressão, Alan achou que os padrões e o moral não correspondiam às suas expetativas atuais.

"Homens estão a marchar em colunas longas e estreitas sem armas", continuou ele. "Não carregam nada. São como os tipos que estão deitados — desalinhados, sem uniformes, nada de distintivo ou organizado. Não são os uniformes cinzentos e amarelos.

Estão a caminhar da minha esquerda para a minha direita, como se estivessem a passar por mim. Não param à minha frente e não consigo ver a frente da coluna à direita. Estão a passar por um portão aberto. As paredes do recinto são altas e de creosoto castanho escuro. Postes poeirentos parecem postes de telefone. O lugar é aberto e amplo.

O chão está poeirento. O pó é espesso e está a criar uma nuvem de poeira. Estou a vários metros de distância, por isso não estou na nuvem de poeira. Sem relva. Muito seco. Não há nada ali. É aberto. Há arame. Antes tinha tido a impressão de que havia postes e espaços de vários metros entre os postes. Mas aqui não. Isto é uma muralha."

Pela descrição de Alan, pareceu-me que se tratava provavelmente de um campo de prisioneiros de guerra e que ele era um guarda. Alan levaria mais alguns minutos a chegar às mesmas conclusões.

"Os homens continuam deitados. Estou perto de um poste. O primeiro homem que vi estava junto a um poste. Quando os homens estavam a entrar a marchar, vi-os da minha perspetiva. Vários homens estão a olhar diretamente

para mim. São hostis. Estão a vários metros de distância e imóveis. Acho que não gostam de mim, mas não vêm na minha direção. Não lhes fiz nada. Não parecem ter qualquer patente. Realmente não estão fardados.

Sinto que estou vestido de cinzento. Acho que sou um guarda e isto é um campo de prisioneiros de guerra. Sinto-me mais confortável do que eles parecem estar. Estou sempre perto da muralha ou do poste e eles estão deitados ou parados na terra a vários metros de distância."

Alan mexeu-se desconfortavelmente no sofá. Disse que estava a sentir a hostilidade. Outras vezes, tinha visões rápidas, impressões ou instantâneos que nem sempre estavam ligados. Não era um filme contínuo como a maioria dos outros tinha experienciado.

"Ninguém se destaca — é apenas um grupo. Vejo mais rostos, agora que se levantam. Quando estão deitados, deitam-se de lado e não consigo ver-lhes os rostos. Um homem é careca no topo, barbeado, não é alto. Está no centro do grupo. A jaqueta deste tipo é tão escura que parece preta. Eles usam casacos mais escuros do que as calças, camisas escuras ou brancas. Estão todos desalinhados, baços, sujos. Isto pode ser na Virgínia ou na Carolina do Norte."

Portanto, parece que Alan estava num campo de prisioneiros e não se tinha encontrado numa batalha. Curiosamente, ele, tal como Steve, disse que preferia exercícios militares a recriar batalhas porque o resultado não estava determinado. Nos exercícios, as tropas recebem cenários e têm liberdade para decidir que táticas usar para vencer. Os juízes decidem que lado tem a vantagem.

Também me ocorreu que, ao contrário de alguns dos outros reencenadores, Alan nunca teve uma experiência de *déjà vu*. Disse também que se sentia de forma diferente em relação à recriação do que os outros na sua unidade. Nunca teve a carga emocional que muitos reencenadores expressam. Nunca lhe tinha trazido lágrimas aos olhos. Pensava que talvez um dia tivesse uma experiência espiritual como a deles — talvez simplesmente não estivesse no "passatempo" há tempo suficiente.

Sentia-se como se estivesse a perder algo. Nos eventos e cerimónias da Guerra Civil, Alan sentia apenas um respeito silencioso. Sempre consciente do presente, nunca se sentiu totalmente puxado de volta ao passado. Será possível que as suas emoções estivessem sufocadas ou fossem de algum modo

diferentes num campo de prisioneiros do que teriam sido no campo de batalha?

"Está escuro", dizia ele. "Estou a respirar com dificuldade. (Alan estava agora a respirar pesadamente.) Dói quando respiro. O meu estômago dói — entre o peito e o estômago. Duas pessoas estão comigo. Estou junto a um poste. O tipo de cabelo escuro está ao meu lado direito. Estou deitado. Somos apenas nós os três. Estão a falar comigo, mas não sei o que dizem. (Parecia que o Alan estava a estertorar.) Vejo-os do peito para cima. Estão ao meu lado." (A sua respiração acalmou agora.)

"Já não está escuro. O meu amigo continua comigo. Parecia preocupado comigo. Está claro — não brilhante. Estou a respirar melhor. Já não estou ofegante agora. Há apenas um aperto, uma dor persistente. Sinto-me bem."

Algo tinha acontecido ao Alan. Parecia algo semelhante a uma experiência de quase-morte. Por esta altura, eu estava a monitorizá-lo cuidadosamente. Quando ele começou a ter dificuldade em respirar e sentiu uma dor entre o peito e o estômago, recordei que, nesta vida, o Alan tem asma. Na minha terapia de regressão, tenho descoberto frequentemente que uma maleita física nesta vida corresponde a um ferimento ou trauma noutra vida.

"Estou lá dentro agora", continuou ele. "Fui espetado com um pau." Ele encolheu-se. "O meu amigo está a perguntar-me quem foi. Acho que foi o tipo careca. Não lhe fiz nada, mas ele continua hostil. Está deitado com os outros, que estão deitados em fileiras. Só vejo camisas brancas — nada de pernas, braços, cabeças ou pés. Só consigo ver uma parede. Estou deitado de forma plana."

Na regressão, o Alan tinha mencionado o seu amigo. Na recriação, a camaradagem é uma das razões pelas quais o Alan gosta do "passatempo". Sente-se particularmente ligado a cerca de cinco homens na sua unidade e sente uma irmandade com os restantes. Foi introduzido na recriação por um colega de trabalho, que tinha despertado o seu interesse com aventuras da Guerra Civil. Voltando à regressão, a coisa seguinte de que o Alan se recordou foi que o seu amigo já não estava ao seu lado.

"O meu amigo não está ali agora. Um homem mais velho com uma camisa branca e sem chapéu está de pé à minha direita. Está a fazer algo ao meu estômago. Não parece estar com pressa, apenas ocupado. Sinto como se estivesse a puxar e a dar esticões — a minha pele parece apertada. O médico

termina, vira-se e vai-se embora. Olhou-me diretamente nos olhos e não disse uma palavra."

Até este ponto da sua regressão, não houve conversa entre o Alan e as pessoas que estava a vivenciar. Embora sentisse sensações vívidas, como desconforto e dor, disse que havia sempre um silêncio.

"Há apenas uma janela pequena, lá no alto. É dia, mas está nublado. Está claro na sala. Sinto que tinha uma jaqueta escura vestida depois de o médico se ter virado e ido embora. Sinto que o meu amigo veste cinzento e amarelo."

Esta foi uma peça de informação nova e surpreendente para ambos. Usar uma jaqueta escura significava que o Alan era provavelmente um prisioneiro Yankee, e afinal não um guarda.

"A multidão não está zangada comigo, eles estão apenas zangados", continuou ele. "Têm fome. Querem ir para casa. Estão muito longe de casa. Eu sou de uma cidade rural que é verde e tem muitas árvores.

Estou no hospital — não é bem um hospital, apenas uma sala grande. Três homens em uniformes azuis desbotados, com calças azul-claro e jaquetas azul-escuro, estão parados à porta. O que está no centro e que é maior do que os outros tem um *forage cap*. Usa-o puxado para a frente."

Do seu leito, Alan conseguia ver um pouco do céu.

"A porta dá para o exterior. É dia. Está claro, mas o céu está nublado. É branco, no entanto, não é de tempestade. Estou recostado, não deitado de forma plana. Está calor."

Ainda a ponderar sobre esta última informação de Alan se ter lembrado de usar um uniforme *Yankee* na sua regressão, recordei que, embora Alan tivesse passado os seus anos de formação no Kentucky, a sua atividade como reencenador estava claramente alinhada com o Norte por razões ideológicas. Em contraste, a lealdade atual da maioria dos outros reencenadores ao Norte ou ao Sul estava em conformidade com a sua educação geográfica ou influência familiar. Vários reencenadores já fizeram recriação em ambos os lados e até mudaram de unidade. Mas Alan não tinha qualquer intenção de mudar a sua unidade.

Ainda assim, com a guerra terminada, admitiu durante a sua entrevista pré-regressão que não sabia que lado teria escolhido em 1861, quer tivesse vivido no Norte ou no Sul. Reconheceu que, na altura da regressão, era uma pessoa diferente, com experiências de vida diferentes das que as pessoas

tinham no século XIX, e que não estava preparado para fazer quaisquer julgamentos.

Alan via agora os reencenadores Confederados a levar tudo de forma mais pessoal — incluindo vencer nas manobras táticas — e disse que havia cerca de dois reencenadores Confederados para cada reencenador da União. Enquanto eu ainda integrava a atividade de recriação de Alan com a regressão que ele estava a experienciar, as palavras seguintes de Alan trouxeram-me de volta à vida que ele vivia sob regressão.

"Agora estou de pé", disse o Alan. "Estou a sair do edifício. Sinto que estou a usar azul. Os outros três homens de azul estão à porta: um mesmo à saída, o homem grande no limiar da porta e um lá dentro. Parecem amigáveis.

Estou com uma multidão de pessoas. Sinto-me feliz, confortável. Estão a circular num grupo — não apenas porque eu estou ali. A reunião não parece ter um propósito. É dia. Estamos lá fora. O chão é de terra. Não me sinto familiar para ninguém. Não estão a falar comigo nem a prestar atenção."

Perguntei-me se o Alan se teria voluntariado para ajudar os guardas prisionais Confederados. Poderia ter sido por isso que foi esfaqueado? Na recriação histórica, ele voluntariava-se para tarefas que consumiam muito tempo e não se escondia durante as batalhas, tentando, pelo contrário, estar na linha da frente. Entretanto, de volta ao campo de prisioneiros, parecia que o Alan e os outros estavam a ser libertados. Supondo que a guerra estaria a chegar ao fim, perguntei ao Alan o seu nome e unidade.

"Stephen Wright ou White, Companhia D, 42.º da Pensilvânia", respondeu ele. Depois recordou a sua liberdade condicional (*parole*).

"Uma mulher está a abraçar-me. Sou quase uma cabeça mais alto, embora tenha apenas estatura média com cabelo castanho. Ela é uma figura maternal; é entroncada. Estamos a abraçar-nos lá fora, no alpendre. A casa branca de dois andares tem um alpendre que percorre todo o comprimento da casa. Há muitas árvores. Há um pequeno cão castanho e uma menina pequena de branco no alpendre.

A mulher e eu estamos agora na cozinha. Ela está a chorar e muito triste. Está a dizer-me que o meu pai morreu."

Alan tinha passado pela sua própria experiência de guerra apenas para chegar a casa e descobrir que o seu pai tinha morrido. Supondo que o seu pai tinha morrido na guerra, a sua família tinha pago um preço elevado. No século

XX, Alan acreditava que a guerra era feia e esperava que não tivéssemos mais guerras. Disse que faz recriação para lembrar às pessoas quão feia a guerra pode ser. Nas batalhas de recriação, aqueles que se determinam previamente como baixas ou que ficam sem munições acabam como corpos espalhados por todo o campo de batalha. Disse que o número de baixas, mesmo nos eventos maiores com 6.000 a 8.000 reencenadores, empalidece em comparação com as baixas reais durante a Guerra Civil.

Mas Alan, que amava a história desde que era um rapaz na escola, continuava otimista quanto à natureza humana. Embora acreditasse na possibilidade da reencarnação, focava-se mais na vida após a morte. Disse que não tinha a certeza para onde vai a alma ou se passa algum tempo no purgatório ou no céu após a morte. Não tinha a certeza se a alma continua a reencarnar até se tornar aperfeiçoada, mas sentia-se confiante de que, desde que alguém seja honesto e trate as pessoas com justiça, chegará ao céu.

Foi interessante encontrar elementos na história de Alan que eram facilmente associados a dados históricos. Isto pode ser significativo, considerando que ele admitiu saber pouco sobre a Guerra Civil e era relativamente novo no "passatempo". Embora não tenha dado tantos detalhes como alguns dos outros, a sua história foi confirmada historicamente.[102]

Alan pensava estar numa prisão na Carolina do Norte ou na Virgínia. A Prisão de Salisbury, que ele desconhecia, ficava na Carolina do Norte. Ele não tinha ouvido ou lido sobre ela, mas tinha visitado o Fort Schuyler em Nova Iorque. No entanto, o seu relato do campo de prisioneiros na regressão soava como Salisbury, Carolina do Norte, ou o Recinto de Andersonville, Geórgia. Descreveu a construção do recinto com postes de telefone e um curral aberto com homens deitados na terra sem tendas. Também retratou prisioneiros sem cintos, espadas, chapéus ou quaisquer acessórios — depenados e esfarrapados — e não se recorda de ver quaisquer oficiais.

Era comum os prisioneiros ajudarem os Confederados.[103] Prisioneiros eram destacados para trabalhar nos edifícios do posto na Prisão de Andersonville. Seria compreensível que o facto de fazer o trabalho de um Confederado e associar-se a eles pudesse levar a alguma confusão sobre se Alan tinha sido um prisioneiro Confederado ou da União. Também é possível que ele se tenha identificado com os seus captores e tentado agradar-lhes, tal como reféns que se tornam apegados aos seus captores.

O ressentimento poderia ter aumentado porque alguns dos prisioneiros que ajudavam os Confederados recebiam privilégios.[104] Eram vistos como

traidores. Em algumas prisões, como Andersonville, gangues de salteadores (*raiders*) roubavam, aterrorizavam e até assassinavam os seus colegas prisioneiros. Em Andersonville, os prisioneiros acabaram por ser autorizados a realizar os seus próprios julgamentos e a punir tais infratores. Após um reinado de terror, seis dos líderes dos salteadores foram enforcados, enquanto outros foram espancados com paus.[105]

No que respeita ao facto de Alan ter sido esfaqueado, possivelmente por um salteador, ele não estava sozinho. Muitos outros foram feridos enquanto estavam na prisão. Entre março e agosto de 1864, houve quase 43.000 casos relatados de ferimentos e doenças apenas em Andersonville. Como havia apenas treze cirurgiões para os 26.000 prisioneiros em Andersonville, muitos homens morreram sem nunca terem sido vistos por um médico.[106]

Para além da falta de conhecimento sobre as prisões da Guerra Civil, Alan não tinha ideia do 42.º de Infantaria de Voluntários da Pensilvânia, do qual se recordou na sua regressão, e não tinha qualquer afiliação com eles. Chamado o "Regimento *Bucktail*" porque as tropas usavam caudas de veado penduradas nos seus barretes, o 42.º lutou na batalha de Dranesville, Virgínia, onde alguns foram mortos e outros capturados.[107] Alan nunca tinha ouvido falar de Dranesville ou de Sycamore Church, Virgínia. Um reencenador Zuoavo da União, ele nunca tinha usado um uniforme azul — sempre Zuoavo.

Na sua regressão, Alan viu um Confederado cujo corpo e linguagem corporal se assemelhavam aos de um reencenador que Alan reconheceu como o capitão das Reservas da 1.ª Pensilvânia. Alan nunca o tinha visto usar um uniforme cinzento nesta vida. O historiador Brian Pohanka disse que o capitão da 1.ª Pensilvânia tinha um bom porte e maneiras do século XIX semelhantes às que muitos soldados da Guerra Civil do século XIX teriam exibido.

Na recriação histórica, Alan aspirava a ser o soldado "perfeito e impecável". Como prisioneiro, Alan não conseguia manter esses padrões e admirava os oficiais Confederados que tinham estilo.

Para além da possibilidade real da sua história, o nome e a unidade que Alan recordou como sendo os seus na regressão foram mais facilmente autenticados nos ficheiros da Guerra Civil do que alguns dos outros. Alan tinha-me dado o nome de Stephen White ou Wright da Companhia H ou D do 42.º da Pensilvânia — também conhecido como as Reservas da 13.ª Pensilvânia. Depois de eu ter examinado volumes de listas de prisioneiros, um historiador dos Arquivos Nacionais entregou-me um livro sobre a Prisão de

Salisbury, da autoria de Louis Brown.[108] O livro abriu na letra "W" e os meus olhos caíram imediatamente em dois nomes.

Havia um Sargento Edward White da Companhia D, 13.ª Cavalaria da Pensilvânia (também conhecida como as Reservas da 84.ª Pensilvânia). Tinha sido prisioneiro de guerra na Prisão de Salisbury e foi libertado. Operário, morreu em 1915. Não há registo de Edward White ter estado no hospital da prisão.[109] Talvez na sua regressão, Alan estivesse nalgum tipo de sala de recuperação em vez de um hospital.

Outro prisioneiro de guerra em Salisbury foi um Jasper R. White da Companhia G, 45.º de Infantaria de Voluntários da Pensilvânia. Está registado como tendo estado no hospital da Prisão de Salisbury devido a pneumonia. Ele também saiu em liberdade condicional.[110]

Uma correspondência menos provável com alguma conformidade é Sylvanus White, Companhia D ou A, 54.º de Infantaria de Voluntários da Pensilvânia. Os registos militares e de pensões dos Arquivos Nacionais indicam que ele foi prisioneiro de guerra no Hospital de Richmond após ter sido ferido em New Market, Virgínia. O soldado foi mais tarde libertado sob palavra. Uma correspondência perfeita de nome e unidade foi um S. White, Companhia B, 14.ª Cavalaria da Pensilvânia. Este prisioneiro de guerra de Andersonville morreu ali em agosto de 1864.[111]

Após a minha investigação estar completa, perguntei-me se talvez Alan não seria o principiante da Guerra Civil que pensava ser. Talvez Alan soubesse mais sobre a Guerra Civil do que alguma vez julgou possível.

6

Dave: Estranhas Coincidências

Normalmente, a primeira coisa que se ouve no atendedor de chamadas de David Purschwitz é a melodia *Dixie*, o hino de batalha adotado pelos Confederados, mas, como se aproximava o Natal quando liguei para marcar a consulta de regressão do Dave, fui recebida com uma mensagem alegre do Polo "Sul" (do inglês, *"South" Pole*).

Semanas mais tarde, ao entrar em sua casa, senti-me como se estivesse a entrar num museu da Guerra Civil. A casa do Dave, a poucos quilómetros do campo de batalha de Manassas, estava cheia de fotografias, livros, objetos de coleção e antiguidades da Guerra Civil. O Dave mostrou-me as balas *minie*

que comprou por vinte e cinco cêntimos cada há quase três décadas. Essas *minies* baratas foram o início de um interesse dispendioso pela Guerra Civil que permeou quase todas as áreas da sua vida. A compra seguinte do Dave foi um botão de punho de um uniforme de Nova Iorque. A sua mulher achou que ele estava louco por pagar seis dólares por um botão.

Menos de um ano depois de comprar as balas da Guerra Civil, o Dave tornou-se um reencenador. Devido a um problema cardíaco em criança, tinha sido impedido de participar em desportos, mas, como adulto, descobriu que conseguia aguentar os rigores físicos da recriação histórica. Na verdade, o seu amor pela recriação transbordou para a sua carreira. Antigo diretor artístico, na altura da regressão o Dave estava a trabalhar no museu de Manassas, que é dedicado em grande medida à Guerra Civil.

Primeiro, folheámos a biblioteca de 800 livros sobre a Guerra Civil que ele tinha acumulado e lido ao longo dos anos. Toquei nalgumas das antiguidades, como o cantil do Dave do 20.º do Maine. Na sala de estar, rodeado por bandeiras Confederadas, o Dave contou-me a sua história e apontou para uma inestimável secretária de viagem artesanal de um "posto de comando" da Guerra Civil, completa com escaninhos e compartimentos secretos para mensagens.

Os meus olhos pousaram em seguida numa fotografia do Dave e da sua família em trajes da Guerra Civil. O reencenador Confederado de cinquenta e dois anos contou-me que a sua família se tinha envolvido no "passatempo" há mais de vinte e seis anos, quando o seu filho mais novo era apenas um bebé. A família de cinco pessoas tinha passado muitos fins de semana em acampamentos da Guerra Civil. A sua mulher tinha feito os seus uniformes, bem como roupas de época para o resto da família. Anos mais tarde, após uma separação da sua mulher, ele pensou em vender tudo e sair do "passatempo". Tendo contactado um comprador interessado, viu os seus esforços fracassarem e, após muito exame de consciência, decidiu manter a sua coleção da Guerra Civil.

Ocupando uma posição de particular destaque na parede da sua sala de estar estava uma fotografia do seu bisavô, que tinha lutado na Guerra Civil. A sua avó tinha levado a fotografia consigo para um lar de idosos e mais tarde deu-a ao Dave. A primeira vez que ouviu falar do seu parente, James McNally, foi depois de o Dave já estar no grupo de reencenadores da Companhia F, 8.º de Infantaria da Virgínia, há seis anos. Passaram mais quatro anos até ele saber das unidades de McNally.

Já como um reencenador experiente, ele investigou os registos militares de McNally e visitou o local onde o bisavô McNally tinha sido ferido. Ele estremeceu ao transmitir o seu forte pressentimento de que o campo de batalha parecia familiar. Esse mesmo sentimento de *déjà vu* invadia-o de cada vez que olhava para fotografias que tinha tirado do local da batalha. Episódios de ondas emocionais que inundaram o Dave em vários campos de batalha abriram-no para a possibilidade da reencarnação.

Pronto agora para iniciar a experiência de regressão, o Dave levantou-se do seu sofá artesanal e instalou-se numa cadeira de descanso. Após a fase de relaxamento hipnótico, o Dave começou a responder às minhas perguntas. De todos os reencenadores, a de Dave teve uma reviravolta surpreendente, mas, como muitas das outras, envolveu um esforço minucioso para a fazer avançar. (Nota: O discurso seguinte serve como um excelente exemplo das perguntas e respostas que auxiliam o processo de recordação durante uma regressão. As minhas perguntas estão em *itálico*.)

"É dia", disse ele. "Estou lá fora. Não está mais ninguém por perto. Estou a usar *brogans*, as minhas botas militares, e calças azul-claro. A minha jaqueta é de lã; é azul mais escuro. O meu cinto está por cima do casaco da jaqueta. Os botões de metal têm um 'I' de Infantaria. O meu chapéu é um chapéu preto de aba larga.

Há um campo aberto à minha frente e alguns bosques ao longe. À minha esquerda, ali está o nosso acampamento."

Qual é o nome da sua unidade?

"Não me consigo lembrar."

Está sozinho?

"Hum-hum."

Em que estação do ano estamos?

"As árvores estão a florir. Tem de ser primavera."

Quantos anos tem?

"Vinte. Estou com medo. Não tenho a minha família por perto."

Onde é que eles estão?

"Não sei. Em casa, suponho."

Onde é a casa?

"Não me consigo lembrar."

Há quanto tempo se foi embora?

"Seis meses."

Porque é que tem medo?

"Não parece correto. Estou no acampamento. Não vejo ninguém.

Tenho uma arma. É um mosquete estriado. Tenho andado a praticar com ele. Sou um atirador bastante bom."

Atingiu alguém com ele?

"Não. Apenas alvos. Continuo com medo."

Porque é que não entra no acampamento e vê se está lá alguém?

"Estão lá, a dormir nas suas tendas. Sinto-me melhor."

Sente muita falta da sua família?

"Hum-hum. Não recebo correio há três semanas. A minha mãe disse-me para não me preocupar. O pai adoeceu, mas não é necessário correr para casa."

Neste ponto, as mãos do Dave retorciam-se nervosamente. "Eles não nos deixam ir. Há um rumor de que os Secessionistas estão perto."

Quem é o inimigo?

"Rebeldes secessionistas. Vou ter de disparar contra eles." Lágrimas começaram a cair. "Estou com medo."

Onde é que está?

"Acho que lhe chamam o Vale do Shenandoah. Estamos lá em baixo no vale. Mt. Jackson fica por perto."

Os outros estão a levantar-se?

"Agora não. Vejo vários tipos ainda nas suas tendas. O sol está a nascer por cima das montanhas. Está quase na hora de comer, mas a comida não é muito boa."

O que é que comem?

“Temos carne de porco salgada e ovos. Comprámo-los numa pequena quinta aqui mesmo ao lado.” Ele riu-se entre dentes: “Não comia ovos há semanas.

Às vezes fico com fome. É-nos fornecida uma certa quantidade, não é o que eu estou habituado a comer. Alguma é bastante porca, impossível de comer.”

O que é que faz em casa?

“Trabalho na quinta, trato dos animais, das vacas. Quem me dera estar lá de volta. Estou com medo.”

De onde é?

“Nova Iorque.”

Como é que chegou ao Vale do Shenandoah?

“Viemos parte do caminho nas carruagens do comboio, o resto do caminho a pé. Aquilo doeu. Os meus *brogans* estão apertados. São os únicos que consegui arranjar. Quando mos deram, eram demasiado pequenos. Alguns dos meus camaradas disseram-me que era melhor não me queixar, porque podia não arranjar nenhuns sapatos para os substituir. Por isso, espero que eles alarguem um pouco.”

Porque é que se alistou?

“O Sr. Lincoln fez um apelo dizendo que precisava de homens — e eu sou um homem. O país precisava de ajuda.”

O que pensa sobre a causa?

“A nossa é boa. Para preservar a União. Temos de voltar a unir o país.”

E sobre a causa deles?

“Está tudo errado. Eles não se deviam separar. Éramos um país forte antes da secessão. Isso faria de nós dois países fracos. Há problemas noutras partes do mundo — estávamos a ficar mais fortes. Seríamos demasiado fracos para nos defendermos.”

O que pensa sobre o inimigo?

“Embora o que eles estejam a fazer seja errado, não os odeio. Não tenho desejo nenhum de olhar para eles através do cano da minha arma. Posso ter de o fazer e é isso que eu odeio. Estou com medo.”

Procure no acampamento por quaisquer bandeiras de companhia identificativas.

"A bandeira dos E.U.A. com trinta e duas estrelas. Embora eles se queiram separar da União, aquela bandeira ali ainda mantém as estrelas deles nela. Está na tenda do quartel-general. Há também uma bandeira azul."

Alguma coisa no seu uniforme que diga de que companhia é?

"Há um selo do Estado de Nova Iorque na placa do meu cinto."

Pergunte a um dos tipos em que companhia está.

"O Harry está ali. 'Harry, que regimento somos nós?' Oh, agora já sei quem sou." Ele riu-se. "Somos a 5.ª Artilharia Pesada de Nova Iorque, o Harry disse, 'E'."

Como é que o Harry lhe chama?

"Às vezes chama-me 'o Irlandês', às vezes 'Mack'. Jim Me... McNally é o meu nome verdadeiro. Não éramos vizinhos, mas alistámo-nos juntos lá em Monroe, Nova Iorque."

O Harry tem mais ou menos a sua idade?

"Ele é um par de anos mais velho. O Harry é um bom companheiro. Ele continua a encorajar-me. É o que me mantém aqui. Ser-me-ia fácil desertar (*skedaddle*), mas estaria em grandes sarilhos. O marechal de provoste* tem pessoas que andam por aí à procura de desertores. Há algumas semanas, mataram um homem que trouxeram de volta. A primeira vez que vi alguém ser morto, senti-me pessimamente. Estou com medo.

**(NT: O Marechal de Provoste é o oficial superior que comanda os destacamentos de polícia militar de uma unidade ou de todo um exército.)*

A corneta está a tocar. Está a chamar-nos para formar — *fall in*. Tenho de ir."

OK, está a formar com os outros?

"Sim. Estamos em sentido. O oficial de dia está a ler algo. Não o consigo ouvir. Não estou suficientemente perto.

O comandante não está aqui. David 'H' — como 'Hunt'. Os tipos gostam dele. Ele parece justo, embora eu ache que ele não devia ter mandado fuzilar o homem. Ele trata-nos bem. Podíamos ter mais comida, mas ele está a fazer o

melhor que pode. Ele tem trinta e cinco anos. É general. Normalmente não nos dirigimos a ele."[111]

"O que é que o oficial está a dizer?"

"Está a dizer-nos que vamos marchar. Estamos a ser levados de volta para o acampamento, para as nossas tendas. Dizem-nos para fazermos as mochilas, cozinharmos rações para três dias e pormo-nos em marcha."

"Para onde?"

"Nunca nos dizem. Caso sejamos capturados, não querem que saibamos. Não estivemos em batalha, mas alguns que ficaram para trás foram capturados ou desertaram (*skedaddled*) para casa. Achamos que podem ter sido capturados."

"Como corre a marcha?"

"Estamos em marcha há quatro horas. Os meus pés estão a matar-me. Nunca nos dizem que distância falta, mas corre a voz pelas fileiras de que não falta muito. Nunca nos dizem nada, exceto 'façam as malas, cozinhem as refeições e marchem'."

"Como se sente?"

"Vou descansar os pés por uns minutos. Tenho os pés inchados. Tirei o sapato. Ai, como dói. Alguns dos outros também estão a tirar os deles, tal como o Harry. O Harry só tem um sapato a incomodá-lo. Tenho uma pausa de vinte minutos. O sol está a meio do céu. Deve ser meio da tarde. O meu relógio de bolso foi roubado.

Estou com fome. Vou comer algumas rações — toucinho salgado e *hardtack* — se a conseguir partir. Vou demolhar esta bolacha no café. Está na hora de ir. Estou a calçar os sapatos."

"É doloroso?"

"Sim. Estou a atá-los folgados."

"A marchar outra vez?"

"Sim."

"Quando é que vos deixam descansar?"

"Não sei."

"Viu algum general conhecido?"

"Não, creio que não."

"O que sente em relação aos outros rapazes? Dão-se bem?"

"Sim. Alguns chamam-me 'Jovem Irlandês' e outras alcunhas", ele riu-se entre dentes. "Acho melhor não lhe dizer. Alguns rapazes têm mais ou menos a minha idade, um par deles é um pouco mais velho. O Harry é o meu melhor companheiro."

Neste ponto, o Dave não precisou muito da minha orientação, à medida que pensamentos mais completos começaram a fluir.

"Está a ficar tarde. O sol está no horizonte. Recebemos a ordem para acampar. Ainda bem. Os meus pés estão a matar-me. Até as pernas me doem.

Vi um rebelde morto deitado à beira da estrada. Fiquei mal do estômago. Tinha sido atingido por uma *minie*. Feio. Pavoroso. Já tinha começado a apodrecer. O ar tresandava. Mas já estamos longe disso agora. O ar está mais fresco.

Há montanhas lindas em dois lados. Está calmo e pacífico. Os rapazes já se acomodaram. As minhas pernas doem-me. Acho que não consigo dormir. Estou cansado, exausto e com um medo terrível.

Estão todos com medo. Corre o boato de que poderemos encontrar o inimigo em breve. Não tenho a certeza de estar pronto. As minhas pernas acalmaram. Vou deitar-me."

Depois de o Dave descansar por um momento, dirigi-o para o evento significativo seguinte, onde ele se encontrou no meio da batalha.

"Estamos lá em baixo no vale", disse ele. "Tive de erguer a minha arma com raiva e disparar contra os rebeldes. Esvaziei várias caixas de cartuchos num combate pesado. Estávamos no flanco, sem apanhar com o pior do combate, e a descarregar sobre eles. Devo ter lançado 150 *minies* contra eles. Não sei se acertei em alguma coisa. De certa forma, espero que não.

Estamos em marcha. Oh, não. A nossa brigada está a ser enviada para o campo. Vamos lutar. Estou com medo, a tremer. A artilharia deles está a disparar. As explosões foram perto.

Estamos a avançar para o campo. Um canhão disparou e depois outro. Aquele é perto. Um tiro passou por cima das nossas cabeças. Caiu atrás de nós. Não nos fez mal. Mais canhões a disparar.

Oh, o Harry caiu", disse ele subitamente com urgência. "Oh, o Harry foi atingido. Não o posso ajudar. Não permitem que eu saia das fileiras. 'Harry, eu volto para te buscar'." Ele estava visivelmente perturbado. "Tenho de continuar.

Estou com medo. Os nossos canhões abrem fogo agora. Atingiram perto. Estamos aqui no meio deste campo. Cerca de 300 rapazes estão muito atrás.

Ai! Fui atingido. Fui atingido no peito por uma bala *minie* gasta. Atingiu outro tipo, fez ricochete nele e bateu-me a mim. Doeu. Estou bem. Provavelmente ficarei com uma nódoa negra. Não me parece que ele consiga sobreviver.

Estamos a atravessar o campo. Estamos a tentar manter a nossa formação. As *minies* levantam terra à nossa volta por todo o lado. O John caiu. Senhor, poupa-me. Estamos a sofrer muitos impactos. Estou com medo. Estou a lançar tantas *minies* para lá quanto consigo.

Acabei de ser atingido outra vez. Oh, oh. Estou ferido. Oh, estou mesmo ferido. Sangue. Fui atingido no braço. Perdi a minha arma. Senhor, tira-me daqui." Estava agora profundamente perturbado. "Tenho de me baixar atrás destes outros tipos. O campo está coberto de corpos. Estou deitado atrás deles."

A coisa seguinte de que o Dave se recordou foi de ser feito prisioneiro.

"'Não, não, não. Não me levem. Não, não me levem.' Um rebelde agarrou-me. 'Não. Estou ferido. Deixem os meus cirurgiões tratarem de mim. Não, não quero ir.' Estou a ser arrastado. 'Por favor, largue. Tenha piedade. Tenha calma com esse braço. Não vê que estou ferido?'" Ele fungou. "'Vai levar-me a um cirurgião? Obrigado.' A minha manga está toda coberta de sangue. 'Senhor, por favor, poupa-me.' Há homens por todo o lado — alguns mortos, alguns a morrer, alguns sem braços."

Ele fungou novamente.

"'Senhor, porque é que me está a levar para dentro da igreja?' Oh, é um hospital. Oh — uma pilha de braços e pernas. Algumas das pernas ainda têm sapatos. O cirurgião está a olhar para o meu braço. 'Tem de o salvar.'" Agora, o Dave estava a soluçar. "'Não, Doutor. Não pode cortá-lo.'"

Agora disse-lhe para, se fosse demasiado doloroso, apenas observar.

"Desapareceu", suspirou ele. Contra o seu protesto, o braço tinha sido cortado. "Há uma dor agonizante. Oh, o meu corpo todo estremece de dor. Preciso de descansar."

Fiquei espantada por o seu braço, anteriormente ativo, não se estar a mexer agora. O Dave não voltou a mexer o braço esquerdo durante os noventa minutos seguintes. Perguntando-me se o Dave sobreviveria à amputação, estava ansiosa por descobrir para onde ele se dirigia agora.

"Estão a meter-nos em vagões — alguns em plataformas abertas. Muitos dos nossos rapazes foram capturados e não estão feridos. Alguns que conheço — o Zeb ali. Alguns tipos tiveram sorte e ficaram em vagões fechados. Está a cair chuva." Ele estremeceu. "Sinto um frio de rachar. Estou com medo. Estou ferido — não é uma boa combinação.

'Por favor, Senhor, vê se me ajudas a sobreviver. Tenho uma mulher à espera. O que é que ela vai pensar agora — eu um aleijado?' Estamos a caminho do sul. O céu está a limpar. Preciso de dormir.

O comboio parou. Os homens estão a sair. Há muito barulho. Agora, estão a tirar-nos do comboio. Agarram-me com bruteza. Dói. Vejo um recinto cercado (*stockade*). Estão a levar os tipos naquela direção." Ele deu um solavanco. "Vários de nós estão a ser enviados noutra direção — os feridos que conseguem andar. Puseram os nossos homens a carregar alguns. Estamos completamente cercados por rebeldes armados.

Há outro hospital. A tabuleta diz: 'Hospital Camp Sumter'. Estou a ser encaminhado para um catre e um cirurgião está a olhar para o meu braço. Estou com febre. Sinto muito calor. Estão a embrulhar-me em cobertores de lã pesados.

O meu braço dói que nem o inferno. Não sei se sairei daqui. O meu corpo está a doer. Estou com medo. Acho que estou a morrer. Acho que não voltarei a ver a minha mulher.

Ellen, Ellen! Consegues ouvir-me, Ellen? Ellen, o meu amor por ti é o mais profundo que já senti por alguém. Não tenho aqui ninguém para escrever uma carta por mim.

Agora tenho calafrios. O cirurgião está a olhar para o meu braço outra vez e diz que está a cicatrizar. Dói. Tenho de dormir."

O Dave parecia estar a dormir agora. Embora ainda estivesse em hipnose, o descanso pareceu ter ajudado na sua recuperação. Ele "acordou" gradualmente para a experiência de regressão seguinte.

"O meu corpo sente-se melhor", disse ele. "Estive a dormir três dias. Estou encharcado. É como se um ribeiro tivesse entrado dentro do meu casulo de cobertores. Tenho sede. Se o meu braço dói! Achei que nada doeria tanto como os meus pés tinham doído. Estava enganado."

Durante a sua recuperação, alguém se ofereceu para escrever uma carta por ele.

"Sim, quero que escreva uma carta. Por favor."

"'Para a minha Queridíssima Ellen.' Não sei o que dizer. Não posso dizer 'Pego na pena' para escrever esta carta porque ela não está na minha mão. Era assim que eu costumava começar sempre as minhas cartas.

'Minha Queridíssima Ellen, passei por um momento muito traumático (e espero que saibas escrever isso, porque eu não sei). Estivemos no combate mais pesado que vi até agora e fui gravemente atingido. Dizem-me agora que foi uma bala *minie*. Na altura não tinha a certeza se era uma *minie* ou um fragmento de granada. Oh, minha querida (o Dave estava agora dominado pela emoção), despedaçou o meu braço. Digo-te agora nesta carta para que não seja uma surpresa total para ti quando nos encontrarmos. Tenho fé que nos encontraremos.

Mas os ossos do meu braço foram despedaçados — não foi uma quebra limpa. E tiveram de me cortar o braço. Foi o meu braço esquerdo (ele fungou) e, quando eu voltar e começarmos a ir à igreja juntos outra vez, ainda me posso benzer com a minha mão direita. O meu cirurgião diz-me que devo recuperar e ficar bem.

Alguém está a escrever isto por mim, por isso não vais reconhecer a letra. Por essa razão, é melhor que eu seja breve. Do teu marido dedicado, James McNally.'

'Vai certificar-se de que isto lhe chega às mãos? Obrigado.' Estou cansado."

Mais uma vez, o Dave caiu no que parecia ser um sono profundo e depois "acordou" com boas notícias.

"É uma manhã linda. Sinto-me bastante bem. Mas o meu braço ainda dói. (Ele segurava o braço abaixo do cotovelo.) Não sei como é que vou conseguir trabalhar. É um bocado difícil manusear ferramentas agrícolas com apenas uma mão."

Enquanto contemplava o seu sustento futuro, o Dave recebeu boas notícias.

"'Oh, obrigado. Obrigado.' Estou a ser libertado sob palavra (*paroled*). Estou aqui há três ou quatro meses. Não posso lutar mais, por isso não sou perigo para os Rebs. Quanto mais tempo aqui fico, eles têm de me alimentar e ter um espaço para mim."

"Como se vai embora?", perguntei, iniciando outra série de questões.

"Sim, estão a carregar-nos para os vagões. Graças a Deus. Vamos embora deste antro infernal. Estão a enterrar tipos — a deitá-los numa vala longa — nem sequer um enterro decente. Que vergonha! Tantas vidas perdidas."

"O que pensa da guerra agora?"

"Odeio-a", disse ele. "Todos os meus amigos perdidos. Não tive notícias se o Harry está vivo ou morto. Ele podia estar naquela vala. Porque é que eu vim? Parecia a coisa certa. Talvez tenha sido. Tantas almas perdidas.

O comboio está a parar. Andámos aos saltos durante horas. O meu braço está a latejar. Estão a tirar-nos dos vagões e a carregar-nos para um barco." O Dave começou a relaxar visivelmente enquanto esperava que o barco se afastasse da doca. "Aleluia! Obrigado, Senhor. Que visão deslumbrante! Soltaram a lona. Uma vela cheia. Bom vento. Vou para casa!

Espero que a minha Ellen esteja lá à espera. Não há forma de a avisar de que vou chegar — exceto 'Ellen, se consegues ouvir as minhas preces. Ellen, vou para ti. Por favor, está lá.' Sinto-me enjoado — é este balanço para a frente e para trás. Mas eu vou conseguir."

"O seu destino?"

"Estamos a subir a baía de Chesapeake em direção a Annapolis. Atracámos. O navio parou de baloiçar. Estão a ajudar-nos a sair e a meter-nos em carroças. Antes de partirmos, o cirurgião olha para o meu braço. Diz que não tem bom aspeto, mas que pode ficar bem. Está cheio de feridas. Não suporto olhar para ele."

O Dave tinha agora chegado ao seu destino seguinte.

"Vejo um monte de tendas e várias tendas hospitalares. É um campo de distribuição que redistribui os homens. Eles tratarão de nós. Se estivermos suficientemente saudáveis, mandam-nos de volta para a linha.

Acho que não vou conseguir. Espero que me mandem para casa. Não vejo como poderia manusear um mosquete com uma mão.

O cirurgião acabou de olhar para ele outra vez. Disse que estou inapto para o serviço. Vou para casa."

Finalmente autorizado a ser dispensado do serviço ativo, o Dave tinha uma última viagem pela frente.

"Vou numa viagem de carroça. Agora, estão a pôr-me de volta nos vagões. Vamos para norte. Desta vez, é uma carruagem de passageiros, não um vagão de mercadorias — um vagão real onde as pessoas viajam. Em vez de sermos tratados como gado, posso descansar agora. Levará um par de dias.

O comboio está a parar. Diz 'Monroe'. Parece que foi noutra vida que vivi aqui. Onde está ela? Estou na plataforma. Por favor, está aqui. Suponho que ela não sabe que eu venho. Tinha esperança de que, de algum modo, a minha mensagem tivesse passado. Consigo fazer o caminho para casa. Não é longe.

Ganho forças a cada passo. Ali está a nossa bela casa de pedra vermelha! Há escadas para o alpendre com uma pequena área coberta. Que porta linda!

Ela recebe-me à porta com dois miúdos. Tem um nos braços. Não sei quem é o outro a chorar lá atrás." Ele riu-se. "São nossos!

Sinto-me bem por estar em casa. O meu braço ainda dói. Ela livrou-se [sic] dos bebés. Tem-me envolvido nos seus braços. Passou muito tempo. Amo-a tanto. Ela diz que o braço não importa. Faz-me sentir bem.

Estou cansado. O meu quarto ainda está à espera. Ela aqueceu a cama e disse-me para dormir um pouco. Ainda quero saber do Harry. Preciso de dormir um pouco."

Um Confederado intensamente leal na recriação histórica do século XX, o Dave viu-se, na sua experiência de regressão, a ter de disparar contra Rebeldes. O Dave, cujo pai era nortista, cresceu em Maryland e sempre teve inclinações para o Sul. Na altura da regressão, as suas ideologias

transformaram-se de apoiar os Confederados para julgar duramente os Rebeldes por "estarem todos errados e se separarem".

O que foi ainda mais surpreendente é que ele tinha acabado de reviver a vida do seu bisavô. Como investigadora, fiquei impressionada com o longo processo de memória que acabou por revelar a informação espantosa de que o Dave tinha vivido a vida do seu bisavô.

O amor do Dave pela recriação começou vinte e dois anos antes, quando ele foi fundamental para fundar a Companhia F do 8.º de Infantaria da Virgínia. Afirmou ter escolhido a unidade e a companhia "do nada". Curiosamente, a primeira unidade do seu bisavô, Jim McNally, foi a Companhia F do 8.º de Infantaria dos E.U.A.

O Dave não sabia esta informação até realizar a investigação sobre os registos do seu bisavô, anos depois de se ter tornado um reencenador. O General George Pickett serviu inicialmente no 8.º dos E.U.A. e mais tarde mudou de lado e comandou o 8.º da Virgínia de Dave. O 8.º da Virgínia teve uma taxa de baixas de noventa e dois por cento durante a famosa carga de Pickett em Gettysburg.

Curiosamente, o Dave atuou no filme *Gettysburg*. Embora não tenha interpretado um membro da sua própria unidade, seguiu diretamente as pisadas históricas do 8.º da Virgínia e carregou a bandeira da unidade no seu bornal. Ele certificou-se de que, cada vez que se aproximava de "muralha", "sofria um impacto" ou caía de joelhos em oração num local aproximado de onde a bandeira do 8.º da Virgínia foi derrubada na batalha real de Gettysburg.

Cerca de onze meses após a sua regressão, o Dave também atuou no filme televisivo *Andersonville: The Diary of Josiah Day*. Espantosamente, após mais de um quarto de século como reencenador, esta foi a primeira vez do Dave em azul Yankee. O Dave admitiu sentir-se desconfortável com o vestuário Federal, mas sentiu que estava a curar feridas entre o seu bisavô, que tinha sido um prisioneiro Federal, e ele próprio, que sempre usara o uniforme Confederado. No local do hospital da prisão, o Dave percorreu o mesmo chão onde McNally teria passado tempo a recuperar da sua amputação.

Uma sensação estranha apoderou-se do Dave quando, durante as filmagens do filme, ele foi amontoado em vagões de gado com outros "prisioneiros", peito com peito e costas com costas. Permaneceriam assim durante vinte e cinco minutos de cada vez, no escuro. Este cenário era muito semelhante ao que o Dave descreveu na sua regressão. Ele ficou com a voz

embargada pela emoção ao vivenciar o tratamento desumano que os prisioneiros tinham recebido. Mais uma vez, foi dominado pela emoção quando os vagões pararam na prisão e ele e os outros prisioneiros desceram pelas pranchas.

Um ano após a regressão, o Dave conheceu um investigador dos movimentos de tropas na Batalha de Piedmont, que tinha feito uma nova investigação. A investigação anterior do Dave tinha sugerido que o seu bisavô foi baleado no que é hoje terreno privado. Esta nova investigação, no entanto, indicava que as tropas tinham avançado mais do que o Dave acreditava anteriormente.

O local onde McNally foi baleado foi provavelmente em terreno público que correspondia ao que o Dave experienciou na sua regressão. Na sua visita a Piedmont, o Dave tinha também seguido os passos reais do seu antepassado sem o saber. Ao visitar o campo de batalha, teve a sensação de que aquilo lhe parecia familiar.

Mas as semelhanças não param por aqui. De acordo com os cálculos do Dave, ele nasceu no mesmo mês, exatamente 100 anos após o nascimento do seu bisavô (janeiro de 1943). O Dave passou quatro anos na força aérea — de julho de 1961 a julho de 1965. Estes foram os mesmos anos, 100 anos depois, que os da Guerra Civil, a maior parte dos quais o seu bisavô passou no exército.

Como reencenador, o Dave foi comandante de regimento durante doze anos, bem como comandante de brigada. Mas prefere ser soldado raso. Jim McNally alistou-se como soldado raso e permaneceu soldado raso durante toda a sua carreira militar.

Embora o Dave já estivesse familiarizado com a participação do seu bisavô na Guerra Civil antes da regressão, não estava preparado para a dor física e emocional avassaladora que sentiu à medida que as memórias da sua regressão se desenrolavam.

Após ser baleado na regressão, o Dave não moveu o braço esquerdo durante o resto da sessão, que durou mais de uma hora. Ele afirmou que a dor era tão real que se tornava excruciante. Durante a guerra, a maioria dos amputados passava pela cirurgia totalmente consciente. Os sortudos recebiam um pouco de morfina para atenuar a dor. Ele rezou pela sua vida e implorou para que o seu braço fosse salvo.

O seu braço acabou por ser amputado. Ele chegou a protegê-lo com a linguagem corporal: quando os seus captores eram brutos, ele levava a mão ao local onde o braço fora cortado. Antes disso, utilizava ambas as mãos ao falar e retorcia-as quando estava agitado ou com medo.

Após a regressão, observámos uma fotografia do Dave no seu uniforme da Guerra Civil, tirada cerca de oito anos antes. Ele nunca tinha reparado que o seu braço esquerdo parecia inerte, quase sem vida. Outro ponto de interesse é que a ex-mulher do Dave e o filho de ambos têm paralisia cerebral, o que resultou em problemas num braço. Isto não é hereditário e os médicos consideraram raro o filho também ter desenvolvido a condição.

Foi uma coincidência Jim McNally ter sido baleado na Virgínia. O nova-iorquino mudou-se mais tarde para a Virgínia, onde a sua primeira mulher, Ellen — a quem escrevera do hospital da prisão —, morreu. Ele voltou a casar-se e, seis meses depois, mudou-se para Maryland. O Dave, que já sabia da existência de Ellen McNally antes da regressão, mudou-se de Maryland para a Virgínia. Anos após o divórcio, o Dave também passou a ter uma companheira na sua vida.

Na altura da regressão, o Dave tinha fabricado o seu próprio mobiliário da época da Guerra Civil, bandeiras e algumas roupas. O seu bisavô também fizera trabalhos de carpintaria e mobiliário. Aparentemente, além da agricultura, trabalhou em correeiros após a guerra com apenas uma mão. Depois da regressão, o Dave descobriu que um familiar possuía uma caixa de ferramentas de madeira que Jim McNally fabricara após o conflito.

O Dave foi o único reencenador entre doze cujas memórias parecem ter sido as de um antepassado direto. Este facto correlaciona-se estreitamente com a investigação de Karl Muller,[88] que descobriu que apenas nove por cento dos casos de reencarnação relatados correspondiam aos seus próprios antepassados.

Conforme mencionado no capítulo 2, o investigador Ian Stevenson também descobriu que antepassados regressavam à mesma família em cinco a dez por cento dos casos de reencarnação recordados espontaneamente que analisou. Embora o regresso ancestral fosse raro noutros locais, Stevenson descobriu casos entre os Tlingits do sudeste do Alasca.[89] Em cerca de setenta por cento dos casos revelados, o sujeito e a personalidade anterior estavam relacionados pelo lado materno. Curiosamente, o bisavô do Dave era do lado da sua mãe.

Quer a experiência de regressão do Dave tenha sido gerada por memória genética ou conhecimento prévio, nada o poderia ter preparado para a vivência nítida da dor excruciante e da humilhação de perder o braço, ou para a preocupação com o seu companheiro e a carta sentida que escreveu à mulher a partir de um leito de prisão.

Apenas um reencenador no meu estudo tinha efetivamente conhecimento de investigação, por mais vaga que fosse, sobre o seu antepassado da Guerra Civil antes de se tornar reencenador, enquanto outros seis realizaram pesquisas sobre os seus antepassados depois de entrarem no grupo. Tal como o Dave, todos indicaram que a recriação histórica fora o catalisador para a investigação.

O meu estudo revelou mais algumas ligações possíveis entre o conhecimento ancestral e as memórias de vidas passadas dos reencenadores. Um reencenador, Edward Embrey, sentia que tinha sido prisioneiro em Point Lookout, tal como um dos seus familiares fora. Outro sujeito, Dale Clarke, era proprietário de um negócio em Richmond e teve um familiar lá durante a guerra.

Numa terceira regressão, Thomas Galleher estivera destacado em Nova Orleães e tinha o apelido Cates; um antepassado, Thomas Kane, tinha-se mudado para lá vindo da Irlanda. Um quarto reencenador, Brian Pohanka, que é oficial na recriação, revelou ter sido oficial na regressão; um seu parente distante também o fora. Apenas o Dave revivera a experiência do seu próprio bisavô.

De acordo com os registos históricos,[90] o antepassado do Dave, James McNally, emigrara com o irmão da Irlanda do Norte para os E.U.A. por volta dos quinze anos. Estabeleceu-se no estado de Nova Iorque, enquanto o irmão seguiu para a costa oeste. Nesse mesmo ano, afirmando ter dezanove anos, McNally alistou-se na Companhia F do 8.º de Infantaria dos E.U.A. — possivelmente para obter a cidadania. A sua unidade foi enviada para o Texas e, com o eclodir da Guerra Civil, a sua companhia foi aprisionada. A companhia de James foi libertada sob palavra no início de 1863 e, após uma baixa honrosa, ele regressou à cidade de Nova Iorque e casou-se com Ellen.

Seis meses após a sua baixa, voltou a alistar-se, desta vez na Companhia D da 5.ª Artilharia Pesada de Nova Iorque. Três meses depois, foi ferido perto da aldeia de Piedmont, Virgínia. Uma bala *minie* despedaçou o seu braço esquerdo junto ao pulso, e o braço foi amputado alguns centímetros abaixo do cotovelo. Novamente prisioneiro de guerra, foi enviado para o Hospital Camp

Sumter em Andersonville, Geórgia. O seu braço estava extremamente sensível e purulento. Uma história de família indica que James McNally acreditava que as larvas de Andersonville, que comeram a carne morta e o sangue seco do seu coto, o salvaram de morrer de infeção.

Cinco semanas depois, foi transferido do hospital para as dependências da prisão. Após passar quase quatro meses na Prisão de Andersonville, foi libertado sob palavra. Depois de ser desmobilizado, James trabalhou como vigia para o Departamento do Comissariado durante dois anos e meio. Voltou a pedir a sua pensão porque o coto do seu braço estava muito sensível e ele era incapaz de usar um braço artificial. Enquanto foi casado com Ellen, pensa-se que o casal teve catorze filhos, um dos quais foi freira.

Em 1882, o casal mudou-se para Washington, D.C., e cinco anos depois para Hampton, Virgínia, onde Ellen morreu. Seis meses após a morte dela, James casou-se com Sarah Daisy Clear. Houve pelo menos quatro descendentes desta união. James, de quem se pensava ter perdido a sua propriedade em Hampton numa aposta presidencial, mudou-se então para Hollywood, no Condado de Prince George, Maryland. Apenas meses antes do seu septuagésimo aniversário, a 14 de outubro de 1912, James morreu pacificamente em casa. Foi sepultado no Cemitério de Arlington. Sarah voltou a casar e o seu marido seguinte foi morto na França durante a Primeira Guerra Mundial. Embora tenha voltado a casar mais tarde, a seu pedido, foi enterrada com James no Cemitério Nacional de Arlington.

Em janeiro de 1943, o Dave nasceu em Riverdale, Maryland — a apenas seis quilómetros de onde o seu bisavô James McNally morreu.

7

Rob: Pela Boca dos Pequenos

Seria fácil distinguir Robert "Rob" Lee Hodge dos outros na sua fotografia de turma da primeira classe — era o que estava a usar um *kepi* confederado. Desde os quatro anos que já se sentia fascinado pela Guerra Civil, enquanto brincava com o conjunto de soldados "Azuis e Cinzentos" da Sears dos seus irmãos mais velhos. No quarto ano, apresentou um diorama da carga de Pickett em Gettysburg. Todos os dias, durante metade do ano letivo, Rob trabalhou no projeto que atraiu professores de toda a escola. Também durante esse ano, Rob viu o filme *Os Cavaleiros do Sul* (*The Horse Soldiers*),

protagonizado por John Wayne, e decidiu que queria fazer um filme sobre a Guerra Civil.

No liceu, a Guerra Civil era quase a única coisa em que o Rob pensava. Na sala de estudo, olhava para os catálogos dos vivandeiros (*sutlers*) e calculava quantos relvados teria de cortar para conseguir a sua próxima jaqueta curta (*shell jacket*). O Rob já se estava a preparar para ser o "esnobe da moda da Guerra Civil", como o jovem de vinte e seis anos se descreveu pouco antes da sua regressão por hipnose.

Aos nove anos, viu a sua primeira recriação em Gettysburg. Recordou como caminhou pelo campo onde a divisão de Pickett atacou e os seus pelos se eriçaram. No regresso, iniciou uma campanha de envio de cartas para contactar unidades de recriação confederadas no Ohio, onde vivia na altura. Ninguém lhe respondeu. No Ohio, o interesse pela Guerra Civil não se comparava ao de outras áreas do país, e a recriação era relativamente inexistente. No entanto, ele estava "fisgado".

O Rob teve sempre uma forte preferência pelo Sul, influenciado, em parte, pelas raízes sulistas do pai. O Rob nasceu no dia do aniversário de Stonewall Jackson, apenas dois dias depois do de Lee. Após o seu nascimento, o seu irmão mais velho sugeriu que lhe fosse dado o nome de Robert E. Lee.

O Rob também tinha uma predileção pela cavalaria confederada. O interesse pela cavalaria poderá ter sido acentuado devido ao envolvimento do pai na última grande unidade de cavalaria dos E.U.A. da Segunda Guerra Mundial. O pai, que uma vez dormira sobre a sela durante todo o caminho através do Oceano Pacífico até à Austrália, disse ao Rob que o dia mais triste da sua vida foi quando o General MacArthur mecanizou a unidade deles.

O Rob achava os uniformes da cavalaria confederada deslumbrantes. Aos onze anos, encomendou a sua primeira reprodução autêntica de um uniforme de cavalaria confederada com o dinheiro de cortar relvados, ao qual os pais acrescentaram uma quantia igual. Aos doze, viajou 160 quilómetros para comprar um mosquete.

Um ano depois, apareceu numa recriação em Gettysburg com o seu uniforme. Para o Rob, foi uma experiência mística. Um reencenador que acolheu o Rob sugeriu-lhe que lesse *The Killer Angels*, de Michael Shaara, um livro sobre a Batalha de Gettysburg. Foi em Gettysburg que o Rob decidiu que a recriação histórica seria a paixão da sua vida.

Tão comovido ficou o Rob com a Batalha de Gettysburg que tinha a ambição ardente de participar no filme. Em 1988, escreveu ao realizador do filme *Gettysburg*, Ron Maxwell, na esperança de realizar este sonho. Anos mais tarde, o reencenador alto e esguio não só trabalhou no filme, como atuou como soldado e viveu perto do campo de batalha durante meses. Durante cerca de trinta dias das filmagens, o Rob disse que o nevoeiro pairava sobre o campo de batalha, evocando um sentimento surrealista.

Na altura da regressão, o Rob descrevia-se como um "fanático vinte e quatro horas por dia". Chamando-lhe um "orgasmo da Guerra Civil", visitou uma vez vinte e seis campos de batalha em vários estados em nove dias. Usava o uniforme, dormia perto dos locais das batalhas e lia os relatos dos soldados. Por alguma razão não identificada, afirmava que se sentia sempre "estranho" pouco antes de adormecer ou ao acordar perto de um campo de batalha. Num ano, assistiu a mais de trinta eventos da Guerra Civil.

O Rob admitiu ter tido problemas de relacionamento no passado por causa disso, mas a sua namorada atual estava a começar a interessar-se por costurar uniformes da época e começara a compreender a paixão do Rob. Ela chegou a dizer que ele ficava melhor no seu uniforme da Guerra Civil do que em roupas modernas.

O Rob sentia-se mais confortável e confiante com roupas da Guerra Civil do que com trajes contemporâneos e usava o uniforme sempre que possível. A Guerra Civil consumia todas as áreas da vida do Rob. Embora estivesse prestes a concluir a licenciatura em História e Arte, aceitava trabalhos esporádicos que lhe davam o financiamento necessário para sustentar a sua "profissão não remunerada". Esta flexibilidade permitia-lhe procurar trabalho adicional em filmes e documentários televisivos e acumular experiência que planeava utilizar como aspirante a argumentista.

Para o programa *Civil War Journal* do canal *Arts and Entertainment* (A&E), o Rob fez a sua interpretação de "cadáver inchado" — com bochechas bufadas e barriga dilatada — para conseguir um aspeto de soldado morto mais autêntico. Mas noutro documentário recente do A&E, teve um verdadeiro encontro com a morte enquanto interpretava o General Nathan Bedford Forrest, com quem se assemelhava fisicamente. Durante a gravação, o Rob caiu do cavalo e foi arrastado quinze metros quando a bota esquerda ficou presa no estribo. Os cascos do cavalo pisotearam-no, partindo-lhe três costelas e um dedo do pé esquerdo, e deixando-lhe a perna gravemente pisada. A certa altura, o Rob estava convencido de que ia morrer.

Desde então, tem sido alvo de algumas brincadeiras, já que se diz que Nathan Bedford Forrest, que afirmava ser o "Mago da Sela", matou trinta e oito homens em combate corpo a corpo e teve trinta e nove cavalos abatidos sob o seu comando. Ironicamente, Forrest é também identificado como tendo sido o primeiro Grande Mago do Ku Klux Klan.

A experiência de quase-morte do Rob, porém, não arrefeceu a sua paixão pela Guerra Civil, que era tão intensa que ele perdeu dezasseis quilos para parecer mais autêntico. Escolhia as unidades em que participava de acordo com o quão "ferrenhas" (*hard core*) eram. Ele e os seus colegas eram tão orientados para o detalhe que chegavam a discutir a contagem de fios e as costuras das suas jaquetas. Alguns demolhavam os botões dos uniformes em urina para tirar o brilho ao latão, conferindo um aspeto mais autêntico.

A sua obsessão motivou-o a fazer um estágio no Serviço Nacional de Parques e fê-lo consciencializar-se de que o Serviço de Parques possui apenas dois por cento de todos os campos de batalha da Guerra Civil. Dizendo que daria a vida para preservar "o solo sagrado onde estes homens morreram", ele chegou a contactar congressistas e a angariar fundos.

Além da preservação, a missão do Rob era prestar homenagem aos que morreram na Guerra Civil e educar as pessoas sobre o seu sofrimento, esperando que este nunca se repita. Fardado, ia às salas de aula e fazia a Guerra Civil ganhar vida para os alunos. Devido à sua profunda ligação espiritual e emocional, o Rob desejava que as suas cinzas fossem espalhadas pela *Bloody Lane* de Antietam ou pelo Cemitério Hollywood de Richmond, nas escarpas com vista para o Rio James. No momento eventual da sua morte, esperava ser capaz de voltar atrás no tempo e ser um observador invisível da Guerra Civil em curso.

Com o historial do Rob estabelecido, pensámos ver para onde esta regressão o levaria. Relaxei-o hipnoticamente da maneira habitual e a sua regressão procedeu em breve.

"Estou no bosque", começou ele lentamente. "Achei que estava no *Wilderness* no Leste, mas não creio, porque estão a usar jaquetas confederadas ocidentais feitas de pano *jean* com vivos, punhos e golas azuis. Caso contrário, acharia que era no Leste. Estão a usar chapéus desabados (*slouch hats*) de cor acastanhada, de uma cor semelhante à das jaquetas. Um tipo tem uma mochila às costas. Há folhas em carvalhos. É final de verão."

O Rob disse que estava a ver a sua regressão como um sonho e estava a comparar tudo o que via com o seu conhecimento atual. Entretanto, eu recebia uma descrição completa da moda. Subitamente, o Rob desviou-se dos uniformes.

"Há pânico — uma surpresa!", disse ele. "Há soldados federais do outro lado, não muito longe. Eles não sabem se devem disparar. Há cerca de vinte federais e talvez dez confederados. Se um oficial estivesse com eles, talvez disparassem.

Tiros. Começámos nós primeiro. O vento está a soprar. Talvez venha aí uma tempestade. O sol está descoberto. Não consigo ver se alguém está a cair. Um tipo abanou a cabeça e olhou em volta, sem saber o que fazer. Vozes diferentes; opiniões diferentes. Confusão. Se não dispararmos, eles matam-nos.

Mais tropas — ali à minha direita, a várias centenas de metros. Não creio que sejam nossas. Através do bosque, há uma clareira e consegue-se ver a brigada federal. Talvez os tipos contra quem estávamos a disparar fossem uma linha de escaramuça."

Mais uma vez, o Rob disse que as coisas não batiam certo. Afirmou que as coisas não faziam sentido porque os federais estavam muito próximos uns dos outros.

"Estamos expostos — demasiado avançados. Poderíamos estar na frente como um tampão para a linha principal. Podemos estar em apuros. Talvez por isso o pânico. Estamos a ser flanqueados, mas não somos importantes. Somos apenas o posto avançado. Temos de ser eliminados. O ataque principal é à minha direita. Muitos soldados num campo grande estão a vir em passo de corrida (*double-quick*), com a arma ao ombro (*right shoulder shift*), movendo-se depressa. As granadas estão a despedaçá-los."

O Rob expressou a sua surpresa por tudo estar em câmara lenta. Nada do que observava neste ponto estava à velocidade normal. "A linha confederada abre fogo", continuou ele. "O grosso dos confederados está à minha direita, atrás de nós. Há alguns à minha esquerda."

Agora, o Rob repreendeu-se por estar a pensar demais. Sugeri que ele apenas relatasse o que via e tentasse não criticar. Ele concordou e tentou novamente.

"Um pequeno grupo de federais está em cima de nós. Estamos numa linha de escaramuça. Um tipo leva um tiro na barriga. Não aguentei ver aquilo. Tenho medo de ser apanhado. Estou a tentar recuar. Estamos a cambalear. Devíamos estar a correr mais depressa, mas estamos a hesitar, com medo de deixar os nossos amigos que caíram.

Os tipos de Azul são cruéis. Estou petrificado com a ideia de que me vão matar. Acabei de ver alguém ser morto. É selvagem; é brutal. Sinto que vou morrer. Nunca tive tanto medo.

Um federal, um tipo grande com barba loura-acastanhada e olhos azul-claro, reparou em mim. Ele parece cruel. Estava deliberadamente atrás de mim. Eu ia ser a sua próxima vítima. Ele matou um amigo meu. Tem a baioneta calada, mas isso não faz sentido. Provavelmente esfaqueou alguém, mesmo depois de ter sido baleado.

Estou mesmo com medo. Não sei se já estive em batalha antes. Talvez já, mas não algo tão de perto. Eles vestem jaquetas *Columbus Depot* com vivos azuis. Não larguei a minha arma. Estou a recuar e não consigo ver nada — como se a ação desaparecesse. Eles podem ter-se ido embora. Homens passaram a correr por mim. Alguém me diz para me despachar e ir com eles; caso contrário, estou acabado. Mas estou apenas impressionado pela brutalidade. Um verdadeiro animal!" Era aparente que o Rob estava nervoso e a ficar emocionado, mas continuou com a experiência de regressão.

"Tenho lágrimas nos olhos, como se estivesse numa montanha-russa emocional."

"Quero matar o tipo que matou o meu amigo e me quer matar a mim. Se não o fizer, ele matar-me-á."

Rob recompôs-se e começou a analisar novamente. Ficou surpreendido por a cena não ser tão brutal como tinha imaginado. Compelido a reparar em tudo, admitiu a rir que, mesmo no meio da batalha, tivera vontade de interromper um soldado para lhe perguntar se a sua jaqueta fora fabricada em Londres!

“Vejo artilharia. A linha Confederada está a retirar. Vejo *kepis* vermelhos. Um sujeito tem um sabre. Está a ajudar a atrelar a peça. Granadas e fogo chovem por entre as árvores. Cavalos estão a ser abatidos. É uma verdadeira confusão, um barulho enorme. Soa como uma trovoada. Há caos — uma trapalhada nas ordens.” Mais uma vez, Rob questionou se o artilheiro deveria estar a usar uma espada. Depois, continuou.

“Generais estão a discutir. Um tem um chapéu desabado preto e galões, as insígnias da manga, e estrelas na gola. Tem um bigode farto e faz-me lembrar Isaac Trimble. A artilharia está a retirar. Os cavalos que caíram foram substituídos. A infantaria fica até conseguirem tirar todas as peças.

A infantaria está a recuar. Estou numa linha de batalha, mas não sei se estão a disparar. Estão a manter-se firmes até receberem a ordem para recuar. É organizado. Parece mais estável agora. Acho que a preocupação era a artilharia. Perdi o meu chapéu.”

Rob disse que, por vezes, estava tão interessado em absorver tudo aquilo que se sentia mais um observador do que um participante. E então voltou à cena.

“O combate está mais longe agora. Quando éramos o posto de sentinela, vimos a brutalidade. Quando voltámos para a nossa linha, as pessoas que nos perseguiam pararam. Eram uma avançada da linha principal. Os Federais à minha direita são uma brigada separada.

A ordem é recuar. Há força e um ímpeto constante por trás do movimento Federal. O nosso moral não é bom. Já fomos derrotados antes. Os tipos sentem falta de esperança. Sinto-me mais seguro perto dos meus amigos na linha. Somos milhares.

Temos as mesmas jaquetas — jaquetas cinzento-claro com vivos azuis. O material parece bastante novo e estamos bem equipados. Fazemos meia-volta e marchamos de volta. Não voltamos as costas ao inimigo, mas deixamos pessoas ali para uma ação de retardamento. A linha principal vai retirar. Depois movemo-nos para trás. Estamos todos com a arma ao ombro. Parece bastante impressionante.”

Com a acalmia na batalha, achei divertido que Rob estivesse, mais uma vez, a reparar nas modas e nas técnicas de marcha.

“A batalha esmoreceu e os Federais ganharam algum terreno. Talvez tenham sentido que isso é uma conquista e não vão avançar mais. Faz mais sentido avançar mais e pressionar.

É estranho. Não é apressado. É quase como rotina. Não necessariamente retirar. Não há muito pânico. Primeiro pensei que a brutalidade era tão terrível que esta poderia ser a minha primeira batalha. Talvez a brutalidade de perto seja algo novo.”

Enquanto o tiroteio decorria, Rob ouviu soldados a falar nas fileiras. Achou peculiar, mas percebeu que poderiam estar a falar para acalmar os seus medos. Entretanto, o seu sentido de audição durante a regressão estava a melhorar.

"Há música — o pífaro e o tambor. É *Hell on the Wabash* — a minha favorita. O pífaro acabou de atingir uma nota muito alta."

O contraste entre o tiroteio, que tinha esmorecido, e o pífaro e o tambor, que soavam tão bonitos, perseguia Rob.

"Os pifaristas e tamborileiros tocam como se não houvesse medo. Estão atrás das linhas. Acho que são Federais. Há fumo de batalha à volta deles. Estão a tocar mesmo através dele, como estátuas. Eu pensaria que a esta hora seriam maqueiros ou que tivessem sido destacados para serviço hospitalar."

Rob estava confuso porque estes Federais usavam chapéus pretos simples, enquanto aquele de quem tivera medo inicialmente usava um *forage cap*. Também não compreendia como conseguia vê-los se estavam atrás das linhas Federais.

"Há muitas descargas. Voltámo-nos e disparámos. A nossa retaguarda não era bem uma retaguarda — mais uma linha de escaramuça para ganhar tempo. Já estão cá atrás connosco agora, por isso não temos de nos preocupar em disparar contra eles. Todos temos mosquetes Enfield.

Consigo ouvir o zumbido das balas. Soa como uma abelha — 'zumm'. É esquisito. Nunca se sabe quando se vai ser atingido. Há chumbo no ar e está quente. Tenho sempre medo de levar um tiro na cabeça. Quase consigo sentilo — este chumbo quente e giratório a entrar-me pelo crânio. Quero esconder-me, mas não há onde esconder. Estamos todos ali parados a disparar. Os homens não estão a cair tanto como eu pensava. Talvez esteja tão preocupado em carregar o mais depressa que posso que nunca reparei. Supõe-se que eu esteja focado nos Federais, de qualquer forma.

Vejo Federais a cair muito mais longe. O fumo é muito espesso. Quando os Federais entraram no bosque, empurraram a brigada à minha direita. Primeiro começaram a avançar numa clareira à minha direita. Agora entraram no bosque. Continuam a seguir em frente. Suponho que haja Federais à frente deles que se juntaram a eles. Talvez estejamos a enfrentar duas brigadas. Nós também temos muitos homens. Isto é grande."

Com todas as explosões, Rob achou estranho que os soldados não estivessem a ser atingidos e começou a perguntar-se se as pessoas seriam invencíveis.

"Um dos nossos oficiais levou um tiro no pescoço. Estava na retaguarda da companhia e a bala passou por duas fileiras de homens e atingiu-o. Tem a espada desembainhada, usa um *kepi* e estava a caminhar de um lado para o outro da linha. Está em mau estado, está a sangrar e a sua expressão é má. Não sei por que estava a olhar para trás. Supõe-se que eu olhe para a frente. Poderia estar a tentar alcançar um cartucho. Agora estou mesmo abalado.

Ainda estou a carregar e a ter problemas em morder aquele papel grosso. Coloco o cartucho demasiado fundo e fico com pólvora na boca. Sabe a enxofre. Estou a ter dificuldade em calcar estas malditas balas porque o cano está inchado devido ao calor e à velocidade. Estou a entortar a minha vareta."

Como os homens mais baixos estavam habitualmente na fileira da frente, Rob achou estranho e perigoso ser alto e estar na frente. "Disparei, mas levei um tiro no ombro direito, junto à clavícula. A minha mão esquerda tocou lá automaticamente. Estou de joelhos. Não sinto dor nem ardor. Talvez esteja com medo a mais. Estou petrificado. Estou em brasa. Está a acontecer tanta coisa."

Agora, Rob dizia-me que ninguém que não estivesse lá poderia alguma vez imaginar o impacto total do que estava a transparecer.

"É difícil imaginar tanta gente a fazer isto. Sou deixado para trás. Os outros fizeram 'meia-volta' e marcharam embora. Estou com alguns outros tipos. Não sei como me sinto ou quão gravemente ferido estou. Se levei um tiro no ombro, pensaria que seria mau. Não vou a lado nenhum. Estou a olhar para a linha em ambos os sentidos, para os efeitos do que aconteceu. Os Federais passaram mesmo pelos feridos e deixaram-nos em paz. Não nos chatearam. Pensei que haveria mais tipos no chão. Vejo alguns tipos agora. Estou a tentar distinguir rostos.

Agora a picada começa a aparecer. Dói e ainda arde. Está quente. Poder-se-ia enfiar algo mesmo através do buraco. A bala saiu pelas costas. Sinto que posso morrer. Não vi muito sangue ou corpos mutilados — mais ferimentos limpos. O oficial tinha um ferimento sangrento, no entanto. Tive pena dele. Era uma boa pessoa — um professor.

Os *Yanks* chamam-nos 'John'. Há alguns *Yanks* feridos mais além. É engraçado. Estás ali, a matar-vos uns aos outros, e quando tudo acaba, são

amigos. Não há ainda muita gente a ajudar ninguém. Sinto que a bala me atravessou. Porque é que não dói assim tanto? Picou durante um bocado.

Está a ficar turvo. Tenho suor nos olhos. Ainda há fumo no ar. Tenho muito medo do que me vai acontecer. Se eu viver, o que acho que viverei porque não me sinto assim tão mal. Tenho medo do campo de prisioneiros. Preferia morrer. Não sei o que me espera se eu morrer, por isso — preferia ir para casa. Não sei onde é. As pessoas que conheço são agricultores. Vejo tipos deitados por aí que têm símbolos do Alabama, mas não sei se sou do Alabama."

Na sua regressão, Rob pensou que um tiro no ombro ou o campo de prisioneiros poderiam matá-lo. Eu não queria que ele morresse sem me dar o seu nome, por isso pedi-lhe que olhasse à volta.

"Vejo um nome num bornal — J. W. Taylor em escrita cursiva — uma letra bonita. Ele tem um bornal branco e o nome está escrito a tinta preta. Tem um cantil de faces lisas que tem uma capa cinzenta e uma fivela de cinto que diz A.V.C. (*Alabama Volunteer Corps*). O tipo está morto. O bornal de Taylor é a última coisa que vejo. Sinto-me cansado. Talvez esteja inconsciente. Vejo tudo preto."

Rob disse que as coisas estavam a ficar baralhadas, oníricas, sem coesão e a desaparecer. Perguntei-me se estaria a morrer. Após alguns momentos, ele respondeu à pergunta que eu tinha em mente.

"Há um hospital", disse ele. "Não quero estar lá. É um edifício. Um celeiro seria mais escuro; este está iluminado pela luz do sol. Talvez seja o dia seguinte. Talvez esteja vivo. Há loucura por todo o lado. O lugar é nojento — sangue profundo e ensopado no chão. Tenho pena dos tipos que estão feridos, mas tenho 'mais pena' das pessoas que trabalham aqui.

Um tipo velho com barba branca e óculos parece distinto, como um médico da cidade. Ficaria surpreendido se ele não perdesse a cabeça. É muito severo, como uma rocha. Mas isto é uma loucura. É onde as pessoas morrem. É incivilizado — porque as pessoas matam desta forma. Fazem-no a toda a hora, mas nós não tínhamos visto. Pensámos que isto seria diferente; agora estamos a ter um olhar sóbrio sobre a guerra. Temos sempre de ser lembrados para não a termos mais. Somos estúpidos, somos ignorantes, somos burros."

Enquanto estava no hospital à espera, continuou a filosofar sobre a guerra e a natureza humana.

"É engraçado. Os Federais não têm nem de perto tanto ódio pelas pessoas do meu lado. Aposto que alguns tipos indianos sentem o mesmo. Os Federais que conheci são gente boa. Trocámos comida. Alguns são amargurados, mas alguns são porreiros. Não acho que haja muita diferença. Perguntas-te contra quem devias estar a lutar."

Sabendo que era um Confederado, Rob ficou surpreendido por não ter um sotaque sulista arrastado.

"Estou à espera do médico. Suponho que não estou tão mal como pensava. Devo ter estado inconsciente. Sinto-me culpado por ele ter de me atender. Provavelmente não dorme nada. Têm falta de pessoal. É típico.

O médico aproxima-se. Não demorou muito. Tenho uma ligadura na cabeça. O que aconteceu à minha cabeça? Mas não tive ossos partidos. A bala foi mais abaixo do que eu pensava e apenas atingiu o músculo e fez-me sangrar. O médico brincou que não era nada de grave e senti-me um idiota. Quero sair daqui." Sentado no exterior do hospital, à espera de assistência, antecipava que os amigos o provocassem porque tantos estavam mortos, estropiados ou capturados. Depois, os pensamentos voltaram-se para a família e Rob encontrou-se em seguida em casa. As coisas não eram como ele se lembrava.

"A nossa casa está deserta. A minha família partiu. O vizinho diz que se mudaram depois de a casa ter sido ocupada. É uma cabana de troncos pequena e bonita, com tábuas lisas por cima para parecer mais agradável. As janelas estão ou abertas ou partidas, e entra pó e vento. Não tenho a certeza se foram os Confederados ou os Federais que lhes dificultaram a vida. Não ficaria surpreendido se tivessem sido os Confederados."

Deprimido, Rob regressou à sua unidade.

"Vejo uma bandeira. Poderia ser a minha unidade. Têm aquelas jaquetas vestidas. Os homens estão bem-dispostos e a fazer-me sentir melhor. Pensavam que eu estava morto. Tenho vergonha de dizer que não foi grave. São bons tipos, como uma família."

Agora que Rob tinha regressado à sua unidade, pensei em tentar obter o seu nome e o nome da sua unidade. Como Rob estava a ter dificuldade em recordar o nome, sugeri que perguntasse aos amigos, mas ele disse que se ririam. Tive de me contentar com os detalhes da unidade.

“Vejo uma bandeira de corpo — azul com um círculo branco sólido no centro e uma borda branca. É de Polk ou de Hardee. É mais atraente do que a nossa, a cruz de Santo André, que é muito popular.

Aquele sujeito com as entradas no cabelo parece familiar. Dão-me palmadas nas costas, esquecendo que estou dorido. Tenho o braço num lenço. Uso um chapéu desabado.”

Depois de passar algum tempo no acampamento, Rob viu-se a marchar numa estrada poeirenta. Queixou-se das condições.

“Sinto-me cansado, mal do estômago. É da comida ou da falta dela. Recebemos pão, coisas secas às vezes, papas de milho (*grits*). Não recebemos o suficiente. Estou habituado, mas sempre com fome. Nunca sabemos para onde marchamos. Mantêm-nos às escuras. Pensava que tinha uma mochila, mas parece que tenho um rolo de cama. Talvez tenha ambos. Fica pesado. Quando comecei, levei coisas a mais. Deitei-as fora, no entanto. Aprendes a guardar o que precisas.

Odeio o pó. Entra-me pelo nariz e mistura-se com o suor. Ficas imundo num instante, mas habituas-te. Não gosto dos bichos. Detesto tudo. Gosto da música. Tenho medo de gostar dos meus amigos por receio que eles morram.

Os homens queixam-se. Está calor e luz intensa a meio do dia. O calor sobe, distorcendo a visão. Parece outono, mas as folhas ainda estão verdes e não propriamente cor de laranja. Um tipo tira o sapato. Está todo ensanguentado. Os pés da maioria dos tipos estão em mau estado. Mesmo que os sapatos sejam perfeitos, continuam a magoar-lhes os pés. Temos corrido muito. Tenho sorte de os meus pés estarem bem. Temos uma pausa de dez minutos a cada hora, mais ou menos.

Estamos a marchar outra vez. Está toda a gente a resmungar. Há rumores, mas aprendi a não lhes dar ouvidos. Só te dão esperanças. É aborrecido. Passaram meses desde a última ação.” De repente, Rob animou-se. Parecia entusiasmado ao relatar que estavam agora a marchar por uma cidade grande, recebendo uma boa resposta. Era algo que a sua identidade da Guerra Civil não estava habituada a ver.

“As pessoas estão a aplaudir. Não há nada para aplaudir. Não nos temos saído muito bem, mas talvez o façam apenas para manter as nossas esperanças vivas. Animaram-me o espírito.”

A unidade de Rob deveria estar em campanha. Disse-me que marchavam rotineiramente há muito tempo e ele estava irritado.

"Mudamo-nos para um lugar e depois voltamos atrás e andamos para trás como num jogo de xadrez. Os generais movem-nos. Nós fazemos o trabalho e eles não fazem nada. Alguns generais são porreiros, no entanto. Toda a gente gosta de Cleburne porque parece competente."

Mais uma vez, tentei obter o nome e a unidade de Rob. Pedi-lhe para verificar as bandeiras e o seu equipamento para qualquer identificação.

"A bandeira diz Alabama. Não acho que seja de lá. Unidade '47'. A bandeira nem sequer parece correta. Podem ter mudado as bandeiras. Acho que o meu nome é 'John'. Tens de pôr o teu nome nas tuas coisas porque não queres que as pessoas as roubem." Rob olha para o equipamento. "Diz 'J. J. Jackson' se estas coisas forem minhas. Não sou ladrão."

Satisfeita, relaxei, e Rob regressou à regressão para ver a sua unidade a preparar-se para dormir. Eram momentos como estes que o tornavam reflexivo sobre a guerra.

"Está tanto silêncio. Às vezes sinto-me bem. Estou a pensar onde estará a minha família. Estou preocupado. É difícil acreditar que tudo isto está a acontecer. Há um par de anos, ninguém conseguia imaginar esta guerra. É como um pesadelo. Muito peculiar; muito único. Não há nada igual. É grande; grandioso — milhares de pessoas. A batalha no bosque foi das grandes.

Às vezes penso que não importa se eu fiz parte dela ou não, porque sou apenas uma pessoa. Se mais pessoas se envolvessem, resolveríamos as coisas. Algumas pessoas escapam ao combate. Se possuis escravos, estás isento para cuidar deles. Não é justo. Se os que possuem escravos começaram tudo, deviam ser eles a estar no meio da confusão. Por isso, tens as pessoas pobres a lutar pela causa dos ricos. Nós não somos pobres, mas ninguém tem uma plantação."

Depois de Rob terminar de filosofar, sugeri que avançasse para um evento relevante. Ao fazê-lo, ouviu explosões.

"Estamos habituados aos bombardeamentos. Ficamos sentados, escrevemos, jogamos cartas ou conversamos. Raramente uma granada explode perto de ti. Na maioria das vezes, disparam por cima das vossas cabeças. Ouves como um estrondo. O medo psicológico, mais do que as probabilidades de te atingir realmente, pode envelhecer-te num instante."

Mais uma vez, pedi a Rob para avançar. Ficou surpreendido por tantos soldados de infantaria estarem a usar botas e descobriu que as tropas estavam em movimento.

“Ali está o rufar dos tambores. Formámos e avançámos em formação. Parecemos impecáveis, não desalinhados. As linhas estão direitas, melhores do que as de muitas unidades. Perto daqui, um par de tipos foi atingido. Caem como sacos de batatas. Se não se mexem, pensas que estão mortos. Dizem-te para olhares em frente e alinhar as armas e ser disciplinado. Não consegues evitar ficar preocupado. Toda a gente parece distante. Tenho medo que os meus amigos estejam noutro lugar. Sinto-me sozinho.

Tenho medo mas não sei o que fazer. Quando estávamos sentados, tive tempo para pensar nisso e evitei-o. Agora que estamos formados na linha, estou com medo mas não petrificado. Tenho a certeza de que toda a gente tem medo, mesmo a pessoa que parece mais calma.

Estamos a saltar uma vedação. Parece engraçado. As vedações quebram sempre as linhas. Temos de nos reformar do outro lado. Uma granada atinge um oficial a cavalo atrás de nós. Não é familiar, mas parecia muito elegante.

Parece muito impressionante — estes blocos de homens movendo-se em linhas, justapostos uns aos outros. O jogo de xadrez está prestes a começar.”

Sempre artista, Rob conseguia ver a beleza no cenário, nos uniformes e nos movimentos militares mesmo numa altura destas. “Vejo um campo de trigo ou erva alta. Tropas a entrar estão a usar o manual de instrução de Gilham, que eu não achava que usassem no Oeste. Nós estamos a usar o de Hardee. Os Confederados estão deslumbrantes. Vejo alguns pés descalços, no entanto. Muitos chapéus desabados, rolos e mochilas; às vezes rolos e mochilas juntos. As baionetas estão caladas. Brilham ao sol. É peculiar como algo pode parecer bonito antes de ser destruído.

"A artilharia Federal está a disparar metralha — essas bolas de ferro estão a romper muito bem as fileiras. Estão a causar danos interessantes. Estamos bastante estáveis. Ainda não avançámos para a frente. É um verdadeiro cenário de batalha. Um grupo de escaramuçadores Federais foi repelido. Não me sinto seguro, mas estou bem."

Sugeri que o Rob avançasse para o fim da batalha para que pudéssemos ver o desfecho. Queria ver se o Rob sobrevivia a outro combate.

"Acho que mantivemos o campo. Sinto-me aliviado. Talvez haja esperança. Tivemos muitos generais maus."

O Rob estava exausto depois de ter estado em estado hipnótico durante quase três horas. Decidimos interromper a regressão nesse ponto e continuar com outra sessão uma semana depois. Nessa altura, já sabendo o que esperar, ele confiou no estado hipnótico e encontrou-se agora desencorajado e enojado com a vida nas trincheiras.

"É muito aborrecido. Ficamos sentados nas trincheiras. É imundo e cheira a lixeira. Há esgotos. Estou aqui há demasiado tempo. As trincheiras estão cheias de água. Tentamos tirá-la com baldes. Quando a água fica demasiado profunda, construímos estrados de madeira para ajudar a escoar. O lixo e os esgotos flutuam à superfície da água e é difícil manter a limpeza.

Não se veem muitos tipos. Estão espalhados por diferentes áreas. Dormimos em grutas à prova de bomba, feitas pelo homem, construídas nas trincheiras. Estou enojado com as ratazanas e quero matá-las. Alguns tipos comem-nas. Eu prefiro passar fome.

Um tipo espetou uma ratazana na ponta da baioneta e enterrou a arma no chão. A ratazana está espetada no ar — exibida como uma bandeira.

É uma loucura. Não podes ir a lado nenhum. Viver nestas trincheiras é difícil para a mente. É frio, é húmido, cheira mal. Estou doente; tenho diarreia. Tenho barba agora. Está ali um tipo com um capote. Tem um cachecol à volta da cabeça que passa pelas orelhas e se ata debaixo do queixo, e um chapéu por baixo. Pode ser um sargento. O nariz e as bochechas estão vermelhos e tem sobrancelhas grossas. Ele já anda nisto há muito tempo. É tão experiente.

Um tipo pôs um espelho para se poder barbear e o espelho foi baleado. A artilharia vai e vem. Estamos habituados. É mais miserável aqui do que nos campos porque estamos confinados."

Para conseguir um alívio da imundície e do tédio, o Rob tirou uma licença para visitar a cidade mais próxima. Descobriu que a municipalidade fustigada pela guerra e os seus cidadãos tinham sofrido um duro golpe.

"Podes conseguir uma licença para ir à cidade, mas eles não gostam que vás. Talvez eu não volte. Fui à cidade um par de vezes. Talvez seja Richmond. Costumava ser mais divertido. Posso ter visitado familiares. Os tempos são mais tristes, mais melancólicos, mais sérios. Os edifícios estão queimados, as

janelas partidas pelos tiros. Ninguém pensaria que a cidade pudesse ter este aspeto.

Costumávamos divertir-nos a jogar bilhar. Há problemas com algumas pessoas más e metemo-nos em lutas. Está desolado. Não há muita gente por perto. Muitas das lojas estão fechadas. Os tipos do exército não estão a receber o soldo. Comprámos pão francês numa padaria — é caro e parece um luxo. Está a sair do saco. Alguém poderia sentir-se tentado a roubá-lo.

Estamos a caminhar por uma rua cheia de escombros. De repente, rebentam granadas e corremos para nos abrigarmos. As mulheres também correm — tentando chegar a casa. Um tipo está furioso, frustrado, farto. Levantando-se do chão, sacode-se, tira a terra do chapéu e volta a pô-lo."

Neste ponto, recebemos um vislumbre dos medos e emoções de um soldado da época, enquanto a identidade da Guerra Civil de Rob parecia contemplar a deserção.

"Perguntamo-nos se os soldados que deixamos de ver passado um tempo partiram ou desertaram. Estás sempre atento para garantir que os outros não partem. Sentes inveja por eles poderem ter a oportunidade de ir. Muitos desertaram. Sinto inveja e raiva. Eu também gostava, mas acho que não seria correto."

Embora tenha achado a ideia de desertar momentaneamente tentadora, Rob viu-se em breve novamente nas fétidas trincheiras.

"De volta às trincheiras, ficas sentado, mortalmente aborrecido. Os tipos fazem esculturas de lama e desenham."

No meio dos esgotos e do mau cheiro, achei interessante que o próprio Rob estivesse a fazer trabalhos artísticos. Na sua vida atual, ele estava a terminar uma licenciatura em artes. Momentaneamente, porém, o tédio parou de forma abrupta.

"Acho que é a Batalha da Cratera", disse ele subitamente. "Os Federais explodiram com uma grande secção das nossas trincheiras e agora estão a preencher os buracos não muito longe de mim. É maciço, com muitos Federais. Vejo soldados Zuoavos Federais; não muitos negros, no entanto. Está quase escuro.

Estou preocupado. Não posso acreditar que abriram uma brecha na nossa linha. Homens voam alto pelo ar com a explosão. Vejo bandeiras do 5.º Corpo da União."

Tendo visto as bandeiras do 5.º Corpo, Rob ficou sobressaltado e começou a questionar a exatidão do que estava a ver. Viu um general e ficou surpreendido por ele estar a pé.

"O General Mahone", disse Rob, "o tipo baixo com barba comprida, está a formar para o contra-ataque. Ele lidera os seus homens de alguma forma. Está a acenar com o chapéu e tem a espada desembainhada. Eu estou no ataque. Ainda não consigo ver os soldados Federais. Agora começamos a vê-los novamente. Há uma linha de trincheiras tão impressionante que recuámos, reformámo-nos, voltámos às trincheiras e retomámo-las.

Estou com medo o tempo todo. É duro para o coração e para a mente. Isto fará de mim um velho em breve. Nunca sabes se vais morrer. O combate acabou. Não fizemos muito; talvez fôssemos a segunda vaga do ataque."

Com o combate terminado, Rob e as suas tropas regressaram a uma certa aparência de rotina. Por esta altura, Rob já tinha visto muita guerra.

"É noite. Entro e saio da área à prova de bomba. As granadas explodem e iluminam o céu. Estou habituado. Tenho serviço de sentinela e tenho de vigiar os tipos que guardam as trincheiras. Talvez seja cabo ou sargento; um dos poucos tipos que durou três anos."

Com as coisas a avançar depressa, Rob viu-se a si e à sua unidade fora das trincheiras.

"Está a chover. Está mais quente — melhor do que estar um frio miserável. É muito assustador. Ninguém sabe o que está a acontecer, mas sabemos que estamos em grandes apuros. Está ali uma mula a puxar uma carroça. A mula está sentada como um cão e um tipo está a dar-lhe chicotadas. Estamos numa grande retirada. A artilharia está a picar as rodas dos canhões. As pessoas estão a desfazer-se de coisas porque têm pressa e não querem que os Federais as apanhem. Há caos.

Está escuro. Tochas iluminam ambos os lados das estradas. A maioria dos homens limita-se a avançar. Parece o fim da guerra. Não creio que possamos continuar. Estamos em apuros. Iremos para onde quer que nos digam. Aqueles que ainda não desertaram ouvirão as ordens. Estamos fora das trincheiras e tínhamos estado lá durante meses. A linha deve ter colapsado algures. Estamos a correr. Os tipos dizem que estamos acabados."

O rosto de Rob tinha assumido um olhar de medo misturado com resignação. Parecia ansioso, mas depois relaxou um pouco.

"É um novo dia. Eu e um amigo estamos a conversar. Temos o equipamento de campanha completo, rolos de cama, mochilas às costas. Estamos com carga a mais para manter o ritmo. Estamos a fazer uma pausa, sentados num campo de erva com todos os outros. Há muitas perguntas. Há sempre. Nunca nos deixam saber nada. É compreensível. Toda a gente começa a espalhar rumores e isso confunde a mente."

Mesmo numa altura destas, Rob estava atento aos detalhes.

"Não sei qual é o meu aspeto. O tipo com quem estou tem os olhos como que esbugalhados e dentes verdes. É um tipo porreiro, mas está todo desfeito e sujo. Não trata dos dentes e eles parecem dentes de coelho. Tem tabaco de mascar na boca e está a cuspir. O chapéu desabado dele está virado para cima e a arma está equilibrada no ombro. As mãos estão presas nas correias da mochila. Estamos a falar sobre o futuro.

Parece sombrio e não sabemos o que fazer. Não sei de onde sou, mas sei que a minha família não está lá. Quero dizer que sou do Alabama." Rob pensou que a sua personalidade da Guerra Civil poderia ter vivido em Florence, Alabama, mas questionou isto porque o seu pai nesta vida era de Florence. Voltando à regressão, Rob sentiu que o fim da guerra estava iminente e perguntou-se como é que isso o afetaria.

"É muito solitário", continuou ele. "Tivemos muitos amigos e eles já não estão por cá. Tivemos repetidamente experiências traumáticas. O fim está mesmo ao virar da esquina. Outros tipos não pensam assim, mas nós estamos a tentar pensar no que temos de fazer. É engraçado porque estamos com todo o nosso equipamento e estamos a falar sobre o fim da guerra. Seremos levados como prisioneiros ou seremos explorados? Encontraremos as nossas famílias?"

Felizmente, Rob e os seus amigos não foram levados como prisioneiros, mas sim libertados sob palavra pela União em Appomattox.

"Toda a gente formou para a rendição. Estamos a passar pela cerimónia. Os procedimentos formais são de certo modo como uma encenação. Avançamos e empilhamos os nossos mosquetes à frente dos soldados Federais sob comando e tiramos os nossos cintos e as nossas caixas de cartuchos. Podemos ficar com o resto das nossas coisas. Enquanto empilhamos os mosquetes, eu e o meu amigo partimos. Brincamos: 'Não vamos ter de nos preocupar com carraças, ácaros e piolhos.' Sentimos raiva e amargura e

também leveza, como 'foram estas as cartas que nos saíram'. Há muitos *Yanks* ali."

Com a guerra terminada, Rob e o amigo despediram-se. Rob enfrentaria agora uma longa caminhada da Virgínia de volta ao Alabama.

"Digo adeus ao meu amigo. Vou para casa cultivar a terra. É a época de começar a plantar. Não há comboios a circular. Estou a caminhar sozinho. Há pessoas a caminhar por todo o lado, na sua maioria veteranos Confederados. O Alabama é para onde vou. É uma longa caminhada. Fiz uma bengala e os meus sapatos estão mesmo desfeitos. Já caminho há demasiado tempo."

De repente, Rob pareceu ter adormecido. Lentamente, despertou. Foi então que Rob regressou à sua casa, a casa que descreveu brevemente durante a primeira regressão. Desta vez, porém, foi capaz de fornecer muito mais detalhes.

"Estou a chegar perto de casa. As coisas parecem familiares. Vejo a minha casa. Foi negligenciada e arrombada. É deprimente, mas eu já estava à espera. Não está cá ninguém. Não sei onde está a minha família, mas estou preocupado. É uma quinta. Não há colheitas. Não consigo perceber se lhe pegaram fogo. Tem queimaduras parciais, mas parece que pode ser reparada. É uma casa de troncos. Os troncos são simples, quadrados e entalhados. A chaminé parece ser feita de pedra. Há um alpendre à frente. É rude, mas bonito. O celeiro pode ter desaparecido.

O vizinho mais próximo é longe. Talvez a minha mãe vivesse comigo. A minha mulher tem um par de filhos. Espero que regressem."

Depois de verificar a casa, Rob decidiu ir à cidade para ver se conseguia obter mais informações sobre a sua família.

"Um tipo está a vender batatas-doces à beira da estrada por vinte e cinco cêntimos. Vou entrar na cidade local.

Estou na cidade a falar com um lojista. É um tipo careca com óculos; colete preto, calças pretas, camisa branca. Não me reconheceu ao princípio. Chamou-me 'Jim' e perguntou-me onde estive. Estou a perguntar-lhe pela minha família. Ele diz que muita gente partiu, mas ele ficou para vigiar o que restava da loja. Tinham roubado coisas da loja. Ele não sabe onde está a minha família. Suponho que vou apenas esperar e ver se eles voltam."

De volta à quinta, Rob começou o trabalho de reparação e o cultivo. "Arranjei uma mula de um vizinho. Estou a usar botas e um chapéu desabado

interessante, virado para cima à frente. Não parece estúpido. Arado muito perto da casa, no jardim. Estou a arranjar as coisas. Pintei os troncos para os selar contra o tempo."

Ansiosa por descobrir se a família de Rob alguma vez se reuniu, pedi-lhe que avançasse para uma altura em que estivessem novamente juntos.

"Tudo o que vejo é o arado", respondeu ele. "Estou sentado nos degraus do alpendre a beber um pouco de água. Alguém que eu conhecia de há anos passa e acena-me. Quando penso na guerra, percebo que foi muito traumática. Sinto-me mesmo ferido e devastado."

Um veterano desanimado e desencorajado, "John Johnson" tinha ficado sem família e com profundas cicatrizes emocionais da guerra. A regressão de Rob Hodge terminou enquanto ele lutava para recompor o que restava da sua vida e da sua casa. Após a sua regressão, fiquei a contemplar como é que o Rob de quatro anos poderia estar tão obcecado com uniformes Confederados. Ele não foi o único reencenador a ficar "fisgado" na Guerra Civil em tenra idade.

Outros oito reencenadores que participaram no meu estudo ficaram fascinados pela Guerra Civil em crianças. A maioria destes brincava aos "Rebs e Yanks" quando eram miúdos. Isto concorda com as observações do professor de história e reencenador John Robinson de que muitos no "passatempo" ficaram "fisgados" na escola primária. Na verdade, Robinson acredita que mais de noventa por cento adquiriram o seu interesse antes da pré-adolescência.

O interesse juvenil de Rob na Guerra Civil é apoiado pela investigação científica do Dr. Ian Stevenson sobre crianças que recordavam espontaneamente vidas passadas. Como observado no capítulo 2, Stevenson observou que muitos dos seus sujeitos expressavam a vocação da personalidade anterior enquanto brincavam.[92] Duas crianças no seu estudo, que teve lugar na Ásia, Ma Tin Aung Myo e Bajrang B. Saxena, brincavam a ser soldados. Quando eram novas, recordavam-se efetivamente das suas vidas como soldados. Stevenson verificou que as crianças se identificavam fortemente com as suas personalidades anteriores até aos sete anos e que, depois, antes dos dez anos, as memórias começavam a desaparecer.[93]

Stevenson descobriu a maioria destes casos em áreas do mundo onde a crença na reencarnação era partilhada pela maioria da população. Ele especulou que os casos também ocorriam no Ocidente, mas eram suprimidos

pelos pais ou pelas próprias crianças. Uma explicação foi dada no programa *Oprah Winfrey Show*, a 1 de março de 1994, quando crianças americanas falaram sobre as suas vidas passadas. Os pais admitiram que, no passado, teriam relegado a recordação de vidas passadas das crianças para a categoria do faz-de-conta. Um clima filosófico cada vez mais favorável e a exposição mediática estão agora a tornar aceitável que alguns pais ocidentais oiçam os seus filhos com uma mente mais aberta.

Em pequeno, Rob tinha estudado fotografias de soldados. Com as regressões, tinha acabado de ver o seu próprio "filme" de uma vida passada. O seu conhecimento da Guerra Civil foi útil para as suas descrições detalhadas de uniformes, marchas e pormenores, mas por vezes sentia confusão quando o que via entrava em conflito com o que ele pensava estar correto. Rob disse que não tinha conhecimento dos movimentos de tropas da 47.ª ou 44.ª Infantaria do Alabama antes da regressão; no entanto, verificou-se ser verdade que, embora ambas as unidades do Alabama tenham lutado com o Exército do Norte da Virgínia, também lutaram com o General Longstreet no teatro Ocidental em Chickamauga e Knoxville. Ambas estiveram ativas no cerco de Petersburg e também participaram na campanha de Appomattox.[94]

Rob sentiu confusão por ter ido efetivamente do teatro Oriental para o teatro Ocidental. Tinha visto jaquetas Ocidentais (da zona do Tennessee), mas sabia que tinha ido para leste. O historiador Brian Pohanka diz que isto poderia estar correto. Em setembro de 1863, a 47.ª do Alabama foi para oeste e lutou na batalha de Chickamauga.

Numa batalha, Rob viu bandeiras azuis do Exército do Tennessee ao lado das dos Alabamians. Isto indica que a 47.ª do Alabama, depois de se separar no combate, teria lutado ao lado de alguns Confederados Ocidentais. Relatórios oficiais dizem que parte do Corpo do General Longstreet, que incluía a 47.ª do Alabama, lutou ao lado de tropas do Tennessee e as unidades separaram-se na confusão.[95]

Rob viu o manual de instrução de Gilham ser usado nalguns campos de trigo abertos. O manual de Gilham era mais usado no Leste, pelo que o historiador Brian Pohanka acredita que a primeira batalha de Rob pode ter sido Chickamauga e a batalha seguinte que descreveu na Virgínia, em 1864, após o regresso de Longstreet ao Leste, daí o uso do manual de Gilham.

Rob descreveu o facto de estar nas trincheiras durante muito tempo. O cerco de Petersburg durou dez meses e foi a operação contínua mais longa da guerra, com trinta e cinco milhas de trincheiras que se estendiam de

Richmond a Petersburg.[96] Durante esse tempo, Rob obteve licenças periódicas para a cidade que descreveu como estando toda queimada. Embora Rob pensasse que era Richmond, era provavelmente Petersburg, que tinha sido gravemente bombardeada.[97] Mencionou que o pão era um luxo. Um soldado raso de infantaria recebia apenas treze dólares por mês na altura.[98]

Durante o cerco de Petersburg, Rob viu as tropas da União a romper a linha. Esta é uma descrição histórica da Batalha da Cratera, a 30 de julho de 1864.[99] Durante setembro de 1864, cerca de 175 canhões dispararam uma média de 7,8 toneladas de ferro por dia sobre os Confederados.[100]

Rob ficou surpreendido ao ver Zuoavos Federais e a bandeira do 5.º Corpo da União. Viu soldados negros em uniformes da União e o General Mahone, que parecia baixo, magro e usava uma barba comprida. O que Rob experienciou na regressão era historicamente exato. O 5.º Corpo da União estava presente, embora não fortemente envolvido, na Batalha da Cratera e incluía uma brigada de tropas Zuoavas. Tropas negras estavam a combater e o General Mahone, que correspondia à descrição de Rob, tinha liderado o contra-ataque Confederado.[101]

Na rendição de Appomattox, Rob disse que os Confederados se desfizeram dos seus mosquetes e cintos com cartuchos. Os Confederados efetivamente empilharam as suas armas e libertaram-se das suas munições.[102]

Devido a conhecimento prévio, Rob acreditava que o pessoal da artilharia que viu não deveria ter usado espadas. Pelo contrário, existem fotografias de artilheiros com espadas.[103]

Rob observou o pifarista e o tamborileiro sem as jaquetas, apenas em mangas de camisa. Embora não tivesse visto isto na recriação histórica, tal era inteiramente possível durante a guerra.[104]

O Rob sentiu que estava a morrer depois de ser baleado. Este foi um sentimento comum entre os soldados regredidos no meu estudo que foram feridos em combate, e algo nunca experienciado na recriação.^8^

Outros cenários autênticos que o Rob experienciou durante a regressão, mas que não são vistos em recriações, incluem os dois oficiais a discutir e o som constante do tilintar de muitos cavalos e arreios. O Rob disse que não tinha visto grandes unidades de recriação de cavalaria. Crítico em relação aos reencenadores com excesso de peso, o Rob ficou encantado por não encontrar sequer um soldado na regressão que estivesse acima do peso.

Também observou que, ao contrário da recriação, os mortos ou feridos pareciam totalmente realistas — desabavam ao serem baleados, caíam de bruços e ficavam imóveis como pessoas mortas. Em quase seis horas de experiências de regressão, o Rob, fanático pela perfeição, não conseguiu encontrar um único detalhe inautêntico, o que o levou a acreditar que se tratara de uma recordação de uma vida passada.

Para além dos detalhes da cronologia histórica que coincidiam com o que o Rob experienciara, encontrei duas possíveis correspondências de nome, unidade e história em investigações subsequentes. O Rob diz que não queria dizer que o seu nome era Jackson, mas John Jackson simplesmente surgiu-lhe no pensamento. Mais tarde, um lojista local chamou-lhe "Jim". Os registos militares dos Arquivos Nacionais mostraram tanto um John Jackson como um James Jackson na Companhia I, do 47.º de Infantaria do Alabama. Havia um John T. Jackson que subiu de posto de soldado raso a cabo. Tinha-se alistado em abril de 1862 por três anos. Um ano depois, estava doente no hospital. Teve licença em novembro de 1863, que foi após a Batalha de Chickamauga. Os registos mostram que esteve de licença durante seis meses. Os registos vão até '64 e não há indicação de uma "data de desmobilização".

James Jackson, de vinte e um anos, foi incorporado por três anos um mês depois de John. Não existem mais registos sobre James.

Estas correspondências de nome, unidade e história, juntamente com a documentação histórica das memórias do Rob, são empolgantes. O que também é fascinante foi a atenção do Rob ao detalhe, particularmente aos uniformes, tanto na sua vida recordada como na sua vida atual. O estudante de artes e aspirante a cineasta e dramaturgo tinha olho para a plasticidade do drama de guerra, muito à semelhança do jovem soldado cujo equipamento estava etiquetado como J.J. Johnson, que parou para admirar a aparência dos soldados no auge da batalha.

8

Buddy: Problemas Cardíacos

As fotografias do casamento de Dallas "Buddy" Bare estavam expostas em destaque na sua sala de estar na noite em que cheguei. O que havia de tão único nelas era o facto de todo o cortejo nupcial estar vestido com trajes da Guerra Civil. O Buddy não parecia achar que fosse assim tão invulgar. Afinal de contas, ele estava envolvido na recriação histórica há vinte e cinco anos e não conseguia lembrar-se de uma altura em que não estivesse interessado na Guerra Civil.

Nascido em Washington, D.C., e criado em Maryland, o jovem Buddy achou natural brincar aos "Rebeldes e Ianques" em vez de "Cowboys e Índios". Vivendo num "estado de fronteira" (Maryland) com um pai da Carolina do Norte, ele sempre favoreceu os Confederados. Em criança, fazia questão de nunca interpretar o Ianque. Embora tenha admitido um breve período como reencenador Federal em part-time, abandonou essa unidade. "É difícil para mim disparar contra um Confederado", disse o Buddy rindo durante a sua entrevista pré-hipnose.

Como adulto, o Buddy manteve o seu interesse juvenil pela Guerra Civil. Ao assistir à sua primeira recriação em Gettysburg, um quarto de século antes, o Buddy foi convidado a juntar-se à ação com a 1.ª Brigada da Linha de Maryland. Fez uma viagem rápida à J. C. Penney para se equipar com uma camisa de trabalho cinzenta e calças, e a unidade forneceu-lhe uma arma. Durante os dezoito meses seguintes, foi membro do 1.º de Maryland.

Mais tarde, quando se encontrou com o seu amigo Dave, também reencenador, a dupla fundou a Companhia F do 8.º de Infantaria da Virgínia. Foram das primeiras unidades de recriação a usar uniformes 100% lã. O Buddy orgulha-se de ter estado na génese do processo de trazer autenticidade à recriação.

De facto, porque a recriação tem momentos de realismo, o Buddy acreditava que isso criava um laço forte entre os seus participantes. "O que mais aproximaria as pessoas do que a guerra?", refletiu o Buddy. "A recriação cria a ilusão de dependeres do teu parceiro para a tua própria vida." Curiosamente, o Buddy escolheu uma profissão nesta vida na qual

frequentemente punha a vida nas mãos dos seus colegas — bombeiro. Na altura da regressão, tinha cinquenta anos e estava reformado do corpo de bombeiros devido a problemas cardíacos.

Após anos na recriação, o Buddy virou agora a sua atenção para a investigação de familiares que possam ter combatido na Guerra Civil. Certa vez, enquanto estava de férias na Carolina do Norte, avistou vários marcos das "Filhas da Confederação" num cemitério familiar. Encurtando a viagem, foi imediatamente para os Arquivos Nacionais, onde investigou três antepassados, todos os quais se tinham alistado no mesmo dia na Companhia A do 37.º de Infantaria da Carolina do Norte.

O seu bisavô, Hampton Bare, foi ferido em Gettysburg na Carga de Pickett e morreu em Fort Delaware num hospital de prisioneiros de guerra. Os outros dois familiares foram capturados e enviados para a prisão em Point Lookout, Maryland, antes de serem libertados condicionalmente.

Interessantemente, a unidade dos seus antepassados, o 37.º da Carolina do Norte, da Brigada de Lane, esteve na Carga de Pickett, e o Buddy disse que eles seguiram logo atrás do 8.º da Virgínia — a unidade atual do Buddy — até ao muro.

Para além da ligação do 8.º da Virgínia à Batalha de Gettysburg, o Buddy teve lá a sua própria experiência profundamente pessoal. No cenário do filme *Gettysburg*, experienciou o que era estar no meio do fogo de batalha vindo de ambos os lados. Noutra ocasião, durante uma recriação da Carga de Pickett para o Serviço Nacional de Parques, marchou com dez companhias em formação através do campo. Quando os Confederados chegaram ao muro, os soldados da União levantaram-se e, em vez de dispararem no momento em que muitos perderam a vida, apertaram-lhes as mãos. Juntos, os reencenadores da União e da Confederação marcharam para fora do campo em lágrimas.

Outro dos eventos favoritos do Buddy foi a recriação da Batalha de Sayler’s Creek, na Virgínia. Foi lá que o 8.º da Virgínia fez parte da retaguarda e a maioria dos soldados foi consequentemente capturada ou morta. O campo de batalha ainda está relativamente intocado e os reencenadores marcham pelos bosques com todo o equipamento às costas, tal como faziam há mais de 130 anos.

O Buddy disse que os Confederados têm de "correr até às tripas", ou serão capturados e postos fora de combate pelo resto do fim de semana. Ele acabava sempre por "morrer" em vez de ser capturado. Para ele, o episódio

não era apenas exaustivo e inebriante, mas também a recriação mais próxima do que os soldados da Guerra Civil realmente experienciaram. Embora tenha participado no evento — com sol, chuva ou neve — durante pelo menos dezoito anos, teve sempre uma sensação avassaladora de que já tinha estado ali antes.

Uma das especialidades de recriação do Buddy era ser membro da equipa hospitalar. Como assistente de cirurgião, ele não só explicava o equipamento médico da Guerra Civil aos espectadores, como também participava na simulação da amputação de um pé. A equipa médica serrava um osso de presunto e depois deixava que o "sangue de Hollywood" de um saco de soro esguichasse para todo o lado. Percebi agora que fora a demonstração do Buddy que eu tinha testemunhado na recriação da Batalha de First Manassas, dois anos antes.

Para além das particularidades médicas, o Buddy admitiu que não estava muito interessado nos detalhes da Guerra Civil. Deixava isso para os seus amigos. Em vez disso, o seu envolvimento na recriação derivava do seu amor pela aventura e pelo campismo, que partilhava com o seu enteado.

Mas o Buddy percebia que a guerra não era um piquenique. Depois de servir na força aérea durante seis anos, acreditava que a guerra era um mal necessário. Por vezes, a recriação também não era um piquenique. Os homens ficavam muitas vezes meio congelados, sentados à volta da fogueira sob a chuva e com os pés cheios de bolhas.

Mesmo em momentos como estes, o Buddy nunca se tinha perguntado por que fazia a recriação. Nunca tinha ouvido falar de memória genética e não pensava muito em reencarnação. A única vez que pensava nisso era quando o seu primo costumava brincar com ele, dizendo que ele devia ser um soldado da Guerra Civil reencarnado. Felizmente, ele não tinha excluído totalmente o conceito e aceitou permitir que eu o fizesse regredir. Assim, após uma indução hipnótica, as pálpebras do Buddy tremeram e ele começou a recuar no tempo.

"É de dia", começou ele. "Há pessoas por perto. Um grupo de cavalos está a passar. Estão a puxar um canhão. Estou a observá-los. Há muitos homens a usar uniformes cinzentos da Confederação e chapéus de feltro pretos (*slouch hats*).

"Vou na mesma direção que eles. Não estão a disparar contra mim. Faço parte deles. Estou a usar uma túnica de uniforme — um pouco diferente da deles. As insígnias são diferentes. Sou da infantaria e tenho insígnias azuis.

Eles são da artilharia. Outros sujeitos estão a caminhar comigo. Os cavaleiros já se foram. É uma estrada de terra e campo — terreno plano. Não sei para onde nos dirigimos.

"Vamos para uma batalha algures porque a artilharia estava a avançar e nós vamos na mesma direção. Algum exército está a reunir-se. Estou nervoso. Não acho que seja a minha primeira batalha.

"Estamos em formação. Estamos parados; à espera do inimigo, suponho. Vejo uma casa de quinta de dois andares e terreno plano. Estamos de frente para uns bosques. Estou ansioso. Estão a disparar do lado do inimigo, à minha esquerda.

"Eles estão a sair dos bosques. Estão a aproximar-se. Vejo clarões, explosões no ar e armas. Os nossos homens estão a disparar. Estão a aproximar-se. Estão a atingir pessoas. Não consigo ver muito longe. Vejo movimento. Estamos a avançar. Estamos a lutar com mais força. Pessoas estão a cair. Pessoas estão a carregar sobre o inimigo."

Subitamente, o Buddy não está a avançar. Já não está com os outros.

"Vejo muita luz. O sol está muito brilhante. Pessoas estão deitadas no chão. A batalha acabou. Estou deitado de costas no chão. É por isso que está tão brilhante. Não sei se estou ferido; acho que sim. Estou muito cansado. O meu ombro dói. Há sangue no meu ombro direito. Não sei o que aconteceu.

"Sinto sede. Está calor lá fora. Pessoas estão a circular. Ainda não chegaram ao pé de mim. Estou a tentar levantar-me. Estou sentado. Sinto-me atordoado. Perdi o meu chapéu. Alguém se aproximou. Estão a tentar ajudar-me a levantar. Está tudo bem. Estou apenas tão cansado.

"Estão a levar-me para algum lado para receber cuidados. Estão a ajudar-me a caminhar. Vou para uma casa. Não sei onde, mas é um caminho longo. Estou a chegar perto. Há muita gente caída. Nós vencemos. Manassas é o nome do lugar.

"Estamos na casa agora. Estão a sentar-me. Estou à espera da minha vez. Não deve ser muito sério. Acho que já não estou a sangrar. Estão a chegar a mim agora. Estão a tirar-me a túnica e a examiná-la. Apenas cortou a parte superior do meu ombro. Não vou perder o braço. Estão a ligá-lo."

Aliviado, ele fez uma pausa por um momento e depois a sua narrativa envolvente continuou.

"Estão a colocar-me numa carroça e a enviar-me para um hospital grande. Há oito ou dez sujeitos feridos na carroça — não gravemente feridos. Estamos todos sentados. A viagem é acidentada. O meu braço ainda lá está. A jornada acabou de começar."

O Buddy moveu-se então para a etapa seguinte da sua viagem.

"Agora estamos à espera para ser postos num comboio. Estão a tirar-nos da carroça e a pôr-nos num comboio. Estou numa carruagem de passageiros com assentos. Os que estão em macas são postos em vagões de carga (*boxcars*). Estão a levar-nos para Richmond. O comboio é mais suave do que a carroça."

Durante a viagem de comboio, perguntei-lhe o nome e a unidade.

"Sou o Bill. Da Unidade 7 ou 17. Companhia B. Acho que é da Virgínia. O sujeito ao meu lado chamou-me 'Bill'. Foi assim que soube o meu nome. O meu apelido é Bell ou Brown. Esta foi a minha primeira grande batalha.

"Estava a lutar pela minha casa, pelo meu estado, pela minha honra. Os Ianques são o agressor que desce para nos apanhar.

"Olhando pela janela, vejo uma ponte. Acho que estamos a entrar em Richmond. É uma cidade grande. Acho que nunca estive aqui antes. Sou do campo. Não sei ler. A família está à minha espera em casa. A Molly deve ser a minha mulher. Vejo uma touca branca e uma saia castanha. Ela tem uma cintura fina. Ela sorri."

Uma vez em Richmond, o Buddy e os outros soldados feridos foram entregues ao hospital Confederado.

"Estamos no hospital agora. Estou a entrar a pé. Há muito branco. Todo o tipo de pessoas circula apressadamente. Dizem-me para me sentar numa cadeira e esperar. Suponho que tenham de cuidar daqueles que estão feridos com mais gravidade."

Após um período de recuperação, o Buddy estava pronto para voltar à frente.

"Estou pronto para sair do hospital agora. Passei um par de meses em Richmond. Sinto-me bem. Tenho de voltar. Estão a enviar-me no comboio de volta para o Norte da Virgínia para lutar. 'Se tens de ir, tens de ir'. Há muita gente no comboio. Não sou muito mais velho do que os outros, mas sou mais velho do que os mais novos. Tenho trinta e três anos.

"Estamos a sair do comboio. Acho que é Manassas Junction. Ligam-nos a um grupo. Temos de caminhar até ao acampamento. Somos cerca de quatro a caminhar. Ainda está calor lá fora. Richmond estava quente, mas era emocionante. Nunca tinha estado numa cidade grande. Saí um pouco pela cidade.

"Vejo o acampamento. Estou a apresentar-me ao oficial de justiça militar (*provost marshall*). Ele está a colocar-me no 17.º da Virgínia — acho que era onde eu estava antes. É onde estou agora.

"Consigo ver o Capitão Charles da Companhia B. Ele é um bom tipo. Estou mesmo a entrar no acampamento. Quero saber onde está toda a gente. Não reconheci nenhuma das pessoas à volta das fogueiras. Está a escurecer. Estamos num acampamento grande."

Não demorou muito até que a unidade do Buddy entrasse novamente no calor da batalha.

"É de dia. Estamos a marchar. Não sei para onde nos dirigimos. Vejo campos e bosques. Vou para outra batalha. Estou entusiasmado por causa do perigo. Outros sujeitos também estão entusiasmados.

"Estamos na orla de um bosque de frente para o campo. Estamos a baixar-nos, atrás de uma cerca de troncos divididos.. Estamos à espera. Ainda não os vejo. Estão a atravessar a colina agora, longe na distância, marchando numa longa linha. Levará algum tempo a chegar até nós.

"Os nossos canhões estão a disparar lá longe à nossa direita. Nós estamos na extrema esquerda — um pouco em ângulo. Estão a aproximar-se. Estamos a começar a disparar contra eles. Já não estamos atrás da cerca. Estamos a formar do outro lado da cerca agora.

"É confuso por causa de todos os tiros que estão a acontecer. Os tiros não estão muito perto de mim, mas um par de sujeitos caiu e tivemos de avançar. Estamos a empurrá-los para trás, não consigo dizer quanto.

"Mais tropas estão a entrar no campo. Os nossos reforços chegaram. Sabe bem. Continuamos a disparar contra eles. Eles estão a responder ao fogo. Os canhões pararam. Estamos à frente dos nossos canhões. Não há muitos caídos. Um grupo dos outros sujeitos está caído. Estamos a avançar pelo campo. Disseram-nos para parar e manter a linha.

"Não queremos descer para a ravina porque eles teriam a vantagem da elevação sobre nós. Queremos ficar no terreno alto. Espero que seja o fim. Está a chover. Estamos a manter a nossa posição.

"Agora estamos a mover-nos. Não sei para onde vamos. Estamos na cidade. As pessoas estão a acenar-nos e a vitoriar-nos. Dizem que o nome da cidade é Manassas. Vencemos a batalha."

Mas não houve descanso para os vitoriosos, pois a cena do Buddy mudou mais uma vez.

"Estamos a marchar novamente. Estamos a seguir para sul. Eles nunca nos dizem — os rumores dizem-nos. Vamos para Richmond ou Petersburg ou Fredericksburg — uma delas que fica a sul. Os meus pés estão cansados. Vão ficar ainda mais cansados. Parece ser um longo caminho."

Após chegarem ao destino, a unidade do Buddy iniciou uma nova tarefa.

"Estamos a entrincheirar-nos. Estamos em Fredericksburg a escavar abrigos para atiradores acima do rio para cobertura. Há muita escavação."

De acordo com a narrativa do Buddy, após as fortificações terem sido construídas, a sua unidade Confederada começou a marchar para noroeste, refazendo alguns dos seus passos anteriores.

Quando a sua unidade parou para uma pausa junto a uma igreja, o Buddy subitamente viu cavalaria Ianque a afastar-se a galope e infantaria Ianque a sair do bosque a disparar. O medo apoderou-se dele momentaneamente, já que a sua companhia poderia estar em inferioridade numérica. Mas a sua companhia empurrou-os para trás sem sofrer baixas. Aliviado, o Buddy relaxou um pouco. Passando para a cena seguinte, ficou novamente surpreendido ao ver-se de volta a Fredericksburg.

"Estamos de volta aos abrigos para atiradores, os mesmos em que trabalhámos antes em Fredericksburg. É a mesma área. Vejo a curvatura do rio. Eles estão a mover-se de um lado para o outro, preparando-se para atravessar o rio. Eles sabem que estamos aqui. Estão rio abaixo em relação a nós. Isso não está na linha de fogo. Mas vai estar.

"Eles estão a atravessar o rio. Ouvem-se canhões a disparar. Não os consigo ver. Estão demasiado longe. Isso deixa toda a gente entusiasmada e ansiosa. Vejo alguém a tentar atravessar o rio, ali em baixo à esquerda, agora. Pararam de vir. Estão a concentrar-se rio abaixo. Não oiço nada.

"Estamos à espera. É uma colina longa. Não reconheço este lugar. Pode ser Fredericksburg. Estou a meio caminho do topo da colina, no abrigo para atiradores. Os Ianques estão a subir a colina, em vagas, como quem dispara contra patos. Estamos a disparar sobre eles de cima. Eles continuam a vir. É estúpido. Estão a ser chacinados. A artilharia está a disparar sobre nós e a atingir a nossa zona. Há tiros que passam muito perto." No meio de uma grande vitória Confederada, o Buddy foi atingido.

"Tudo ficou em branco. Não vejo nem sinto nada. Ficou claro — muito brilhante, depois escuro. Estou a flutuar — a olhar para baixo. Vejo o abrigo para atiradores. Há corpos deitados por todo o lado. A batalha acabou. Estou deitado no chão de barriga para baixo.

"Consigo ver sangue nos meus ouvidos. O meu chapéu desapareceu, a minha cabeça está virada para o chão, estou com as botas calçadas. É triste eu não poder ir para casa. Achei que estávamos a ganhar.

"Agora o corpo desapareceu. Está em linha com outros para ser enterrado. Consigo ver a minha parte da frente. A minha túnica está toda rasgada. Vejo uma barba, um bigode e sangue nos ouvidos. Os meus olhos estão fechados. Estou morto."

Um cético em relação à reencarnação antes da sua regressão, o Buddy acabara de observar a sua própria morte. Além disso, após verificar detalhes históricos que experienciou na sua regressão, começou a reavaliar o seu pensamento. Ao longo dos seus anos de recriação, o Buddy estivera mais interessado na aventura e na camaradagem da recriação do que na história e detalhes da guerra. Por causa disso, tanto o Buddy como os seus colegas reencenadores ficaram espantados ao descobrir que a sua história, bem como o intervalo de tempo, estavam cronologicamente corretos.

A "mudança de opinião" do Buddy sobre a possibilidade de reencarnação após a sua experiência de regressão inspirou-me a analisar mais de perto os inquéritos pós-regressão dos outros participantes, e descobri que revelavam algumas observações interessantes. Antes das suas regressões, os reencenadores, em média, classificavam-se apenas ligeiramente acima do neutro quanto à sua crença na possibilidade de reencarnação. As duas pessoas que se voluntariaram para o meu estudo classificaram as suas crenças em vidas passadas numa média de três pontos acima dos dez sujeitos que eu recrutara.

Curiosamente, o Buddy foi o único reencenador que se sentiu seguro de que a história que recordou era uma vida passada, embora não tivesse dado muito crédito à ideia de reencarnação antes da regressão. No seu inquérito, ele classificara a sua crença na possibilidade de reencarnação com a nota mais baixa de todos os reencenadores (três numa escala de dez). Após a sua experiência e a mudança de perspetiva, ele quase triplicou a sua classificação.

A maioria dos outros reencenadores foi mais cautelosa em atribuir os resultados das suas regressões exclusivamente à reencarnação. Ainda assim, oito deles mudaram a sua crença na reencarnação após as regressões.

Dos quatro que não alteraram as suas opiniões, David Morse *(ver capítulo 13)* já tinha classificado a teoria da reencarnação com dez. Dale Clarke *(ver capítulo 10)* sentiu que a regressão lhe deu uma nova perspetiva sobre a sua vida e inspirou-o a pensar em explorar uma possível vida como centurião romano. MaryLynne Bauer (ver capítulo 9) pensou que o facto de se ter recordado de morrer como um jovem soldado pode ser uma explicação para o porquê de se sentir com tanta pressa de ter uma carreira de sucesso. Brian Pohanka *(ver capítulo 15)* disse que agora tinha uma maior apreciação e compreensão do realismo da Guerra Civil e dos sentimentos dos soldados. Afirmou que a sua experiência de regressão influenciara as suas atividades de recriação.

A maioria dos reencenadores não conseguia explicar a origem das suas histórias. Um questionou se a informação poderia ter borbulhado do inconsciente coletivo. Outro ficou surpreendido com a facilidade com que os seus pensamentos fluíam. Outro não se achava capaz de fabricar algo tão bem feito. As vidas passadas recordadas deixaram alguns reencenadores com perguntas sem resposta, tornando-os curiosos, inquietos ou céticos.

Cada reencenador descreveu a sua experiência de forma diferente. Para um, foi como um filme. Outros recordaram-no como episódios vívidos cheios de emoção, medo, terror ou incerteza. Vários recordaram sensações físicas extremas de dor ou fome. Vários notaram que se lembraram de detalhes das suas regressões mais tarde, ao contrário de um sonho que desaparece rapidamente da memória. Para cada reencenador, a regressão a uma vida passada foi muito mais real e autêntica do que o que experienciavam durante a recriação.

Considerados como um grupo, mais de metade relatou que a regressão mudou a sua visão da recriação. Descobriram que a recriação se tornou mais pessoal. Ficaram mais entusiasmados com ela, tiveram uma apreciação mais

profunda pelos soldados e sentiram-se mais próximos da experiência da Guerra Civil como resultado. Sete disseram que a experiência de regressão os afetou pessoalmente. Um sentiu que o ajudou a definir-se espiritualmente; outro teve uma nova perspetiva sobre a morte; um sentiu-se mais orgulhoso por poder ter servido na Guerra Civil e cumprido o seu dever. A experiência de regressão afetou três quartos dos sujeitos em pelo menos uma área significativa.

Além das mudanças de perceção dos reencenadores, também analisei possíveis correlações entre problemas de saúde atuais e ferimentos recebidos na altura. As únicas correlações aparentes possíveis foram com o Buddy, que tinha agora um problema cardíaco e recordou ter sido baleado no peito, e Alan McBride, que tem agora asma e também foi ferido no peito. MaryLynne Bauer, que se tem sentido desconfortável no escuro nesta vida, experienciara pânico como soldado quando viu a escuridão, e também antes da morte. Uma correlação mais fraca poderia ser Rob Hodge, que foi baleado no braço e, nesta vida, teve problemas no pulso.

O facto de ter identificado apenas um terço dos sujeitos cujos problemas de saúde poderiam estar correlacionados com as suas vidas na Guerra Civil parece baixo em comparação com o processo terapêutico de regressão normal, uma vez que a maior parte do trabalho de vidas passadas hoje em dia é feito por razões terapêuticas. Uma explicação possível poderia ser o facto de o foco do meu estudo de regressão não ser retroceder para revelar causas de problemas físicos ou medos atuais, mas apenas ver se havia evidências identificáveis de memórias de vidas na Guerra Civil.

As memórias da Guerra Civil do Buddy foram uma surpresa para ele. Ele foi um dos que nunca se interessou muito pela história da Guerra Civil, não tinha feito nenhuma investigação significativa e não estava a par dos detalhes. Estava confuso sobre a ordem das coisas. Não sabia se a Batalha de Marye's Heights, em Fredericksburg, fora antes ou depois de *First* ou *Second Manassas*. No entanto, o cronograma e a cronologia na sua narrativa entre as batalhas, ser ferido, ir para o hospital de Richmond e regressar no final de uma campanha para a Batalha de Fredericksburg estavam corretos.

No cenário de vida passada, pareceria razoável supor que o Buddy foi baleado em *First Manassas* a 21 de julho de 1861. Ele lembrou-se de apanhar uma carroça e um comboio para o Hospital de Richmond durante um par de meses, sendo depois levado de volta para Manassas Junction, de onde caminhou de volta para o acampamento. A batalha seguinte de relevo em que

o Buddy recordou estar envolvido foi *Second Manassas*, a 30 de agosto de 1862. Depois de cavar trincheiras em Fredericksburg e marchar em campanha, ele acredita ter regressado para a Batalha de Fredericksburg, a 13 de dezembro de 1862.

Curiosamente, a linha de trincheiras Confederadas estendia-se ali por sete milhas, e os soldados estavam comprimidos à razão de 11.000 por milha.[28] O historiador Brian Pohanka confirma que o Buddy poderia ter apanhado a ferrovia à saída de Richmond para Manassas Junction e depois caminhado para o acampamento. O acampamento de inverno Confederado em 1861-1862 ficava entre Manassas Junction e Centerville.

O Buddy descreveu uma casa de quinta num planalto. Esta poderia ter sido a *Henry House*, que estava localizada em *First Manassas*. O 7.º e o 17.º de Infantaria da Virgínia foram ambos organizados em Manassas Junction. Ambas as unidades estiveram em *First Manassas* e *Second Manassas*. O 7.º da Virgínia manteve a linha enquanto o 17.º da Virgínia atacou. À companhia do Buddy foi ordenado que parasse e mantivesse a linha. O Buddy descreveu manter a linha mesmo antes de uma ravina. Esta foi uma descrição precisa de *Second Manassas*.[29]

Ambas as unidades também estiveram em Fredericksburg.[30] Algumas tropas estiveram em Fredericksburg várias vezes. As tropas chegaram a refazer os seus passos. Houve também duas batalhas em Fredericksburg: dezembro de 1862 e maio de 1863. Em Fredericksburg, havia abrigos para atiradores ou trincheiras que tinham sido escavadas pelos soldados. Após a batalha, os cadáveres foram alinhados numa fila.[31] Durante a marcha, nunca foi dito ao Buddy o seu destino. Era comum os homens não saberem para onde iam. Mesmo aos oficiais não eram ditos os destinos finais.[32]

Ao pesquisar o personagem de vida passada do Buddy, encontrei duas excelentes correspondências de nome e unidade. No entanto, embora algumas das correspondências da história de vida que descobri tivessem alguma conformidade, descartei-as como evidência conclusiva. W. T. Bell, do 7.º de Infantaria da Virgínia, alistou-se em agosto de 1862, pelo que teria perdido *First Manassas*. Foi ferido, provavelmente em Fredericksburg e depois em Gettysburg. Foi depois hospitalizado em Richmond. Não existem mais registos.[33] William H. Brown, Companhia D, 17.º de Infantaria da Virgínia, alistou-se em maio de 1861, foi capturado em setembro de 1862 e libertado sob palavra um mês depois. Transferiu-se para a Linha de Maryland em maio de 1864.[34]

Outra correspondência intrigante de nome e unidade que encontrei nos registos militares dos Arquivos Nacionais foi William Bell, 7.º Batalhão, que era assistente de cirurgião. Curiosamente, na recriação, o Buddy atuava como assistente de cirurgião.

Houve dois Brown que morreram em Fredericksburg. John T. Brown, Companhia E, 58.º de Infantaria da Virgínia, alistou-se em julho de 1861 e teria perdido *First Manassas*. Enquanto doente no Hospital de Lynchburg, perdeu *Second Manassas*. Foi morto em combate em Fredericksburg e deixou uma viúva. A vida deste soldado correspondia a algumas das lembranças do Buddy: passar tempo num hospital, morrer na Batalha de Fredericksburg e deixar uma viúva.

A única forma de esta ser uma correspondência possível é se o Buddy tivesse identificado mal as duas primeiras batalhas. George W. Brown, 40.º de Infantaria da Virgínia, alistou-se em maio de 1861 aos vinte e cinco anos. Morreu em Fredericksburg em outubro de 1861, cedo demais para a Batalha de Fredericksburg.[35] Henry J. Brown, Companhias D e E, 49.º de Infantaria da Virgínia, foi ferido em Seven Pines e na Segunda Fredericksburg. Foi retirado dos registos em outubro de 1864.[36]

Dos soldados cujos registos pesquisei, houve duas correspondências possíveis. Uma foi M. P. Bell, Companhia E, 33.º de Infantaria da Virgínia, que está enterrado no Cemitério de Spotsylvania.[37] O segundo é o virginiano R. A. Brown, que foi enterrado no Cemitério de Fredericksburg, também de acordo com os registos de enterro.

Mesmo antes de eu verificar os factos da história do Buddy, o antigo cético da reencarnação decidiu que a reencarnação era a única forma de conseguir explicar as suas recordações de memórias da Guerra Civil. Disse o Buddy: "Era demasiado real para ser outra coisa qualquer."

9

MaryLynne:

Uma Saia de Armação por uma Arma

Especialista em trajes históricos, a MaryLynne Bauer tinha a habilidade invulgar de caminhar, correr ou até trepar rochas usando uma saia de armação (*hoop skirt*) do século dezanove. Ficava impaciente quando via outras reencenadoras a levantarem as saias ao caminhar, enquanto ela achava fácil

apanhar a sua própria saia com os dedos dos pés para evitar que a bainha se atravessasse no caminho. Durante a nossa entrevista pré-hipnose, a MaryLynne disse-me que não se lembrava onde aprendera este truque.

Sempre que usava o seu traje do século dezanove, a MaryLynne nunca saía da sua tenda ou de casa sem a touca e as luvas calçadas, embora nunca sentisse necessidade de chapéu ou luvas na sua vida atual.

A MaryLynne não só se sentia confortável em roupas da era da Guerra Civil, como também acreditava que tinha uma aparência e uma postura mais autênticas do que algumas das outras mulheres. Embora a MaryLynne tivesse um aspeto contemporâneo em roupas modernas, a sua licenciatura em *design* de figurinos e teatro dera-lhe vantagem na hora de criar a sua imagem da Guerra Civil. A jovem de trinta anos estava atualmente a trabalhar no seu mestrado em trajes históricos e têxteis.

Por mais vaidoso que soasse, a MaryLynne admitia sem pudor que gostava de ser a melhor na sua área e gostava de ser reconhecida como uma autoridade em vestuário histórico entre reencenadores femininos e masculinos.

Depois de se licenciar, formou equipa com uma costureira que planeara fazer figurinos para um filme em Hollywood. Embora o projeto não tenha avançado, foi através desta costureira que ela foi apresentada aos reencenadores da Guerra Civil. Ficou tão fascinada com os reencenadores que começou a fazer os seus uniformes. Curiosamente, a MaryLynne não tinha nenhuma ligação anterior com o tema da Guerra Civil, estando, de facto, mais interessada na história e vestuário eduardiano, colonial e medieval. Disse-me que não sabia se isto significava que nunca tivera uma vida passada na Guerra Civil ou se simplesmente não queria recordar-se dela.

Gradualmente, tornou-se mais consultora e conferencista e menos costureira. Como consultora de reencenadores tanto para os uniformes da infantaria como para os trajes das suas esposas, tornou-se o primeiro membro feminino honorário e a única mulher das Reservas da 1.ª Pensilvânia.

Sete anos mais tarde, a MaryLynne continuava envolvida na recriação da Guerra Civil e participava em todos os aspetos da vida das mulheres na era da Guerra Civil. Lembrava aos reencenadores soldados que a Guerra Civil durou apenas quatro anos e que eles deveriam prestar alguma atenção aos tempos, aos seus meios de subsistência, à política, à história e aos divertimentos da

época. A MaryLynne via-se como uma cruzada pela esfera civil das suas vidas.

Inteiramente confortável com a decoração do século dezanove, gostava de fazer interpretações da mecânica da vida doméstica em eventos de história viva. Dizia que os espectadores frequentemente a elogiavam pela sua capacidade de explicar como os civis passavam o tempo que agora passamos a ver televisão. O conhecimento da Guerra Civil e uma perspetiva do século dezanove surgiam-lhe com facilidade.

Relativamente aos temas da Guerra Civil, um ponto de vista com o qual a MaryLynne não se sentia confortável era a causa do Sul. Embora estivesse temporariamente ligada a uma unidade de recriação do Sul, admitiu que era principalmente por diversão. Reconhecendo que a mentalidade sulista lhe era estranha e consciente de que a experiência da guerra no Sul foi vastamente diferente da do Norte, identificava-se mais com os reencenadores Federais, os seus estilos de vida e a sua causa. Sempre que se sentia inquieta com os reencenadores Confederados, lembrava-se de que todos eram americanos antes, durante e depois da Guerra Civil.

A MaryLynne cresceu no Midwest, onde ouviu falar pouco da Guerra Civil. Não tem conhecimento de nenhuns antepassados que tenham combatido na guerra, embora tenha realizado alguma pesquisa depois de se envolver na recriação. Uma possibilidade remota era o tio do seu bisavô, que poderá ter combatido na 1.ª Infantaria de Voluntários de Delaware.

Considerando-se uma pacifista, a MaryLynne não gostava da guerra. Ainda assim, quase se juntou à força aérea porque queria ser piloto. Isto não surpreendeu o seu namorado na altura, que disse uma vez que ela "pensava como um homem". A MaryLynne reconhecia que comunicava bem com os homens, tinha uma boa mente analítica e era dotada para a canalização. A sua colega de quarto afirmava que a MaryLynne conseguia construir um reator nuclear a partir de um saco de sucatas.

A MaryLynne reconhecia-se como uma mulher moderna que tomava as suas próprias decisões, era competitiva, orientada para objetivos, confiante e solitária. Na altura do estudo, sustentava-se como conservadora de museu. Embora as atitudes e o estilo de vida atuais da MaryLynne parecessem entrar em conflito com as mulheres mais dóceis do século dezanove que ela recriava, a sua própria pesquisa indicava que existiram de facto mulheres independentes no século dezanove que geriam negócios e quebravam o molde submisso.

Com tudo isto em mente, a MaryLynne dizia que se sentia confortável em ser mulher. Tinha uma abordagem pragmática aos seus interesses de "enriquecimento de vida", que iam da moda, música e decoração à história, filosofia e literatura. Tratando a recriação com a mesma sinceridade, afirmava estar tão comprometida com "o passatempo" como os reencenadores masculinos.

Embora não se identificasse com nenhuma batalha específica da Guerra Civil, a MaryLynne achava que nada era mais emocionante do que um desfile e a melodia assombrosa do pífaro e do tambor à distância. Também achava comovente sentar-se num alpendre e ver as fogueiras do acampamento a brilhar ao longe.

Ocasionalmente, sentada à volta de uma fogueira com outros reencenadores, a MaryLynne refletia sobre o seu interesse pela Guerra Civil. Mantinha uma posição intermédia na questão da reencarnação, estando aberta à possibilidade, mas esperando por provas. Comparava-o a acreditar em OVNIs. "A menos que um alienígena aterre no teu quintal, não podes acreditar", dizia pragmaticamente.

Com uma mente rápida e criativa, a MaryLynne teve muitas experiências de *deja vu* na sua vida. Embora nenhuma delas envolvesse a Guerra Civil, frequentemente sabia de antemão como uma situação se iria desenrolar e qual o seu desfecho. Numa ocasião, foi tão avassalador que ficou com pele de galinha e as lágrimas vieram-lhe aos olhos também.

A MaryLynne foi uma participante recetiva no meu estudo. Após a nossa entrevista bem-sucedida, estávamos agora prontos para iniciar a sua experiência de regressão. Estávamos ansiosos por ver se ela conseguia explorar a vida doméstica do século dezanove para obter novas informações e perspetivas sobre a decoração, vestuário e atividades que enriqueceriam os seus estudos e carreira. Mas as memórias que a MaryLynne trouxe à tona surpreenderam-nos a ambos.

"Sinto um pânico real", começou ela. "Algo está errado. A luz está a ficar brilhante. Está tudo branco. Não consigo ver nada. Há remoinhos de preto. Vejo luzes ao fundo.

"Estou de volta à sensação de pânico, mas não tão forte. A luz não é tão brilhante. Não sei de onde vem. O meu rosto dói como se estivesse a chorar. Estou sozinha, dentro de algo — ou numa tenda ou debaixo de um lençol. A

luz do sol filtra-se. Talvez haja uma cama. Não consigo ver claramente. Acho que estou de pé. Está escuro agora."

Supondo que a MaryLynne se tinha deslocado imediatamente para a sua cena de morte, permiti que ela relaxasse e depois guiei-a para retroceder nessa vida. Imediatamente, ela ficou confusa. Na última cena, sentira que tinha sido uma mulher.

"É de dia", disse ela. "Estou lá fora, sozinha. Estou a usar calças e uma túnica larga. Sou um rapaz. Há uma cidade. Estou parado num quintal grande com uma árvore grande. Bob ou Rob. É assim que me chamam. Não há casas atrás deste quintal, apenas um campo com uma cerca de madeira no meio.

"A casa fica do outro lado. É uma casa de madeira branca com pelo menos dois andares. Não há alpendre atrás. Acho que é onde eu vivo. Está bem cuidada. É verão. Não está muito calor, mas está bom tempo. Está quase demasiado silêncio. Estou aborrecido. Há outras casas por perto.

"Estou a brincar com um pau na lama. Devia haver um jardim. Não o vejo. Talvez não esteja a crescer agora. Normalmente há mais coisas nele. Há ali algum milho, mas não está a crescer muito bem. É como se alguém lá tivesse ido e arrancado tudo."

Após a MaryLynne se aclimatar, pedi-lhe que entrasse na casa para o jantar.

"Estou na sala de jantar. Há uma mesa grande e escura. Há algumas cadeiras. A minha mãe tem um vestido preto. É simples, mas asseado. Parece caro. A minha irmã tem um vestido castanho. Acho que tenho cerca de seis anos. O meu queixo mal chega ao topo da mesa. Estou a olhar de baixo para ela. Há alguns pratos e uma toalha de mesa que não é suficientemente grande para a mesa. Há coisas de prata na mesa e uma taça de morangos. Eu e a minha irmã estamos sentados. A minha mãe está a entrar.

"Não sei onde está o meu pai. Ele está fora. Ele partiu — há muito tempo. Não sei quando voltará. Ela está zangada por ele se ter ido embora. Talvez tenha fugido? A minha irmã diz que o meu nome é Bobby. A minha irmã não me quer dizer o meu apelido. Está a meter-se comigo outra vez. B-R-O-D-? Brody? Broderick? O nome do meu pai é Robert ou Michael.

"A minha mãe e a minha irmã estão a conversar sobre alguém que a minha irmã conhece. Ela é muito mais velha. Tenho fome. Quero os morangos com natas. Não me importo com as outras coisas."

Isto fez-me rir. Tínhamos pensado que a MaryLynne ficaria fascinada com todos os pormenores e detalhes da vida doméstica, mas, em vez disso, ela soava como um rapaz típico. Após a refeição, pedi-lhe que avançasse no tempo.

"Há pessoas a caminhar na rua. Estou a caminhar sozinho. Tenho catorze ou dezasseis anos, e sou alto e magro. Visto um fato — calças axadrezadas e uma túnica larga. Não estou a fazer nada agora. Costumo ir à escola, mas deve ser tempo de verão.

"O meu pai nunca voltou para casa. Acho que morreu há muito tempo. Não sei. Eu era pequeno. Chamam-me Robert agora. Não deixo que me chamem Bobby. É Brody. Não tenho a certeza se é 1858, 59 ou 62. Vejo o nome Hartford num sinal. É rural, não é uma cidade grande. Mas há pessoas ricas aqui. Nós também somos ricos."

Pedi à MaryLynne que perguntasse a alguém o nome do estado.

"Essa é uma pergunta bastante disparatada para se fazer a alguém. Estamos no Oeste. Não é na Nova Inglaterra. Talvez seja o Ohio, ou o Michigan, ou o Indiana. Vive-se bem aqui. É terrivelmente silencioso, no entanto. Um bocado aborrecido.

"Não ouvi falar da guerra. Está tanto silêncio. Não devia estar assim tanto silêncio. Provavelmente não está silêncio no Leste. Deve estar a acontecer muita coisa por lá. Gostava de poder ir para lá.

"Havia alguns cavalos a puxar carruagens. Está tudo muito movimentado na redação do jornal. Não podem parar para conversar. Há jornais por todo o lado em pilhas. Eles não se importam que eu ande por ali a remexer. Venho cá muitas vezes. Dizem que sou demasiado novo para trabalhar ali. Faz-me doer os olhos."

MaryLynne vê-se livre do seu tédio quando avança para o próximo evento significativo.

"Muita gente está parada junto a uma gare ferroviária. Está apinhado. Estamos à espera para entrar num comboio. Vamos para o Leste. Acho que podemos ser soldados, mas não consigo distinguir porque alguns não têm o tipo de chapéu certo. Todos têm chapéus grandes com abas largas. Estão a usar uniformes azuis.

"Sinto-me apreensivo. Não sei se quero realmente ir. Preferia ir para Nova Iorque e ser repórter num grande jornal de lá. Tenho estado a trabalhar

para o jornal aqui. Vou escrever coisas e enviá-las de volta. Não sou correspondente, apenas um soldado. Eles têm correspondentes para os jornais. Vamos descer até Washington através da Pensilvânia."

Deixando a sua cidade natal, MaryLynne chegou a Washington e sentiu-se ansiosa.

"Há sempre pessoas em todo o lado agora. É difícil estar sozinho. Estamos na cidade de Washington. Estou preocupado. A capital é aqui, e poderíamos ser atacados. Washington é uma cidade bonita. Ainda não escrevi nada. Acabámos de chegar. Não conheço ninguém.

"Talvez a minha unidade seja o 14.º do Ohio, Companhia D ou G. Também poderia ser o 43.º ou o 3.º. Acho que me chamam Harry. Talvez Robert seja o meu nome do meio. Gosto mais de Robert, mas eles chamar-me-ão o que quiserem. Continuo a achar que o meu apelido é Brody, mas Mitchell também me vem à ideia."

Depois de deixar a capital, MaryLynne viu-se em campanha.

"É de dia. Há pequenas colinas. É maioritariamente campo aberto. Há algumas árvores com folhas. Dormimos no chão sem tendas. Está toda a gente sentada. Estamos muito cansados. Temos estado a marchar. Os meus pés não me doem, na verdade. Não sei por que não doem. Talvez esteja habituado."

Embora se sentisse bem fisicamente, a apreensão da MaryLynne acompanhava-a.

"É noite e há fogueiras. Eu não acendi nenhuma. Já lá estavam quando acordei. Está toda a gente sentada à volta a comer e a conversar. No entanto, fico preocupado. Conseguem ver-te quando tens uma fogueira. Acho que eles estão mais perto do que qualquer outra pessoa pensa. Acho que estamos na Virgínia porque caminhámos, não apanhámos um comboio. Não passou muito tempo desde que deixámos Washington. Não é como um acampamento. Provavelmente teremos de marchar outra vez.

"Estão a falar alto. São rudes. Eu não me encaixo. São mais velhos do que eu. Tenho cerca de dezassete anos. Eles sabem muito mais do que eu, no entanto. Não têm instrução como eu. Eu gosto de escrever. Estou a escrever algo agora sobre a marcha. Já andamos nisto há algum tempo. Continua e continua. Torna-se aborrecido. Não consigo escrever quando estou a caminhar. Estou apenas a passar o tempo. Fico sozinho a escrever e a observá-los.

"Vi um par de oficiais a cavalo. Um tem mais coisas no uniforme — uma faixa e uma espada vistosa. Não sei o nome dele. Deve estar a visitar-nos. Vai fazer-nos marchar outra vez. Devemos estar com outras unidades. Há tantas mais pessoas do que antes. Todos usam túnicas largas. Alguns homens, mesmo no nosso grupo, têm chapéus diferentes."

Notei que a MaryLynne não mostrava muito interesse em detalhes dos uniformes. Quando lhe pedi para avançar para o próximo evento importante, ela disse que se sentia como se estivesse sozinha e à deriva. Sugeri que recuasse um pouco e ela ficou ansiosa.

"É de dia e estou lá fora. Sinto-me em pânico outra vez. Não sei porquê. Há muita gente caída por todo o lado. Dói-me a cabeça. Dói-me o rosto. Acho que não me magoei, no entanto. Estou de pé. Tenho medo. Já não há tiros. Acho que houve tiros. Eu não estava aqui quando aconteceu. Não quero ficar aqui. A minha cabeça dói outra vez. Talvez devesse pedir a alguém para a ver. Estou um pouco afastado dos outros. Estão todos a gritar e perturbados. Talvez também estejam em pânico. Estou à deriva outra vez. Não consigo ver nada agora.

"Já não dói. Isto é disparatado. Estou no ar. Não sei porquê. É agradável. A minha cabeça não dói. Consigo olhar para baixo. Vejo muita gente caída."

Pedi à MaryLynne para observar o seu corpo. Agora ela parecia totalmente desprovida de emoção e distante, o que contrastava nitidamente com os seus últimos sentimentos de pânico.

"Vejo o meu corpo. É apenas um gajo. Nada de especial — alto e magro, com cabelo castanho. O tipo que estava a gritar comigo está a olhar para ele. Estou a mover-me. Estou a ir embora. Talvez tenha levado um golpe na cabeça. Sinto-me bem agora. O meu corpo está a ficar mais pequeno. Estou apenas a flutuar. Acabou-se tudo. Não vejo nada agora."

A regressão da MaryLynne começara com um sentimento de pânico, a sensação de que algo estava errado, e muita luz branca — a tornar-se mais brilhante. Foi então regredida para o início desse tempo de vida. Embora a MaryLynne tenha pensado que era uma mulher na primeira cena de morte, poderá ter apenas assumido que era do mesmo sexo e ficou surpreendida ao ver-se como um rapaz do Midwest de seis anos, a crescer sem pai.

A única mulher no estudo, MaryLynne foi a única reencenadora a encontrar uma mudança de sexo na vida anterior. Alguns dos seus amigos não ficaram surpreendidos por ela ter recordado uma vida masculina, porque ela

pensava como um homem, era dotada para a canalização e uma vez quisera ser piloto da força aérea.

Achei as experiências da MaryLynne consistentes com a investigação do Dr. Ian Stevenson sobre mudanças de sexo em vidas passadas. Crianças que recordam vidas anteriores como membros do sexo oposto mostram sempre, quando são jovens, traços característicos do sexo anterior. Entretanto, na sua obra *Many Lifetimes*, Joan Grant sublinhou a importância de tais indivíduos não negarem os instintos e intuição que tinham sido adquiridos como sendo do sexo oposto.[254]

Stevenson viu uma correlação entre os casos relatados de mudança de sexo e crenças culturais.[255] Na coleção de casos de estudos de regressão da Universidade da Virgínia provenientes da Birmânia e da Tailândia, aproximadamente vinte por cento eram do tipo mudança de sexo. Algumas culturas, como os Druze do Líbano, os Tlingits do sudeste do Alasca e os Alevis do centro-sul da Turquia, não têm casos relatados de mudança de sexo. Algumas culturas acreditam que é um castigo regressar como mulher. Noutras culturas, Stevenson relata que a incidência de mudança de sexo é de cerca de cinco por cento.

O investigador de vidas passadas Hans TenDam diz que a probabilidade média de uma mudança de sexo entre duas encarnações subsequentes é de quinze a vinte e cinco por cento.[256] A psicóloga Helen Wambach descobriu que tinha sempre um rácio de cinquenta-cinquenta de homens e mulheres em cada período de tempo e grupo que regredia.[257] Numa amostra, setenta e oito por cento dos seus sujeitos eram mulheres. Noutra, quarenta e cinco por cento eram do sexo masculino e cinquenta e cinco por cento feminino. Outro investigador de vidas passadas, Muller, descobriu que seis por cento dos rapazes e dezasseis por cento das raparigas que estudou recordavam mudanças de sexo.

A percentagem de mudanças de sexo neste estudo, um duodécimo ou 8,3 por cento, situa-se ligeiramente acima da média de Stevenson de cinco por cento para a maioria das culturas. Isto também se correlaciona com os casos de Muller e o primeiro estudo de Wambach de mais mulheres a recordarem vidas masculinas. Este estudo, com todos os homens a manterem o mesmo sexo, também poderia apontar para a consideração de Stevenson sobre a possibilidade de a crença ou cultura de uma pessoa na altura da morte poder influenciar a sua vida seguinte.[258]

Na vida passada da MaryLynne, ela recordou-se de crescer na cidade do Midwest de Hartford. Existe uma Hartford tanto no Michigan como no Indiana. Mais tarde, como soldado, recordou-se de morrer sem ser baleada. MaryLynne poderia ter morrido de um ferimento ou de doença num hospital de campanha, uma vez que hospitais informais eram frequentemente montados no exterior.

Após a sua regressão, MaryLynne disse sentir que fora recrutada mais tarde na guerra e que talvez tivesse ido em campanha para Winchester, Virgínia, ou Monocacy, Maryland. Embora MaryLynne não soubesse se isto era viável, o historiador Brian Pohanka acredita ser plausível que regimentos do Midwest em 1864 tivessem apanhado o comboio para Baltimore ou Washington, D.C., e depois marchado para Winchester ou Monocacy. Ambos os destinos ficam a menos de 100 milhas de Washington e ambos têm algumas colinas. Também é possível que MaryLynne pudesse ter sido recrutada. De acordo com a *Ohio Roster Commission*, várias unidades do Midwest eram compostas por soldados recrutados (*drafted soldiers*).

Houve vários nomes, unidades e vidas de soldados que poderiam correlacionar-se de algum modo com a vida recordada de MaryLynne na Guerra Civil. De acordo com registos de enterro e a *Ohio Roster Commission*, Thomas Brady, Companhia F, 73.ª Infantaria de Voluntários do Ohio, morreu de doença e foi enterrado no Cemitério de Winchester. As mesmas fontes indicam que o Soldado Thomas Mitchell, da Companhia F, 122.ª Infantaria de Voluntários do Ohio, entrou ao serviço em janeiro de 1864 aos dezoito anos. (Alguns dos soldados no 122.º do Ohio foram recrutados.)

Morreu de doença em Brandy Station, Virgínia, a 7 de abril de 1864, e foi enterrado no Cemitério de Culpeper, Virgínia. Os registos de enterro também listam George Mitchell, Companhia D, 192.ª Infantaria de Voluntários do Ohio, como tendo falecido a 19 de março e estando enterrado no Cemitério de Winchester. Além disso, os registos militares dos Arquivos Nacionais listam dois soldados, Robert Mitchell, Companhia B, 42.ª Infantaria de Voluntários do Indiana, e James Brady, 43.ª Infantaria de Voluntários do Indiana, que tinham nomes e unidades próximos, mas as suas histórias de vida não coincidiam.

Poderia o jovem e refinado soldado recrutado, que era solitário e preferia escrever a misturar-se com os seus camaradas, ter alguma relação com uma mulher contemporânea impetuosa que trabalhava melhor sozinha, exibia capacidades e interesses tradicionalmente masculinos e sobressaía na

interpretação e figurinos da era da Guerra Civil? Poderá ser que, para além da hereditariedade e fatores ambientais, as vidas passadas influenciem as nossas personalidades, os nossos talentos, as nossas escolhas, as nossas vidas atuais? E, se assim for, com base nas experiências de MaryLynne aqui reveladas, como poderemos nós ser nas nossas próximas vidas?

10

Dale: Richmond a Arder

Enquanto assistia ao 125.º aniversário da Batalha de *First Manassas* como espectador, Dale Clarke ofereceu a sua assistência à unidade da 22.ª Artilharia Pesada da Geórgia. Os reencenadores tinham acabado de construir um canhão completo com um cano de 7.000 dólares. Após rebocarem o canhão centenas de milhas da Geórgia até à Virgínia, os homens ficaram dececionados quando este não disparou. Nada que preocupasse o Dale, que rapidamente pôs o canhão em bom estado de funcionamento usando um berbequim elétrico que tinha no carro.

Em gratidão, as tropas ofereceram ao Dale a oportunidade de participar na recriação com a sua unidade. Equiparam-no com camisa, calças e boné. No entanto, esqueceram-se de lhe dizer para manter a boca aberta quando o canhão fosse disparado. Anos mais tarde, o Dale ainda se lembra dos dentes a matraquear, dos ouvidos a zumbir e da visão turva quando o canhão disparou. Felizmente, os artilheiros lembraram-se de lhe dizer para não ficar à frente da boca do canhão enquanto este estivesse a ser disparado. Contudo, a certa altura durante a recriação, o Dale colocou-se à frente do canhão. Embora estivesse ao lado dele, as chamas do recuo saltaram para as roupas do Dale. Um artilheiro atirou um "balde de esponja" com água preta, que tinha sido usada para limpar o interior do cano do canhão, sobre o Dale e extinguiu o fogo. O Dale saiu dali com os suspensórios, a camisa, as calças e a pele queimados — e ficou enegrecido da cabeça aos pés.

No final da recriação, recordou-se de ver pó por todo o lado e de ouvir o som de passos abafados enquanto as tropas marchavam para fora do campo de batalha. Antes, vira coelhos a fugir do campo quando o combate começou. Fazia lembrar o que um soldado da Guerra Civil dissera e provavelmente mais tinham pensado: “Corre, coelhinho, corre. Gostava de ser tu.” O incidente do fogo e até o calor de 46 graus Celsius não desanimaram o Dale. Pelo contrário, inspiraram-no a tornar-se um reencenador. Mas ele nunca mais

voltou à artilharia pesada, embora os seus colegas artilheiros tivessem mais tarde servido sob as suas ordens na sua qualidade de ajudante de campo das forças militares Confederadas.

O Dale, um homem de cinquenta anos que se descrevia como um guru da informática e que ocupara vários cargos como gestor de sucursal e diretor técnico de empresas de informática, transportou as suas capacidades de liderança para a recriação. Subiu rapidamente na hierarquia do 26.º de Infantaria da Carolina do Norte, atingindo o posto de ajudante de campo. Mais tarde, como ajudante de campo das forças militares Confederadas, era seu trabalho antes de uma recriação inspecionar os terrenos, projetar os acampamentos e decidir onde ficariam o quartel-general e o resto da organização hierárquica militar.

Comparando cada linha a um dedo de uma mão, ele traçaria em seguida a linha do estado-maior, a linha da brigada, as linhas do batalhão, as linhas da companhia e as ruas. Os engenheiros criariam então fisicamente a estrutura do acampamento, estabelecendo limites que envolviam uma cadeia de comando que ninguém de posto inferior contornaria.

Como ajudante de campo, também coordenava com os comandantes de brigada, transmitindo as ordens do general. Após uma promoção, o Dale tornou-se chefe de estado-maior e falava diretamente em nome do general. Quando o general não estava no campo, o Dale era o primeiro no comando e tomava todas as decisões importantes. Estes papéis pareciam adequar-se ao Dale, uma vez que ele se sentia mais confortável com o estado-maior militar e o protocolo do que com os soldados rasos e a história da Guerra Civil.

Nunca tendo estado interessado na Guerra Civil enquanto jovem, o reencenador criado no Panamá preferia brincar ao gladiador romano com uma espada de madeira em vez de Rebelde ou Ianque. Tal como o seu avô, o pai do Dale deixou a Virgínia para trabalhar no Canal do Panamá. Embora nenhum dos antepassados do Dale tenha combatido na Guerra Civil, dizia-se que um antepassado tinha percorrido o trilho de Boone com o pioneiro Daniel Boone.

Enquanto estavam no Panamá, os pais do Dale contrataram uma criada para ajudar a criar o Dale. A governanta, uma princesa Obeah, era praticante de vodu das Ilhas Britânicas. Os doentes vinham ter com ela em busca de poções "juju", ervas e cataplasmas. Até o Dale beneficiou das competências da Menina Georgia quando recuperou rapidamente de uma amigdalite após fazer gargarejos com uma mistura de ervas.

A Menina Georgia profetizou que o Dale morreria antes dos trinta ou viveria para sempre. Desde essa previsão, o Dale teve trinta escapadelas por um triz da morte, incluindo testemunhar um companheiro de brincadeira de infância ser eletrocutado a apenas alguns passos de distância, ser arpoado, ver uma catana passar a polegadas de o decapitar, ficar preso a sete metros de profundidade sob uma cascata, ser deixado inconsciente e quase afogar-se quando uma criança mergulhou de uma prancha e aterrou nas suas costas, ser ferido pela sua própria espada da Guerra Civil, ter o pé esmagado e evitar por pouco ser esmagado por um veículo de transporte militar de lagartas, envolver-se numa briga num pub irlandês, espetar uma chave de fendas na mão e ser agredido com um cacete pela polícia panamense. Ao descrever o incidente com o cacete, ele recorria periodicamente ao espanhol fluente enquanto recordava como o agressor foi apanhado e fustigado com um chicote de nove pontas.

Talvez parcialmente devido à sua exposição ao sobrenatural e à sua amizade com os índios Darian do Panamá, enquanto jovem foi dado ao Dale o conhecimento de como encontrar antigas sepulturas indígenas. Aos treze anos, guiou dois civis adultos da base naval próxima até ao local da sepultura na selva. A dupla, que planeava dar os artefactos pré-colombianos a um museu, decidiu ficar com as peças de boa sorte "waca" de ouro maciço, derretendo-as e vendendo o ouro.

Nessa noite, enquanto dormia numa árvore para se proteger dos animais, o Dale teve uma visão de um índio adornado com um toucado de penas de pássaro. A mensagem era clara — estes ladrões de túmulos tinham molestado os espíritos e todos deviam deixar o local da sepultura imediatamente. Incapaz de convencer os homens a partir, o Dale caminhou quarenta quilómetros para fora da selva. Numa viagem posterior, os dois ladrões de túmulos morreram sufocados quando as sepulturas colapsaram sobre eles.

Na recriação da Guerra Civil, o Dale continuou a ter algumas experiências invulgares. Uma vez, após conduzir da Virgínia até Bentonville, Carolina do Norte, mal conseguiu encontrar o local da recriação através da escuridão e do nevoeiro espesso. Ao sair do carro e aproximar-se de uma casa que tinha sido efetivamente usada como hospital, onde os cirurgiões tinham atirado braços e pernas pela janela criando "fossas de membros, sentiu-se ameaçado por uma presença sobrenatural. Recebendo a mensagem intuitiva de que alguém ou algo estava a planear afugentá-lo do local, o Dale voltou ao carro e vestiu a sua túnica Confederada, chapéu, pistola e espada.

Imediatamente, sentiu o perigo dissipar-se, como se a "guarda fantasmagórica" fosse Confederada.

Passando à questão da reencarnação, o jovial pai de dois rapazes é um defensor da teoria da memória genética. “Sou um líder e, quando entro numa sala, isso emana da minha aura”, disse-me o reencenador robusto, de rosto corado e cabelo ruivo. Ele acreditava que características como estas estavam baseadas nos genes e eram emitidas do cérebro através do sangue. Durante a minha entrevista com ele, especulou que, se conseguíssemos encontrar um "cérebro virgem", as memórias já teriam sido formadas pelos genes. Assumindo que a parte de trás do cérebro contém um arquivo composto dos nossos genes, o Dale concluiu que os seus filhos teriam tanto as memórias dele como as dos seus antepassados.

Agora pronto para ver se conseguia aceder às suas próprias memórias genéticas, o Dale acomodou-se e eu conduzi-o a um estado hipnótico. “A cidade está deserta. Tem alpendres e colunas, casas de madeira numa rua de terra. Um homem agarra uma senhora pelo braço. Ele viu-me e largou-a. Está a saudar-me e a ir-se embora.

“É um tipo magro e jovem, que usa um casaco, um colete e uma camisa branca com folhos e punhos. Está sem chapéu, com cabelo comprido e gorduroso e parece um janota. A senhora ajusta a roupa, endireita o chapéu e vai-se embora. Tem um leque pendurado na mão, luvas pretas, um vestido verde com um avental branco à frente e uma cauda comprida atrás. Ela apanha-a para caminhar.

“Há postes para prender cavalos. Não sei por que a cidade está deserta. Sou o único aqui. É como se alguém estivesse a chegar. Perigo iminente. Não oiço nada. Está silêncio. O exército está a chegar. É suposto toda a gente sair da cidade. Acho que ainda está toda a gente aqui dentro escondida. Foi-nos dito para partir. É Richmond. Vivo do outro lado do rio, em Manchester. Faz parte de Richmond abaixo das quedas de água. Estou aqui em negócios.

“Há um homem muito magro e alto, perto dos quarenta anos, a usar um colete dourado, casaca de cauda, um sobretudo comprido e calças pretas largas. A senhora também estava demasiado bem vestida. Hoje não é dia de se andar bem vestido porque, se pareceres próspero, podes ter problemas. Outro janota. Ele tem uma arma. Não sei o que ele trama.

“Sinto-me apreensivo. Continuo sem ouvir nada. Saberei quando o perigo estiver aqui através da audição. Pensei que estivesse atento a tiros, mas

são cavalos. É 1865. Há um jornal de Richmond numa loja que vende jornais e doces. Um poste de iluminação na rua parece estar no caminho das carruagens."

Agora o Dale afastou-se da zona das casas.

"Há um passadiço de tábuas. Continua bastante deserto. Algumas das montras das lojas estão partidas ou poeirentas. Quando vim das casas e desci a rua, a estrada curvava para a esquerda. Depois curvava de volta para a direita cerca de 50 metros, e depois desce e sobe uma colina.

"No topo da colina há uma estrada que a atravessa. Essa desce muito a colina para a esquerda. Para a direita sobe a colina durante um bom pedaço. É um ângulo muito íngreme. Esta é uma zona comercial. Há alguns grandes edifícios governamentais naquela colina. Eles sobem e descem a colina. À direita há um parque. Isto é a cidade. A estrada aqui é pavimentada. A que ficava em frente às casas era de terra, mas esta é de paralelepípedos. Tem muito mais tráfego. Vivo colina abaixo e do outro lado do rio. Não tenho cavalo nem carruagem, por isso devo ter vindo a pé.

"Tenho um colarinho alto. É branco, mas está sujo e amarelado. Não gosto de estar desalinhado. Os chineses e os negros que lavam a roupa fugiram. Eles não são donos dos seus estabelecimentos, por isso não têm razão para ficar."

"Trabalho numa loja. Tem uma frente comprida mesmo na esquina, ao lado do parque. Tem uma frente plana, como se tivessem cortado a esquina junto ao parque, e parece escura por causa das árvores próximas. Há inscrições nos vidros. Tenho uma chave.

"Há uma grande sala aberta aqui em baixo. Há escadas que sobem para a direita. Um patamar atravessa o topo da parte de trás da sala, que tem dois andares de altura. As janelas estão apenas na parte inferior. Há secretárias. É um escritório de contabilidade. Este é o meu lugar e saio-me muito bem. Não há nada aqui para eles levarem. Tenho medo que queimem todos os registos e a papelada.

"Algumas pessoas estão bêbedas no parque. Agricultores, alguns soldados estropiados. Têm ligaduras e um tem muletas. São ralé. Alguns mendigos fariam qualquer tipo de trabalho, até limpezas por uma refeição. Roubaram aquela bebida da loja de licores. Disse-lhes para saírem do meu parque. Disseram-me que o parque não é meu.

"Sou dono da esquina deste quarteirão — os dois edifícios do lado esquerdo, ao virar da esquina. Os meus edifícios têm vista para o parque, por isso o meu pessoal cuida dele. Vivem pessoas simpáticas nas duas casas que possuo. Alugo-as. Uma pessoa partiu; a outra é uma senhora idosa. Vive no andar de cima da casa branca.

"O meu edifício é castanho com letras amarelas na janela. Diz algo como *'Hodgkiss and Clarke'*. Sou Sherbrook Clarke. Não tenho sócio. Talvez tenha morrido há algum tempo.

"Tenho muito dinheiro no bolso. O nosso papel-moeda não vale nada. É preciso muito para comprar o que quer que seja. Não comi hoje. Tenho fome. Não há ninguém com comida. Já passou algum tempo desde que estive em casa. Tenho estado nos edifícios do governo na colina à procura de notícias. O governo ainda está a funcionar."

Dale começou agora a rir-se com compreensão.

"Então é isso que está a acontecer. Richmond está a cair. A cavalaria está a chegar. É a isso que estou atento. O pessoal do governo disse que eles chegariam primeiro. Continuo sem ouvir nada, e consigo ver uma longa distância. Disseram-me que o ouro tinha desaparecido. Os soldados puseram-no no comboio e levaram-no para fora de Richmond.

"Tenho família, mas não estou preocupado com eles. Acho que nenhuns soldados irão sequer lá. Os soldados virão para aqui por causa do governo. Se queimarem os edifícios do governo, podem queimar os meus. Estou aqui para tentar protegê-los. Manchester é onde cresci. É uma zona pobre."

Dale começou agora a pensar na sua esposa, da forma como gostava de se lembrar dela em tempos melhores e antes de terem os seis filhos.

"A minha mulher está a usar um vestido cor-de-rosa e azul-prateado. Está reclinada. Este vestido é decotado, tem um corpete redondo e mangas compridas que caem em camadas para cobrir as mãos. Tem o cabelo quase branco e a pele muito pálida. É de estrutura robusta.

"Um filho foi para a guerra. Está morto. Não era muito grande nem tinha idade suficiente para se alistar. Não o deixei ir, mas ele foi de qualquer maneira. Tal como eu. Eu também nunca ouvia o meu pai. Devia ter ouvido; era um homem inteligente."

Anteriormente jovial apesar do perigo iminente, o tom de Dale tornou-se agora sombrio.

"Estou zangado com o meu filho por se ter deixado matar — perto de Richmond, do outro lado do rio, num pântano na selva. Foi baleado por nada! Não estavam a defender nada, apenas a lutar no bosque. Era o John, mas chamávamos-lhe Jack, Jacky em miúdo. Chamava-lhe Jack para o irritar."

A voz de Dale tremeu e depois recompôs-se.

"Os parentes estão bem," disse ele. "Vivem fora do condado, onde ninguém iria. É fora do caminho habitual e não é uma casa grande.

"Tinha orgulho por o meu filho estar com o Stonewall Jackson. Nunca tive oportunidade de lhe dizer. Chamaria-lhe John agora, se ele quisesse. Não sei em que unidade ele estava. Tudo o que sei é que era um soldado de infantaria. Tinha boa pontaria. Costumávamos caçar veados. Ele tinha uma espingarda velha e comprida. Abatia um veado mal o visse. Há muitos veados na nossa propriedade. Ainda me lembro da primeira vez que lhe ensinei a esfolar um veado. Ele não gostava de se sujar todo.

"Disse-lhe que não importa se tens a roupa de trabalho vestida. Não tens de limpar a roupa porque isso é trabalho de mulher. A minha mulher não o faz. Tem ajuda de umas primas pobres que vivem com ela. Os negros não se vão embora. Ela tinha uma senhora que a criou e que veio com ela quando casámos. Usa sempre uma touca branca. Não vai a lado nenhum.

"Tenho um homem negro, o Barney, a tratar do lugar. Ele não deixará que nada corra mal. Alforriei-o, para não ter de pagar os impostos todos os anos. É caro, por isso alforriei-os a todos. O Barney e os outros são negros domésticos. As pessoas que trabalhavam na quinta foram-se embora. Perdi milhares de dólares, se não os recuperar. Não sei para onde foram — fugiram há bastante tempo, antes de o meu rapaz ser morto.

"Parece que já passou muito tempo, mas não passou assim tanto. Ele foi à procura do exército no campo para se alistar. Levou um cavalo ruço. Ainda não era o cavalo dele, mas teria sido. É o único rapaz. As cinco raparigas ainda são novas. Essa é a minha única preocupação — se os soldados vierem. São bonitas. Nenhuma estrada passa por lá. Tenho a sensação de que não devia estar aqui na cidade. Devia estar em casa. Não tenho maneira de lá chegar."

Depois de Dale expressar a sua preocupação pelo bem-estar da família, sugeri que avançasse para o próximo evento significativo, pensando que ele poderia regressar a casa. No entanto, ele permaneceu em Richmond.

"Vejo soldados a chegar — Ianques a cavalo. Parecem sujos e estão cobertos de pó. Humm. Estão a hastear a nossa bandeira. Sempre me considerei um americano e aquela bandeira ainda representa a América. Tenho pena dos Ianques porque não sabem por que estão a lutar. Se soubessem que tudo o que queríamos era que nos deixassem em paz, não morreriam por isso. Contaram-lhes coisas erradas sobre nós. Li histórias nos jornais Ianques — como maltratamos os prisioneiros Ianques e matamos pessoas no campo de batalha quando estão feridas. Isso não vem no jornal, no entanto. Encontrei um soldado Ianque ferido ali perto do hospital. Ele achava que o iam matar.

"É lá que está a minha carruagem — no hospital. Um oficial Confederado disse que precisava dela. Só leva duas pessoas e o cavalo perdeu uma ferradura e tem um pé ferido. Aposto que vai usá-la para fugir. Tinha aspeto desse tipo de homem. Era um oficial de cavalaria janota, bem vestido. Tem um casaco cinzento-azulado. É um primeiro-tenente com duas galões. Acho que me teria dado um tiro se eu não lhe tivesse entregado as rédeas. Ter-lhe-ia dado a carroça, se isso ajudasse os soldados.

"Tenho pena daqueles rapazes todos baleados. Chamam àquilo um hospital. Não passa de um velho celeiro com palha imunda amontoada lá fora, coberta de sangue. Moscas em tudo. Conheço um dos médicos. É daqui de Richmond. Costumava ser dentista. Agora anda a cortar braços e pernas. Diz que morrerão de certeza se não lhos cortarem. Os que levaram balas no corpo, não há muito que se possa fazer. Se a bala está lá dentro e eles não a conseguem tirar, deixam-na ficar. Tentam curar o lado de fora. A maioria é atingida por uma bala que simplesmente os despedaça.

"Só os trazem para aqui se for a ponta de um braço ou de uma perna que foi baleada, ou se forem oficiais. Se forem atingidos em qualquer outro lugar, têm de conseguir chegar aqui sozinhos. Há três ou quatro dias que as carroças pararam de chegar."

Subitamente, Dale mostrou surpresa e pareceu preparar-se para possíveis problemas.

"Ah, os soldados Ianques estão aqui. Estão à espera que chegue um oficial. Estão por todo o lado em cima dos cavalos e eu estou sentado no degrau da frente. Têm armas apontadas a mim. Guardaram-nas agora. Pensei que me iam dar um tiro por nada. Tenho uma arma. Eles não sabem que a tenho. É uma *derringer*. Há doze ou treze soldados e muitos mais ao fundo da

rua a revistar os outros edifícios. Estão a manter-se em cima dos cavalos. Não se estão a aproximar mais dos edifícios do governo. Estão à espera.

"Há fogos lá no fundo da colina agora. Não estão a passar do parque para os edifícios. O fogo é do outro lado do rio. Muito fumo. Manchester parece estar a arder.

"Oh-oh. Alguns dos nossos soldados estão a subir a colina. Os Ianques sacaram das armas outra vez. A cavalaria passou a subir a colina em direção ao governo. Estes tipos estão apenas acachapados em cima dos cavalos. Os Ianques estão em minoria numérica. A cavalaria já passou. Deviam ser 100 a 150 homens.

"A infantaria está a marchar colina acima em mau estado, carregando as armas de qualquer maneira. Muitos estão feridos. Estamos numa rua lateral a uns 100 metros. Eles não nos conseguem ver. Maldita seja. Devia disparar um tiro para que eles pudessem escorraçar estes Ianques. Mas eles matavam-me. Os soldados dizem que não posso entrar. Outras pessoas na rua abaixo de mim foram chamadas para fora das suas casas e lojas. Há cerca de trinta Ianques na rua.

"Os nossos soldados continuam a passar — perto de mil homens a subir a colina. Quatro ou cinco bandeiras. Devia haver apenas uma bandeira com mil homens. Não estão a olhar. Estão em retirada. A cavalaria passou rápido, decidida a subir a colina. Estão a passar mesmo ao lado dos edifícios do governo em direção à estação de comboios. Não há comboios há semanas.

"Os soldados já passaram todos. Um Ianque cavalga até à esquina a observar atrás deles. Volta a cavalgar para trás. Disseram-nos para entrar. Estão a afastar-se para onde vieram. Mais fogos lá para o fundo da colina — a arder alegremente agora. Consigo ver chamas. Edifícios estão engolidos. Vejo o brilho das chamas lá em baixo. Alguns retardatários a subir a colina."

Com os Ianques idos, Dale aventurou-se na rua.

"Oiço um cavalo no parque. Vou buscá-lo. Os bêbedos correram pelo bosque quando os soldados chegaram.

"Há um soldado Ianque. Está morto. Um dos nossos rapazes está morto, também. Está emaranhado nas rédeas do cavalo como se tivesse voado lá de cima. O Ianque tem uma espada espetada nele. Jesus. O Confederado é um jovem oficial. Não ouvi um tiro. Tem um buraco no estômago mesmo ao lado

da anca. Metade do ombro foi arrancada. Há um mosquete caído ao lado do Ianque. Foi disparado e o cão está em cima da cápsula."

Observando a cena horrorosa, Dale engoliu em seco, desconfortável.

"Os globos oculares saltaram para fora do oficial. Foi por isso que não ouvi o tiro. Ele espetou-o com a arma e premiu o gatilho. Entrou pela anca e saiu pelas costas. Vou tirá-lo da chuva. Vou levar o cavalo dele e partir. Ele tem duas pistolas na sela. Vou deixar as armas aqui com o oficial. Pus o chapéu dele sobre a cara. Ele é tão novo.

"De onde veio o Ianque? O Ianque é da infantaria. Só vi cavalaria Ianque. Ele tem um mosquete comum. Não é um atirador de elite. Talvez seja um desertor. Há um novelozinho de guita no bolso dele. Verifico o casaco. Papéis de alistamento. Não os consigo ler. Estão todos desfeitos pelo suor."

Dale riu-se agora do novelo de guita e dos papéis de alistamento suados.

"É um rapaz sardento com cabelo ruivo. Vou ver no chapéu. *'Roger'* — provavelmente o primeiro nome dele. Tem uma pedra no casaco e um trevo vermelho de feltro no chapéu. Tem vinte e sete cêntimos no outro bolso. É do extremo Norte porque a pele por baixo da camisa é toda pálida. Os sapatos estão gastos. Os saltos sumiram-se de vez. Arranco a espada dele, viro-o e componho-o. Armaste-o para junto do oficial.

"Se não fossem os uniformes diferentes, podiam ser irmãos. Ambos miúdos novos. O Ianque tem cabelo ruivo e sardas. O nosso rapaz tem cabelo castanho-claro cortado curto — como se tivesse acabado de o cortar. Cubro-os aos dois. Vou deixar todas as armas aqui. Levo apenas a minha *derringer* para o caso de me meter em sarilhos."

Agora que Dale tinha transporte, podia finalmente ir para casa.

"Estou a passar pelos edifícios do governo e a subir a minha rua em frente aos meus edifícios. Fogos estão a queimar o bosque lá no fundo da colina. Lanço um último olhar ao meu lugar. Parece estar bem. Paro e certifico-me de que a Menina Custis, a viúva, está bem. Chamo por ela lá para cima. Ela responde. Digo-lhe que me vou embora. Suponho que tenha de ser. Quem me dera que ela pudesse ir. Ofereço-lhe boleia no cavalo. Ela ri-se. Não é desde que era uma mulher jovem que anda a cavalo. Sempre andou em carruagens.

"Verifico os alforjes para ter a certeza de que não há armas. Bolacha de marinheiro e uma salsicha alemã. Dou uma dentada na ponta da salsicha. Está

um bocado verde, mas sabe bem e é salgada. Parto um bocado do pão duro e atiro-o para dentro dos alforjes. Ele não tem cantil nem bornal. Na rua seguinte há uma bomba. Vou buscar água para o cavalo, que é de um vermelho claro, quase cor de laranja sólida. Tenho de voltar atrás e ir buscar o cantil do Ianque."

Dale voltou ao par de soldados mortos.

"Há sangue por todo o lado agora. Quando arranquei a espada, ele começou a verter. Uma grande poça de sangue no chão. Sangue no cantil, também. Vou lavá-lo na bomba."

Dale riu-se com o pensamento de montar o cavalo de um soldado.

"Vou meter-me em sarilhos a montar este cavalo dos E.U.A. Tem uma marca gravada. Bem, se ele conseguia montá-lo, eu consigo montá-lo. Tem uma sela de oficial superior Confederado com uma manta de sela de bordas douradas. Ele tinha dois galões — um primeiro-tenente.

"Vou-me embora daqui. Vou descer por uma estrada de terra paralela àquela por onde vim. Saio da cidade para norte. Tenho de segurar o meu chapéu preto. Paro e ato-o com a guita do Ianque. Os meus sapatos não funcionam bem nestes estribos. Se calhar devia ter ficado com as botas do oficial."

Perto do fim da sua jornada, Dale sentiu-se aliviado por estar a chegar a casa.

"Estou quase em casa. Não vem ninguém pela estrada. Não há pegadas. Verifico o celeiro. Os cavalos estão lá — os quatro que nos deixaram. Tive de entregar os outros ao governo. Ali está o Barney. Vem a atravessar o campo. É um tipo esperto. Ouviu alguém a chegar, por isso levou as raparigas para o outro lado do ribeiro. Há lá uma quinta de tabaco. É uma velha, degradada, que nunca reconstruímos. Parámos de cultivar tabaco e começámos a cultivar milho. Estão todos bem. Ainda não lhes contei o que aconteceu. Não os quero alarmar. Conto ao Barney. Ele está bem. As duas primas pobres partiram há dois dias dizendo que voltariam.

"O milho está cortado. É outono. As árvores estão a começar a mudar de cor. O milho já está recolhido. Já foi colhido com a ajuda de algumas pessoas. O governo levou metade da comida — na horta, também. Ao menos só levaram metade. Levaram um dos cavalos, também. O Barney disse ao oficial

que veio buscar os cavalos que eu era coronel. Correu um grande risco. O homem podia ter-lhe dado um tiro. Isso perfaz cinco cavalos e seis mulheres.

"O Barney diz que os vizinhos deixaram uma carroça. Se eu a pedisse emprestada, para onde iríamos? Não se consegue fugir da cavalaria numa carroça. Se te apanham na estrada, são capazes de tudo. Se te apanham em casa, talvez te deem uma oportunidade.

"Estou surpreendido por os Ianques na cidade não terem saqueado. Se calhar porque eu estava lá. Aquela é uma das melhores zonas da cidade. Eram terrivelmente novos. O tipo falou-me com respeito. O fumo está a subir do incêndio em Richmond, tal como estava.

"As raparigas estão bem. Ninguém esteve aqui fora. A família da minha mulher foi para oeste. Partiram há umas semanas. São de Chesterfield — o outro lado do rio."

Agora Dale começou a recordar e a contemplar os tempos em mudança.

"O meu pai morreu há muito tempo. Não sinto a falta dele. Era um homem mau. Deixava-nos andar maltrapilhos para a escola enquanto tinha montes de dinheiro, mas bebia-o todo. Deixou-nos ir à escola, no entanto. Era dono de muita terra, mas vendeu a maior parte e perdeu-a no jogo.

"Isto era parte da velha herdade — tudo o que consegui salvar. Fiz uma escritura e consegui que ele a assinasse quando estava bêbedo. Consegui que três amigos meus fossem testemunhas e a levassem a tribunal. Disseram que tinha de ser medida. Isto foi muito antes da guerra. Ele nunca descobriu. Foi esbanjando o que não estava escriturado a outra pessoa. Eram apenas sessenta e cinco acres. Ele nunca notou. Tinha milhares de acres. Foi uma pena. A terra que ele possuía está apenas em pousio. Ninguém para a trabalhar desde que ele costumava cultivar tabaco.

"A minha mãe era uma mulher pequena. As raparigas saem a ela e são todas pequenas. A minha mulher não é gorda, note-se, mas tem ossos largos. O cabelo dela ficou branco. Está muito mais velha do que a imagino. Continuaria a parecer encantadora se se vestisse bem. Estão todas com vestidos de trabalho de algodão aos quadradinhos agora. As raparigas partiram as unhas a cuidar do lugar. Não tinham de o fazer antes da guerra. Esse era o trabalho dos negros e das primas.

"O Barney não gosta que eu lhe chame 'preto'. Gosta de *'nigger'*. Diz que, se eu lhe chamar preto, vou-me meter em sarilhos com a gente branca.

Não sabe para onde iria se se fosse embora. Era um dos negros do meu pai. Lembro-me dele de quando eu era miúdo. Ficou muito maior do que eu. Tem ossos largos e é careca. Arranca o próprio cabelo e diz que não dói. Só para me mostrar, arrancou um dos meus. Agora não me tocaria a menos que eu pedisse. Faria quase tudo o que eu pedisse."

Dale riu-se do episódio do arranque de cabelos, mas depois ficou mais sério ao regressar à dura realidade da guerra.

"Agora que sei que a família está bem, suponho que vou cavalgar até lá para ver como está a casa do vizinho. O Barney fará o que fez antes, se vier alguém. São cerca de cinco milhas para norte até ao vizinho mais próximo. É uma casa amarela grande. Amarelo é uma cor agressiva. É de revestimento de tábuas sobrepostas. Não tem postes nem colunas em frente à casa, como a minha. Um sótão numa das extremidades faz com que pareça desequilibrada. Tem imensas janelas. Simplesmente não é o meu gosto.

"Não está lá ninguém. A carroça está lá. Têm três ou quatro carroças. Ele é transportador e dono de uma empresa de construção. Transporta coisas e traz as carroças para aqui para consertar. Tem um barracão nas traseiras onde trabalha com um par de carpinteiros. Tem um ferreiro do caraças, também — o Snider. Tipo grande. Partiu, também. Dois deles partiram, por isso suponho que ele tenha ido para o tempo que durar a guerra. Roubou as ferramentas. Não eram dele para as levar.

Não acredito em maltratá-los, mas um homem que rouba ao seu senhor devia levar um tiro. Eles sabem qual é a lei. Ele pagou a passagem completa e o imposto por todos os seus *niggers*. Não suponho que nos últimos anos tenha estado a pagar muito, mas o governo não se incomoda com os impostos. Estão à espera que fiquemos aqui e alimentemos a cidade.

"O vizinho tem muito mais terra do que eu. Assim que sais dos meus sessenta e cinco acres, estás no meio da propriedade dele. Tem dez milhas de frente. Isso não é nem metade do tamanho da propriedade do meu pai. A do meu pai tem quase vinte milhas de frente e cerca de outro tanto de profundidade. Consegue-se ver o Rio James de lá. Também era dono de propriedade em Albemarle, do outro lado do rio. Não sei onde, porque já tinha ido antes de eu ser crescido."

Da casa do vizinho, ele observou o fumo vindo de Richmond.

"Parece que o fumo está a diminuir," continuou ele. "Parecia que estava a arder ao longo do rio. Se o vento estivesse a soprar em direção ao rio, pararia

ali. Estamos a vinte e cinco milhas de distância. A cidade fica no topo de uma colina, mas é longe demais para se ver. Não parece que esteja a arder na colina. Vou cavalgar para sul e ver a antiga propriedade do Pai. A estrada onde a cavalaria estava passa por lá. Vou passar pela casa para avisar o Barney que vou.

"Devia atrelar uma daquelas carroças. Uma roda tem um par de raios em falta. É provavelmente por isso que ele a trouxe de volta para aqui, mas não vamos andar a transportar cargas para lado nenhum. Vou deixar um bilhete. Tenho sempre lápis no casaco. Escrevo-o numa nota de 100 dólares. Ele devolve-ma se aquilo valer alguma coisa. É um bom homem. 'Devo-te uma carroça. S.C.' Enfio-o por baixo da porta dele. A porta está aberta. Como é que ele fez isso? Ninguém responde."

Ainda a rir-se do seu papel de notas criativo, Dale entrou na casa para verificar.

"Hesito em entrar no quarto principal. É a única porta no andar de cima que está fechada. Chamo-o. Não há resposta. Bato nas portas. Detesto entrar no quarto de um homem. É agradável. Não está aqui ninguém. Vou verificar o resto da casa.

"Vou verificar a cave. É uma divisão de terra por baixo da cozinha. Vazia. Houve um tempo em que estaria completamente cheia — presuntos, maçãs. Tranco a porta da frente. O cavalo não me deixa atrelar a carroça, por isso volto a selá-lo."

Deixando a casa do vizinho, Dale regressou a casa. Pedi-lhe então que avançasse para a próxima ocorrência importante.

“Os Yankees estão em minha casa,” disse ele. “Há um jovem oficial de cavalaria que quer saber onde arranjei o cavalo. Eu disse-lhe. Ele acredita em mim, mas quer levar todos os cavalos. Vai deixar um cavalo — um cavalo de marcha. Não tem utilidade para ele. As patas dianteiras são demasiado curtas. Digo-lhe que era contabilista e que fazia a contabilidade das empresas. Ele quis ver os livros, e eu disse-lhe que estavam em Richmond. Ele diz que Richmond caiu. Estamos no final de 64 ou início de 65. É outono. Não, é primavera. Não sei se Richmond está guarnecida. Ele não me disse. Diz-me que eu devia plantar. Perguntei-lhe: ‘Plantar com quê?’ Ele disse: ‘Plante com as suas próprias mãos.’ Eu disse: ‘Não é com isso que estou preocupado, senhor. Preciso de sementes.’ Ele ficou surpreendido.

"Ele disse ao Barney que tinha de se ir embora. O Barney disse-lhe que era um homem livre. Ele disse-lhe que todos os negros tinham de deixar a propriedade. O Barney disse-lhe que não era um negro; era um preto. O Barney é um sujeito bastante esperto." Dale ri-se. "O oficial disse: 'Os pretos de contrabando têm de deixar a propriedade.' O Barney disse: 'Eu não sou um preto. Sou negro. E o meu senhor chama-me sempre negro, para meu grande desdém.' O oficial perguntou-me se isto era verdade. Eu disse: 'Sim, fi-lo para o irritar.' Aquele pobre oficial. Não sabia como lidar connosco. Disse que, se mais alguém viesse, era para lhes entregar o pedaço de papel que ele me deu, dizendo o que tinha levado e que eu podia ficar com o que me restava."

Durante o mês que passou, a casa de Dale foi novamente invadida.

"Outro oficial vem a caminho com uma tropa inteira de cavalaria. Ha! Ele quer o meu cavalo de marcha. Não o vou deixar levar. Ele vai dar-me um tiro. Digo-lhe: 'Só por cima do meu cadáver.' Ele está de arma em punho. Não. Levou tudo. Não me resta nada. É uma questão de princípio. Tenho um papel que diz que ele não pode levá-lo. Ele diz que tem uma patente superior à do oficial que me deu o papel. Ele também é capitão. Todos os soldados estão a armar as espingardas.

"Talvez seja melhor dar-lhe o cavalo. Pelo menos assim posso cuidar das mulheres." Agora, Dale ri-se. "Ele disse aos soldados que podia tratar da situação. O sargento disse-lhe: 'Senhor, não estamos a apontar para ele. Se o matar, nós matamo-lo a si.' Ele disse que não precisava do maldito cavalo velho de qualquer maneira, e partiu. O cavalo vai morrer e só tem comido erva seca. Devo ter lembrado ao sargento irlandês o pai dele.

"Agora não sei o que fazer. Não tenho cavalos. Não posso arar a horta com este cavalo velho. Passou cerca de um mês desde que o soldado Yankee me disse que Richmond caiu. Ele disse-me para não voltar lá, mas vou voltar agora." Ele ri-se. "A única sela que tenho é esta sela de oficial Confederado. Tenho de ir a Richmond. Não creio que consiga um cavalo, mas talvez consiga uma mula ou, pelo menos, alguma comida. Temos estado a comer cebolinho da horta. Ainda temos algum milho. Temos comido pão de milho e carne de veado. Os veados não estão muito bem. Ninguém está a plantar. Eu costumava vê-los nas hortas."

Deixando mais uma vez a mulher e as filhas ao cuidado perito do Barney, Dale regressou a Richmond para ver o que conseguia encontrar e determinar os estragos.

“Richmond está quase na mesma de quando a deixei. Há um par de lojas abertas. Os Yankees estão por todo o lado. A menina Custis está bem. Disse-lhes que era uma viúva e deixaram-na em paz. Disse que era dona de ambas as casas ali. Vale a pena ser simpático para as pessoas. O meu escritório está aberto e a porta está partida. Vou destrancá-la e entrar de qualquer maneira. ‘Hodgkiss e Clarke.’

Alguém revistou todas as gavetas das secretárias. Não havia nada para levar exceto papel, e está espalhado por todo o lado. Vou lá acima. Há um cofre lá em cima. Não o encontraram. Nada lá dentro exceto dinheiro Confederado. Pergunto-me se vale alguma coisa. Não tenho ouro. O ouro desapareceu. Tinha ido ao edifício do governo para ver se conseguia algum, mas eles não tinham nada.

“Os corpos desapareceram do parque e nem sequer há uma mancha onde o sangue esteve. O parque não tem sido cuidado e está todo crescido. Os bancos de madeira estão partidos.

“Vou pela rua abaixo. A padaria está aberta. Sinto o cheiro. Não há tropas aqui. Estão lá em cima, junto aos edifícios do governo. Apenas alguns retardatários ligados a vaguear. Devem estar feridos. Não me dizem nada sobre como vai a guerra. Dizem que não sabem e que não me diriam se soubessem. Não gostam do meu aspeto e parecem hostis. A maioria das pessoas da cidade não parece tão próspera como eu.

“Paro e compro pão. A senhora que lá trabalha é da família do proprietário. Começou a chorar e conta-me que o proprietário foi para Petersburg, onde três dos seus filhos foram mortos. Ela foi para lá para ficar e guardar luto e tentar encontrar os seus corpos.

“Compro algum pão e tarte de noz-pecã. Não têm tartes de frutos silvestres como é habitual.” Ele ri-se. “Tenho uma cave cheia de nozes-pecã. Os Yankees adoram tartes de noz-pecã. Tenho nogueiras-pecã por todo o lado. Caem no chão e eu dou-as aos porcos.

“Vou até à sede do governo ver se consigo algum dinheiro dos Yankees com o pouco que tenho aqui. O nosso dinheiro não vale nada. Deram-me vinte dólares pelo meu relógio de ouro. Vinte dólares compram sementes. Disse-lhes que ia comprar sementes. Disseram-me que, se fosse ao intendente, ele mas daria se eu as plantasse para os Yankees. Perguntei-lhe onde era o intendente e parti nessa direção. Não vou plantar para os Yankees.

Não há sementes para comprar. Não me disseram muito além de que Richmond tinha caído e que estão a perseguir o exército. Disseram que o exército está em retirada."

Desanimado com a falta de sementes, Dale suspirou perante as notícias devastadoras.

"Petersburg está toda destruída. Tudo num raio de três quarteirões do rio está queimado — cais, a parte baixa de Richmond. Os hospitais estão cheios de Yankees. O Dr. Johns está lá, no Hospital de Richmond. Diz que levaram todos os feridos Confederados para a prisão e a maioria morre. Todos os que podiam andar partiram com o exército antes de os Yanks chegarem.

"A minha carruagem ainda cá está, mas está toda desfeita. Outro Confederado matou o oficial que a levou. Suponho que tenha desertado. O Dr. Johns diz que não se importa de cuidar de Yankees porque *o seu juramento diz que ele tem de ajudar as pessoas. Não importa de que lado estejam.* Pergunto-me de onde vem o seu juramento, já que ele é dentista. Suponho que tenha andado rodeado de médicos demasiado tempo. Ele diz que eles invadiram Petersburg e que houve pouca resistência em Richmond. Os Federais queimaram Richmond. Diz que agora há comida na cidade. Sabe onde há sementes em Petersburg. É uma viagem longa. O meu cavalo não aguenta. Posso usar o cavalo dele."

Grato pela utilização do cavalo do médico, Dale iniciou a sua viagem até Petersburg em busca de sementes.

"Não há sementes em Petersburg. Está destruída. O combate deve ter sido terrível. Há crateras por todo o lado. A estrada de Petersburg foi destruída. As pessoas simplesmente marcharam à volta das crateras. Estou a cavalgar sobre isso. Todos os edifícios estão queimados. Vi um cavalo a correr solto. Vou ver se o consigo apanhar. Não consigo. Ele fugiu. Há uma quinta meio queimada. É uma quinta de milho e tem sementes. Há aqui o suficiente para semear sessenta e cinco acres. Como é que as levo de volta?"

As mãos de Dale agitam-se enquanto ele tenta resolver este seu último problema.

"Dou algum de comer ao meu cavalo. Ponho um pouco de água no bebedouro. A bomba está partida. Vou pela encosta abaixo, pego num saco de sementes e apanho um cavalo cinzento. Dou-lhe de comer e ele caminha direito a mim. Agora também tenho um cavalo. Levo doze sacos inteiros. É o

suficiente para semear a quinta e alimentar os cavalos. Empurro um tronco para cima do resto, para o caso de conseguir voltar. Mas é muito longe.

"As pessoas perguntam-me onde arranjei o milho. Digo que o tirei de uma quinta de família que foi queimada. É a verdade. Era a família de alguém. Devolvo ao Dr. Johns o seu cavalo e pergunto se o posso pedir emprestado para semear a minha quinta. Ele troca comigo pelo cavalo de marcha. Ele não precisa de o montar. Vive na cidade."

Salvo pelo seu engenho, Dale plantou o milho e observou-o crescer à medida que o tempo passava e a guerra terminava.

"O milho tem sessenta centímetros de altura. A guerra acabou. Agora não faz diferença. Ninguém me incomoda. A guerra não foi aqui. Agora Richmond já não é a capital. Ninguém quer saber. Johnson rendeu-se no Tennessee. Lee rendeu-se há algum tempo. A guerra foi perdida quando Lee se rendeu. Não chegámos longe.

"Os dois rapazes do lado voltaram. Foram libertados sob palavra. Estavam com o exército de Lee. O Judd era um deles. Não sei o nome do mais novo. Snell é o apelido. É alemão. Não sei como se escreve, mas ele é um miúdo grande, loiro. Eram demasiados os que se renderam para serem feitos prisioneiros. Disseram-lhes para irem para casa e não lutarem mais. Quando Lee se rendeu, foram libertados sob palavra. Eram da Guarda Domiciliária de Richmond — pratas da casa. Estiveram em Petersburg e retiraram de lá. Não comeram durante mais de doze dias. Não sei onde estão os pais deles. Os rapazes são bem-vindos a ficar connosco. Vão ficar para cuidar da casa deles.

"Estiveram nas trincheiras em Petersburg. Havia bombardeamentos o tempo todo e não conseguiam dormir. O rapaz mais velho fala sobre isso. O rapaz mais novo não fala."

Nesta altura, pedi ao Dale para perguntar ao Judd o nome do seu regimento.

"Ele não sabe, mas é a Companhia I. Não ficou com um pedaço da bandeira que eles retalharam em vez de a entregarem aos Yanks.

"Disse que estavam a comer casca de árvore. Os Yankees deram-lhes de comer na altura da rendição. Disseram que os rapazes Yankees não eram assim tão durões. Muitos deles choraram após a rendição. Também não eram muito grandes, quando os víamos de perto. O Judd disse que deviam ter continuado a lutar e que tinham muitas balas, mas não tinham comida."

Com a vida de Dale no pós-guerra a tornar-se mais estável e a sua hora do século XX a aproximar-se da meia-noite, terminámos a sessão. Uma das observações mais fascinantes que se pôde fazer do processo de regressão de Dale foi que ele tinha sido incapaz de fazer pequenos ajustes nas cenas de acordo com as minhas sugestões. Outros três reencenadores no estudo também tinham sido incapazes de alterar o que viam ou experienciavam, incluindo perguntar a um camarada o nome da sua unidade. Por vezes, os reencenadores não queriam fazer perguntas por medo de que os seus companheiros pensassem que eram estúpidos.

Outro reencenador, embora tivesse conseguido fazer ligeiras alterações, disse que não era capaz de aceitar a minha sugestão, por exemplo, de subir a uma colina para olhar em volta, porque ir ali era proibido. O sujeito de regressão Brian Pohanka (ver capítulo 15) ficou irritado por lhe perguntarem sequer o nome. Isto foi surpreendente, uma vez que ele era historiador de profissão.

Embora parecesse extremamente hesitante em avançar na regressão para descobrir o que aconteceu numa cena específica, não tinha sido capaz de mudar a sua ordem de entrar numa batalha na qual sabia, historicamente, que tinha havido muita carnificina. Entretanto, Alan McBride não tinha conseguido afastar-se de um muro. Mais tarde, determinou-se que ele tinha sido um prisioneiro de guerra, possivelmente ajudando como guarda.

Os investigadores de vidas passadas discordam sobre o significado da capacidade de um sujeito para alterar eventos durante uma regressão. A vidente Joan Grant sugeriu que a incapacidade de alterar o guião era um meio de distinguir entre fantasia e memória. (124) Em contraste, o Dr. Ian Stevenson sugeriu que a plasticidade numa memória aparente não prova que esta seja uma fantasia. (125)

O facto de um terço dos reencenadores no estudo não conseguir "mudar o guião", mesmo de formas menores, quando sugerido, e de os outros conseguirem fazer apenas pequenas alterações, alguns resistindo até a estas, vai contra a teoria de que os sujeitos hipnotizados estão meramente a responder para agradar ao terapeuta, realçando o seu grau de sugestionabilidade ou não sugestionabilidade. O facto de os guiões estarem "definidos", quer os reencenadores gostassem ou não — ter um braço cortado, ser um prisioneiro ou estar aborrecido, com fome, ou entrar numa batalha que poderia significar a sua morte — tenderia a descartar qualquer comparação com sonhos, que podem ser alterados. O facto de cada vida passada na Guerra

Civil ser tão adaptada ao indivíduo fez-me questionar a ideia de Dale sobre memória genética, o inconsciente coletivo ou mesmo memória racial.

Contudo, seria a vida passada de Dale como sócio numa empresa de contabilidade em Richmond a memória genética de um antepassado? Na entrevista pós-regressão, Dale recordou que o seu parente, James Clarke, era proprietário de poços de carvão em Richmond durante a Guerra Civil, e o sócio de Clarke, Pitts, possuía cerca de 100 escravos. Existem semelhanças com o facto de Dale ser proprietário da sua própria empresa em Richmond, e ter também escravos, na sua regressão.

No entanto, Dale não tinha conhecimento prévio do traçado da cidade de Richmond em 1865 ou quaisquer detalhes pessoais sobre si próprio ou a sua família. A cronologia histórica da narrativa de vida passada de Dale estava correta, desde a morte do seu filho em Seven Pines em 1862 ou Cold Harbor em 1864 até ao cerco de Petersburg de junho de 1864 a abril de 1865; e do incêndio de Richmond em abril de 1865 à rendição em Appomattox apenas alguns dias depois.

Um pequeno detalhe como a menção de Dale a nogueiras-pecã foi confirmado por um bibliotecário de Richmond. A surpresa de Dale ao encontrar cordel no bolso de um oficial morto correlacionou-se com a referência de outro sujeito de regressão à utilidade do cordel (ver capítulo 15).

Também de interesse foi o relato de Dale sobre os seus vizinhos, os irmãos Snell, que estavam na Guarda Domiciliária de Richmond. O historiador da Guerra Civil Brian Pohanka diz que houve um batalhão de rapazes jovens e homens velhos que defenderam Petersburg de 1864 a 1865 e que estiveram na marcha Confederada no início de abril de 1865.

Pesquisar os nomes Hodgkiss e Clarke provou ser difícil. Verificando o censo de Richmond de 1860 compilado por Eugene Feslow em 1961, localizei um S. B. Clarke que trabalhava como escriturário na Merchant's Insurance Co.; um Dane Hobson que era escriturário na Dane Hobson & James & George, Arlington House; enquanto o escriturário D. M. Hopkins trabalhava na R & H Maury & Co. Nenhum Hodgkiss foi encontrado.

Entretanto, possíveis correspondências históricas para o filho de Dale, John, incluem John H. Clarke, Companhia D, 55.ª Infantaria da Virgínia, que se alistou em julho de 1861 e estava doente em casa no final de 1861. Foi morto em combate em Mechanicsville, Virgínia, a 26 de junho de 1862. (126) Os registos de enterro do Cemitério de Oakwood para Confederados perto de

Richmond indicam que John Clark(e), Companhia A, Divisão G, 28.ª Virgínia, e J. C. Clark, 53.ª Virgínia, foram ambos ali enterrados. (127) Outros Clarks ou Clarkes de unidades da Virgínia que morreram perto de Richmond incluem Thomas F. Clarke, Companhia A, Infantaria da Virgínia, que se alistou em maio de 1862 e esteve presente até ser morto em combate em Mechanicsville, a 21 de junho de 1862. (128)

O soldado Alfred M. Clark, Companhia B, 49.ª Infantaria da Virgínia, anteriormente Companhia G, 2.ª Virgínia, morreu no Hospital de Richmond a 10 de junho de 1862 e foi enterrado no vizinho Cemitério de Hollywood. (129) O soldado George W. Clark, Companhia B, 37.ª Infantaria da Virgínia, foi ferido em Spotsylvania, Virgínia, hospitalizado a 17 de maio de 1864, morreu semanas depois e foi enterrado no Cemitério de Hollywood. (130)

Quanto aos vizinhos de Dale, os irmãos Snell, existem várias correspondências próximas. Segundo o historiador da Guerra Civil Louis Manarin, (131) existiram várias unidades específicas da Guarda Domiciliária de Richmond. A Richmond Light Guard registou um Soldado James A. Snell, a Hampden Artillery tinha um Soldado George T. Snellings e D.A. Snellings estava na Bateria de Parker. Todas as três companhias combateram em Petersburg e renderam-se em Appomattox. Embora a Bateria de Purcell também fizesse parte da Guarda Domiciliária de Richmond e incluísse um Soldado William Snellings, a bateria esteve em trincheiras em Petersburg, mas não foi libertada sob palavra em Appomattox.

Tanto D.A. Snellings como R.I. Snellings estavam na Companhia G, 1.ª da Virgínia de Farinholt, em novembro de 1864. Além disso, a Companhia K, 1.ª Local do Estado da Virgínia, que incluía um Soldado James A. Snell, consolidou-se com Farinholt. No final da guerra, as Reservas de Farinholt ficaram sob o Departamento de Richmond. Durante a campanha de Appomattox, muitos foram capturados em Sayler's Creek.

Além disso, os registos militares dos Arquivos Nacionais mostram uma variedade de Snellings que se alistaram na Companhia I da 47.ª Infantaria da Virgínia, em Fredericksburg, a 22 de julho de 1861. Incluem John Snelling, Walter J. Snellings, William F. Snellings e Benjamin S. Snellings. O Soldado E.L. Snelling e o Soldado James W. Snelling estavam ambos alistados na Companhia B. A 47.ª Virgínia esteve ativa em Petersburg e alguns renderam-se em Appomattox.

Quer a vida passada de Dale que incluía a sua família e vizinhos fosse memória genética ou não, ele teceu uma história fascinante de sobrevivência

pelo engenho através da necessidade. A sua capacidade de recursos e boa vontade permearam os seus episódios coloridos. O Dale de outrora suportou a perda do filho, do negócio e do sustento e conseguiu manter o seu humor. Isto é muito semelhante à forma como o Dale do século XX sobreviveu a ferimentos de arpão e espancamentos e ainda consegue viver a vida com entusiasmo e uma disposição descontraída.

11

Ed: Comida para a Alma

A mãe e o pai de Ed Embrey partilhavam uma ligação interessante. Cada um dos pais tinha antepassados que serviram na Guerra Civil na 9.ª Cavalaria da Virgínia. Surpreendentemente, ambos tinham sido condutores de carroças e ambos tinham sobrevivido à guerra. Ed disse, a rir, que, sendo condutores, se mantiveram fora de problemas atrás das linhas de fogo. O parente da sua mãe, Simeon Chesterfield Paytes, serviu durante toda a guerra, enquanto o jovem William Wallace Embrey se alistou em 1863.

Outro dos familiares da mãe de Ed, John Thompson Brown, foi ferido em Cedar Creek, capturado e enviado para a prisão em Point Lookout, Maryland. Embora a avó de Ed acreditasse que Brown tinha estado na Cavalaria de Mosby, a investigação de Ed indicou que Brown tinha servido na 13.ª Infantaria da Virgínia.

Enquanto crescia, Ed tinha consciência de que tinha antepassados que lutaram na Guerra Civil, mas até investigar depois de se tornar reencenador, não sabia os seus nomes, unidades ou o lado pelo qual lutaram.

O envolvimento dos seus antepassados na Guerra Civil, no entanto, não influenciou a decisão de Ed de se juntar à recriação histórica, nem o lado que escolheu para recriar. Desde os cinco anos, enquanto visitava a avó que vivia nos arredores do Campo de Batalha de Wilderness, na Virgínia, Ed brincava aos "Rebs e Yanks" com os seus primos. Como Ed vivia no Norte da Virgínia e os seus primos viviam a sul, ele era forçado a fazer de "Yank". Não gostava muito disso na altura, por isso, quando se juntou aos reencenadores mais tarde, escolheu o lado Confederado.

Ed levou o seu interesse pela Guerra Civil para a sala de aula. Por volta dos doze anos, lia intensamente sobre a guerra. Na faculdade, o seu interesse

emergiu novamente. Tornou-se licenciado em História e focou-se em História Americana e Europeia.

Em 1980, Ed viu a sua primeira recriação da Guerra Civil e decidiu envolver-se. Aproximou-se de uma tropa Confederada que usava uniformes castanhos “butternut”, em vez de cinzentos, e perguntou como poderia participar. Um dos homens estendeu-lhe a mão e disse: “Já estás a participar.”

Quando Ed perguntou, os homens apresentaram-lhe várias razões pelas quais alguns uniformes Confederados tinham a cor "butternut". Uma é que havia uma grande quantidade de ferro e cobre no corante e, quando os uniformes cinzentos ficavam expostos às intempéries, o material “enferrujava”. Outra teoria era que a cor castanha vinha de cascas de noz esmagadas que eram moídas para fazer um corante entre o bronzeado e o castanho.

Agora que Ed tinha o seu próprio uniforme "butternut" e era reencenador naquela unidade há treze anos, apreciava a forma como os membros da sua unidade se esforçam pela autenticidade — contentando-se com um cobertor em vez de se enfiarem num belo saco-cama Coleman e abdicando da geleira com cerveja.

Hoje em dia, ele também apreciava ler relatos anedóticos de soldados. De facto, Ed, técnico de farmácia e pai de três rapazes, por vezes tinha sensações de “deja vu em segunda mão” quando lia relatos em diários e depois passava por experiências semelhantes durante as recriações.

Durante a nossa entrevista pré-regressão, ele disse que ficou arrepiado quando viu as tropas a criar um “engarrafamento” enquanto atravessavam cautelosamente, na ponta dos pés, um riacho de oito centímetros durante a Batalha de Wilderness. A cena, que não foi planeada, deu vida para Ed à realidade de uma experiência comum do soldado comum.

Noutra ocasião, no meio de uma trovoada, o Ed e os seus companheiros dormiam numa tenda Sibley, que é algo parecido com um tepee. Durante a noite, a chuva e o vento levaram a cobertura da tenda, apagaram o fogo no fogão a lenha e provocaram algumas inundações dentro da tenda. Depois de reorganizar a cama, o Ed pegou numa revista de reencenadores que continha o texto de um despacho do século dezanove escrito por um Yankee.

Nele, o soldado referia-se a um vendaval que derrubara a maioria das tendas, mas a dele permanecera intacta. Na manhã seguinte, quando o Ed pôs a cabeça fora da tenda, viu que cerca de setenta por cento das outras tendas

tinham caído e que os homens tinham ido para um celeiro para se protegerem dos elementos. O Ed tinha vivido muitas "coincidências" desse género.

A sua experiência mais dramática ocorreu quando ele era um de milhares de reencenadores durante o 125.º aniversário da Carga de Pickett em Gettysburg, Pensilvânia, em 1988. Tal como as descrições que lera nos livros, ouviu no seu íntimo o "matraquear da mosquetaria" e o som dos tiros "como lençóis a rasgarem-se ao vento". A sua experiência interior, contudo, foi muito mais profunda do que aquilo que tinha lido. Estas experiências pessoais espontâneas conferiram uma rica tapeçaria de compreensão que ia muito além da palavra escrita, unindo de alguma forma o passado distante ao seu "hobby".

Com todas as suas leituras e experiências de recriação, o Ed, com trinta e cinco anos na altura da regressão, percebeu que a guerra era um negócio sórdido. Disse que, às vezes, sentia que era justificada, enquanto noutras vezes era questionável. Quando a guerra era usada para proveito político, o Ed era antibelicista. Como para ele a guerra era conflito e a vida estava cheia de conflitos, o Ed acreditava que haveria sempre guerra e que teríamos de aprender a lidar com ela. Acreditava que a história se repete e que podemos escolher aprender ou não com os nossos erros.

Da mesma forma que o Ed questionava a natureza humana, também questionava por que razão era um reencenador da Guerra Civil. Tal como o Dale Clarke, o Ed preferia a explicação científica para a recordação de vidas passadas: memória celular ou genética. Para ilustrar, contou-me que, enquanto folheava certa vez um livro da Time-Life sobre a Guerra Civil, localizou uma fotografia do seu parente da era da Guerra Civil, Simeon Paytes. O Ed ficou surpreendido ao descobrir que as características faciais de Paytes eram semelhantes às do seu primo Donny. O Ed teorizou que talvez a mente possa transmitir informações aos descendentes tal como a genética transmite características físicas.

Com estes pensamentos em mente, estávamos prontos para começar a sessão de regressão do Ed. Antes de chegar ao período da Guerra Civil, o Ed explorou segmentos de várias outras vidas. Numa delas, era um rapaz de quinze anos que estava acamado. A família recebeu a notícia de que o seu pai, que estivera fora a lutar na Europa durante três anos durante a Primeira Guerra Mundial, tinha sido morto. Por mais fascinante que isso fosse, num momento oportuno, guiei-o para trás no tempo até à era da Guerra Civil, onde encontrei o Ed a olhar para as estrelas.

"Está tudo preto," disse ele. "Tenho cerca de vinte anos. Calço botas de couro. Estou deitado na erva, a olhar para as estrelas. Há muitas estrelas. Não estão brilhantes como deviam estar. Pode haver nuvens. Está tudo desfocado, enevoado. Visto calças azuis, uma camisa e um casaco castanho claro com mangas que são curtas demais.

"Ainda estou deitado, a segurar umas rédeas. O meu cavalo está a puxar-me e a balançar a cabeça, como se fosse um jogo. Há uma clareira de um lado da estrada e bosques por todo o lado. Ali está a lua. Está a ficar mais nítida.

"Estou a um par de dias de distância de casa. Estou à procura de uns homens. Tenho de lhes entregar uns papéis. O Coronel Johnson deu-mos. Há oficiais a cavalo não muito longe na estrada, mas não consigo encontrá-los. Ele disse: 'Entregue isto ao chefe de gabinete imediatamente.' Ando a cavalgar há um par de horas. Não creio que eles estejam naquela estrada. Vou voltar atrás e ver se consigo encontrar onde eles saíram da estrada. A lua desapareceu outra vez. Não consigo ver nada na estrada. Devo ter falhado o desvio."

Depois da sua pausa, ele decidiu o rumo para continuar a sua missão. Estava a obter o seu nome e unidade de identificação.

"O meu nome é Bob Sanders. Estou na 1.ª de Maryland. Sou o ajudante de campo do coronel. Tenho de os encontrar."

Voltando atrás, o Ed continuou a sua busca pelos oficiais.

"Acho que os encontrei, mas não consigo distinguir quem são. Vou devagar. Oh, não, acho que não são eles. Tenho de fugir. Não é o grupo certo. Não tenho a certeza se me viram. Sim, aqui vêm eles. Estou a cavalgar. Estão a disparar. Não posso ficar na estrada. O bosque é demasiado denso. Não encontro nenhum sítio para sair da estrada. Eles continuam a vir. São seis ou sete. Tenho de ir."

Nesta altura, o Ed estava a ficar muito agitado. Sentia-se encurralado.

"Maldito seja! Disparem! Apanharam-me e cercaram-me. Não tenho para onde ir. Levaram os papéis. Estamos a caminhar de volta. Estou cansado. Não consigo acreditar que me apanharam. Estão a levar-me para o acampamento deles."

O Ed estremeceu e fungou como se estivesse a chorar, miserável com a ideia de ser capturado. Após um curto período no acampamento, foi enviado para diante.

“Estão a meter-me no comboio com outros soldados, alguns em vagões de gado. Sinto-me perturbado. Estúpido. Não devia ter deixado que me vissem. O coronel vai ficar furioso. Não sei que informações eles obtiveram.

“O comboio vai a chacoalhar. Vamos para a prisão. Não sei para onde. Não conheço ninguém. São todos estranhos.” Ele fungou. “Estamos aqui fechados — não podemos escapar.”

Durante a viagem de comboio, o Ed pensou em casa e recordou.

“Eu simplesmente não vou para casa. Quero ir para casa. A casa é em Frederick, Maryland. A mãe ainda está lá. Vai ser uma viagem longa. Estou fora há dois anos. Não recebi nenhuma carta da mãe. Eu não sei ler, e a mãe não sabe escrever. Aprendi a assinar o meu nome. Eu costumava ajudar a mãe em casa. Era uma casa pequena. Acho que não tinha um emprego. Não sei onde arranjávamos dinheiro para comprar comida, mas tínhamos sempre o suficiente. Quando recebia o pagamento, costumava enviá-lo para casa. Suponho que agora não posso enviar nada.

“O comboio está a parar na Pensilvânia. Não vamos sair. Continuam a mover-nos. Não sei para onde vamos.”

O Ed acabou por ser transferido do comboio para uma prisão onde observou os outros prisioneiros e a situação.

“Estou sentado nuns cobertores na caserna a olhar em volta. Alguns companheiros estão a dormir ou a conversar; alguns jogam damas. Está apinhado. Há algum espaço no canto. Alguns companheiros dali morreram. Enterraram-nos. Não sei o que aconteceu. Alguém vai ocupar o lugar. Eu tenho o meu sítio. Dizem que o nome deste lugar é Elmira. É uma prisão Federal em Nova Iorque.”

“Estou com fome. Não como há um dia ou dois. Comi umas bolachas e uma cenoura que uma rapariga atirou do muro. Eu apanhei-a. As pessoas no muro estão a rir-se de nós. Malditos sejam! Não tem graça nenhuma. Estão a olhar por cima do muro. Esta gente é muito má, a ver-nos lutar por comida. Não importa a comida. Só queria que parassem de se rir. Odeio-os! Nunca lhes faria uma coisa dessas. Que se lixem!

“Não gosto muito dos Federais. Estes guardas não valem nada. Estão a armar-se em importantes. Provavelmente nem são soldados a sério. São maus para toda a gente. Riem-se das nossas roupas e da maneira como alguns dos rapazes falam. São rudes.

“Apenas converso com os companheiros e sonho com comida. Temos bolachas e carne estragada às vezes. Às vezes apenas arroz. Muitos estão a morrer. Sim, eu não estou doente como eles. Estou apenas com fome.”

O Ed passou de estar com fome para não conseguir segurar nada no estômago.

“Dói. As minhas entranhas. Não consigo comer. Não para nada lá dentro. Não sei o que é. Não vejo nenhum médico.”

O Ed estava agora a chorar. Parecia estar com dores e assustado.

“Estou no hospital. Ninguém sai daqui. Porque é que me puseram aqui? Só queria que a dor passasse. Dói.”

Quando o Ed começou a chorar mais alto, disse-lhe que ele podia elevar-se acima da cena e observar. Ele pareceu aliviado.

“Os companheiros estão ali deitados. A maioria está morta. Acho que é o fim. Não sinto nada. Estou ali deitado a olhar para o teto e à espera que me venham buscar. Ainda não vieram. Sinto-me cansado e sozinho. Acho que não vou saber quando vierem buscar-me.”

O Ed soltou um grande suspiro. Continuou.

“Sinto-me fraco. Quero dormir. Está apenas escuro.”

Como estas imagens são típicas de cenas de morte, sugeri que o Ed se elevasse e olhasse para baixo para o seu corpo. Não houve resposta. Depois de o Ed emergir da regressão, disse-me que as cores que tinha visto durante a sua experiência de memória da morte tinham mudado de claro para escuro. Afirmou que nunca se lembrava de ter sentido tal escuridão antes e disse que parecia estar num vazio — como se estivesse no início de algo. A sua memória do processo de morte fazia lembrar um “sonho” recorrente no qual o Ed flutuava para fora do seu corpo e olhava para baixo para ele. Tinha tido a mesma sensação de flutuação na sua morte, exceto que estava escuro e não via nada.

A existência do Ed na prisão fora lúgubre, e ele teve uma morte desoladora. Tivera de lutar por uma cenoura e sonhara com comida. Estar com fome era um dos fios condutores das vidas dos outros reencenadores. Como soldados, estavam muitas vezes com fome, com sede, cansados e com os pés a doer.

De facto, noventa por cento dos soldados no estudo disseram que estavam com fome ou com sede, noventa por cento disseram que não sabiam para onde iam e oitenta por cento disseram que estavam cansados. Sete em cada oito que estavam a marchar queixaram-se de dores nos pés. Apenas um, que fora oficial, nunca se queixou. Além disso, os soldados e até os oficiais nunca eram informados dos seus destinos.

A privação física dos reencenadores indica que as vidas recordadas não eram muito atraentes. Além disso, apenas um dos dez soldados não foi ferido, apenas quatro sobreviveram, seis morreram e três foram prisioneiros.

Estas experiências são semelhantes às regressões dos pacientes da Dra. Edith Fiore. Os seus pacientes e sujeitos encontram frequentemente vidas que são monótonas e totalmente desprovidas de glamour. O trabalho e a investigação do Dr. Raymond Moody concordam que a maioria das vidas passadas são mundanas.

A guerra pode ser entediante e aterrorizante. Mesmo assim, o Ed também recordara uma vida na qual o seu pai morreu na Primeira Guerra Mundial. Outros reencenadores tiveram outras vidas noutras guerras. O Paul Jones recordou ser um jovem em 1941 e ficar entusiasmado ao ver um couraçado atracado no porto (ver capítulo 14). A regressão da Guerra Civil de Tom Galleher começou com a Guerra do México *(ver capítulo 12).* Na primeira regressão de David Morse, ele usava um gorro de pele de urso e caminhava em direção a um forte em Albany com alguns "Red Coats" que usavam calças brancas e chapéus pretos *(ver capítulo 13).*

Uma razão possível para a recordação de outras guerras é que sugeri que eles "fossem para uma vida que lhes desse uma visão sobre os seus atuais interesses de recriação". A Guerra Civil não foi especificada, para não os influenciar.

Nove destes reencenadores têm interesses noutras guerras, armas e períodos históricos. Alguns são também reencenadores noutras guerras. Os seus interesses variam do período Napoleónico às guerras Zulu e de gladiadores aos Três Mosqueteiros. Outros estão interessados na Guerra Franco-Indígena, na Guerra Civil Britânica, nas duas Guerras Mundiais e no Vietname.

Uma das leituras psíquicas de Edgar Cayce falava de um jovem de dezassete anos que tinha amor por armas de fogo. As leituras viram o rapaz como um navegador na marinha inglesa numa vida anterior. Noutra vida, foi o

segundo no comando dos Beduínos que lutaram contra as forças invasoras gregas *(cerca de 900 a.C.).(*138)

Embora o Ed não tivesse servido nas forças armadas, quatro de doze reencenadores tinham servido na vida militar e um trabalhava para o Departamento de Defesa. A única mulher no estudo, MaryLynne Bauer, tinha considerado uma carreira como piloto na força aérea.

Os doze adultos no meu estudo que faziam o "hobby" de “brincar à guerra” tinham opiniões variadas sobre a guerra. Um era pacifista e um sentia-se confortável com a guerra. Outras convicções variavam entre a guerra ser um mal necessário a ser desastrosa. Alguns estavam conformados com o facto de haver sempre guerras ou que as guerras eram na realidade uma expansão da política. Dois reconheceram que havia algumas guerras boas e algumas más.

O Ed, que estava conformado com a inevitabilidade da guerra, disse que nunca tinha ouvido nem visto quaisquer descrições da Prisão de Elmira, não sabia quando tinha aberto, ou que era estritamente para prisioneiros transferidos.

Antes de entrar no comboio para Elmira, recordou a sensação de que queria voltar para a Prisão de Point Lookout, em Maryland. Talvez tivesse sido colocado primeiro em Point Lookout, mas, por se sentir confuso, não mencionou isso na sua regressão. Elmira abriu mais tarde na guerra e aceitava apenas prisioneiros transferidos, maioritariamente de Point Lookout.

Depois da regressão, o Ed foi a Fredericksburg, Virgínia, à procura de um livro sobre prisões. Não tendo sorte, pegou num livro intitulado *The Photographic History of the Civil War*. (139) O livro abriu sozinho numa explicação sobre a Prisão de Elmira. Durante a regressão, o Ed ficara confuso sobre como as pessoas podiam ter olhado para baixo para os prisioneiros por cima de um muro de quase quatro metros, mas o livro mostrava a imagem de um passadiço no exterior do muro da prisão.

Os soldados cobravam dez cêntimos aos civis para subirem e verem os prisioneiros. Além disso, o historiador Brian Pohanka disse que era comum os prisioneiros da Guerra Civil morrerem de problemas intestinais. Quase 45 000 soldados da União morreram apenas de diarreia e disenteria. Houve o dobro das mortes por doença do que por balas inimigas.

Cerca de um ano depois da sua regressão, o Ed fez de prisioneiro da União no filme *Andersonville*. (140) Enquanto lá estava, visitou o Centro de Visitantes. Ficou sensibilizado com um grande desenho feito por um

prisioneiro. Em volta das margens estavam vinhetas de várias formas de morrer na Prisão de Andersonville. Havia ilustrações de soldados com disenteria, diarreia e náuseas. Quando o Ed viu isto, descreveu a sensação de um "murro no estômago". As suas emoções tinham registado uma resposta profunda às cenas de morte nas vinhetas, forçando a mente do Ed a recuar até à forma como, na sua regressão, recordara estar a morrer.

Curiosamente, como reencenador, o Ed sentia sempre que via a Carga de Pickett olhando através da linha da União em Gettysburg. Isto intrigava-o porque ele recria como Confederado. Embora não tivesse recordado a Carga de Pickett durante a sua regressão, a sua investigação após a regressão indicou que a "linha de Maryland" esteve envolvida em Culp's Hill, o que lhe teria dado uma visão através da linha da União em forma de "I". A 1.ª de Maryland, uma unidade Confederada, teria olhado sobre a linha da União a partir do oeste Confederado.

O Ed sentiu que a sua vida passada como soldado na 1.ª de Maryland poderia explicar por que razão sempre visualizara a batalha da perspetiva da União, enquanto lutava pelo Sul. Seria possível que a personalidade da vida passada do Ed pudesse ter estado presente em Gettysburg antes da sua captura?

Coincidentemente, cerca de doze meses após a sua regressão, o Ed, cujo primeiro nome é William, ficou abalado quando tropeçou no relato de um Ranger de Mosby com o seu nome exato que fora morto durante uma emboscada em Newtown, Virgínia, em maio de 1864. (141) O Ed ficou adicionalmente espantado por o cavaleiro ter sido transferido da 8.ª Infantaria da Virgínia, a sua unidade de recriação, antes do incidente.

Anteriormente, o Ed tinha estremecido mentalmente cada vez que revia o seu cenário de regressão de figuras a cavalo a aproximarem-se dele, evocando sentimentos de estar encurralado. Para ele, era agora quase demasiado próximo para ser confortável que um cavaleiro chamado William E. Embrey pudesse ter sentido sentimentos semelhantes de desespero ao ver-se cercado pelo inimigo.

Senti que a minha investigação sobre o nome Saunders produziu algumas identidades possíveis fortes para a persona da vida passada do Ed. Houve dois Saunders que foram capturados e morreram de diarreia na Prisão de Elmira. William R. Saunders, da 44.ª Virgínia, do condado de Louisa, foi capturado em Spotsylvania a 12 de maio de 1864. Cinco dias depois, foi enviado para Point Lookout.

Em menos de três meses, William foi transferido para Elmira. Morreu de diarreia crónica no janeiro seguinte e foi enterrado no Woodlawn National Cemetery em Elmira, Nova Iorque. Saunders, cujo nome do meio poderia ter sido Robert, poderia ter vivido no condado de Frederick ou Fredericksburg, Virgínia, e foi enviado para Maryland para a prisão. Talvez seja por isso que o Ed se lembrou de Maryland como uma unidade.

Vincent H. Saunders, da Companhia K, 50.ª Virgínia, foi capturado em Wilderness, levado para Point Lookout e transferido para a Prisão de Elmira, onde morreu em outubro de 1864 de diarreia. (143)

Segundo a lista de prisioneiros dos Arquivos Nacionais, T.C. Saunders, da Companhia G, 15.ª Cavalaria da Carolina do Sul, também morreu na Prisão de Elmira em meados de fevereiro de 1865.

Além disso, os registos militares dos Arquivos Nacionais mencionam dois R. Sanders que estavam na cavalaria: R. Sanders na Companhia F, 8.ª Cavalaria de Wade, e o Major R. W. Sanders na Cavalaria de Taylor.

À medida que montava mentalmente todas as ligações do Ed com a Guerra Civil, recordei as histórias dos seus familiares na cavalaria e daquele que fora capturado e enviado para Point Lookout. Ponderei se não estaríamos a fechar o círculo e se não haveria algo na teoria do Ed sobre a memória genética. Mas, claramente, tanto o Ed como eu ficámos sensibilizados com a sua lembrança de vida passada de uma existência miserável na prisão, uma vida desprovida não só de pompa e circunstância, mas de dignidade.

Muito depois de a sua regressão da Guerra Civil ter tido lugar, o Ed ainda estremecia mentalmente com o pensamento de ser capturado. Fosse qual fosse a explicação para a vida recordada do Ed, a sua humilhação ao ser apanhado, a sua raiva pela forma como foi tratado como prisioneiro e a sua morte dolorosa pareciam agora estar gravadas na sua estrutura emocional do século vinte.

12

Tom: Um Oficial e um Cavalheiro

Tanto o Thomas Galleher como a sua esposa Jennifer cresceram com pais que tinham sido coronéis de infantaria. Estando em famílias militares, ambos apreciavam as tradições regimentais, a estrutura militar e ouvir histórias de guerra. Quando era jovem, o Tom ouviu falar do General “Black

Jack" Pershing ter sido o padrinho no casamento do seu avô. O seu avô comandara a 24.ª Infantaria nos anos 20, quando a divisão era totalmente composta por negros e os oficiais eram todos brancos.

As famílias de Tom e Jennifer viajaram extensivamente e viveram em vários estados e países. Quando o pai de Tom esteve colocado na Europa, o Tom foi enviado para uma escola secundária privada na Suíça. Ali, ficou fascinado com a História tal como lhe foi ensinada por um professor cativante. Durante várias semanas, a turma reunia-se em torno de enormes mapas do campo de batalha de Waterloo e seguia os movimentos das tropas hora a hora. Depois de interagir de forma tão íntima com a batalha belga de 1815, que foi o cenário da derrota final do Imperador Napoleão Bonaparte, o adolescente impressionável tornou-se viciado em estratégia e história militar, particularmente no período Napoleónico.

Desde a infância que o Tom se considerava um aficionado da História. Sem irmãos ou irmãs, ocupava-se alegremente a ler livros de história, a desenhar cartoons de guerra e a brincar às guerras com outras crianças na base. Ao longo dos anos, o Tom, com quarenta e três anos na altura do meu estudo, tinha lido tudo o que conseguia encontrar em inglês sobre os exércitos napoleónicos. Chegou mesmo a ter aulas de francês para poder ler os livros que ainda não tinham sido traduzidos para inglês. Uma vez ofereceu-se para pagar a um professor de francês para os traduzir para ele.

Em segundo lugar, depois de Napoleão, vinha o interesse do Tom pelo período Vitoriano, pela Primeira Guerra Mundial e pela Guerra Civil. Além da recriação da Guerra Civil, que praticava há mais de sete anos, lia extensivamente sobre estratégia militar e colecionava filmes de guerra, jogos de tabuleiro e miniaturas.

O amor do Tom pela História levou-o na direção de se tornar professor de História mas, depois de mais de dois anos de faculdade e de demasiada festa, abandonou os estudos e casou-se logo a seguir.

Embora amasse a estrutura e a estratégia militar, protestou contra a Guerra do Vietname e recordava-se de marchar em Washington, D.C., usando uma braçadeira preta e entoando: "Inferno, não, nós não vamos." O Tom disse que não era antibelicista, mas não concordava com a política dos EUA em relação ao Sudeste Asiático. Concordava, contudo, em princípio com a Tempestade no Deserto e considerou voluntariar-se, embora tivesse cerca de quarenta anos e fosse casado.

Na altura da nossa entrevista pré-regressão, após quase vinte e três anos como civil a trabalhar para o exército, o Tom estava encarregado da coordenação e instrução de Gestão de Qualidade Total *(Total Quality Management*). Só para chegar ao trabalho, conduzia 160 quilómetros (ida e volta) todos os dias, mas grande parte do resto dos 56 000 quilómetros que punha no seu carro todos os anos era gasto a ir a recriações.

Depois de negociar com a Jennifer para passar um fim de semana fora de casa, ele deixava-a com os seus cães e gatos, que chegaram a somar dezoito. Ele fazia as malas, aparava e encerava o bigode, enrolava os seus próprios cigarros e depois iniciava a sua viagem de carro para um evento de recriação ou de história viva. Como estes eventos eram frequentemente fora do seu estado da Virgínia, o Tom pensava no tempo de condução como se estivesse numa cápsula do tempo, ajudando-o a fazer a transição de volta para a década de 1860.

Ele ouvia a banda sonora do filme *Glory* ou algumas canções irlandesas do século dezanove, e a sua mentalidade retrocedia lentamente 130 anos. Após as recriações, utilizava a viagem de regresso a casa para rever os acontecimentos, criticar-se a si próprio e quebrar o feitiço da Guerra Civil, enquanto regressava lentamente ao século vinte. Mas a transição para a década de 1990 nem sempre era fácil para o Tom, que dizia por piada: "Nasci 150 anos atrasado."

Atraído pela imagem romântica, cavalheiresca e agrária do Sul da Guerra Civil, o Tom não conseguia conceber vestir-se como um Federal nos primeiros cinco anos da sua experiência de recriação. Embora tivesse crescido na Califórnia e se considerasse neutro em relação à Guerra Civil, achava os uniformes Confederados "elegantes" e a Jennifer adorava cada um dos nove vestidos de baile que tinha feito para os cotilhões históricos à luz das velas em que o casal participava. Mas, durante os últimos anos, para além de a sua unidade virginiana se juntar a outras unidades para recriar a Brigada Stonewall, o Tom aventurou-se pela primeira vez num uniforme da Brigada de Ferro da União.

O Tom e a sua família tinham feito uma pesquisa genealógica impressionante sobre a época da Guerra Civil. Um parente irlandês de Tom, ladrão de cavalos, estabeleceu-se em Nova Orleães e fez fortuna com escravos e bebidas alcoólicas. Demasiado velho para vestir um uniforme da Guerra Civil, investiu a sua riqueza na causa Confederada, enquanto o seu filho se tornava o terceiro bispo episcopal da cidade. Cerca de um ano após a sua

regressão, a família de Tom descobriu que este bispo ancestral, John Nicholas Galleher, tinha sido batizado pelo Bispo General Polk e mais tarde tornou-se ajudante-geral do General Confederado Simon Buckner.

Após a guerra, o bispo tornou-se xerife de Memphis e, perto do fim da sua vida, deu a extrema-unção ao Presidente Confederado Jefferson Davis. Entretanto, o trisavô da Jennifer trabalhou para o Departamento de Guerra durante toda a Guerra Civil, e o casal ainda possuía o seu presente de reforma — uma litografia do Presidente Lincoln, que estava pendurada na sua casa.

Passando a outros tópicos na nossa entrevista, o Tom partilhou o seu entusiasmo por ter interpretado um 1.º Sargento, o seu posto normal, na longa-metragem *Gettysburg*. Tal como os outros reencenadores, ele estava consciente de interpretar o seu papel com a maior precisão possível, uma vez que o grupo, coletivamente, pressionou o realizador do filme pelo mesmo nível de autenticidade histórica durante as filmagens.

Relativamente às suas visões filosóficas, o Tom admitiu que confiava em Deus e numa vida após a morte e expressou grandes esperanças de vir a recordar uma vida passada na Guerra Civil durante a regressão. Enquanto recriava, muitas vezes se perguntara se teria tido coragem para lutar numa batalha real.

O Tom estava agora preparado para descobrir. Numa tarde de inverno, ele apareceu vestido com o seu uniforme de lã *kersey* inglesa e apetrechos, e armado com cigarros enrolados à mão. Após exercícios de relaxamento e visualização, entrou num estado hipnótico.

"Estou descalço e visto calças azuis escuras que fazem comichão," começou ele. "Tenho muito calor. Visto uma camisa branca e algo no meu ombro que parece uma alça para um cantil. O meu chapéu é preto, maltratado e suado. Os outros homens estão a rir-se de mim. Toda a gente está vestida de forma diferente. Dizem que não tenho sapatos. Ainda não recebi os meus. Não gosto que se riam de mim. Sou o homem novo. Só estou aqui há um par de dias. Não conheço ninguém. Quero ir para casa. Não tenho a certeza de onde estou. É um campo grande com algumas casas e celeiros.

"Outras pessoas, mais ao longe, estão vestidas de forma mais brilhante e colorida. Parecem-se com todos os outros. Estão a ver-nos. Os homens estão de costas para eles e estão a olhar para mim. Somos soldados do exército. Sou mais novo que os outros. Tenho vinte anos e estamos em cerca de 1840. Teria de consultar um jornal para ter a certeza.

“É hora de comer. Estão a dizer-me para ir comer. A minha última refeição foi ontem à noite. Comemos frango. Estava bastante bom, mas não era muito. Ainda fiquei com fome. Não tenho uma caneca. Quando chegar a minha vez, posso pedir ao homem junto ao fogo para me emprestar uma.

“Estou a avançar na fila, mas há 100 homens à minha frente. Toda a gente fala, ri e brinca sobre como a comida não é muito boa, como não é muita. Dizem que os homens no fim — onde eu estou — podem não receber nada. Cheira mal e não sei se quero. Parece uma sopa grande. Estou com fome, por isso provavelmente vou comer. Talvez apenas sustenha a respiração. Assim, não lhe sinto o gosto. Talvez apenas a beba muito depressa.

“Há um homem à frente, fora da fila, a perguntar-me onde está a minha caneca. Está a dar-me uma e diz-me para ficar com ela. Está suja e gordurosa. Acho que outra pessoa já comeu nela. Estão a obrigar-nos a sentar juntos em grupos no chão. O chão está molhado e frio. Quem me dera ter o meu cobertor, mas devo tê-lo deixado no acampamento. É uma caminhada de cerca de uma hora. Encontrei os meus sapatos. Estavam mesmo onde estamos sentados. Devo tê-los tirado. Alguém podia tê-los roubado. Estão demasiado apertados. Os meus pés doem e foi por isso que os tirei.

“Tenho um amigo. Chama-se Nathan. Também tem vinte anos. Entrámos juntos para o serviço. Não me consigo lembrar de onde somos. Acho que é no Sul e a leste de onde estamos agora. Podia perguntar ao Nathan. Ele está a falar com alguém sobre raparigas. Devo interromper? ‘Nathan, de onde somos?’ Não acho que seja estúpido. Ele diz ‘Louisiana’.

“O meu pai é muito rigoroso. Tenho de dizer sempre ‘Sim, senhor’ e ‘Não, senhor’ e esperar que se dirijam a mim. Não acho que ele seja mais rigoroso do que a maioria dos pais. O pai do Nathan é igualmente rigoroso. Foi por isso que quisemos ir para o exército. Os pais ficaram todos muito zangados. Acho que cometemos um erro. Aqui são piores do que em casa. Queríamos ver um Mexicano. Eu disse ao Nathan que, se fôssemos para o exército, teríamos um uniforme vistoso e iríamos ver o México.

“Não estamos no México. Aquilo é um deserto. Isto é um grande campo verde. É um acampamento do exército. Agora que acabámos de comer, é suposto voltarmos para o acampamento. Fica a cerca de uma hora de distância. Toda a gente está muito cansada porque estivemos a marchar.”

Aproveitando a oportunidade, pedi ao Tom para consultar o seu amigo Nathan sobre o ano.

"'Nathan, em que ano estamos?' '1840 ou 1846'. Foi há tanto tempo que estivemos em casa. Passaram meses e meses.

"Em casa, tenho pai, mãe e um cão. Ele é castanho, tem pelo comprido e é muito velho. Tive-o quando era miúdo. É o meu companheiro. Sinto falta dele. Vivemos numa quinta em 'Mary-land'. 'Mary-land' é mesmo ao pé da Virgínia. Eu não vivo no Louisiana. Foi para onde nos enviaram. Há rumores de que vamos deixar o Louisiana em breve. Vamos entrar num navio e seguir para sul assim que o general aparecer.

"O Nathan trata-me por John. O meu nome verdadeiro é Jonathan. Não é engraçado? Não me consigo lembrar do meu apelido. Começa com um C—A-T-E-S. Esse é o meu nome. 'Jonathan Cates'.

"Os meus pés têm tido bolhas e não tenho meias. O Nathan disse-me que eu podia tirar as meias de outra pessoa do estendal depois de serem lavadas. Não me quero meter em sarilhos, mas os meus pés doem. De cada vez que digo algo a alguém, dizem-me que ou o perdi ou o parti. Fazem-te pagar por isso. O Nathan tem-me dado bons conselhos. Eu não tenho dinheiro."

Agora a postura do Tom mudou. Tornou-se mais sério e falou em tons baixos.

"Está toda a gente em posição de sentido. O oficial está a ler algo. Tens de estar muito calado ou metes-te em sarilhos. Ele está a falar sobre a vinda do General Scott para nos visitar. Ele não me conhece, mas toda a gente conhece o general. Ele é muito famoso por combater os Índios na Florida. Escreveu um livro. Toda a gente tem de fazer exercícios ou marchar pelos métodos dele. Quando ele chegar aqui, vamos para o México. Acredito quando o vir. É por isso que estamos aqui há tanto tempo. Temos de limpar o nosso equipamento e estar prontos para levantar as tendas e o nosso acampamento a qualquer momento.

"Ali está uma bandeira do nosso país. Somos a milícia e o oficial também. Não o conheço muito bem, mas acho que o nome dele é John Stewart. Ele é novo. Não é da nossa aldeia. Alta Maryland—Springs, mesmo ao lado da Pensilvânia. É a norte, mesmo junto à Estrada Nacional. Chamam-nos 'Os Rifles'."

O Tom tossiu. "Estou com muita sede daquela longa marcha. Tudo o que fazemos é andar por aí. Tanta poeira. O meu cantil tem uma fuga. Bebo do do Nathan. 'Nathan, qual é a nossa companhia?' Ele diz os 'Frederick Rifles'. Frederick é uma cidade a sul de Springs." Após descansar da marcha, a

unidade de Tom aguardou a visita do general, que chegou depressa demais. Suspeitei que o Tom pudesse em breve envolver-se na Guerra do México, que precedeu a Guerra Civil.

"O general vem. Isso significa que vamos para a guerra. México. Estou com medo. O Nathan e eu nunca disparámos contra nada mais do que um coelho ou um veado. Toda a gente vai. Foi por isso que viemos para aqui. Vamos dar-lhes uma lição. O jornal dizia que os Mexicanos não queriam falar com o nosso governo. Sabe como são esses políticos. Querem tornar a Califórnia parte do nosso país. O México não deixa. Até lhes deram dinheiro. Não fez diferença nenhuma. O país tem de crescer.

"Toda a gente corre de um lado para o outro a fazer as malas. Dizem que vamos marchar amanhã de manhã. Vamos todos entrar num barco. Estou entusiasmado. O Nathan sente o mesmo. Desde que possamos estar juntos. Não havia nada para fazer em Maryland exceto ser agricultor ou comerciante. Fiz isso a vida toda e não queria fazê-lo mais. Estou ansioso por esta aventura. Se confiares em Deus e tiveres um bom amigo, vais ficar bem.

"Nunca estive num barco antes. Se conseguires ver terra e o vento não soprar com força, provavelmente vai correr tudo bem. Quando navegarmos para longe, aposto que muitos dos rapazes vão ficar enjoados."

A previsão de Tom foi exata.

"Estamos no navio. Toda a gente está enjoada. Está por todo o lado. Não há lugar para estar de pé. Há mais homens do que eu consigo imaginar. Deus, espero que não nos afundemos. Não sei nadar. Toda a gente se limita a ficar de pé e a sentar-se. O barco balança para trás e para a frente. Quero voltar para o Louisiana. Lá não estava enjoado.

"Vamos para o México para invadir. Não somos um exército muito grande. Enquanto o general nos estiver a liderar, não há nada com que nos preocuparmos. Toda a gente está preocupada em fazer a sua parte; em não ser um cobarde. É estranho. Poderias estar longe de casa no México e fazer algo de errado. A tua família poderia estar lá longe em Maryland, e eles poderiam pagar o preço pelo teu erro porque sou filho do meu pai. Gostava que nos despachássemos a lutar."

O Tom realizou o seu desejo e entrou rapidamente na sua primeira batalha no México.

"É glorioso. Estamos a ganhar. Os Mexicanos não lutam bem. Não disparam bem. É tal como nos disseram. 'Não tenham pressa, prestem atenção, ouçam as ordens.' Toda a gente faz o que lhe mandam. Alguns homens ficam feridos. Em minutos, eles fogem. Toda a gente estava com medo, mas eles é que têm medo de nós."

O Tom riu-se e depois continuou com um ar de confiança e alívio recém-adquiridos após completar a sua primeira batalha.

"Aquele barulho é realmente estranho. Quando alguém dispara contra ti, soa como uma abelha irritada. Consegues perceber se está lá muito no alto ou cá muito em baixo pelo volume que faz. Quando as balas de canhão vêm aos saltos, é fácil sair do caminho delas. Toda a gente está a ser muito deliberada e lenta. Não é nada como eu imaginei.

"Ganhámos. Foi apenas um desfiladeiro, lá no alto das montanhas. Tínhamos de o atravessar para chegar à Cidade do México. Se eles lutarem, haverá uma batalha lá. Não consigo acreditar que eles simplesmente nos dariam a Califórnia. Se chegarmos à Cidade do México e ganharmos a guerra, o Nathan diz que seremos heróis. Provavelmente teremos bastante sucesso com as senhoras, não achas? Mas não se elas nos vissem."

De volta à marcha, a vida de soldado já não parecia tão glamorosa.

"Os meus sapatos desfizeram-se e não consigo arranjar outro par até chegarmos à Cidade do México. Pegas num pedaço de couro e atas ao pé. Aquilo solta-se, mas voltas a atar. Só não queres é correr. O Nathan e eu vamos voltar lá onde estão as selas e rédeas de couro da artilharia e cortar um pedaço grande de couro quando ninguém estiver a ver. O chão está quente e cheio de pedras afiadas. É fácil cortar os pés. Eu achava que tínhamos marchado muito no Louisiana, mas não é nada comparado com aqui.

"Desembarcámos em Vera Cruz. É uma cidade famosa. Tirámo-la a eles. Achei que a guerra ia acabar. O general disse que tínhamos de ir à Cidade do México e ditar as condições. Continuamos à espera. Acho que os homens iriam a qualquer lado.

"Vi o general. Ele é muito elegante e monta um cavalo branco. Tem ouro por todo o uniforme e não está rasgado nem desfeito. Usa uma grande pluma. Ele sabe o que está a fazer.

"Não consegues acertar em nada com os nossos mosquetes de longe. O general leva-nos para muito perto e, quando estamos a quinze metros, dá a

ordem para disparar. Raios, não podes falhar. Eles fogem. Tem funcionado até agora. É por isso que continuamos a ganhar. Quando entramos em campo e aqueles rapazes Mexicanos começam a disparar, quase ninguém fica ferido. Quando te aproximas dos canhões deles, morrem homens."

Mesmo quando o Tom estava a apanhar o jeito da luta, contraiu uma doença e nunca chegou à Cidade do México. Em vez disso, foi enviado de volta para o Louisiana de barco.

"Muitos de nós contraíram uma doença horrível. A barriga incha e ficas com muita sede. Não consegues segurar nada no estômago. Não vejo o Nathan há um par de semanas. Enviaram-me de regresso com outros. Fiquei muito zangado. Não queria deixar o Nathan. Tínhamos chegado tão longe e eu queria ver a Cidade do México. Não sei se algum dia voltarei. Não podíamos ficar em Vera Cruz porque também ficaríamos doentes lá. Vamos voltar para o Louisiana. Sair daquele calor, poeira e moscas, e o ar fresco vai fazer-nos bem.

"Toda a gente vai ficar enjoada no barco. Não sei porque me estou a rir. Tive razão da última vez, e fiquei tão mal. Agora não me sinto bem e vou ficar ainda pior. Mas eles têm razão sobre o ar fresco. Desde que o vento não sopre. Ficarei bem se a navegação for suave. Já o fiz antes. Os marinheiros dizem que de cada vez se torna mais fácil. Estou a torcer para que sim.

"Só fiquei um bocadinho enjoado. Talvez me junte à marinha. Eles não têm de marchar e os marinheiros dizem que a marinha distribui rum ou *grog*. Não tinha bom sabor, mas fez-me esquecer o enjoo."

O Tom é enviado de volta para o Louisiana para recuperar. Agora, parecia estar a gostar mais da segunda vez.

"Sinto-me muito melhor agora que estou de volta ao Louisiana. É bom poder falar com as pessoas. Quando estávamos no México, eu não falo nada de espanhol, e eles não falam americano. Agora, é divertido estar de volta. Serei um herói quando voltar para Maryland? O cirurgião diz que vamos para casa daqui a um par de semanas.

"Deram-nos os nossos papéis de desmobilização. Podemos ir para onde quisermos. Vou esperar pelo Nathan. Eles não sabem quando estarão de volta. Temos de esperar um par de dias pelo próximo barco. Vou precisar de arranjar algum trabalho entretanto. Sei trabalhar com um arado, mas eles têm os pretos para fazer isso. Provavelmente vou dar uma vista de olhos na cidade.

Talvez consiga arranjar um emprego a ler ou a escrever. Posso ensinar os mais novos. Não sou muito bom, mas sou melhor do que a maioria. Se um homem for empreendedor e estiver disposto a suar, pode fazer qualquer coisa. Claro que ter dinheiro não faz mal. Deram-nos o nosso dinheiro do exército. Não era muito, mas comprei sapatos, uma bengala, uma camisa nova e um chapéu muito fino."

O seu otimismo juvenil foi aniquilado quando o Tom soube as más notícias sobre o seu companheiro Nathan.

"O Nathan e um grupo de rapazes foram mortos ao assaltarem uma porta na Cidade do México. Aquela maldita artilharia mexicana! Não quero ir para Maryland e encarar as famílias de toda a gente."

Determinado a não ir para casa, o Tom procurou na área de Nova Orleães. Com a sua diligência, logo conseguiu um emprego.

"Bem, falei com um sujeito lá nos cais que está a contratar homens robustos que não ficaram doentes. Pensei que, depois de três vezes, eu conseguiria aguentar. Portanto, estou a pensar em navegar. Quando éramos novos, contavam-nos histórias de piratas. O barco vai para as Ilhas Britânicas ao largo da Florida. De lá, podes chegar à Europa. Não consigo acreditar que o meu melhor amigo partiu e eu não estava lá. Não quero ficar aqui."

Depois de ser contratado como membro da tripulação, o Tom embarcou noutra aventura.

"Estamos no oceano. É um ordenado bastante bom e o mestre do navio é um bom sujeito. Depois do exército, isto não é mau. Estou nas cabinas em baixo e durmo e como com a tripulação. Navegámos pela costa acima até Charleston. Nunca tinha ido a Charleston antes. É um porto grande e movimentado, quente e caro. Eles falam devagar e são difíceis de entender. Quando o navio entra no porto, vês casas bonitas. Devem ter muita gente rica.

"De Charleston, atravessamos o oceano até Liverpool, Inglaterra. Levamos fardos enormes de algodão. São precisos vários homens e muito trabalho para os carregar. Toda a popa do navio está cheia. Recebemos salários mais uma percentagem, se o navio chegar em segurança. Os Ingleses já não cultivam algodão, mas trazem-no do Egipto e da Índia. Gostaria de ir à Índia."

O Tom desfrutou do seu novo ofício e estilo de vida, até que um acidente mudou o seu rumo mais uma vez.

“Caí das enxárcias durante o mau tempo. É a minha perna esquerda. Não há cirurgião no barco, apenas um sujeito que tem algum conhecimento. Dizem que talvez nunca mais consiga caminhar com ela. Partiu em vários sítios e dói. Dão-te láudano. Faz a dor passar por um bocado. Se vai doer assim tanto, não a quero manter. Tentaram endireitá-la. Acho que não está a resultar. Chegamos a Inglaterra em breve. Os médicos lá podem tratar-me. Oh, Deus, dói.”

Com a sua dor excruciante na perna, o Tom tinha um novo motivo para chegar ao porto. Entretanto, eu pensava que, com a perna de Tom gravemente danificada e a sua recolocação em Inglaterra, ele nunca conseguiria participar na Guerra Civil.

“Estou em Inglaterra,” continuou ele. “O médico teve de partir a minha perna outra vez e voltar a compor os meus ossos. A minha perna parece estranha. Está torta. Coxeio. Ninguém quer parecer um mendigo nas ruas. Consegue-se sempre distinguir os homens que foram para a guerra. Sentam-se sem as pernas e os braços, dependendo da generosidade. Não é isso que eu quero fazer.

“O navio partiu. O mestre pagou-me o que devia. A tripulação fez uma coleta. O capitão pagou as contas do médico. Não sei o que vou fazer. Eu não falo como eles. Eu achava que falavam de forma estranha no Sul. Eles são tão arrogantes aqui. Não tenho dinheiro para a passagem de volta para os Estados. A menos que alguém me contrate, tenho de ficar. Pelo menos têm a mesma religião Protestante.”

Depois de passar algum tempo em Inglaterra a fazer biscates e a dar explicações, o Tom poupou o seu dinheiro e marcou passagem de regresso à América. Durante a sua estadia, mudou a sua opinião sobre os Britânicos.

“Não eram assim tão arrogantes. Eram bastante simpáticos. Tive de voltar porque está a decorrer uma grande Guerra Civil. Os Rebeldes dispararam contra Fort Sumter. Isso significa que vamos lutar com certeza. O Presidente Lincoln convocou voluntários para reprimir a rebelião. Vou ser voluntário. Ainda coxeio, mas consigo montar um cavalo. Eles vão precisar de alguém que saiba como é estar no exército. Eu tenho experiência.

“Não voltei para Maryland — demasiadas memórias. Mudei-me para a Pensilvânia e alistei-me no 71.º da Pensilvânia. Comando uma companhia. Sou capitão. Estamos a brincar sobre como eles devem estar desesperados para contratar alguns homens mais velhos e estropiados para lhes mostrar

como se faz. Sinto-me velho, como se estivesse no fim dos meus quarenta ou início dos cinquenta.

"Alguns rapazes nem sequer se conseguem barbear. São tão novos, sinto-me como um pai. Tenho de tomar conta deles. Lembro-me do Nathan e do Louisiana. Éramos tão inexperientes. A experiência faz a diferença."

Após o seu novo alistamento, sugeri que o Tom avançasse para a sua primeira grande batalha.

"Oh, Deus, é horrível. É tal como no México. Há pessoas mortas. Há sangue por todo o lado. Consegue-se cheirá-lo. Toda a gente está com medo. Estou com muito medo, mas estou com mais medo pelos meus rapazes.

"Estamos na Pensilvânia outra vez. Fizeram-nos marchar até aqui acima. O General Lee trouxe o seu exército de Rebeldes através do Potomac. Tivemos de o seguir. Andamos a marchar há horas. Está calor. Os rapazes estão muito cansados. Estão sempre a dizer-nos que não podemos parar. Aqui vem este cruzamento. Estamos sentados numa colina que não é muito grande. É o segundo dia. Estiveram a lutar ontem.

"Não sei o nome da cidade, mas posso perguntar. É 'Gettysburg'. Nunca ouvi falar dela antes. Tratam-me por 'Senhor'. O sargento trata-me pelo meu nome de batismo. Não me importo.

"Conseguia-se cheirar a morte enquanto estávamos a marchar para entrar. Morte. Sangue. Cavalos. Suor. Achas que te vais habituar a isso, mas não te habituas.

Passámos a marchar mesmo ao lado de alguns dos hospitais. Eu disse-lhes para manterem os olhos em frente e continuarem a marchar. Se não pararmos em breve, não me restarão muitos homens. Enviei o tenente e dois cabos para recolherem todos os retardatários.

"Ontem não estivemos na batalha. A caminhada fez-me doer a perna. Não estava rígida assim há muito tempo. Não consigo arranjar um cavalo. Os capitães não têm direito a cavalo. Eu podia pedir para ir nas carroças. Mas, uma vez que entregas a tua companhia, podes não a receber de volta. Sim, toda a gente acha que vamos lutar amanhã. Estaremos prontos para eles. Talvez se puser a perna sobre uma rocha e me deitar... ficarei bem."

Nesta altura, o Tom, que tinha estado a poupar o joelho esquerdo enquanto estava no sofá, descansou-o sobre uma almofada e prosseguiu.

“Estão a colocar a nossa brigada junto a um muro de pedra. Não é muito alto. Alguns dos rapazes acham que sou louco. Dizem que os Rebeldes não vêm, que já lhes bastou. Eu acho que eles vão lutar. Fizeram todo este caminho. Como poderiam ir para casa agora? Se partirem, não ganharam. Não ficariam todos orgulhosos se ganhássemos? Seria a maior das vitórias. Não temos tido muitas vitórias. Já estivemos em combates antes. Nunca vês mais do que um par de jardas para cada lado. Este combate conta porque os Rebeldes estão em Maryland e na Pensilvânia. Se eles ganharem, para onde podemos ir? Temos de os empurrar de volta e mostrar que somos mais fortes.

“Canhões. Barulho. Homens a correr por todo o lado. O coronel ordenou que todos se deitassem. Os Confederados estão a bombardear-nos. Estamos a ripostar. Deus, nunca vi um lugar como este. Homens são despedaçados. Aquelas balas de canhão já não parecem lentas. Fazem um barulho pavoroso. Consegues ouvi-las passar mesmo por cima. Às vezes, ouve-se um baque seco. Atingiu alguém. Toda a gente olha em volta. Não queres parecer assustado, por isso ages com indiferença.

“O bombardeamento já dura há algum tempo. Não acredito que vá durar muito mais. Vários dos meus homens foram feridos. Um par deles fugiu. Não os culpo. Eu faria o mesmo se pudesse. Não há glória, não há aventura, apenas a morte.

“Os Rebeldes estão a chegar. São milhares. Nunca vi nada assim antes — até onde a vista alcança. Não faz mal. Estaremos prontos para eles. Se cada homem cumprir o seu dever, ficaremos bem. Vamos mostrar-lhes. Estou a dizer aos rapazes para esperarem — para não dispararem. Os Rebeldes ainda têm um longo caminho a percorrer. Quero que todos estejam preparados. Há homens ajoelhados; alguns estão deitados. Eles continuam a aproximar-se. Quase se conseguem ver os seus rostos. Tantos estão a morrer. Não percebo como é que algum homem no seu juízo perfeito cruzaria aquele campo. E nós ainda nem sequer disparámos. Todos têm de ser bravos. Este é o combate que conta.

“Quero pôr-me de pé. Assim os meus homens conseguem ver-me. Eles veem-me. Oh, Deus. Que coisa tão tola de se fazer! Tenho de fazer alguma coisa porque se consegue ver nos olhos deles. Estão assustados. Querem que alguém lhes mostre o caminho. Suponho que seja para isso que sou capitão. Consegue-se ouvir o tiroteio. Deus, é tão alto. É ensurdecedor. Não se consegue respirar. É um estrondo atrás de outro. Alguém está a gritar. Estão a aproximar-se.”

“Fui atingido. Fui atingido no estômago. Um par de homens quer tirar-me dali, mas eu mando-os voltar. É um velho truque de soldado. Se alguém é atingido, os homens tentam carregá-lo para fora do campo. Não vou deixar que os meus rapazes façam isso.

“Bebo um gole de água de um cantil. Queima ao descer. Nunca pensei que isto me acontecesse. Nunca pensei que chegaria a não querer água. Quem me dera não me ter levantado.”

“Que estranho. Acabei de ver o Nathan à minha frente. Ele está a acenar-me. Está a ficar muito escuro. Dói tanto. As minhas entranhas estão em chamas. Consigo ouvir agitação. É como se já ninguém me visse. O Nathan está ali. Já não consigo ver nada. Está muito escuro.”

Nesta altura, sugeri que o Tom se elevasse para fora do corpo e olhasse para ele.

“Estou todo encolhido. Há sangue por todo o lado. Há fumo. Não me estou a mexer. Levantar-me-ei num minuto, assim que a dor passar. Ninguém me está a prestar atenção. Estão todos ocupados demais. Os meus rapazes tiveram de recuar do muro. O General Webb apareceu e tem a brigada sob controlo. Os meus rapazes estão desfeitos e não conseguem manter a posição. Vão deixar-me. Não consigo ver nem ouvir nada. Está um silêncio mortal. Chamo pelo meu nome. Acho que ninguém me ouvirá. Acho que estou a morrer. Continuo a sangrar, e dói. Não oiço nada e, no entanto, sei que há combate por todo o lado à minha volta.

“Deve ser assim que se sente. Parece tão pacífico. Achei que seria tão horrível. Era o que eu achava que tinha acontecido ao Nathan e aos rapazes no México. Vi tantos homens morrer. Eles gritam e saltam. Imploram pelas mães, dão-te as suas cartas e recordações, e pedem-te para dizeres aos amigos deles.

“É como uma luz suave, uma vela que está apenas a tremeluzir. A minha perna já não dói. Pergunto-me porquê. Devo ter um aspeto terrível, todo coberto de sangue, como se as minhas entranhas estivessem a sair. Porque é que os homens gritam, berram e fazem tanto barulho?”

Houve uma longa pausa.

“Está tanto silêncio. Já não vejo o Nathan. Já não me vejo a mim. É apenas uma vela. Sinto tanto sono. Talvez se fechar os olhos por um bocado.”

A regressão do Tom foi uma de três que começaram significativamente antes da Guerra Civil e uma de duas que nos levaram de volta ao tempo de

outra guerra, nomeadamente, a guerra com o México. Nesta narrativa, foi-nos dado um vislumbre privilegiado da vida e do tempo de guerra antes da Guerra Civil e pudemos seguir um soldado não só através da batalha na guerra com o México, mas na sua vida a bordo de um navio para Inglaterra, o seu acidente e o regresso à América com um ferimento. De facto, a sua perna esquerda ferida ficou rígida durante a hipnose e continuou a doer mesmo depois de ele regressar à plena consciência.

O que também foi diferente na regressão do Tom, contudo, foi o facto de ele ter sido um de apenas dois soldados no estudo a recordar ter sido oficial, enquanto um terceiro soldado recordou claramente ter sido sargento. Achei isto significativo, uma vez que alguns céticos das vidas passadas têm a perceção errada de que as pessoas tendem a acreditar que foram famosas anteriormente.

Embora o Tom fosse soldado raso quando se alistou para a Guerra Mexicano-Americana, foi mais tarde comissionado como oficial quando se reallstou como veterano. Outro reencenador lembrou-se de subir na hierarquia com as respetivas mudanças de funções e melhorias no uniforme. Na sua recriação moderna, havia o dobro dos oficiais do que nas regressões. Cinco sujeitos no meu estudo tinham sido oficiais na recriação, enquanto três eram sargentos.

Além disso, dois reencenadores tinham ouvido dizer que se assemelham a generais famosos da Guerra Civil nos dias de hoje: o Rob Hodge parecia-se com o General Confederado Nathan Bedford Forest; o Dave Morse (ver próximo capítulo) parecia-se com o General Confederado Ambrose Powell Hill. E, no entanto, mesmo aqueles que se pareciam com generais nesta vida não foram oficiais nas suas narrativas de regressão.

No estudo da psicóloga e investigadora Helen Wambach com 1.088 vidas passadas relatadas em *Reliving Past Lives: The Evidence Under Hypnosis*, poucos tinham estado em posições de liderança ou riqueza nessas vidas. (144) Nos onze períodos históricos que ela mapeou, as vidas passadas relatadas na classe alta representaram sempre menos de dez por cento. Ao categorizar os sujeitos que encontrou que eram soldados, ela colocou na classe baixa aqueles que não tinham autoridade, enquanto aqueles com alguma autoridade foram relegados para a classe média. Comparando as doze vidas passadas dos meus sujeitos com os padrões de Wambach, vinte e cinco por cento destes reencenadores, incluindo oficiais e sargentos, teriam sido considerados classe média. Adicionalmente, o Brian Pohanka (um dos

oficiais) e a MaryLynne Bauer indicaram que vinham de famílias financeiramente confortáveis, enquanto o Dale Clarke possuía o seu próprio negócio. Wambach também os teria categorizado como classe média.

Além disso, Wambach descobriu que nenhum dos seus sujeitos relatou uma vida passada como uma personagem histórica famosa. O autor Noel Langley, em *Edgar Cayce on Reincarnation*, deixou claro que as "celebridades" da história também representavam uma minoria muito pequena das leituras de vida de Edgar Cayce. (145) De facto, as leituras psíquicas de Edgar Cayce sugerem que a maioria das almas faz os seus maiores avanços espirituais vivendo vidas obscuras e sem acontecimentos notáveis.

O facto de nenhum dos reencenadores ser famoso e apenas dois terem sido oficiais nas suas vidas passadas está em conformidade com as descobertas da investigação de reencarnação, como a de Wambach, e da literatura, como a de Langley.

Este resultado contradiz alguns opositores à teoria da reencarnação que apontam para uma tendência de que muitos dos que acreditam em vidas passadas parecem acreditar que foram figuras conhecidas.

Como era sargento na recriação, a área de interesse do Tom envolvia táticas e estratégia militar. Ele nunca tinha lido diários de soldados nem se tinha focado em vidas pessoais, nem tinha feito muita investigação sobre a União. Ficou surpreendido ao encontrar detalhes íntimos e sentimentos de amizade, proteção, dor e medo na sua experiência de regressão.

Curiosamente, segundo o historiador Brian Pohanka, a unidade recordada pelo Tom, a 71.ª da Pensilvânia, era conhecida como o Regimento da Califórnia. Esteve envolvida no segundo e terceiro dias em Gettysburg, tal como o Tom descreveu. O Coronel Edward D. Baker, que tinha iniciado a unidade, era um veterano da Guerra do México, e o General Webb comandou de facto a 71.ª da Pensilvânia na sua brigada em Gettysburg.

Em relação ao exército mexicano, o General Winfield Scott era o seu comandante sénior e venceu de facto escaramuças antes do avanço sobre a Cidade do México, onde se perderam muitas vidas americanas. As táticas de Scott foram utilizadas na guerra que começou em 1846. Era também um facto que os soldados por vezes não tinham sapatos ou usavam um pedaço de couro como substituto.

Segundo as compilações históricas de John Busey em *These Honored Dead*, (146) houve um capitão e um sargento da 71.ª Infantaria de Voluntários

da Pensilvânia ambos mortos em combate em Gettysburg: o Capitão John Steffan, Companhia A, e o Sargento Thomas Cosgrove, Companhia K. O soldado raso James Kay, Companhia E da 73.ª da Pensilvânia, o soldado raso John Cain, Companhia D da 81.ª da Pensilvânia, e o sargento de dezoito anos George E. Cate da Companhia A da 20.ª de Massachusetts também morreram em batalha em Gettysburg. Os registos militares e de pensões dos Arquivos Nacionais listam um soldado raso de quarenta e cinco anos, Edward Kales, na Companhia K da 73.ª da Pensilvânia, que foi dispensado em 1862 por invalidez.

Quer o personagem da vida passada do Tom tenha ficado inválido ou tenha sido morto, ele sabe uma coisa: sob hipnose, sentiu a dor de um ferimento na perna de forma tão aguda que desejou que ela fosse cortada. Mesmo depois de sair da regressão, o seu joelho "ferido" continuou a sentir-se dolorido e rígido. Como filho de um coronel do exército e amante da estratégia militar, o Tom está agora fascinado com os aspetos de interesse humano da guerra — especialmente depois de a ter vivido através da sua regressão.

13

David: Morte Viva

Por brincadeira, o reencenador David Morse dizia por vezes aos seus amigos que, se tivesse vivido durante a Guerra Civil, devia ter morrido em 1863 ou antes, porque, no fundo, sentia uma estranha familiaridade com as batalhas iniciais, mas não se relacionava emocionalmente com a última metade da guerra.

Vestido com uma camisa vermelha de artilheiro, o reencenador magro e ágil falou-me da sua afinidade invulgar por armas de fogo. O seu pai era engenheiro mecânico numa empresa que construía tanques, pelo que ele pôde visitar o arsenal quando era jovem. Talvez tenha achado excitante o ribombar do trovão no momento do seu nascimento, no dia de Ano Novo de 1948.

Mais tarde, quando era jovem, a atitude do David era "quanto maior for o estrondo, melhor". Embora a sua unidade principal de recriação da Guerra Civil fosse uma companhia de infantaria, ele também se alistara na Bateria de

Artilharia de Cuttshaw, que utilizava um obus M-1841 de seis libras. Ele tinha até um antepassado, Samuel F.B. Morse, que fora o inventor das espingardas Morse, do código Morse e do telégrafo.

Depois de servir dez anos no exército, o David admitiu uma estranha sensação de naturalidade em relação à guerra. Enquanto fotografava oficiais que estavam a ser condecorados por trabalharem atrás de secretárias em Saigão, decidiu que faria o que pudesse para dar crédito aos soldados comuns que estavam a arriscar as suas vidas na selva do Vietname. Voluntariou-se para ir para as selvas como fotógrafo de combate e ficou espantado ao descobrir que não tinha medo, mas apenas cautela. Ainda hoje, o David, que se assemelhava fisicamente ao General Confederado Ambrose Powell Hill, preferia ler diários pessoais de soldados da Guerra Civil do que os relatos "insossos" de oficiais e as suas narrativas de batalhas e manobras.

Depois da sua experiência no Vietname, o David jurou que nunca mais lutaria na guerra de outro país mas, se os EUA fossem atacados, estaria à altura da ocasião. Ainda assim, sentia um surto de exultação como reencenador da Guerra Civil, o que lhe permitia expressar vicariamente o seu papel de "guerreiro".

"Um homem que nunca esteve em batalha é como uma mulher que nunca deu à luz" é a forma como a sua mulher, Jane, justifica filosoficamente a compulsão guerreira do David. O David, agora fotógrafo médico, conheceu a sua mulher de vinte e dois anos quando ela foi ao seu estúdio para tirar umas fotografias. Nos primeiros anos da recriação do marido, a Jane estava a caminho de se tornar uma "viúva de guerra" até que pôs as suas competências de costura a trabalhar, fazendo vestuário de época para ambos.

Ela percebeu que as obsessões dos reencenadores podem causar problemas conjugais ao deixarem as famílias negligenciadas. Escritora de notícias e editora, acompanhou o David à sessão de regressão e explicou-me "o hobby" dizendo que é uma manifestação do "jogo de rapazes grandes" e uma fuga de vidas frustrantes e monótonas. "Estes homens podem ir para a guerra em glória e lutar sem se magoarem," observou a Jane, que também serviu nas forças armadas e viveu com o David na Coreia durante vários anos.

Mais de quinze anos antes, o David tinha observado uma unidade de recriação da União num evento de história viva e ficara bastante intrigado. Algumas semanas mais tarde, o David foi convidado por um amigo para experimentar outra unidade. Como não lhe importava se recriava como Nortenho ou Sulista, vestiu um uniforme Confederado e juntou-se à unidade

do amigo para a experiência de fim de semana. Antes do evento terminar, já se tinha alistado. Desde então, subiu a ajudante e passou seis anos como comandante da unidade.

Antes de se tornar parte do meu estudo, o David ficou fascinado, na festa de Natal da sua unidade em 1994, com as descrições de três camaradas sobre as regressões de vidas passadas que tinham acabado de realizar comigo. Todos os três — Dave Purschwitz, Buddy Bare e Ed Embrey — descreveram ter visto imagens vívidas a preto e branco. Achei este facto, transmitido pelo David, interessante, uma vez que muitos dos meus sujeitos de regressão descrevem ver a cores e, adicionalmente, eu não tinha lido qualquer outra investigação sobre o tema.

A história do Buddy intrigou o David devido aos pequenos detalhes que o Buddy não poderia saber sem fazer investigação. Embora apaixonado pela recriação, o Buddy não era conhecido por ter interesse em ler detalhes de guerra. O David ficou também fascinado com a descrição vívida do Buddy sobre a sua própria cena de morte e como, quando lhe pediram para ver o seu corpo, conseguiu descrever o seu rosto e ver um buraco aberto através do seu abdómen.

O Ed, um reencenador que tinha muitas leituras, impressionou o David com a sua recordação de sensações de vida passada como dor ardente e lancinante, e calafrios, embora estivesse fisicamente saudável e num quarto quente durante a regressão. Por último, houve o terceiro reencenador, o Dave Purschwitz, que recordou o relato pungente de perder o braço e a dor que se seguiu.

Na manhã seguinte à festa, o David ligou-me e voluntariou-se para o estudo. Estava mais aberto à ideia da reencarnação do que a maioria dos outros, considerando-a plausível e achando-a intensamente interessante. Estava curioso sobre se teria conhecido a sua família atual noutra vida. Embora tivesse ouvido falar vagamente de antepassados do Michigan e de Massachusetts que viveram na época da Guerra Civil, o David estava mais interessado na forma como o seu notável antepassado Samuel Morse, que, além de inventar espingardas, tinha ensinado ao famoso fotógrafo da Guerra Civil Matthew Brady as suas competências fotográficas. O David estava ansioso por ver se ele próprio também tinha participado na Guerra Civil.

Ao encerrarmos a entrevista e nos prepararmos para a regressão, o meu ansioso participante pousou o seu cachimbo e citou o General George Patton, dizendo: “Fui um guerreiro em vidas passadas e sou um guerreiro agora.”

Patton, como devem lembrar-se, tinha acreditado em vidas passadas e afirmava ter "sabido" exatamente onde César tinha montado a sua tenda em Langres, França. Uma vez, depois de ser atingido por um coice de cavalo, Patton teve um *flashback* de uma vida como Viking.

De outra vida, recordava-se como sendo um Tunisino, bebendo urina de um capacete e amaldiçoando os Romanos. Patton falou do impacto destas experiências como algo que "grava a alma". Quando foi ferido na Primeira Guerra Mundial, Patton teve uma visão do seu avô e do seu tio-avô, que tinham ambos morrido na Guerra Civil. Talvez o David sentisse que estava em boa companhia.

Utilizando as mesmas técnicas de regressão hipnótica que tinha usado com os seus colegas, vi as pálpebras do David tremerem e soube que ele estava pronto para começar.

O David descobriu imediatamente que era um homem de vinte anos com as pernas doridas, o estômago vazio e sentindo muito frio. Estava cansado de caminhar e os seus ombros doíam de carregar algo pesado. Viu fumo e pessoas a fugir de uma aldeia. Edifícios em forma de cone estavam a arder. Ficou impressionado com a visão de um rosto horrorizado, talvez alguém assustado com a destruição.

Observou que os homens com quem caminhava usavam casacos vermelhos com botões dourados, chapéus pretos de pele de urso e calças brancas. No entanto, o David sentia que estava a usar calças e camisa castanhas. Talvez fosse um batedor ou voluntário. Ao ver os troncos pontiagudos de uma paliçada, presumiu tratar-se de um forte do século dezoito e soube que a sua localização era Albany, Nova Iorque.

A primeira sessão de regressão do David demorou cerca de noventa minutos. Quando saiu da hipnose, estava a massajar os seus ombros, gémeos e pés doridos. Entretanto, a sua mulher, que tinha observado a regressão, disse que as suas descrições faziam lembrar o interesse do David pela Guerra Franco-Indígena e um dos seus filmes favoritos, *Drums Along the Mohawk*. Quando esteve totalmente acordado, o David discordou da mulher e identificou a cena do forte como sendo anterior à Guerra Franco-Indígena, um período anterior ao retratado no filme.

Embora estivéssemos todos um pouco cansados, decidimos tentar novamente. Depois de fazer o David voltar a um estado hipnótico, sugeri que ele avançasse para um período de tempo diferente.

“Vejo rodas,” começou ele. “Estou a olhar para fora pela parte de trás da carroça.” Nesta altura, o corpo do David deu um solavanco tão violento que ele acordou. Ficou tão abalado com a sua memória de uma explosão que foi incapaz de continuar a regressão.

Cerca de uma semana mais tarde, o David voltou para ver se podíamos retomar onde tínhamos parado. Desta vez, a mulher não o acompanhou.

“Não tenho nada nos pés,” disse ele. “Visto calças que parecem quentes e algo leve por cima. Os meus braços estão cobertos. Sou homem. Vejo cercas de trilhos, um portão, um edifício de pedra com dois andares. É a minha casa. Há uma empena e venezianas pretas nas janelas. É uma zona rural.

“Estou na cozinha. Pareço estar sozinho. Há uma lareira, uma mesa, um armário e uma cristaleira. Um candeeiro brilhante está pendurado na parede. Tenho vinte e oito anos. É 1858. Talvez seja agricultor.”

Agora que o David estava estabelecido em meados de 1800, avançamos um pouco no tempo. Pelo menos agora eu sabia que estávamos na era da Guerra Civil.

“Estou lá fora com muitos outros. Calço sapatos pesados, calças quentes e algo leve a cobrir os meus braços. Há uma grande área aberta e casas escuras com molduras de janelas brancas. Talvez seja uma cidade.

“Vejo o rosto de uma mulher. Não a conheço. O rosto parece um entalhe em relevo, como se tivesse sido esculpido em pedra. É uma vista de três quartos. Os olhos da mulher podem estar fechados. Tem um nariz reto. É como um busto com sombreado. Parece um oval de filigrana à volta do rosto.”

Mudando o seu foco do rosto, o David notou que a cena parecia mudar.

“Parece um campo de parada — um grande campo aberto,” disse ele. “Há edifícios altos, com vários andares, em dois lados, um lado comprido e um lado curto. Estou de pé nesse campo com outros. As vacas e o gado ali parecem pequenas estátuas.”

Pedi ao David para avançar para o próximo evento significativo.

“Há uma casa de tábuas vermelhas atrás da cerca, como uma cabana da Nova Inglaterra com duas colunas e anexos. Há um alpendre na frente. Apenas patos e gansos por perto. Estamos a caminhar por uma estrada. Sinto outros — massas negras, mas sem detalhes.

"É de dia. Vejo árvores ao longe. É plano. Há uma longa linha de coisas pontiagudas no ar — como baionetas. Vejo uma coluna a marchar e casacos de uniforme escuros. Os homens usam pequenos chapéus escuros como *kepis* ou gorros de forragem. As calças não são tão escuras como os casacos. Estamos a marchar com armas ao ombro. As baionetas estão nas armas, mosquetes no ombro esquerdo. Os canos estão brilhantes. Estamos a usar o manual de Gilham. A estrada está empoeirada. A minha boca está seca. Não sei para onde vamos.

"Há uma explosão. Terra e fumo voam pelo ar."

De repente, enquanto ainda estava sob hipnose, o David deu um solavanco, abriu os olhos e levou a mão ao coração. Deu um solavanco uma segunda e terceira vez e reabriu os olhos. A sua mão repousou então sobre o peito.

"Sinto um calor repentino," continuou ele. "O meu coração está a bater com força. É o que quer que tenha causado a convulsão. Parece que não consigo pará-la. Ainda na outra noite, na minha primeira regressão, foi a primeira vez que experimentei estas convulsões. Tenho a certeza disto. Sinto as pernas entorpecidas. Não consigo parar de tremer."

Recordei como o David ficara tão abalado com a explosão na sua última regressão que acordara com um solavanco e não conseguira regressar ao estado hipnótico. Mas desta vez não acordou, embora o seu olho esquerdo estivesse parcialmente aberto. Instruí-o a relaxar quando eu tocasse no seu ombro. Os solavancos diminuíram. Embora estivesse a monitorizar cada movimento do David e soubesse que tudo estava sob controlo, fiquei contente por a Jane não estar presente, pois poderia ter ficado alarmada desnecessariamente. Tais reações durante o trabalho de regressão podem por vezes ser esperadas e não são prejudiciais para o sujeito.

"Vi explosões e fumo," disse ele. "Parecia que algo estava a explodir no chão, e depois houve uma profusão de explosões. É como se tivéssemos marchado para dentro de uma barragem de artilharia. Não consigo parar de tremer."

Toquei novamente no seu ombro e acalmei-o com sugestões. Os solavancos pararam.

"Sinto que ainda virão mais um ou dois tremores." Guiei-o para passar além dos tremores, e então ele disse: "Não sinto as minhas pernas. Quando

estava a ter espasmos, pareciam pequenos tremores. Agora não consigo ver nem sentir nada."

Nesta altura, sugeri que o David se elevasse acima do seu corpo e o observasse.

"Estou deitado de peito para baixo. Tenho o rosto escanhoado e cabelo claro. Consigo ver metade dele. Não vejo uma ferida — nenhuma perfuração nas costas. Estou apenas ali deitado. As pernas estão enviesadas. Não há movimento. Não estou a respirar. Acho que não estou vivo. Há outros corpos."

Com o David a morrer, esta era a minha última oportunidade de lhe perguntar o nome e a unidade, e ele deu uma resposta imediata.

"George Henderson, Companhia K, 2.º de Rhode Island. Tenho a sensação de que é cedo na guerra."

Quando o David voltou à plena consciência, não conseguia sentir nada da cintura para baixo. Teve de levantar literalmente as pernas com as mãos para conseguir que se movessem novamente. Como fotógrafo no Vietname, tinha testemunhado soldados morrerem após passarem por um processo chamado *"chain-stoking" (respiração de Cheyne-Stokes),* durante o qual os seus corações batiam descompassadamente, a respiração tornava-se rápida e eles irrompiam em suores e convulsões. Curiosamente, durante a própria cena de morte do David, ele sentiu respiração rápida e ofegante, o coração a latejar, a sensação de convulsões e sentiu calor como se estivesse a começar a suar. Mais tarde, após descrever as condições da sua dramática experiência de morte em vida passada a três especialistas, dois médicos e um patologista, todos indicaram que o David estava, de facto, a descrever condições de *"chain-stoking"*.

A sensação de tremores só parava quando eu punha a mão no seu ombro e lhe dava a sugestão de que iriam parar. Ele disse que sentia que mais dois espasmos teriam ocorrido se não tivesse havido uma intervenção.

As sensações físicas e emocionais dramáticas do David, bem como as descritas nas narrativas dos outros reencenadores, poderiam ser úteis para discernir a validade das suas vidas passadas. Como soldados da Guerra Civil, alguns reencenadores lembraram-se de estar aborrecidos, confusos ou envergonhados, enquanto pelo menos nove se lembraram de estar amedrontados ou em pânico. Três quartos sentiram dor física, aqueles que

viajaram de barco nas suas regressões tiveram enjoo marítimo e vários homens chegaram a chorar.

Acredito que os onze homens e uma mulher, cujas idades variavam entre os vinte e sete e os cinquenta e um anos, provavelmente teriam relutância em fabricar e expressar estes sentimentos, especialmente a uma hipnoterapeuta do sexo feminino que nunca tinham visto antes.

Vários investigadores de vidas passadas deram importância às sensações emocionais e físicas expressas em vidas passadas. No *Journal of the American Society for Psychical Research*, o Dr. Ian Stevenson citou um incidente no qual recordações emocionais reproduziram feridas sangrentas reais no local da ferida original. De menor gravidade, os reencenadores David Morse e Tom Galleher sentiram dores que persistiram ao regressarem das suas regressões.

Em *You Have Been Here Before*, a Dra. Edith Fiore sublinhou a importância das expressões emocionais e físicas de vidas passadas. (148) "As lágrimas, o tremor, o sobressalto, o arquejar, o gemido, o suor e outras manifestações físicas são demasiado reais." No seu livro, *Reliving Past Lives: The Evidence Under Hypnosis*, a psicóloga Helen Wambach considerou a capacidade dos seus sujeitos de relatarem sentimentos como o aspeto mais significativo da hipnose. Os seus sujeitos tendiam a acreditar que as emoções vinham de níveis mais profundos do que as experiências visuais.

Outro elemento significativo que os investigadores consideram útil para discernir a legitimidade das vidas passadas envolve a vivacidade das descrições. Cada reencenador no meu estudo relatou descrições vívidas das suas experiências de regressão, arredores, pessoas e eventos. Muitas descrições incluíam som — cornetas, música, explosões. Acampamentos, cidades, prisões, hospitais, viagens de comboio, táticas de combate, uniformes e regressos a casa foram todos descritos com detalhes brilhantes.

De facto, a qualidade realista e natural das memórias recordadas pelos reencenadores levou-os a questionar onde obtiveram a informação detalhada. A vivacidade, aliada às emoções, levou-os a classificar as suas experiências de regressão com uma média de oitenta e cinco por cento de realismo e a aumentar a sua crença na possibilidade da reencarnação em quase vinte por cento.

Curiosamente, cinco reencenadores deram até descrições físicas da sua aparência na Guerra Civil, todas diferindo do seu aspeto atual. De facto, hoje o David é um de dois reencenadores que se assemelham a generais e um de

vários que parecem ter acabado de sair de um filme da Guerra Civil. Na regressão do David, ele ficou surpreendido ao descobrir que a sua barba desaparecera e que o seu cabelo era consideravelmente mais claro. A maioria dos reencenadores também descobriu que era mais jovem na sua experiência da Guerra Civil.

As descrições vívidas foram um foco para o Dr. Raymond Moody, cujos sujeitos de regressão discutidos no seu livro, *Coming Back*, disseram que as suas imagens eram mais vívidas e reais do que em sonhos comuns. Ian Stevenson também olhou para a vivacidade como um possível marcador de paranormalidade em sonhos. Num estudo de 125 sonhos precognitivos, quarenta e cinco por cento foram descritos como vívidos ou realistas. Stevenson diz que a maioria dos sonhos não é vívida.

A vivacidade dos detalhes, aliada às sensações emocionais e físicas que os reencenadores sentiram nas suas regressões, ajuda a apoiar, como sugerem investigadores e autores de vidas passadas, a legitimidade das suas narrativas de regressão.

Voltando à potencial validade histórica da vida de David na Guerra Civil, ele afirmou desconhecer a Companhia K do 2.º de Rhode Island. De acordo com o historiador da Guerra Civil Brian Pohanka, o 2.º de Rhode Island foi um dos primeiros regimentos a deixar o estado. Esteve fortemente envolvido na Batalha de Bull Run — em Matthews Hill, em julho de 1861 — e sofreu pesadas perdas. David poderia ter sido morto na primeira batalha.

Numa descrição não muito diferente da de David, o diarista da Guerra Civil Elisha Hunt Rhodes descreveu o 2.º de Rhode Island a marchar por uma estrada em direção ao campo de batalha de Gettysburg. Assim que chegaram a uma casa usada como quartel-general pelo General Meade, houve uma explosão de fogo de artilharia. Trinta homens da brigada foram mortos ou feridos, todos do 2.º de Rhode Island. Infelizmente, não há registo de nenhum Henderson do 2.º de Rhode Island morto em Gettysburg em julho de 1863. (151)

Embora David recriasse como Confederado, tinha afinidade pelo Norte. No fundo, suspeitava que poderia ter sido da União. Na verdade, ter-se-ia juntado a uma unidade Yankee se um amigo não o tivesse influenciado a juntar-se aos Confederados. Tendo vestido o uniforme azul apenas duas vezes, uma delas para a filmagem de *Gettysburg*, sentiu-se estranho quando o vestiu.

David relacionava-se apenas com as batalhas iniciais, tinha fascínio pela guerra e adorava armas de fogo. Na altura do estudo, recriava como artilheiro. Enquanto regredido, lembrou-se de ir na parte de trás de uma carroça e poderia ter pertencido a uma unidade de artilharia pesada. Joseph G. Henderson, 5.ª Artilharia Pesada de Rhode Island, alistou-se em outubro de 1862. A sua designação não era conhecida, pois não havia mais registos. (152) Uma vez que o seu nome nunca foi incluído na folha de chamada (*muster roll*), isto poderia significar que ele nunca apareceu ou que os registos se perderam.

Os Henderson que morreram cedo na guerra e foram enterrados em cemitérios da zona de Richmond, de acordo com registos de enterro, são o Soldado William Henderson, Jr., 3.ª Infantaria de Voluntários de Vermont, que morreu a 8 de outubro de 1864; o Soldado S. Henderson, Tropa de Cor dos EUA (*U.S. Colored Troop*), que morreu a 14 de novembro de 1864; e o Soldado J.J. Henderson, Companhia D, 12.ª Infantaria de Voluntários de Nova Iorque. Os Arquivos do Estado de Rhode Island e os registos militares dos Arquivos Nacionais listam um 1.º Tenente George Henderson, 3.ª Cavalaria de Rhode Island, que foi intendente no Louisiana e foi desmobilizado após a guerra.

Apesar de não haver uma correspondência firme nos registos da Guerra Civil, a experiência de regressão de David explicou sentimentos estranhos que ele teve na sua vida atual. Como reencenador, ele teve uma sensação inquietante de familiaridade nas batalhas iniciais da guerra, mas nenhum envolvimento emocional com as batalhas posteriores. De acordo com a regressão de David, seria inteiramente possível que tivesse morrido cedo na guerra.

Mesmo quando era jovem, David tinha um fascínio invulgar por armas de fogo. Na sua regressão, lembrou-se de ir na parte de trás de uma carroça, que poderia facilmente ter sido usada para artilharia pesada. Como fotógrafo no Vietname, David, ao contrário de muitos dos seus camaradas, tinha uma inexplicável sensação de tranquilidade em torno do combate.

De facto, ele identificava-se fortemente com a crença do General Patton de que fora um guerreiro em vidas passadas e que era um guerreiro agora. A experiência de regressão de David provou-lhe que este era o caso.

14

Paul: Regresso a Alexandria

No armário de Paul Jones encontraria um guarda-roupa completo de uniformes históricos que somam, contando os componentes, cerca de quinze tipos diferentes. Ele possuía trajes da Guerra da Independência, da Guerra Civil e da Segunda Guerra Mundial. Só os seus uniformes da Guerra Civil variavam entre o início e o fim da guerra, passando por uniformes de fadiga, genéricos, especiais e de gala, casacos de inverno e apetrechos para uma variedade de impressões e cenários.

Na verdade, as batalhas eram a parte menos significativa da recriação, segundo Paul. Embora tivesse recriado em todos os três períodos temporais, via as estruturas militares apenas como pontos focais para reviver a história. Preferia a vida de acampamento, as rotinas e os eventos de história viva à recriação de batalhas. Por um lado, Paul achava algumas das batalhas de recriação mal geridas. Principalmente, gostava de recriar a vida civil. Por exemplo, um ponto alto na recriação da Guerra Civil tinha sido, para ele, a representação do dia das eleições de 1860, pré-guerra.

De facto, essa foi uma das razões pelas quais este homem de trinta e cinco anos decidiu tornar-se um reencenador da União, porque os Federalistas historicamente desempenhavam uma vasta gama de funções além do combate. A unidade de recriação de Paul, a 1.ª Infantaria de Voluntários de Delaware, serviu como guarda de honra no 125.º aniversário da Segunda Tomada de Posse do Presidente Lincoln, bem como em várias funções no Ford's Theatre em Washington, DC. A 1.ª de Delaware também participou em eventos de história viva em Harper's Ferry, Antietam e outros locais de parques nacionais.

Além da variedade de oportunidades de história viva disponíveis para o grupo de recriação da 1.ª de Delaware, a unidade real tinha estado ativa até ao fim da Guerra Civil. Enquanto cumpriam serviço de guarnição nos primeiros dois anos de guerra, os soldados tornaram-se competentes em exercícios de infantaria. Devido ao seu treino extensivo, foram mais tarde utilizados consistentemente como batedores e na linha da frente em quase todas as grandes batalhas. No fim da guerra, restavam menos de cinquenta soldados dos 750 originais do início da unidade.

A residência da maioria dos atuais soldados da 1.ª de Delaware estava dividida equitativamente entre estados do Norte e do Sul, enquanto Paul se identificava humoristicamente como um "Sulista de primeira geração". Vivia na Virgínia e a sua família era de Massachusetts. Afirmando que não tinha

inclinações nem para a causa do Norte nem para a do Sul na Guerra Civil, a primeira unidade a que se juntou foi Confederada.

Após cerca de um ano, mudou para o lado da União, principalmente por "razões modernas", como melhores oportunidades. Admitiu sentir-se mais confortável com os seus companheiros Federais, apreciava o humor e tinha formado amizades sólidas durante os seus cinco anos de participação. Historicamente, Paul compreendia as causas políticas e ideológicas de ambos os lados. Embora considerasse a ideia da escravatura insuportável, acreditava que a Declaração de Independência dava ao Sul o direito de se separar.

Independentemente do lado em que estivesse, Paul tentava recriar os eventos com a maior precisão possível, usando "objetos de cena" documentados e vestuário apropriado. Gostando especialmente da vida quotidiana, Paul apreciava marchar num dia quente ou dormir numa tenda durante uma tempestade. Com apreço pelo ambiente geral, as atividades mais mundanas pareciam-lhe autênticas.

Para Paul, que trabalhava na manutenção de piscinas após vários anos de faculdade com especialização em Belas Artes, a História era o seu principal passatempo. Interessado no assunto desde criança, também o levava a sério como adulto. O sonho de qualquer professor de História, ele achava sempre o assunto repleto de todo o drama, aventura e mistério da vida. A recriação dava-lhe a oportunidade de obter uma perspetiva pessoal sobre a guerra e de "caminhar uma milha nos sapatos de outro". Também lhe permitia escapar do século vinte, desfrutar de camaradagem, divertir-se e partilhar oportunidades educativas com a sua mulher e as duas filhas.

Entretanto, ao verificar a história genealógica da sua família, Paul soube em segunda mão sobre um antepassado que foi um soldado da União levado a conselho de guerra por roubar propriedade do governo. Estranhamente coincidente era o facto de, tal como David Morse, Paul ser também aparentado com o inventor Samuel F. B. Morse. Nem David nem Paul se conheciam.

Passando para a perceção de Paul sobre a guerra, ele disse acreditar que nada era mais influente no curso da história ou mais suscetível de criar mudanças dramáticas do que a guerra. Este conceito, contudo, nunca o induziu a juntar-se ao exército. Disse achar que as guerras modernas careciam de gosto, estilo e uma definição clara, enquanto os resultados eram frequentemente ineficazes.

Outra das suas posições filosóficas apoiava a teoria da memória genética sobre como as regressões produzem aparentes visões históricas. Embora considerasse a teoria da reencarnação implausível, Paul apontava os padrões de migração dos animais como uma possível ilustração da memória genética ser transmitida através da hereditariedade, acreditando que funcionava da mesma forma na sociedade humana.

Agora, Paul estava pronto para embarcar na jornada da sua própria mente de volta no tempo. Uma vez sob hipnose, por sugestão minha, ele moveu-se para uma vida que se correlacionava com o seu interesse na recriação. Começou por descrever uma cena.

"Há muitos pinheiros, uma linha de árvores, uma floresta e um campo. É primavera ou outono e visto algo substancial. Não vivo por aqui. Sinto-me sozinho, satisfeito, e estou deitado, a olhar para cima. Na minha visão periférica, vejo certas colinas que parecem familiares. Sinto-me morto — sem me mexer — e não conseguiria levantar-me se tentasse. Não me sinto parte da cena, mas não estou perturbado e estou apenas a observar.

"Há pessoas que acho que conheço. Tive a impressão de algumas pessoas a passar, indo para algum lugar com pressa.

"Está escuro no bosque, e eles não me notam embora estejam suficientemente perto. Apenas passaram e já se foram. É curioso e confuso. Sinto-me mais confortável no bosque do que no campo, onde me sinto perdido ou longe de onde deveria estar. Estou deitado, a olhar para cima e por cima do ombro e não me consigo mexer. Não estou onde devia estar. Alguém espera por mim em algum lugar.

"A minha mulher não está longe. Está do outro lado do bosque. Eu poderia gritar e ela provavelmente não me ouviria. Estou ferido. Não consigo mexer a minha perna esquerda; parece pesada. Não me consigo levantar. Sinto que sei para que lado ir, mas não me consigo mexer muito. Parece triste, de certa forma."

Sentindo que ele estava a morrer, perguntei-lhe rapidamente o nome.

"Henry, I — 1889 — Connecticut. Estou a pensar em levantar-me e mover-me em direção ao bosque. Sinto-me frustrado. É um fim de tarde no outono, e a erva está alta e castanha. Estou a mover-me para mais perto do bosque..."

Por esta altura, compreendi que Paul tinha morrido. Não ficou claro se ele se tinha magoado nas terras da sua própria família. Também não ficou claro se ele apenas visualizara a mulher enquanto morria. Além disso, o nome e a data eram imprecisos e surgiram com o seu último suspiro. Teria sido este, na realidade, o fim da sua vida na era da Guerra Civil? Sugeri que o Paul se movesse para outra cena. Uma foto de "natureza-morta" surgiu diante dele.

"Há um couraçado a um par de ruas de distância e casas no meio. Estou no alto de uma colina, a olhar para baixo para os telhados de telha, e o couraçado cinzento está atracado no porto. Tenho onze anos, é 1941, e estou entusiasmado com a novidade deste acontecimento invulgar. Parece o Porto da Pensilvânia."

Percebendo que tínhamos chegado a um século diferente, decidi ver se o Paul voltaria à era da Guerra Civil. Ele fez a transição facilmente.

"É 1840 e vi uma máquina de costura. É uma máquina preta sobre uma mesa de madeira. Estou numa loja. O meu pai trabalha lá. Sinto-me bem a visitar — como um privilégio. Acho que é ele que as faz. Sou um rapaz novo. O meu nome começa por um 'C'. Bedford é a cidade. Consigo visualizá-la. Não tem nada de extraordinário. Há uma mistura de casas e lojas. Vejo janelas com vidros em forma de losango e chumbo entre eles. Vejo uma mulher. Não me parece a minha mãe."

Nesta altura, o Paul estava em regressão há várias horas e estava cansado. Trazendo-o de volta das memórias de Bedford, Massachusetts, para a plena consciência desperta, marquei outro encontro para ver se conseguia obter mais algumas informações.

Cerca de uma semana depois, o Paul regressou e tentámos retomar onde tínhamos parado.

"É de dia e estou lá fora. Sou homem e estou com a minha irmã. Ela é uns anos mais velha que eu. Estou na casa dos vinte. Estamos à espera de algo. Um comboio. Estamos no corredor da estação de comboios, perto da linha. Estamos à espera do presidente."

Nesta altura, o Paul pareceu surpreendido, como se esta tivesse de ser uma informação errada. Continuou hesitantemente.

"Não parece haver muita gente lá. Há edifícios dispersos do outro lado. Talvez eu viva aqui. Não tenho a certeza. Há tipos que tratam das bagagens por ali.

“Estou vestido razoavelmente bem. Visto uma sobrecasaca e chapéu. A minha irmã está bem vestida. Veste um vestido de cor clara. É uma saia comprida, com uma crinolina completa. Ela não tem o cabelo muito comprido.”

O Paul sentia agora que estava a ter um bloqueio mental e questionava a informação que estava a receber. Depois de lhe dizer que é normal duvidar do que surge, ele relaxou. Lentamente, prosseguiu.

“É uma estação de tijolo. Fico com a impressão de um tipo baixo que está a ficar careca. Não tem chapéu. De resto, está bem vestido. Não tenho a certeza se ele estava no comboio. Não tenho a certeza se estou à espera de alguém. Talvez esteja lá em negócios. Ele não é um parente. Talvez seja suposto encontrar-me com ele. Acho que é suposto ele ficar connosco. Não trabalho com ele, mas já nos encontrámos antes. Sinto que trabalho num hotel. Também vivo no hotel. Acho que o estou a levar para o hotel.

“Carregámos a bagagem e depois estamos no hotel. O átrio do hotel é tal e qual uma sala de estar comum, não é como uma receção. Não parece um hotel formal. Talvez seja uma casa de hóspedes. Não parece um negócio. É apenas uma casa de dois andares, branca ou de cor clara. É uma sensação estranha. Sinto como se soubesse exatamente onde estou, mas não sei onde é que isso fica. É como se tivesse uma noção do que está à minha volta.

"Lá fora, não há árvores. Parece haver muita terra. A paisagem parece branca, mas a neve não parece certa. Há um grande ribeiro a alguma distância — não fica logo atrás do edifício. Há uma estrada mesmo em frente. Os carris passam do outro lado da estrada, um pouco mais adiante. Estamos abaixo da estação. Há colinas de ambos os lados. É como se estivéssemos num grande vale de um ribeiro. É uma zona baixa. Tem um aspeto — não exatamente industrial — mas bem pisado ao longo dos anos. Fico com a sensação de que é Alexandria ou perto de Alexandria. Isto é estranho. Fico com a sensação de que poderia apontar para o local num mapa ou até ir lá, se estiver correto.

"Humm. Não creio que fosse uma estação de comboios. Acho que era um negócio junto aos carris. É de tijolo ou madeira escura. Há um acampamento de soldados subindo a rua. Não sinto que tenha nada a ver com eles, exceto o facto de estarem lá.

“Tenho uma imagem muito nítida na cabeça. Tem muitos detalhes, mas nenhum detalhe se destaca. Há muitos carris a fundirem-se não muito à frente — logo a seguir ao acampamento dos soldados. O acampamento está à direita.

Há uma cerca de estacas ao longo da estrada, perto do acampamento dos soldados. Há vários comboios por perto. Consigo ver as tendas mais acima na estrada. Parece que não consigo mudar a minha perspetiva. É estranho. Consigo olhar em volta. Sinto que devia desenhá-lo.

"De repente, o meu ponto de observação parece estar muito mais longe do hotel. Agora, estou do outro lado dos carris. Os Federais estão mais à minha esquerda agora, e vejo mais do acampamento. Também vejo mais de uma paisagem do que qualquer coisa de que esteja perto. É como se estivesse a olhar para longe através de uma grande distância. Não estou perto. Estou sozinho agora." Nesta altura, o Paul voltou a censurar-se por estar a pensar demais. Depois recompôs-se e continuou:

"Vejo homens em mangas de camisa," observou ele. "Parece que estão a escavar, mas parece mais que estão a trabalhar numa parede de madeira ou num grande portão. O portão atravessa os carris. Os homens são apenas trabalhadores. São civis e as suas roupas estão sujas. Dois oficiais estão por perto. Parecem estar ou a supervisionar ou apenas a dar uma vista de olhos. Estão de casaco e calças azul-escuro. Ambos usam chapéu. São oficiais de baixa patente. Um é mais novo, com bigode e um chapéu tipo *kepi*. O outro é mais velho, com barbas longas e patilhas. Os tipos parecem ser bastante simpáticos. É surpreendente que pareçam simpáticos.

"Ainda estou junto à parede. Sinto que algo aconteceu. Estão a voltar ao trabalho na parede que tinham começado há algum tempo devido a alguma ameaça recente, talvez uma ameaça ao pátio ferroviário."

Embora conseguisse visualizar a cena, o Paul disse-me que era incapaz de controlar a experiência. Tal como muitas pessoas que são regredidas a vidas passadas, ele questionava se estaria a imaginar tudo isto, porque o que estava a ver era como ele esperaria que fosse o aspeto das coisas.

"É definitivamente Alexandria," disse ele. "Consigo visualizá-la vividamente. Parece apenas estranho. Estou a olhar pela rua abaixo em direção à água. Há muitos barcos mesmo ali onde está o marcador na King Street. É estranho. Parece uma fotografia e não consigo manipulá-la.

"Agora compreendo. Eu não estava à espera do presidente. Era o vagão funerário do presidente. O Presidente Lincoln. Estão a montá-lo no pátio ou a trabalhar nele. Sinto que acabei de descobrir. Sinto que vou chorar. Sinto-me zangado com os soldados por alguma razão — como se eles fossem de alguma forma culpados por isso. O vagão ferroviário está coberto de luto."

Com a guerra terminada e o Paul frustrado devido ao minucioso processo de regressão, concluímos a sessão sem obter um nome para o seu antigo "eu". Ao regressar à plena consciência desperta, o Paul disse que estava aliviado por ter tido algumas imagens visuais e sensações fortes que indicavam uma vida na era da Guerra Civil.

O que achei particularmente intrigante na regressão do Paul, tal como com os outros reencenadores no estudo, foi o conceito de continuar onde se parou — no caso do Paul, tanto geográfica como filosoficamente. Com o meu interesse na metafísica e na lei do carma, eu tinha muitas vezes questionado se um Yankee voltaria para viver no Sul, enquanto um Rebelde teria uma experiência no Norte na sua vida seguinte.

Curiosamente, o Paul mudou-se para Alexandria tanto na sua vida atual como na da Guerra Civil. Na sessão de regressão, viveu em Massachusetts quando era rapaz, enquanto nesta vida a sua família era de Massachusetts. Como adulto durante a era da Guerra Civil, o Paul viveu na cidade ocupada de Alexandria, Virgínia, e era compreensivelmente cauteloso em relação aos soldados da União.

Na altura da regressão, ele recriava tanto como Nortenho como Sulista e afirmava não ter nenhuma lealdade em particular. Embora tivesse crescido na Virgínia, sentia-se mais confortável com os Nortenhos e apreciava o seu humor. Mas a sua crescente frustração com o governo fazia-o apreciar o ponto de vista do Sul, talvez até mais do que a ideologia do Norte. A neutralidade básica do Paul parecia ser consistente tanto com a sua criação, vivendo na Virgínia com lealdades familiares ao Norte, como com a sua recordação de vida passada. Um fator secundário poderia ser o facto de ele não ser um soldado e, por conseguinte, não nutrir sentimentos tão fortes.

A falta de uma lealdade forte do Paul a um lado ou ao outro não era diferente da de Tom, que cresceu numa família militar na Califórnia. O Tom também recriava tanto como soldado Confederado como da União.

Esta informação deixou-me curiosa sobre os outros reencenadores e sobre onde as suas lealdades poderiam ter tido origem. Sete das afinidades dos doze participantes para recriar um lado específico na Guerra Civil correlacionavam-se positivamente com as simpatias mantidas na área em que cresceram. Dos outros cinco, o Buddy e o Rob cresceram no Norte, mas os seus pais eram do Sul. Além disso, no caso do Buddy, Washington, D.C., ficava a poucos minutos de distância da Virgínia.

O Dale cresceu no Panamá, mas os seus parentes eram do Sul. O David era do Michigan e inicialmente pensou em juntar-se a uma tropa da União. Considerava-se neutro. Apenas o Alan mantinha uma lealdade firme à União por razões ideológicas, apesar da sua criação geográfica ou influência familiar.

Além disso, metade do grupo apresentou razões ideológicas para o seu atual alinhamento com o Norte ou com o Sul. Três disseram ter sido influenciados pela família, um disse ter desenvolvido as suas lealdades em criança e dois disseram não ter qualquer lealdade em particular.

Uma vez que a geografia dos seus nascimentos teve impacto nos reencenadores da Guerra Civil, os meus pensamentos voltaram ao Dale, que tinha sido criado no Panamá e nunca tivera qualquer curiosidade pela Guerra Civil antes do seu longo envolvimento em recriações. Embora soubesse que o interesse pela Guerra Civil nunca esmoreceu no Sul, fiquei surpreendida ao encontrar quase tantas unidades na Califórnia como nas Carolinas hoje em dia.

Na Florida, as recriações têm tido lugar em praias com palmeiras. Surpreendentemente, tem havido até interesse pela Guerra Civil Americana fora do país. Existe uma *Southern Skirmish Association* na Grã-Bretanha, um *Confederate Headquarters of Europe* em Zurique e uma *Lincoln Society of the China Academy* que se reuniu em Taiwan para aprender mais sobre o líder da União.

Entretanto, reencenadores da Guerra Civil vieram de locais tão distantes como a Alemanha e a Austrália para mergulharem na história americana. Uma vez que alguns deles não tinham antepassados americanos, estas pessoas não deveriam estar propensas à influência da memória genética ou mesmo da memória racial dos americanos.

A curiosidade levou a melhor. Por que razão, perguntava-me eu, é que não-americanos se importavam tanto com uma guerra passada que não era a deles? Encontrei o que pensei ser uma explicação possível no livro de investigação da psicóloga Helen Wambach, *Reliving Past Lives: The Evidence Under Hypnosis*. (159)

Na sua regressão de 213 sujeitos, principalmente residentes na Califórnia, para o período de 1850, cinquenta por cento foram para vidas nos EUA, trinta e dois por cento para a Europa, nove por cento para a Ásia, cinco por cento para a América do Sul, três por cento para a África e um por cento para o Próximo Oriente. Portanto, raciocinei eu, se houvesse alguma validade

nisto, o inverso também poderia ser verdade: pessoas que vivem hoje noutros países poderiam ter vivido na América durante a Guerra Civil.

Mas, deixando de lado as questões geográficas, voltei a minha atenção para comparar se os reencenadores se encontravam a lutar no lado que escolheram na recriação. Achei interessante que apenas dois dos doze tivessem recordação de vida passada como soldados no lado oposto, e ambos tinham circunstâncias atenuantes. Desses, o David Morse classificava-se como neutro e disse ter considerado juntar-se a uma tropa da União no passado.

Apenas no caso de Dave Purschwitz é que ele estava 100 por cento comprometido com a causa Confederada e, no entanto, viu-se num uniforme da União na sua vida passada. O seu caso era invulgar, porém, porque ele recordou ser o seu próprio bisavô.

Estes reencenadores, na sua maioria, sentiam-se muito convictos em relação ao lado que tinham escolhido. As dez pessoas que se viram no mesmo lado em ambas as vidas classificaram a sua intensidade de convicção em mais de oitenta por cento. Embora o Rob, do Ohio, e o Ed recriassem atualmente em ambos os lados, a causa Confederada era a sua grande favorita. Ambos tinham recordações como soldados do Sul.

Especulei agora que uma razão possível para este compromisso intenso com uma causa de 130 anos possa ser encontrada na elevada correlação com as vidas passadas recordadas — lutar, ser ferido ou feito prisioneiro, ou até ter morrido por essa causa.

Recorrendo à literatura de reencarnação e de terapia de vidas passadas para apoio, descobri que esta, de facto, reforçava as minhas conclusões de que dez em cada doze vidas passadas recordadas estavam no mesmo lado que as suas lealdades atuais. Os terapeutas — tais como Fiore, Lucas, Goldberg e Netherton — tinham todos enfatizado padrões recorrentes de pensamento e comportamento, em vez de mudanças drásticas.

Gina Cerminara, no seu livro *Muitas Moradas*, disse que uma forma de pensar ou agir era provavelmente o resultado de um padrão de energia, e que mudá-lo levaria muito tempo. (160) Ela deu o exemplo de um dos pacientes do Dr. Fred Reinhold que sofreu violência de homens nesta vida e mostrava um padrão semelhante de ser vitimizado noutras vidas. Assim, talvez o conceito de que alguém que é abusado nesta vida foi um abusador na anterior seja não só uma simplificação excessiva, mas uma perceção errada de algumas das facetas do conceito de carma e da lei de causa e efeito.

Na sua investigação com crianças, o Dr. Ian Stevenson encontrou apenas indicações fracas de carma (no sentido de recompensa, punição, retribuição ou compensação) em apenas quatro casos num total de 106. (161)

No seu livro *Reincarnation: Claiming Your Past, Creating Your Future*, Lynn Sparrow explicou a posição das leituras de Edgar Cayce sobre a lei da continuação. (162) Cayce sugeriu que existe uma tendência para as nossas ações, escolhas, traços, enviesamentos, preconceitos e gostos terem um impulso que continua de vida para vida. "A lei cármica de causa e efeito reflete a nossa tendência para continuar num novo cenário e sob novas circunstâncias, as mesmas velhas coisas."

Quer fosse a lei da continuação em ação ou não, o Paul recordou uma visão vívida do traçado da Alexandria de 1865 e do seu cais, e sentiu que alguns dos detalhes eram novos para ele. Não estando conscientemente ciente de que o vagão funerário de Lincoln tinha sido construído em Alexandria, ele ficou satisfeito ao saber que foi, de facto, construído na Duke Street, em Alexandria. (163) Embora o Paul pensasse que estava incorreto, o historiador Brian Pohanka confirmou que as máquinas de costura estavam a entrar em uso na década de 1840.

A lei da continuação pode ter atraído o Paul de volta à antiga cidade portuária de Alexandria para, de alguma forma, retomar onde parou na sua recordada vida da Guerra Civil. Embora muitos dos edifícios originais da Cidade Velha ainda permaneçam, alguns foram remodelados mantendo a sua integridade histórica. O mesmo acontece com o Paul. Embora a sua educação, carreira, estilo de vida e vestuário sejam claramente do século vinte, a sua mentalidade e sentimentos podem ter sentido o apelo de outro século.

As raízes nortenhas de ambas as vidas podem ter-lhe dado a sensação de neutralidade que ele sentiu em relação à Guerra Civil. Talvez os sussurros do passado o tenham deixado mais ligado aos aspetos civis da era da Guerra Civil do que à vida de soldado que ele poderá nunca ter experienciado.

15

Brian: O Coração de um Historiador

À tenra idade de doze anos, o Brian Pohanka podia ser encontrado nos corredores imponentes dos Arquivos Nacionais, na capital da nação, debruçado sobre registos militares e de pensões autênticos de soldados da Guerra Civil. De facto, ele era um estudante tão ardente da Guerra Civil que conduzia a sua própria investigação utilizando registos originais.

Enquanto ainda estava na escola primária, leu a primeira trilogia bem conhecida de Bruce Catton sobre a Guerra Civil: *Mr. Lincoln's Army*, *Glory Road* e *Stillness at Appomattox*. Também convenceu o seu pai a levá-lo de carro aos campos de batalha da Guerra Civil em Fredericksburg e Gettysburg. Pelos oito ou nove anos, a Guerra Civil tinha-se tornado uma busca séria para ele.

Desde cedo, o Brian soube instintivamente algo que muitos de nós esquecemos: a história é biografia. Ele nunca esqueceu que a história é, na verdade, sobre pessoas. Como adulto, tinha um forte impulso de manter a história viva e honrar as pessoas do passado. Chegou a investigar todos os antigos proprietários da sua casa de cidade da viragem do século.

Durante vários anos, pagou do seu próprio bolso a manutenção das sepulturas dos pais de um dos proprietários originais da casa. Comprometido com a preservação dos campos de batalha da Guerra Civil, que vê como "solo sagrado", o Brian dava palestras e envolvia-se em angariações de fundos. Também trabalhou com grupos comemorativos da Guerra Civil por todo o país para homenagear alguns dos heróis caídos na guerra, assinalando as suas sepulturas não marcadas.

Na altura da regressão, o Brian ganhava a vida como consultor histórico e escritor. Analisava filmes quanto à sua precisão histórica, aparecia regularmente em documentários sobre a Guerra Civil e tinha escrito artigos e trabalhado em textos históricos. O homem de trinta e oito anos tinha transformado o seu amor pela história numa carreira de sucesso.

Incorporando o seu conhecimento de história na recriação da Guerra Civil, o Brian acabou por se tornar capitão e comandante da sua unidade Zouave. Com mais de quinze anos de recriação no currículo, ele esforçava-se constantemente por níveis mais elevados de autenticidade e respeitava a competência e os esforços que outros faziam nesse sentido.

Embora dissesse que o nível de vestuário correto melhorou na recriação, também gostava de ver a estrutura militar e as atitudes, o exercício de infantaria (*drill*) e as táticas militares mantidas a fim de "manter a ilusão" do

estilo de vida militar do século dezanove. Como um "historiador vivo", via a recriação como uma ferramenta para educar as pessoas sobre a Guerra Civil.

Nascido em Washington, D.C., o Brian cresceu em Maryland e frequentou a faculdade na Pensilvânia. Os seus pais eram ambos do Norte, tal como os seus antepassados da Guerra Civil. Um trisavô serviu durante noventa dias na 8.ª Milícia de Nova Iorque, ajudando a reprimir as revoltas contra o recrutamento (*draft riots*), enquanto um tio-trisavô serviu como capitão na 51.ª Infantaria de Voluntários da Pensilvânia.

Ainda assim, o Brian disse que isso não o influenciou a juntar-se a uma unidade Federal. Em vez disso, estava alinhado com a moralidade e filosofia do Norte — a União, a bandeira e a liberdade. Embora quando era novo tivesse uma ligação romântica com o Sul, agora dizia que não escolheria lutar como Confederado.

De todas as suas experiências de recriação, o 125.º aniversário da Batalha de Gettysburg foi a mais impressionante para ele devido aos números absolutos — cerca de 10 000 reencenadores — que participaram. O momento mais emocionante que alguma vez teve foi durante a filmagem do ataque noturno a Fort Wagner para o filme *Glory*. Enquanto o Brian e outros reencenadores avançavam pelo fosso, chapinhando na água na escuridão, explosões brilhavam no céu e o fumo permeava o ar. Os soldados gritavam e deixavam-se envolver pela sensação de perigo realisticamente criada.

Passando para uma visão geral da Guerra Civil, o Brian via-a como um ponto de viragem decisivo na história e cultura americana. Acreditava que a Guerra Civil foi o evento mais importante a acontecer à América como nação, em parte porque abordou questões de escravatura e direitos dos estados que tinham sido deixadas sem resposta pelos Pais Fundadores. O Brian comparou a situação a um alcoólico que estava em negação até o problema atingir o ponto de ebulição. Uma vez que quase todos os americanos estiveram de alguma forma envolvidos na Guerra Civil, ela serviu como um ponto de união, bem como um cadinho ou teste do povo americano.

A guerra em geral era inevitável, segundo o Brian. Quer alguém descarregasse as suas agressões num campo de futebol ou batesse em alguém na cabeça com um taco de basebol, era instintivo. O Brian via muitas guerras como disputas mesquinhas entre homens. O que ele achava tão horrível na guerra não eram apenas as mortes, mas também a destruição cultural. Embora os humanos fossem resilientes e se regenerassem, catedrais inspiradas e

preciosas, arte e arquitetura eram frequentemente destruídas, particularmente na Europa durante ambas as Guerras Mundiais.

No entanto, o Brian reconhecia que outros tempos pareciam mais românticos do que o nosso. Até os soldados da Guerra Civil, ao derramarem sangue pelas suas crenças, transcendiam-se a si próprios e tornavam-se parte de algo mais importante e para além do físico. Hoje, esta ligação aos soldados da Guerra Civil e ao seu sentido de patriotismo imperativo elevou "o hobby" a níveis espirituais que satisfazem as buscas interiores de alguns reencenadores.

A transcendência dos ideais dos soldados da Guerra Civil e a necessidade de escapar à frustração da vida quotidiana sem outra fronteira disponível eram duas razões pelas quais o Brian concluía que as pessoas eram atraídas para a recriação. Ele especulava que era por isso que algumas pessoas olham transculturalmente para, por exemplo, Budistas em mosteiros tibetanos, e os emulam, sabendo que não seriam capazes de recriar todos os elementos transcendentes por si mesmas. Via esta busca espiritual, na qual as pessoas procuram uma ligação fora de si mesmas, como uma procura da fronteira, um veículo para a transcendência como a recriação da Guerra Civil se pode tornar para aqueles que participam.

Dizendo que tenta ter a mente aberta, o Brian ainda admitia o seu ceticismo sobre a possibilidade de reencarnação. Olhava para o conceito de vidas passadas como uma memória genética ou cultural, ou talvez como uma forma controlável de sonhar. Preocupado com o facto de ser "irregredível", ele estava, no entanto, disposto a tentar. Enfrentando os elementos, o Brian chegou para a sua primeira sessão de regressão numa noite gélida de neve. Movendo-se para além do seu receio de ser "não-hipnotizável", permitiu-se relaxar.

À medida que começávamos os exercícios preliminares de visualização, eu não conseguia deixar de ficar impressionada com o seu bigode e barba, bem como com o seu ar semiformal. Conseguia facilmente imaginá-lo como um oficial da Guerra Civil. Mesmo pensando que não podia ser regredido, eu estava entusiasmada com a possibilidade de enviar um historiador de volta no tempo para reviver a Guerra Civil. Pouco depois de a regressão começar, não fiquei desapontada porque, assim que o Brian atingiu um estado hipnótico profundo, ele saltou, acordando sobressaltado.

“Houve uma explosão — um clarão — muito perto — junto ao bosque,” disse ele excitado. “Assustou-me. Eu estava a olhar para baixo para os meus pés a moverem-se. Havia uma estrada e pessoas a marchar. Eu estava a

marchar com eles. Não sei se me atingiu ou quão perto estava. Como uma grande nuvem a sair. Não sei se era o fumo ou a luz.

"Vejo bosques densos e escuros e folhas verdes nas árvores. Mosquetes prateados estão em posição de 'ombro direito', movendo-se para o bosque.

"Há apreensão. Estamos próximos e a avançar pelo bosque bastante depressa. Homens com as mãos estendidas. Os da frente estão em coluna. Vejo o boné de forragem do homem à minha frente. Acho que ele é um Federal. O meu braço está quase no ombro dele. As tropas estão a mover-se à direita. Ouço um restolhar.

"Um oficial levanta os binóculos e olha. Estamos parados. Não há combate. Outras pessoas passaram. Os homens estavam ajoelhados, a descansar no lugar com os mosquetes nas mãos direitas."

O Brian relaxou um pouco e depois pareceu estar a passar para outra cena. A sua cabeça deu um solavanco e depois começou de novo.

"Está calor e sol. É um acampamento. Há troncos para uma cabana. À esquerda há uma tenda em cima de uma cabana — como uma cabana de inverno. Quase se conseguia tocar-lhe — os troncos cortados de lado; a tenda por cima. Fica numa colina que desce para a direita.

"Quatro homens estão a assentar troncos, curvando-se, empilhando-os. Há homens curvados sobre uma fogueira. O céu está aberto e as árvores foram cortadas. Os homens vestem roupas escuras. Devem ser da União."

Sentindo calor, o Brian pediu-me para o trazer para um nível mais consciente. Percebendo que era apenas o clima de verão na sua experiência mental, mantive-o no seu nível atual de regressão. Ao passar para a cena seguinte, ele sorriu.

"Dois homens estão sentados em troncos, a conversar. Há uma fogueira com um tronco a deitar fumo por perto. O da esquerda usa as mãos quando fala, tem barba, cabelo escuro e suspensórios claros. O outro é mais novo, com uma barba mais curta e suspensórios mais escuros que se cruzam nas costas da camisa. As calças deles têm o corte em forma de V atrás. Eu conheço-os. Estamos a conversar e sinto-me feliz.

"Está pacífico. Estamos na orla do acampamento. As árvores abanam, as folhas tremulam. É verão. Um rapaz novo com as mangas arregaçadas carrega água com um balde de madeira.

"Há um sol brilhante a bater nos campos — parece erva seca. Está bastante calor, mas está-se fresco junto ao riacho. Não sei o que está do outro lado. O bosque corta a vista.

"As pessoas passam de um lado para o outro em direção ao riacho. As calças dos homens são azul-claro, desbotadas, empoeiradas. O campo está pisado.

"Eu teria pensado que estariam a nadar. Estão agachados ao longo da margem, alguns a lavar-se, chapinhando com as mãos. Um tipo alto e magro segura a sua camisa molhada. Toda a gente está contente por estar aqui e a descansar.

"Estão todos em mangas de camisa, exceto o rapaz do tambor. É um tipo pequeno com um kepi, muito jovem e gordo, com um rosto redondo. Todos os outros são magros. Ele está sentado e não faz parte do grupo. No entanto, todos o tratam bem.

"Todo o exército está a descansar. Os homens vestem camisas de cor clara. Estão a coser um botão ou a revistar a roupa. Um tem uma barba comprida e as mangas da camisa arregaçadas. Está sentado de pernas cruzadas à procura de piolhos, e os homens metem-se com ele."

Ele deu uma risadinha. "Alguns homens têm bonés, um deles com a letra da companhia 'A' ou 'K'. Tenho um cachimbo de madeira simples na mão. Estou de pé com a mão esquerda no bolso. Tenho botas, um boné de forragem e o casaco desabotoado. Acho que posso ser sargento. Talvez tenhamos de usar isto para dar o bom exemplo.

"Não sei se é suposto eu ficar de olho neles, mas o riacho fica afastado de onde está o acampamento. Não posso sair.

"Tendas de lona branca estão espalhadas pela colina à direita, que sobe para longe do riacho. Uma crista corre ao longo de toda a parte de trás. Há uma pilha de mosquetes e soldados deitados em frente às tendas, que não estão dispostas segundo os regulamentos, mas parecem mais um exército em campanha."

Agora o Brian disse-me que este era um lugar muito reconhecível. Via-o como se estivesse lá, mas não conseguia sair da sua posição. Percebi que poderiam ter sido ordens militares que o impediam de sair.

“Em redor das árvores que se sobressaem, deve haver uma tenda para um oficial. Uma grande crista sobe mesmo a pique. Está aqui pelo menos uma brigada.

“Este riacho não é muito largo. Pode ser Malvern Hill, mas é muito aberto. O combate terminou por agora.”

Eu estava agora a perceber que o vasto armazém de conhecimento da Guerra Civil e da recriação histórica do Brian lhe tinha dado a consciência para observar e recordar uma incrível profundidade de detalhes durante a sua regressão. Deixando o acampamento, avançámos no tempo.

“Um jovem músico toca um pífaro e tem vivos azuis no seu casaco curto (shell jacket). Atrás do pifeiro, um soldado segura um pau, fingindo ser um mestre de banda. Anda para cima e para baixo na rua a gozar com o rapaz. Dois soldados sentados em frente a uma cabana riem-se. O rapaz entra numa cabana, agindo como se estivesse farto daquilo.

“O homem alto que finge ser o mestre de banda bate com o pé depois de fazer a rotina e as piadas. Tem uma barba preta comprida e uma sobrecasaca comprida desabotoada. É o único a usar um chapéu Hardee, dobrado de lado e sem pluma. Pode ter sido aquele que falava com as mãos anteriormente. Ele usa maneirismos e põe as mãos nas ancas quando fala.”

Eu estava fascinada com a descrição das personalidades coloridas e humorísticas que o Brian encontrava. Agora, ele voltou a atenção para o que o rodeava. Desta vez, as cabanas estavam dispostas ordenadamente em filas, conforme o regulamento. O Brian identificou-as como quartéis de inverno que se pareciam com as defesas de Washington. Uma casa branca de dois andares, em mau estado, com uma chaminé de pedra, servia como quartel-general do estado-maior.

Agora, o Brian disse-me que os seus braços estavam cansados e pediu para ser trazido um pouco mais para a superfície. Na verdade, eu estava satisfeita porque isto era um sinal de que o Brian estava num estado hipnótico profundo. Mais uma vez, pedi-lhe que continuasse sem o trazer para cima.

“Em frente à casa, vejo dois cavalos — um preto e um cor de caramelo (butterscotch). O mais escuro, com crina preta, tem uma sela e agita a cauda.

“O brigadeiro-general está na casa. Uma espada pende da sela do cavalo mais escuro. Não sei o nome do general. Ele tem cabelo castanho encaracolado e bigode. Parece o General Stoughton, mas o cabelo deste

general é castanho claro. Pode ser o General Chipman, mas parece mais novo do que nas fotografias do Chipman.

"Ele gosta de bons cavalos e é muito janota. Tem um chicote de montaria. Usa um chapéu Burnside — às vezes com uma pena de lado. É um dandy. É baixo; não é gordo, mas é compacto.

"Um jovem ordenança escanhoado, com o rosto comprido, usa um kepi e um casaco curto. Está num cavalo preto que se move impaciente. Não leva bandeira. Talvez seja o ordenança do general. Tem o colarinho alto e vivos amarelos, como a cavalaria. Parece muito aprumado e como se estivesse bastante satisfeito consigo próprio. Tem uma cintura estreita e é um soldado atraente.

"O cavalo dele é um baio muito escuro com cascos castanhos. O cavalo cor de caramelo que ainda agita a cauda pode ser o cavalo do general porque tem uma manta de sela azul e uma espada. Uma cobertura de sempre-verdes mantém os cavalos secos.

"Anoitece cedo e o céu está encoberto. Consegue-se ver luz amarela através da janela. Podem estar velas acesas.

"À direita da rua, uma cabana tem uma chaminé de barril com fumo a sair. É provavelmente a do sargento, porque as outras não têm chaminés.

"É um acampamento grande e lamacento. Estamos a bater os pés e a limpar as solas no passadiço de madeira, agarrados aos corrimões. Se não bateres os pés, a lama não salpica por todo o lado. Quando os teus pés batem na lama, ouves um som de sucção.

"É aborrecido, a mesma coisa dia após dia. O tempo está a melhorar. Acho que eles estão mais confortáveis na casa do general.

"Não sei se isto é antes ou depois da cena do vale, mas estamos lá há algum tempo. Pode ser novembro. Fico com a sensação de que não temos tido muitos combates. Estamos bem abastecidos."

Mais uma vez, o Brian tentou identificar a localização do acampamento, possivelmente perto de Washington ou Fairfax, Virgínia. Agora focou-se no seu próprio uniforme.

"Tenho divisas de sargento. Tenho de me espreitar a mim próprio para ver isto. Vejo botas, mangas, um colete e um casaco azul-escuro desabotoado, um boné de forragem e uma risca azul nas calças. Sou mais novo do que sou

agora e tenho o rosto redondo. Não se parece comigo. Tenho constituição média, cabelo castanho-areia claro, uma pequena barba no queixo e um bigode ligeiro. O meu rosto é liso nos lados.

"Vem-me à cabeça o nome Edward. O meu apelido pode começar por 'M', como 'Mor'—, 'Morris'— mas mais comprido. Acho que tem um 'd'. A unidade poderia ter um 'oito'.

Embora o Brian parecesse muito confortável com a vida de acampamento, decidi que era altura de ver alguma ação. Pedi-lhe que passasse para outro evento significativo.

"Estamos num aterro, apertados como sardinhas. Para além da estrada há campos de mato e bosques. Estou de pé como um oficial e bato com um pau na bota para parecer durão e dar o bom exemplo. Dois oficiais apontam. Um é um homem mais velho, de barba. O regimento inteiro está ali. Quando uma granada explode no ar atrás do bosque, soa como um estalido de chicote.

"É engraçado! Os homens têm baionetas caladas, mas não deviam. Estão deitados de bruços à direita da estrada. Uma carreta de munições passa a retinir para a esquerda. Estamos na reserva. Os homens têm casacos curtos e mochilas quadradas."

Agora, o Brian expressou a sua preocupação com a possibilidade de a sua unidade estar envolvida em manobras arriscadas.

"Não quero descer para aqueles bosques de carvalhos fumarentos. Se descermos para lá, não vai ser bom. Não é suposto agires como se estivesses assustado, mas estás. Podes morrer. Há artilharia. Os Rebs podem estar lá em baixo. Que lute outra pessoa. Eu passaria alegremente a batalha inteira aqui mesmo. Talvez isso tenha sido algo que alguém disse e eu estou a concordar com eles dentro da minha cabeça. Toda a gente sente o mesmo, desde o coronel para baixo.

"Estamos a avançar; as pessoas tropeçam. Oiço balas — é um som engraçado. Estou a empurrar o homem da frente. Não está muito frio, talvez seja outono. As granadas explodem deixando uma nuvem de fumo. Não parece que te vão matar, mas puxam o ar do céu. Há combate à frente.

"Devo ser oficial — pela forma como tive de agir. Tenho a minha espada na mão direita agora, ao ombro, e estou à esquerda da companhia. Os homens parecem impecáveis mesmo com todo o mato. O passo deles é firme em direção ao bosque.

"O riacho é esponjoso. À medida que atravessamos, as pessoas tropeçam. Cortas as mãos em silvas e espinhos. As pessoas praguejam e ajudam-se umas às outras através deste lugar pantanoso. Empurras o homem da frente.

"Havia fogo a sair do bosque. Soa como um enxame de abelhas a cuspir, mas dava para perceber pelo som que era metal. Está tudo baralhado porque o mato é denso. Os ramos batem-te no rosto e toda a gente empurra. Não deviam estar com as armas ao ombro — é estúpido. Também têm baionetas caladas. Vão ficar com as baionetas presas nos ramos.

"Estamos no bosque. Está escuro. Outro regimento entrou pela esquerda. Isto é confuso e não quero que disparemos uns contra os outros. Parece estúpido. Deviam ter enviado batedores. Talvez tenham enviado, mas poderíamos ir direitos a eles.

"Algum general meteu-nos mesmo nisto desta vez. Não sei se sou eu que estou a pensar isso ou se são os homens que o dizem. Estamos a avançar. Gostaria de parar isto, mas não posso.

"São bosques estranhos porque o mato está todo por fora. É mais aberto por dentro — sem sub-bosque. Lá dentro, estas árvores mantêm o fumo baixo.

"Estão a disparar diretamente contra nós. Conseguem ver-se os chapéus deles acima do fumo e ouvir o grito deles. Homens caem e nós respondemos ao fogo. Ramos caem. Conseguem ver-se as árvores jovens a estremecer. Gritamos: 'Dêem-lhes com tudo!' e 'Fogo à vontade!' Estou atrás da esquerda da linha, de olho neles. Não tenho mosquete, mas sim uma espada na mão direita.

"Um homem de sobrecasaca é atingido. Há sangue vermelho e fresco no seu rosto e ele parece sobressaltado. Acho que não está morto. Deixou cair o mosquete. Estamos a disparar contra ele.

"Um oficial jovem está mesmo a gritar, agitando a espada. Todas as companhias estão a disparar. Saem chamas.

"Alguns homens vestem sobrecasacas — há uma verdadeira mistura de casacos. Quando disparam, o mosquete dá um solavanco e bate-lhes no ombro. Estão apenas a disparar e a disparar. Pensas que ninguém pode sobreviver. Quem é que aguenta isto?

"Agora o sol aparece. À medida que entra e sai das nuvens, a luz filtra-se. O sol bate, através das árvores, nas varetas enquanto eles socam as balas.

Outras tropas entraram pela esquerda. Continuam a avançar e podem estar a empurrar os Rebs. Estamos ali parados a disparar. Toda a gente grita.

"As árvores pequenas movem-se quando as balas as atingem. Agora não se consegue ver nada, apenas muito fumo. Deviam dizer: 'Cessar fogo', parar de disparar e continuar a avançar. Não quero disparar sobre os nossos próprios homens que avançam pela esquerda.

"Agora estamos a mover-nos outra vez. Pararam de disparar. 'Ombro direito'. Estamos a avançar através de um fumo muito denso — cheira mal. Corpos de Confederados mortos no chão parecem vultos com os rostos para baixo. Ninguém presta muita atenção. Todos pareciam ter a mesma cor. Passámos por eles. Toda a gente grita de alegria. Acho que ganhámos. Demos-lhes uma abada.

"Os Rebs recuaram. Oiço aquele estalido outra vez. As granadas a explodir. Ramos caem. Não sei como conseguiam acompanhar alguém no bosque. Pelo menos é bastante plano e não está cortado por ravinas onde pudessem esconder uma brigada. Estamos a chegar ao fim do bosque; há um campo à frente.

"Pode haver alguns Confederados e mais bombardeamentos lá em cima. Confederados feridos estão deitados e encostados às árvores na orla do bosque. Saíram do bosque. Estamos mesmo na orla. Estão vestidos todos de cinzento escuro e com chapéus de abas moles. Os homens puxam os Rebs feridos para trás como prisioneiros.

"Empurrámo-los para fora do bosque, mas não estamos a festejar. Toda a gente está cansada, mas sente-se bem. Não está um dia quente, mas aquilo foi uma batalha atravessar aquilo com as nossas mochilas. Há um sentido de regimento, de orgulho de grupo, de realização.

"Quero que acabe, mas não acabou. As nossas tropas estão à esquerda, ajoelhadas. O bosque tem quase a forma de uma ferradura. Onde levaram os prisioneiros Rebs é como uma reentrância no bosque. Continua para ambos os lados. Estamos virados para um campo. Ninguém quer ir para o campo sem ordens.

"Agora estão a recuperar o fôlego e estão orgulhosos. Este jovem Reb que levaram para trás parecia um miúdo magro e assustado, de cabelo preto e chapéu preto de abas moles. Os Rebs estão bastante bem vestidos. É aquele tipo cinzento escuro — talvez como um casaco de depósito de Richmond. Ele parece tão jovem.

“Outros continuam ali deitados. Devem estar gravemente feridos ou mortos. Deviam tirá-los do caminho. Talvez passemos por eles. Estão mesmo na orla do bosque. Podias atirar uma pedra e acertar-lhes. Os homens deles deixaram-nos. Devem ter sido puxados para trás. Talvez tenhamos atingido mais do que pensávamos.”

Fazendo uma pausa momentânea, o Brian começou agora a refletir sobre os acontecimentos da batalha.

“Exceto por aquele lugar onde se conseguia ver os Rebs através do fumo, os mortos não tinham armas nem mochilas. Talvez os homens deles tenham agarrado as armas. Fiquei surpreendido por não haver mais detritos. O tipo morto perto de mim caiu de rosto e não estava tão despedaçado como eu teria pensado.”

Novos movimentos de tropas trouxeram o Brian de volta ao momento.

“Agora as tropas à nossa esquerda vão avançar e continuar a empurrar. Nós ficamos onde estamos. Uma das nossas baterias avançou para o campo. Há fumo a vir da artilharia.

“É um impasse — como se aquela tivesse sido a nossa luta e eu não tivesse morrido. Toda a gente está feliz. Estamos cheios de nós. Vi alguns homens saírem da linha mais abaixo, mas somos afortunados. Não perdemos muitos. Os homens conversam e apontam para os que estão à esquerda que avançaram. De alguma forma, devemos ter levado alguns canhões para lá que estão a disparar.

“As minhas mãos ficaram bastante arranhadas ao atravessar o mato. Tenho carrapichos nas calças ao pé das botas. É melhor do que uma bala — uma onça de chumbo.”

O Brian estava orgulhoso, feliz e animado. Ao regressar à plena consciência desperta, admitiu que a última cena foi assustadora. Questionou de onde vinham alguns dos rostos que tinha visto e ficou espantado com o quão pesados os seus braços ainda se sentiam. Como a regressão do Brian tinha durado várias horas, decidimos dar por terminada a noite. Uma semana depois, ele voltou para saber o resto do seu destino e entrou num estado hipnótico mais rapidamente.

Desta vez encontrou a sua companhia em campanha — arrastando os pés enquanto marchavam, tendo cuidado com os sulcos na estrada poeirenta. O Brian marchava à esquerda da companhia e mexia nas correias da mochila,

que se enterravam nos seus ombros, e perguntava-se para onde tinham ido os homens que conhecia. Por sugestão minha, avançou para outro evento de importância.

"Quando a noite chega, os homens parecem cor de laranja por causa do fogo. Estou aqui há tanto tempo. Passas de um acampamento e de uma marcha para a seguinte. Não sabes para onde vais. O tempo passou. A guerra continua. Fadiga, monotonia, tédio. Toda a gente está calada — não há muita conversa ou vanglória. Não me sinto tão ligado a estas pessoas. Trazem muitos homens recrutados, homens novos, homens por recompensa.

"Se aguentámos tanto tempo, estamos em boa forma. Reduziu-se a uniformes de regulamento muito práticos. Aqueles que estão cá há muito tempo são fortes. Não ficam doentes nem morrem de constipações e doenças.

"Os homens arranjam comida quando podem. Alguém arranjou vegetais e partilhou com os amigos. Roubam tudo — têm queijo. Nunca tens comida suficiente, mas eles cuidam bem de nós.

"À noite, quando acampamos, usamos capotes. Uso um capote azul-escuro como um oficial e um chapéu de abas moles. Os homens têm capotes azul-claro. Uso uma sobrecasaca, botas, espada, cinto. O meu cabelo está mais curto e agora só com bigode. Gosto de me deitar, descansar e pôr os pés ao pé de uma fogueira. É difícil arranjar cordel para atar os rolos de cama e prender tudo.

"Observo os homens e não digo muito, porque não é suposto um oficial falar com eles. Não sinto que tenha outro oficial comigo. Pode ser que eu seja o comandante da companhia agora, e não restam muitos dos homens antigos. Mas toda a gente trabalha em conjunto. É outono ou início da primavera. Quando marcham, usam muitas vezes capotes. Há um oficial que aparece a cavalo às vezes e dá instruções. É provavelmente um major. Usa manápulas."

Após o que pareceu ser um longo tempo em campanha no Vale de Shenandoah e com o fim da guerra a aproximar-se, o regimento do Brian teve um alívio. Instalaram-se num grande acampamento perto de Richmond, onde as tendas estavam dispostas em ruas de companhia. O Brian entregou o relatório da manhã ao ajudante e depois observou um oficial a ser barbeado numa cadeira de campo enquanto caminhava para a sua tenda *Wall*. Esta tinha um catre branco e mesas. De um cabide, tirou a sua espada e o seu kepi com uma corneta bordada.

“Tendo uma tenda Wall, posso ser capitão sénior ou estar a atuar como major. Estou mais bem vestido agora com uma sobrecasaca bem feita, casaco bonito, botas melhores, luvas de couro preto. As pessoas fazem-me a saudação. Subi bastante e estou orgulhoso.

“Quero dizer que estou no 121.º de Nova Iorque. Um oficial tem uma cruz vermelha de lado no chapéu. É o símbolo do 6.º Corpo. Eu estava na Companhia A. Muitos destes homens estão bastante maltrapilhos. O meu nome parece ser Edward Henry Mergen ou Morgan.

“Estamos a levantar acampamento. Toda a gente está a fazer as malas. Os homens estão a formar. Pegam nos seus mosquetes, sempre ao som do tambor. Não gosto de muita gritaria. Trazem carroças e os criados ajudam a empacotar as tendas e a bagagem. Demora apenas segundos a levantar o acampamento. Os homens aprenderam a viajar com pouco peso. Muitos deles têm rolos de manta. Metem as calças por dentro das meias, enfofando as calças e mantendo os carrapatos longe dos tornozelos. Há muitas jaquetas saco agora; algumas sobrecasacas. Já não se veem casacos curtos.

“Estou a pé e ocupo o meu lugar ao fim da companhia. Não há muitos homens no regimento. O sargento recua. Dois oficiais estão a cavalo. Um oficial aproximou-se e está a falar com um oficial corpulento de barba escura. Esse tipo pode ser o comandante interino. Tinha cabelo de cor clara, um chapéu de abas moles e uma pera imperial.

“Devemos ter saído do acampamento de inverno recentemente, porque estamos em boa forma e bem abastecidos. O sol está no céu acinzentado. É uma primavera muito precoce. Estes campos são planos.

“Olhando pela linha abaixo, vê-se esta longa coluna — homens a cavalo, oficiais de estado-maior, carroças quadradas cobertas de lona a seguir a cada regimento. Estamos perto da cabeça da brigada.

“Estamos numa estrada ou caminho de quinta. Os campos de ambos os lados são abertos. Um tipo está a fumar cachimbo e a apontar como um turista, falando sobre o que aconteceu aqui anteriormente na guerra.

“Vais para onde o destino te leva. Talvez quando nos transferiram, eu tenha ficado e me tenha realistado com alguns outros e recebido uma licença de veterano. A maioria dos outros foi para casa quando o seu termo de três anos terminou. Quando fui promovido, deram-me a Companhia D e não a comando há tanto tempo. Talvez por estar de licença, consegui um uniforme de qualidade.

“Os homens cantam e brincam. Deve ser perto do fim da guerra.”

“Não há tanta apreensão agora — provavelmente porque não sabemos onde está o inimigo. Todos sentem que o inimigo está encurralado e que vamos ganhar — é apenas uma questão de tempo. Estamos orgulhosos de estar aqui perto do fim. Deve ser o final de 1864 ou a primavera de 1865.”

As reflexões de Brian foram abruptamente interrompidas pelo som de tiros à frente. A marcha foi interrompida enquanto os homens procuravam abrigo.

“A artilharia da União está a disparar mais à frente, no topo de uma crista. Oiço o silvo que as granadas fazem e o inimigo a responder ao fogo. Os artilheiros puxam os cordéis de disparo, as peças recuam e os homens empurram-nas de volta. Outros carregam munições. Estamos a apoiar a artilharia.

“Os homens estão deitados; eu estou ajoelhado. O chão está molhado e esponjoso da chuva. Os meus joelhos estão cheios de lama. Toda a gente se baixa instintivamente quando as granadas passam, embora não passem mesmo por cima de nós. Não creio que o inimigo ainda tenha muita artilharia. A nossa brigada capturou algumas peças. Quando a artilharia dispara, há uma concussão e nuvens de fumo. Atrás de nós, um celeiro está a arder.

“Outras tropas, deitadas em coluna de divisão, estão aglomeradas à nossa esquerda. É um regimento diferente. Está tudo apinhado. Devíamos espalhar-nos mais, ou poderiam sofrer mais baixas.

“Os oficiais estão ajoelhados ou de pé. Um jovem oficial de estado-maior com uma fila dupla de botões no casaco está a escrever uma ordem ou a desenhar. Entregam uma mensagem ao nosso comandante.

“Eles estão a retirar e nós estamos a bombardeá-los. Temos estado a empurrá-los nas últimas semanas, mas agora estamos mesmo atrás deles. Granadas por cima de nós, como foguetes ruidosos, estão a passar-nos ao lado. As nossas tropas saíram de alguns bosques. As peças do nosso regimento estão a disparar. Os cavalos estão bastante perto das peças e estão a tentar segurá-los. Esta batalha deve ter começado depressa. Um cavalo empinou-se e relinchou — talvez estivesse ferido. O condutor está a tentar controlá-lo para que não vire a carreta de munições.

“O estado-maior do comandante da brigada está à esquerda — a bandeira e os cavaleiros. Estamos perto da direita da brigada. O oficial corpulento de

cabelo escuro, bigode e uma barba curta no queixo é alto, com uma sobrecasaca de abotoadura dupla. O coronel está a falar com os homens para elevar o moral. É um bom oficial.

"Explosões na brigada à esquerda fazem a lama jorrar, atingindo pedaços de terra ou talvez tendo atingido alguns homens.

"Agora, a União está a trazer algumas peças para a esquerda. A artilharia principal está à nossa frente e à direita. Estão a desatrelar. Tenho uma grande admiração por eles. Estão a posicionar as peças — a peça da direita, a da esquerda, a primeira secção, depois a seguinte. Estamos tão perto dos canhões. Se uma daquelas carretas explodisse, causaria estragos. Eles avançam e carregam. Observamos a coreografia para manter as nossas mentes ocupadas e longe do que está a acontecer.

"O fumo sopra de volta sobre nós. Tem estado a chover. Ele agarra-se ao chão e flutua para trás. Começas a sufocar por causa do enxofre.

"Ao longo da crista, oficiais a cavalo estão a olhar através de binóculos. O comandante da brigada e o seu estado-maior estão a falar com o comandante da artilharia e a apontar. O estado-maior está ali mesmo na linha do horizonte. Vão ser atingidos se não tiverem cuidado. Os seus cavalos estão nervosos quando os canhões disparam.

"Parece a guerra. Estão todos profissionais agora — estão no serviço há tanto tempo. Enviaram oficiais de estado-maior — talvez para obter instruções. Parece a Batalha de Sayler's Creek — é o 6.º Corpo e há artilharia numa crista.

"O comandante da brigada pode ser Joseph Hamblin — parece-se com ele, mas mais novo do que eu pensava que o Hamblin parecia. Tem o mesmo estilo de barba. Todos estes tipos são novos.

"Toda a gente se levanta, ainda com as mochilas às costas. 'Muito bem, rapazes.' Ele enviou o seu oficial de estado-maior. Trouxeram um cavalo escuro para o oficial de estado-maior. Sinto que ele esteve fora durante algum tempo e que o tipo atarracado tem estado a atuar como comandante do regimento.

"Queremos mesmo que isto acabe, mas não queremos ser os últimos a ser mortos. Não sei se vamos avançar ou não, mas parece mesmo que sim. Como vamos passar pelas peças de artilharia? 'Ombro armas'. Caminho até à frente da companhia. 'Em frente, marche'."

Primeiro a unidade de Brian e depois o resto da brigada começaram a marchar para a frente.

"O oficial a cavalo aproximou-se à frente. Estamos a avançar e vamos posicionar-nos no centro e passar entre as duas baterias. É a nossa companhia e a companhia da bandeira.

"Os outros estão a formar atrás de nós enquanto avançamos. Consegue-se sentir a concussão e o fumo a passar. Estamos a atravessar as baterias. Puxo da minha espada. Está em posição de ombro. Olhas pela linha abaixo e vês as mandíbulas cerradas.

"Há bosques e cercas que desorganizam as tropas à esquerda. Eles têm de manter a linha alinhada. O inimigo pode ter recuado. O chão é mau — está todo acidentado. Há uma depressão e depois sobe novamente à direita. Não se consegue ver com muita clareza. Há árvores e o terreno é como um funil. Onde estamos é mais aberto, mas depois estreita em direção a estes bosques.

"Não há muitas folhas nas árvores. É primavera. Consegue-se ver onde as folhas vão começar a brotar. Há alguns sempre-verdes e ainda tem um aspeto invernal.

"Os batedores deles estão a disparar contra nós. Nós ainda não temos batedores lá fora — tal como da última vez. Isso é loucura. Há tiroteio nos bosques de qualquer maneira — consegue-se ouvir o eco. Talvez tenhamos batedores nos bosques. À esquerda, há feno empilhado. Há um celeiro ou um anexo de troncos para o gado. Os homens estão a contornar esses obstáculos."

Agora, a companhia de Brian recebeu a perigosa missão de avançar para os bosques como batedores.

"O oficial aproximou-se a cavalo e apontou. Vamos sair como batedores. Podemos ter batedores lá dentro de alguma outra organização. Estamos a avançar em intervalos de batedores.

"Outro combate nos bosques. Digo a um oficial para ficar de olho na esquerda; eu ficarei de olho na direita. Um tipo disparou. O chão está mole. Há folhas mortas. Ouve-se algum tiroteio.

"Outros batedores estão a trazer este prisioneiro. Ele está assustado e tem as mãos no ar. Não tem chapéu, o casaco está desabotoado, está com um aspeto desgrenhado. Tem um rolo de manta, casaco cinzento e calças. Estão a levá-lo para a retaguarda.

“Temos de facto outros batedores ali — por isso não devíamos estar a disparar. Um oficial magro de bigode de outra companhia diz que já há batedores lá fora e que as forças principais estão à nossa esquerda. Enviou um homem para avisar o coronel.

“Não sei o que está mais à frente. Parece haver mais bosque. Não consigo distinguir a configuração do terreno. É confuso. Interrompemos a linha de batedores até recebermos novas ordens. Capturaram alguns Rebs. Talvez estejam apenas a retirar e seja a retaguarda do exército deles. A artilharia já não está a disparar.”

Brian recebeu agora ordens para os seus homens se moverem, por isso cumpriram-nas.

“Alguém voltou de onde o coronel estava. Estamos a mover-nos para a esquerda, ainda em fila indiana, como batedores, saltando por cima de troncos. A humidade cai dos ramos. Deve ter chovido recentemente. Ainda estamos nos bosques, mas é mais aberto. Se vamos alcançá-los, temos de avançar. Agora há tropas em linha de batalha lá em cima. Depois de nos terem enviado, provavelmente fizeram-nas mover-se para a esquerda. Estão todos cansados, a subir a colina.

“Estamos a voltar ao nosso lugar apropriado. Eles têm de dar passagem e deixar-nos entrar ali, porque estamos no centro. Não sei como é que o comandante vai levar o cavalo por ali — talvez o deixe para trás. O fragor da mosquetaria ouve-se à esquerda.

“Estão a trazer mais prisioneiros. Parece que os Rebs estão simplesmente a desistir. Estão em mau estado, não em trapos, mas muito desgrenhados. Agindo como se estivessem derrotados, têm as mãos no ar e estão a ser empurrados.

“Avançamos novamente. Os homens estão com as armas na mão. As suas baionetas estão descaladas — o que é bom. Não deviam estar caladas nos bosques. Há uma clareira mais à frente, fora dos bosques. ‘Ombro direito’. O flanco direito ainda está no bosque, mas a maioria de nós está agora num campo descuidado. Algumas árvores de fruto estão mortas, retorcidas ou caídas. Há um Confederado morto afundado na erva. Houve algum combate aqui.

“Batedores Rebs na crista à frente estão a recuar, voltando-se e disparando por cima do ombro contra nós. Não estão a acertar em ninguém. Desceram para o outro lado da crista.

“Estamos a gritar de alegria. Toda a gente está excitada. Os homens estão a tentar acelerar o passo e os oficiais dizem: ‘Não, mantenham a linha alinhada’. Estão todos confiantes.

“As nossas peças estão a mover-se à esquerda. Apanhámo-los em fuga por esta encosta abaixo. Agora vamos em ‘passo de corrida’. Estamos quase a rir porque os estamos a perseguir.

“Estamos fora dos bosques. É terreno ondulado e cercas. Os Rebs estão a retirar em todo o lado. Nem sequer estão a disparar direito. À direita, as nossas tropas estão a sair do bosque. Houve tiroteio com fumo branco por onde os Rebs estariam.

“A nossa cavalaria está espalhada ao longo destas carroças fora de formação. Estão a agarrar estes tipos pelo cabelo, pela orelha. Este sargento tem a espada de fora e está a arrastar um Reb ao lado do seu cavalo. O Reb deixou cair o mosquete. Estão a ser encurralados. Os Confederados estão a fugir. Está desorganizado.

“Há uma velha casa de madeira cinzenta, abandonada, com cercas. Estamos a mover-nos para a esquerda, em direção a ela e passando por ela. Estão todos sem fôlego. Estamos a saltar uma cerca de carris com um suporte cruzado. Homens saltam de lado e ajudam os tipos que vêm atrás.

“Estamos a avançar. Já nem sequer estamos a alinhar a linha. Se avançarmos, apanhamo-los. Deve ser a retaguarda do exército de Lee. Há mais prisioneiros Confederados a serem trazidos. Cavalaria e infantaria estão a guardá-los. Devemos ter entrado nesta batalha tarde. O inimigo desmoronou-se.”

Agora Brian recebeu ordens para que as suas tropas parassem, enquanto a brigada se reorganizava. Entretanto, ele reavaliou o que estava a acontecer.

“Estão todos a falar e felizes,” observou ele a sorrir. “Não foi muita batalha, mas vencemo-los em todo o lado. Têm uma companhia inteira de prisioneiros Rebeldes. Tem sido uma batalha muito confusa. É mais como uma grande escaramuça onde os Rebs estão simplesmente a desistir.

“Estes tipos estão a passar a marchar. À frente, há um oficial Reb com barba que parece uma batata quente e está a tentar ser desafiador. Outros caminham com dificuldade. Muitos têm as mãos nos bolsos. As armas deles foram levadas.

"Os Rebs recuaram através desta estrada. Estamos tão desorganizados. Há outras tropas a chegar; a nossa cavalaria está lá à frente atrás deles. Há peças de artilharia a mover-se lá em cima. Estão todos a cavalo, a mover-se depressa — a persegui-los. Os Rebs estão 'fora do mapa'. Deve ser quase o fim da guerra. Estão todos muito contentes. Sentimos pena daqueles que são mortos. A maioria deles está apenas a render-se. Nem sequer estão a lutar muito.

"Esta batalha é confusa. Em todo o lado há movimento. Temos muito mais homens. Estamos a atingi-los de todos os lados. A cavalaria é fantástica — limitando-se a encurralar os Confederados. Gritam com eles e intimidam-nos, e eles limitam-se a desistir.

"Nem um Confederado tem uma mochila, mas sim rolos de manta. Os seus uniformes são cinzentos e cinzento-esverdeados. O tipo morto tinha calças castanho-amareladas e um casaco cinzento. Não há dois que pareçam iguais. São todos bastante magros. Ao vê-los assim de perto, percebes que são pessoas. Os homens falam disso nas fileiras. Normalmente não se vêm tantos Rebs a renderem-se.

"Oficiais de estado-maior chegam a cavalo. Ali está o tenente outra vez — a olhar através dos binóculos. Não creio que seja Sayler's Creek porque não é um combate assim tão pesado. Pode ser mesmo antes de Appomattox. Os nossos homens estão a festejar. Mais cavalaria e artilharia estão a sair. Eu não quero lutar mais. Acho que é isto. Acho que ganhámos. Ninguém quer levar um tiro no fim."

Ao receber o comando para se mover novamente, a companhia de Brian reformou-se rapidamente numa grande coluna.

"Agora estamos a marchar para a direita seguindo outras tropas numa coluna. Passando a casa cinzenta, descemos uma depressão e subimos o outro lado. Estão a desviar-nos para a direita para nos ligarmos com a outra infantaria ali. Outras tropas saíram dos bosques onde o combate foi mais pesado.

"Há cerca de nove Rebs mortos na crista desta colina à esquerda. Um tipo está com o joelho levantado, de costas. Há alguns Rebs mortos junto a este muro parcial. Um tipo está encostado a ele. Tem sangue por todo o rosto e casaco; a mão está no muro, a cabeça para trás. Um tipo tem um mosquete deitado ao lado dele. Está deitado de rosto.

“Eles resistiram ali. Aposto que foi o fumo que vimos anteriormente. Devem ter levado os feridos ou nós capturámo-los. Papéis de cartuchos estão espalhados.

“Não vejo muitos dos nossos mortos. Um ou dois dos nossos homens estão com um cirurgião à esquerda, neste campo.”

Confiante de que a batalha terminara, pedi ao Brian que passasse para outro evento. O que ele visualizou a seguir foi uma surpresa bem-vinda.

“Oiço o apito de um comboio. A banda está a tocar polkas e *The Star-Spangled Banner* mais depressa do que tocamos agora. Vejo pessoas com famílias. Um homem corpulento abraça um tenente ao sair do comboio. Estamos de volta à cidade — Ogdensburg, Nova Iorque.

“Há um mercado coberto. À direita conseguem ver-se casas em banda e uma igreja. Soldados de azul com mochilas parecem ilhas com pessoas à volta deles. É uma estação de comboios. Estou a tentar falar com muita gente ao mesmo tempo. As pessoas trouxeram coisas para beber e comer. Soldados estão lá fora, oficiais lá dentro.

“Há um salão de festas com bandeiras nas vigas. Há muitas senhoras. Estou a abraçar a minha irmã. Ela tem cabelo escuro e veste um vestido limão pálido com vivos pretos e saia de crinolina. É a rapariga mais bem vestida dali. Está toda penteada e o vestido é de um tecido bonito. A minha irmã anda numa escola de raparigas. Estou orgulhoso dela. Os meus pais podem ter morrido.

“Uma senhora idosa dá-me beijos em ambas as faces. Talvez seja a minha avó. O cabelo dela está puxado para trás e a sua moda está antiquada. Há mesas de comida preparada por cozinheiras maternais — iguarias como língua, pão, bolos com açúcar em pó. Estou a segurar um copo de ponche. Tenho uma faixa vermelha e uma espada.

“As pessoas palram. Há uma senhora à minha esquerda, uma rapariga à minha direita. Oficiais, civis. É tarde. Um dos sargentos porta-bandeira está a segurar um bebé que veste um vestido branco comprido no ar. A mulher dele está lá. É um grande festival.

“Há instrumentos da Guerra Civil — miúdos com cornetas, a tocar tambor. Estão a acontecer demasiadas coisas ao mesmo tempo. Um oficial calvo com patilhas castanhas e uma sobrecasaca faz um brinde. ‘À União’. Os soldados abraçam-se uns aos outros e dançam.

“Estou mesmo feliz. Estou orgulhoso de estar vivo, mas triste pelo Lincoln. Foi terrível quando ele levou o tiro. Uma fotografia do Presidente Lincoln está coberta de preto. Estamos a usar braçadeiras por causa da sua morte. Há uma fotografia do Andrew Johnson ali. Ninguém sabe como o Johnson se vai sair.

“O sino de uma igreja está a tocar. É um edifício de tijolo numa zona comercial. Está a escurecer. Os candeeiros estão acesos. Lá fora, adolescentes com casacos curtos e bonés estão a praticar com cornetas. Está fresco, o ar é puro e vai ser uma noite magnífica.”

Quando a sua longa sessão de regressão terminou, o Brian ficou espantado com a natureza completamente autêntica de tudo o que tinha visto, ouvido e experienciado na sua vida passada.

Brian, tal como a maioria dos reencenadores que foram regredidos, levava “o hobby” muito a sério. Descreviam-se a si próprios como “hard core” ou “rígidos com a autenticidade”. Alguns admitiam sentimentos de desdém por reencenadores que não fazem qualquer esforço para manter a estrutura militar ou o período histórico no personagem. Brian e vários destes reencenadores tinham estado de facto na vanguarda da melhoria da autenticidade do movimento. A maioria expressava uma “reverência” pela autenticidade e sentia um sentido de espiritualidade relacionado com a Guerra Civil.

Dentro deste quadro está uma das estatísticas mais reveladoras — a classificação que os reencenadores dão ao realismo das suas regressões em relação ao realismo da experiência de recriação. Claro que a recriação da década de 1860 na década de 1990 não pode ser perfeita. Há câmaras Kodak, latas de cerveja e jipes Bronco, especialmente visíveis para os observadores de uma recriação. Os reencenadores no meu estudo — como um todo e individualmente — classificam-se no terço superior de todos os reencenadores na sua preocupação com a autenticidade. E, para alguns, esta é uma estimativa conservadora, porque são ferrenhos no seu zelo em recriar a história o mais perfeitamente possível.

Estes sujeitos meticulosos classificaram esmagadoramente as suas experiências de regressão como sendo mais realistas do que a recriação, numa média de trinta por cento. Duas pontuações foram particularmente notáveis. Brian, o historiador da Guerra Civil, concordou que a sua experiência foi 100 por cento “isenta de *farbs*” (erros de anacronismo), enquanto classificou as suas experiências de recriação como tendo apenas cinquenta por cento de

realismo. O outro foi o Rob Hodge, que era tão "fanático" pela autenticidade que fez dieta apenas porque os soldados da Guerra Civil eram magros. Ele também ficou exultante por a sua experiência de hipnose ter sido quase 100 por cento autêntica. Embora tanto o Brian como o Rob tenham sido regredidos durante mais de cinco horas cada, nenhum deles foi capaz de encontrar um detalhe do material da sua regressão que estivesse historicamente incorreto.

Independentemente de como o Brian possa ter recebido o seu conhecimento histórico prévio, ele ficou atónito ao descobrir que cada detalhe na sua regressão era historicamente exato. Além disso, não conseguia explicar o conhecimento de algumas das informações que recuperara, nem conseguia explicar as personalidades que descrevera ou os sentimentos que experienciara.

Ficou interessado na boa construção das cabanas nos quartéis de inverno, que era possivelmente o Acampamento de Inverno de Falmouth, Virgínia. Os troncos estavam bem ajustados e havia janelas e chaminés de barril. Ficou surpreendido ao descobrir corrimões e passadiços — como estradas de troncos — para a lama. Brian disse que o acampamento e os alojamentos tinham sido construídos rigorosamente conforme as regras. William Price, no seu *Civil War Handbook*, confirma que cabanas de troncos substituíam frequentemente as tendas durante os meses de inverno, quando os exércitos se instalavam. (164)

Devido a detalhes geográficos como colinas, bosques, pântanos, um rio e a época do ano, o Brian pensou que a sua primeira batalha poderia ter feito parte das Batalhas dos Sete Dias — possivelmente Gaines's Mill ou Malvern Hill perto do rio James. Brian observou que ninguém usava distintivos de corpo de exército, e estes distintivos não eram usados no início da guerra. Uma vez que a Batalha na Península tinha ocorrido durante o verão de 1862, ele presumiu que esta era outra localização provável.

Outra localização, a estação de comboios em Ogdensburg, Nova Iorque, foi o cenário da celebração da vitória de Brian. Embora o Brian tivesse ouvido falar da cidade antes da sua regressão, nunca lá tinha estado, nem fazia ideia de como era a cidade.

Houve outras impressões fortes que o Brian não pôde descartar nas suas experiências de regressão. Uma foi a sensação do tempo a passar e da sua subida na hierarquia — primeiro como sargento com divisas; mais tarde, como oficial com uniformes diferentes. Durante uma marcha, o Brian deu por

si de pé atrás da esquerda da linha. Como o capitão se posiciona à direita, ele poderá ter sido um 1.º tenente.

Também conferenciou com oficiais em várias ocasiões. Lembrou-se de se sentir muito orgulhoso do seu último uniforme e das suas luvas de couro preto justas. Nesta vida, ele usava por vezes luvas de algodão branco para cerimónias de gala. Na regressão, como oficial, o Brian usava o seu cantil e o bornal à esquerda. Na recriação, ele usa-os sempre à direita.

O som de granadas reais a explodir era diferente de tudo o que o Brian experienciara em filmes ou na recriação. Descreveu o som das granadas a explodir como um estalido metálico — como o fim de um chicote de gado. Além disso, ver soldados morrer foi completamente real e inigualável na recriação ou na rodagem de filmes.

Brian viu muitas tropas com casacos curtos. Poderia ter sido uma unidade de Nova Iorque. Também viu regimentos inteiros com mochilas às costas e baionetas caladas. Embora estes detalhes fossem historicamente corretos, Brian comentou que não era habitual os reencenadores usarem mochilas em recriações. As diferenças entre a recriação e as experiências de regressão do próprio Brian serviram para reforçar a sua crença na credibilidade da sua própria narrativa.

Outra observação surpreendeu-o — que havia soldados que não eram tão baixos como ele pensava ser a média dos soldados da Guerra Civil. O soldado médio que viu na sua regressão, ele estimou ter cerca de um metro e setenta e cinco.

Mesmo sendo historiador, havia pormenores que o Brian não poderia saber, como o seu próprio destino em Sayler's Creek. Devido ao seu conhecimento prévio sobre a Batalha de Sayler's Creek, na qual sentia que estava prestes a envolver-se, antecipou um combate sangrento e temeu a sua própria morte e a dos seus homens. Em vez disso, porém, ficou muito aliviado ao chegar ao fim da batalha, enquanto os Confederados se rendiam em massa.

Brian perguntava-se como teria percebido as personalidades variadas dos homens que nunca conhecera, bem como as sequências de interesse humano que se desenrolaram. Alguns dos homens até reapareceram mais velhos na sua segunda regressão.

Entretanto, na festa da vitória, descreveu uma mulher que o acompanhava. Ela usava um vestido de crinolina amarelo-limão com vivos pretos. Esta não teria sido uma das suas cores preferidas. MaryLynne Bauer,

uma especialista em fardamento da Guerra Civil *(ver capítulo 9)*, afirmou que esta cor era popular durante a Guerra Civil. O Brian não sabia disso.

Embora o Brian não tenha apresentado um nome completo durante a sua regressão, verifiquei os registos militares dos Arquivos Nacionais para possíveis correspondências com a sua vida passada. Estes revelaram um Tenente Henry E. Munger, do 18.º de Nova Iorque, que se alistou como sargento em Albany e foi promovido a 2.º e 1.º tenente. Embora um registo (165) indicasse que Munger foi desmobilizado em 1863, outro registo de arquivo datado de 30 de abril de 1863 mostrava o seu alistamento em Alexandria a 1 de novembro por dois anos. A personalidade da regressão de Brian parecia ter-se realistado e mudado de unidade. Não existem mais registos para documentar isto, nem mais informações da narrativa de hipnose de Brian. Outros registos militares dos Arquivos Nacionais mostram um 1.º Tenente Samuel Maurice Morgan, Companhia F, 86.ª Infantaria de Voluntários de Nova Iorque, que se alistou como 1.º tenente, foi promovido a capitão, passou algum tempo num acampamento perto de Falmouth, Virgínia, e serviu como ajudante de um general. *(Também não houve menção a isto na regressão.)*

Informações compiladas por Phisterer em 1909 mencionavam o Capitão Byron B. Morris, da 81.ª Infantaria de Voluntários de Nova Iorque, que se alistou como soldado raso na Companhia I. Foi promovido a cabo e reafistou-se como 1.º tenente na Companhia F em 1864. Combateu na Virgínia e esteve presente até ao fim da guerra.^(166)

O 1.º Tenente Charles B. Morrill, da 60.ª Infantaria de Voluntários de Nova Iorque, alistou-se em Ogdensburg, Nova Iorque, como soldado raso na Companhia D, foi promovido a cabo e sargento. Como 1.º tenente na Companhia B, foi desmobilizado com a sua companhia (possivelmente para Ogdensburg). (167) Phisterer também mencionou um Michael Nolan, da 60.ª Infantaria de Voluntários de Nova Iorque, que se alistou em Ogdensburg como 1.º sargento na Companhia F. Mais tarde foi promovido a 2.º e 1.º tenente na Companhia I e depois capitão da Companhia D. A sua companhia combateu na zona da Virgínia. Nolan foi desmobilizado com a sua companhia (possivelmente para Ogdensburg) após o fim da guerra em julho de 1865. (168)

Uma correspondência perfeita de nome e unidade, embora não uma correspondência de vida viável, foi o Tenente James H. Morgan, 18.ª Infantaria de Voluntários de Nova Iorque, que se alistou como 1.º tenente e se

demitiu em setembro de 1861 devido a dores nas costas. Mais tarde serviu na 7.ª Artilharia Pesada de Nova Iorque e morreu na Prisão de Salisbury. Curiosamente, o Brian tinha problemas de coluna nesta vida.

Fosse ou não encontrada uma correspondência perfeita, o que era igualmente importante era que, com a perícia do Brian como historiador da Guerra Civil, ele verificou que cada detalhe que experienciou em ambas as suas regressões era 100 por cento exato e muito mais realista do que a recriação. Além disso, o consultor histórico, que é pago para escrutinar grandes filmes quanto à sua autenticidade, ficou adicionalmente impressionado quando soube que as regressões dos outros reencenadores também eram historicamente exatas — mesmo quando estes pensavam que o que tinham experienciado estava incorreto.

Desde pequeno, o Brian compilara uma vasta gama de informações sobre a Guerra Civil. Esse conhecimento e a escrita que desenvolveu sobre o assunto conferiram uma riqueza literária às suas descrições vívidas. A sua atenção ao detalhe ajudou-o a articular a sua narrativa enquanto sob hipnose, de modo que o meu papel como facilitadora foi muito facilitado.

O amor do Brian pela história poderá permitir-nos conjeturar que ele — e outros como ele — podem ser as próprias pessoas entre nós que recordam vidas passadas sem o saberem. Para eles, parece que a história ganha vida na sua imaginação. Poder-se-ia até suspeitar que historiadores que se especializam num período específico possam bem ter vivido nessa época.

Talvez a frescura da sua memória seja o que os leva a apaixonarem-se pela história. Através da experiência de vida passada direta do Brian, ele estava agora conscientemente ciente de uma nova perspetiva e novas visões que iam além do conhecimento estatístico, fundindo-se com este e trazendo uma compreensão adicional vinda do coração.

16

Ecos Revisitados

O sol de fim de tarde brilhava através das árvores num dia quente no final de março de 1995, enquanto eu procurava as lápides gastas pelo tempo de dois soldados da Guerra Civil enterrados em Antietam, Maryland. Computadores modernos à entrada do parque ajudaram a restringir a busca a

dois grupos de sepulturas, organizados por estados. Embora alguns nomes tivessem sido apagados pelo tempo, os meus amigos ajudaram-me a localizar os soldados cujas vidas militares eu já tinha revisto nos registos dos Arquivos Nacionais.

Enquanto estava em frente às suas sepulturas, tive uma sensação inquietante ao contemplar a possibilidade de que um dos homens ali enterrados pudesse ter sido uma correspondência com a personalidade que Stephen Melko recordara durante a sua regressão. Se fosse esse o caso, como se sentiria o Steve se estivesse ali, como eu estava, a olhar para uma sepultura que poderia ter sido a sua noutra vida? Parei para ponderar o que isto poderia significar sobre a morte, o renascimento e o sentido da alma. Seriam os nossos corpos e personalidades como figurinos e papéis que assumíamos?

Estando no cemitério do campo de batalha, recordei o medo que os reencenadores tinham expressado ao enfrentar a morte durante as suas regressões. Momentaneamente, as horas de investigação que fiz nas máquinas de microfichas dos Arquivos Nacionais inundaram-me a mente. Poderiam as vidas que os homens e mulheres recordaram sob hipnose ter sido memórias genuínas de vidas passadas?

É certo que os reencenadores se tinham classificado com uma nota alta no seu conhecimento da Guerra Civil, extremamente alta no seu conhecimento de recriação histórica e acima da média na sua capacidade de realizar diálogos em primeira pessoa no personagem. O seu conhecimento deu-lhes a capacidade de observar uma grande profundidade de detalhes durante as suas regressões. Ficavam frequentemente surpreendidos com o que não sabiam, não poderiam ter sabido, ou sentiam-se aliviados quando o que previam que aconteceria não acontecia.

A maioria dos dados históricos, mesmo pequenos detalhes trazidos pelas regressões, revelaram-se exatos. Surpreendentemente, o material da regressão foi determinado como exato quando as noções ou conhecimentos preconcebidos dos reencenadores se provaram errados. Um dos personagens de vida passada mais fáceis de rastrear foi o de Alan McBride, um reencenador que tinha pouco conhecimento académico da guerra. Embora não se importasse muito com detalhes históricos, a crença do Buddy Bare na possibilidade da reencarnação floresceu depois de os detalhes da sua regressão se provarem historicamente exatos.

Durante o meu estudo, fiquei atónita com a paixão que os participantes sentiam por recriar a vida e as batalhas da Guerra Civil. Era óbvio que o

século dezanove se tinha infiltrado em quase todas as áreas das suas vidas contemporâneas. No casamento do Buddy, todos os convidados estavam vestidos com trajes da era da Guerra Civil. Entretanto, o Rob Hodge disse que daria a vida pela preservação histórica dos campos de batalha.

Aceitava biscates que lhe davam flexibilidade para estar seriamente envolvido na recriação, enquanto talhava uma carreira no cinema e no guionismo sobre a Guerra Civil. A casa de Dave Purschwitz era como um museu da Guerra Civil. Ele fabricava o seu próprio mobiliário, bandeiras e vestuário da época da Guerra Civil. O Tom Galleher enrolava os seus próprios cigarros. MaryLynne Bauer era consultora para design de vestuário da Guerra Civil. E, segundo a mulher de Dave Morse, a dedicação ao "hobby" poderia até pôr em risco os relacionamentos!

Vários dos reencenadores até pareciam ter acabado de sair da década de 1850 e confessavam que se sentiriam mais confortáveis se o relógio recuasse 130 anos. Dave Morse e Rob Hodge ouviram dizer que se parecem com figuras notáveis da Guerra Civil. Além da aparência de Rob, ele recebeu o nome de Robert E. Lee e nasceu no aniversário de Stonewall Jackson. O Rob e o Dave são como quase todos os outros reencenadores do estudo que se preocupam tanto com a autenticidade que não usam sacos-cama nem levam geleiras modernas para as recriações. Todos têm pelo menos um uniforme autêntico completo com o equipamento necessário. Alguns até usam roupa interior de época. O Paul Jones tem entre doze a quinze uniformes que incluem a Guerra da Independência e a Segunda Guerra Mundial.

No geral, os reencenadores classificaram-se com noventa por cento no seu desejo de autenticidade na recriação, e fiquei exultante quando classificaram esmagadoramente a experiência de regressão como muito mais realista do que a recriação. Tanto o Brian Pohanka, historiador da Guerra Civil, como o Rob Hodge, que tinha perdido peso para corresponder ao peso do soldado médio da Guerra Civil, classificaram as suas experiências de regressão como quase 100 por cento "isentas de *farbs*". Nenhum conseguiu encontrar sequer um detalhe, em quase seis horas de material de regressão contínuo, que não estivesse historicamente correto.

Após a experiência de regressão, três quartos aumentaram a sua crença na possibilidade da reencarnação em cerca de vinte por cento. Mais de metade disse que isso mudou a sua visão da recriação histórica, e metade concordou que a experiência os afetou pessoalmente.

Embora a maioria da literatura sobre regressão a vidas passadas alegue dificuldade em recordar nomes e outros detalhes concretos, neste estudo onze dos doze reencenadores recordaram nomes, e todos os soldados foram capazes de fornecer o nome de uma unidade. A vida recordada de David Purschwitz como o seu próprio bisavô foi uma correspondência dramática. Outras cinco correspondências possíveis conformaram-se de perto com vidas e dados reais, enquanto seis tiveram alguma conformidade.

Além de possíveis correspondências de nomes e de a maior parte do conteúdo das regressões ser historicamente exata, observei outras correlações interessantes.

Um terço do grupo era tão apaixonado pela Guerra Civil que estava a fazer carreira na área. Um quarto tinha trabalhado ou estava a trabalhar num curso de História. Estas estatísticas sobre escolhas de carreira e interesses educativos correlacionam-se com a filosofia de Edgar Cayce de um princípio de continuidade — que os indivíduos trazem talentos e interesses de outras vidas. Isto é reforçado pelo facto de metade ter interesse na vida militar.

Além disso, quatro serviram nas forças armadas, um trabalhou para o Departamento de Defesa e uma considerou uma carreira como piloto da força aérea. Três quartos estavam interessados noutras guerras, períodos da história ou armas. As leituras de Edgar Cayce revelam que vidas passadas militares estão frequentemente ligadas a clientes que, nas suas vidas do século vinte, tinham amor por armas de fogo ou interesse em guerras.

Nove dos meus sujeitos ficaram "viciados" na Guerra Civil quando ainda estavam na escola primária. Isto foi consistente com as descobertas do Dr. Ian Stevenson sobre crianças que recordavam espontaneamente vidas passadas e se identificavam com a antiga personalidade até à idade de sete anos. O Brian Pohanka tinha feito investigação séria sobre a Guerra Civil aos doze anos; aos nove, o Rob Hodge tinha iniciado uma campanha de envio de cartas para se juntar a uma unidade de reencenadores.

A maioria juntou-se ao "hobby" depois de ter assistido ou participado numa recriação ou por ter um amigo no meio. As batalhas, locais, situações familiares ou pessoas tornam-se frequentemente gatilhos subconscientes para a recordação espontânea de vidas passadas.

Três quartos tinham tido algum tipo de experiência de *déjà vu*, espiritual, paranormal ou inexplicável. David Purschwitz experimentou um *déjà vu* enquanto recreava a Batalha de Piedmont. Foi ali que ele, como seu bisavô,

levou um tiro no braço e foi feito prisioneiro. Embora os reencenadores tivessem experienciado individualmente batalhas, locais ou eventos particularmente marcantes no decurso da sua recriação, o Rob foi o único a recordar ter lutado de facto numa dessas batalhas durante a sua regressão.

Como a recriação estava a satisfazer tantas necessidades pessoais para aqueles que participaram no estudo, estes passaram cumulativamente mais de 167 anos no "hobby", ou uma média de catorze anos cada. Para eles, descobri que a recriação satisfazia necessidades multidimensionais, variando desde prestar homenagem ao passado e aos mortos, à história viva e educar outros, até acampar com amigos e escapar às pressões da vida atual.

Previsivelmente, o alinhamento atual da maioria dos reencenadores com o lado da União ou Confederado correlacionou-se positivamente com simpatias mantidas na área onde cresceram ou mantidas pelas suas famílias. Apenas Alan McBride manteve uma lealdade firme à União por razões ideológicas, apesar da sua criação geográfica ou influência familiar. Dos sete que mudaram de unidade, apenas MaryLynne Bauer mudou por razões ideológicas.

Um dos factos mais intrigantes resultantes do estudo foi que apenas dois tiveram recordação de vida passada como soldados no lado oposto à sua preferência na recriação. Da dupla, David Morse considerava-se neutro, e David Purschwitz, que estava 100 por cento comprometido com a causa Confederada, tinha memórias anteriores como o seu bisavô Yankee. A intensidade da convicção para o seu alinhamento atual era superior a oitenta por cento, tal como o nível de compromisso dos dez reencenadores que estiveram no mesmo lado em ambas as vidas.

Uma explicação possível poderia ser que lutar, ser ferido ou até morrer nesse lado poderia afirmar um compromisso forte. Isto estava em linha com a teoria, sustentada nas leituras de Edgar Cayce, de que — tal como os nossos talentos — as nossas ações, preconceitos e enviesamentos continuam de vida para vida. Também é consistente com a literatura de terapia de vidas passadas que sublinha a importância de padrões recorrentes de pensamento e comportamento.

Todos os reencenadores experienciaram emoções e sensações físicas durante as regressões. Todos descreveram vividamente o que viram, sentiram ou ouviram. Nove em cada dez soldados expressaram frustração por não saberem para onde iam. Nove estavam com fome ou sede, oito estavam cansados e sete queixaram-se de que os pés doíam. Apenas dois eram oficiais;

um era cabo. A este respeito, é significativo que as vidas recordadas não fossem glamorosas. Apenas um soldado não recordou ter sido ferido. Apenas quatro soldados sobreviveram à guerra, seis morreram e três foram prisioneiros.

Das seis mortes experienciadas, todas exibiram algumas das características de quase-morte descritas por Raymond Moody, M.D. Cinco relataram dor e depois o seu alívio; quatro viram o corpo; quatro viram uma luz. Curiosamente, mesmo quando os homens foram feridos e não morreram, a maioria experienciou características semelhantes a uma EQM.

Das mortes ou ferimentos, três casos podem possivelmente correlacionar-se com problemas de saúde atuais. Buddy Bare fez uma cirurgia cardíaca nesta vida, enquanto na sua experiência de morte em regressão percebeu que provavelmente tinha levado um tiro no peito. Stephen Melko tinha asma na sua vida atual e recordou ter sido ferido no peito. MaryLynne Bauer tinha experienciado sensações de pânico ao recordar a escuridão antes da sua morte na Guerra Civil e por vezes ainda se sentia desconfortável no escuro.

Dos doze reencenadores, apenas David Purschwitz recordou ser o seu bisavô e apenas MaryLynne recordou uma mudança de sexo em vida passada. Estas estatísticas, oito por cento, correlacionam-se de perto com as conclusões de Stevenson de cinco a dez por cento para o retorno ancestral e cinco por cento para mudanças de sexo.

Três quartos do grupo atingiram o nível de processar memórias de vidas passadas como se a informação estivesse a passar como um filme contínuo. Sete podiam fazer ajustes mínimos no “guião” quando solicitados. O facto de outros não conseguirem alterar a cena indica que não foram indevidamente influenciados pelas sugestões da terapeuta.

Não há dúvida de que a Guerra Civil teve um impacto profundo nas vidas destes reencenadores, todos os quais experienciaram memórias de vidas passadas da época. Dedicaram muitos anos das suas vidas e milhares de dólares ao "hobby" e ao estudo da Guerra Civil. É claro para mim que se poderia fazer mais estudos sobre esta população.

Uma área de concentração para investigação futura poderia ser focar e rastrear problemas físicos ou emocionais relacionados com a Guerra Civil e qualquer cura emocional resultante do trabalho de regressão. Poderia também ser de interesse rastrear reencenadores em vários intervalos de tempo após a

regressão para ver se o seu interesse intenso na Guerra Civil continua, diminui ou aumenta e o que as conclusões podem significar.

Mais estudos poderiam ser feitos utilizando o trabalho de regressão com grandes grupos de reencenadores. Talvez, se as regressões forem utilizadas, qualquer cura resultante possa ajudar os indivíduos e possivelmente o grupo como um todo a começar a quebrar o ciclo de laços emocionais com a guerra. Talvez as raízes de vidas como soldados pudessem ser rastreadas até às suas origens e, quando compreendidas a um nível de alma, os padrões pudessem ser libertados. Concebivelmente, algum carma individual e de grupo poderia ser transmutado. Por sua vez, isto poderia ter um impacto no início da cura das feridas devastadoras que a Guerra Civil deixou no país — uma guerra que foi o cúmulo do fratricídio. Tal investigação poderia também ter um impacto positivo no início da cura de questões atuais de racismo.

Mais de 620 000 soldados pereceram na Guerra Civil, e as evidências indicariam que a maioria das almas continuou a viver outras vidas. Não fazemos ideia de quantas dessas estão vivas agora, talvez sofrendo interiormente de uma forma de síndrome de choque pós-traumático com mais de um século. Outras almas, porém, permanecem nos campos de batalha e em redor de indivíduos. Através de técnicas de libertação de espíritos, estas entidades presas à terra poderiam ser libertadas.

Outro estudo interessante de regressão a vidas passadas seria um com um grupo de pessoas que estão atualmente em guerra. Quaisquer correlações que surjam podem dar uma visão sobre a própria guerra e sobre a sua possível cura e prevenção no futuro. No caso deste estudo, a recordação de vidas passadas na era da Guerra Civil de todos os doze reencenadores pode ser uma resposta possível a perguntas que alguns reencenadores se fazem a si próprios. Por que são tão apaixonados por uma guerra e por um estilo de vida que ocorreu há mais de 130 anos?

Por que dedicam tanto tempo, energia e dinheiro ao "hobby"? Se a paixão resultou de uma vida anterior, de sensibilidade a memórias genéticas, ou se a paixão criou as memórias, poderá nunca ser determinado com sucesso. Mas o facto de todos os doze reencenadores terem recordado vidas na Guerra Civil que foram consistentes com os resultados de outros estudos e literatura de regressão e que tiveram também alguma validade histórica pode levar à especulação e a mais estudos.

Embora estas regressões não provem que a reencarnação existe, as crenças daqueles que participaram no estudo mudaram dramaticamente após

as suas regressões, porque o que lhes foi revelado durante as regressões foi muito mais vívido e realista do que o que conheciam anteriormente. Poderiam as suas experiências emocionais de vidas passadas ter sido uma indicação da imortalidade da alma?

Em termos dos Estados Unidos, a marca de água no Monumento a Washington, onde a construção parou quando a Guerra Civil se aproximava, serve como um lembrete da rutura entre os estados. A mancha indelével faz lembrar uma cicatriz profunda na psique americana de um tempo num passado não muito distante onde irmão pegou em armas contra irmão. Talvez o "hobby" dos reencenadores nos recorde o tempo em que estávamos divididos, enquanto as regressões revelam algo indomável, constante e indestrutível no espírito americano. Ao ouvir com atenção, podem ouvir-se as mensagens que emergem dos ecos persistentes vindos do campo de batalha.

"Nas grandes ações algo permanece. Nos grandes campos algo fica. As formas mudam e passam, os corpos desaparecem — mas os espíritos permanecem, para consagrar o solo como lugar de visão das almas.

E homens e mulheres reverentes vindos de longe e gerações que não nos conhecem e que nós não conhecemos, atraídos pelo coração para ver onde e por quem grandes coisas foram sofridas e feitas por eles, virão a este campo imortal, para ponderar e sonhar. E eis! A sombra de uma presença poderosa envolver-nos-á no seu seio, e o poder da visão passará para as suas almas."

— Major-General Joshua Lawrence Chamberlain

Gettysburg, 1889

Notas Finais

1

Ecos no Nevoeiro

1. *Civil War Handbook,* William H. Price, p. 14.
2. *Ibid.*, p. 14.

2

Vivemos Novamente?

3. *Exploring Reincarnation,* Hans TenDam, p. 7.
4. *The Search for Bridey Murphy*, Morey Bernstein, p. 244.

5. *Have You Lived Before This Life?* L. Ron Hubbard, p. 50.

6. Ver *Past Lives Therapy* de Morris Netherton.

7. *Many Lifetimes*, Denys Kelsey e Joan Grant, p. 53.

8. Ver *Past Lives, Future Loves* de Dick Sutphen.

9. Ver *Many Lives, Many Masters* e *Through Time into Healing*, ambos de Brian Weiss, M.D.

10. *You Have Been Here Before*, Edith Fiore, p. 6.

11. Ver *Reliving Past Lives: The Evidence Under Hypnosis* de Helen Wambach.

12. Ver *Regression Therapy: A Handbook for Professionals*, Vols. I e II, de Winafred Blake Lucas.

13. Ver *Mind-Probe Hypnosis* de Irene Hickman.

14. *Through Time into Healing*, *op. cit.*, p. 25.

15. *Many Mansions*, Gina Cerminara, p. 42.

16. *Edgar Cayce on Reincarnation*, Noel Langley, p. 84.

17. *Ibid.*

18. *Children Who Remember Previous Lives: A Question of Reincarnation*, Ian Stevenson, M.D., p. 180.

19. *Many Mansions*, *op. cit.*

20. *Children Who Remember Previous Lives: A Question of Reincarnation*, *op. cit.*, p. 180.

21. *You Have Been Here Before*, *op. cit.*, p. 8.

22. *Exploring Reincarnation*, *op. cit.*, p. 226.

23. *Many Mansions*, *op. cit.*, p. 184.

24. Ver *Your Past Lives: A Reincarnation Handbook* de Michael Talbot.

25. *Edgar Cayce on Reincarnation*, *op. cit.*, pp. 179-201.

26. *Beyond the Ashes: Cases of Reincarnation from the Holocaust*, Rabino Yonassan Gershom, pp. xix, 304.

27. "Reincarnation: Field Studies and Theoretical Issues", Ian Stevenson, M.D., *Handbook of Parapsychology*, p. 632.

28. "Reincarnation", Benjamin Walker, *Man, Myth, and Magic*, pp. 2346-2350.

29. Ver *Reincarnation: Fact or Fallacy?* de Geoffrey Hodson.

30. Ver *Reincarnation in World Thought* de Joseph Head e S.L. Cranston.

31. *Whispers of the Mind*, Elaine Stephens, p. 3.

32. "An Unusual Case of Hypnotic Regression with Some Unexplained Contents", Linda Tarazi, *Journal of the American Society for Psychical Research*, Vol. 84, outubro de 1990, pp. 315-335.

33. *Modern Hypnosis: Theory and Practice*, Masud Ansari, p. 26.

34. "Investigative Hypnosis: A Developing Specialty", M. Reiser e M. Neilsen, *American Journal of Clinical Hypnosis*, Vol. 23, 1980, pp. 75-84.

35. Ver "Hypermnesia and Reminiscence in Recall: A Historical and Empirical Review", David G. Payne, *Psychological Bulletin*, Vol. 101 (1), 1987, pp. 5-27; "Hypnosis and the Learning and Recall of Visually Presented Material", Gordon L. Stager e Richard M. Lundy, *International Journal of Clinical and Experimental Hypnosis*, Vol. 33, 1985, pp. 27-39; "Eyewitness Memory Enhancement in the Police Interview: Cognitive Retrieval Mnemonics Versus Hypnosis", R. Edward Geiselman, et al. *Journal of Applied Psychology*, Vol. 70, 1985, pp. 401-412; e "Hypnotic Effects of Hypermnesia", Patricia A. Register e John F. Kihlstrom, *International Journal of Clinical and Experimental Hypnosis*, Vol. 35, 1987, pp. 155-170.

36. *Ibid.*, pp. 155-170. Ver também "Use of Hypnosis as an Aid to Eyewitness Memory", John C. Yuille e N. Hope McEwan, *Journal of Applied Psychology*, Vol. 70, maio de 1985, pp. 398-400.

37. "Truth in Memory: Ramifications for Psychotherapy and Hypnotherapy", Steven Jay Lynn e Michael R. Nash, *American Journal of Clinical Hypnosis*, Vol. 36, 1994, pp. 194-207.

38. "10 Q & A Past-Lives Regression", estudo de Wilson e Barber de 1983 em Perry, Campbell, et al., pp. 50-59.

39. "Hypnotic Age Regression in an Experimental and Clinical Context", Philip Spinhoven e Jorrit van Wijk, *American Journal of Clinical Hypnosis*, Vol. 35(1), julho de 1992, pp. 41-45.

40. "Hypnotic Age Regression and the Autokinetic Effect", Eric J. Van Denburg, *American Journal of Clinical Hypnosis*, Vol. 33, 1991, pp. 51-55.

41. Ver "Cognitive Stage Regression Through Hypnosis: Are Earlier Cognitive Stages Retrievable?" de Paul S. Silverman e Paul D. Retzlaff, *International Journal of Clinical and Experimental Hypnosis*, Vol. 34, 1986.

42. "10 Q & A Past-Lives Regression", *op. cit.*, pp. 50-59.

43. *Ibid.*, pp. 50-59. Ver também "A Case of the Psychotherapist's Fallacy: Hypnotic Regression to Previous Lives" de Ian Stevenson, *American Journal of Clinical Hypnosis*, Vol. 36(3), janeiro de 1994; "Divided Consciousness in Hypnosis: The Implications of the Hidden Observer" de E.R. Hilgard, *Hypnosis: Developments in Research and New Perspectives*; e "Past-Life Hypnotic Regression: A Critical View", Nicholas Spanos, *The Hundredth Monkey and Other Paradigms of the Paranormal: A Skeptical Inquirer Collection*, pp. 78-84.

44. *Ibid.*, pp. 78-84.

45. *Ibid.*, pp. 78-84.

46. "10 Q & A Past-Lives Regression", *op. cit.*, pp. 50-59.

47. "The Effect of Hypnosis on Long Delayed Recall", J.M. Stalnaker e E.E. Riddle, *Journal of General Psychology*, Vol. 6, 1932, pp. 429-440.

48. *Exploring Reincarnation, op. cit.*, p. 23.

49. *All in the Mind: Reincarnation, Hypnotic Regression, Stigmata, Multiple Personality, and Other Little-Understood Powers of the Mind*, Ian Wilson, p. 59.

50. "Past-Life Regression: The Grand Illusion", Kampman em *Not Necessarily the New Age: Critical Essays* de Melvin Harris, pp. 135-136.

51. *The Unquiet Dead*, Edith Fiore, pp. 119-123.

52. Ver *Spirit Releasement Therapy: A Technique Manual*, William Baldwin, p. 211. Ver também *Life After Life* de Raymond A. Moody, Jr.

53. *The Unquiet Dead*, *op. cit.*

54. *Regression Therapy: A Handbook for Professionals*, *op. cit.*, p. 17.

55. *Twenty Cases Suggestive of Reincarnation*, Ian Stevenson, M.D., p. 343.

56. *Man and His Symbols*, Carl G. Jung, et al., p. 107.

57. Ver "Can Our Memories Survive the Death of Our Brains?" Rupert Sheldrake, *What Survives? Contemporary Explorations of Life After Death*, pp. 111-121; *The Rebirth of Nature: The Greening of Science and God* de Rupert Sheldrake; e também *Quantum Healing*, Deepak Chopra, M.D., p. 87.

3

Um Curso Curto de Recriação e Termos Comuns da Guerra Civil

58. Ver "Letters from Today's Civil War", Gary D. Ford, *Southern Living*, março de 1993, pp. 94-96; e "126 Years After the Real Battle of Cedar Creek, Men in Blue and Grey Fight a Much More Civil War", Michael Neill e Bill Shaw, *People*, 12 de novembro de 1990, pp. 173-175.

59. Ver *Reenactor's Journal: For Civil War Military and Civilian Reenactors* de Rick Keating; *Camp Chase Gazette: The Voice of Civil War Reenacting* de Grant MacMeans; e *The Civil War News* de C. Peter Jorgensen.

60. Ver *Rifle and Light Infantry Tactics: For the Exercise and Manoeuvres of Troops When Acting as Light Infantry and Riflemen* de William Joseph Hardee.

61. Ver *Infantry Tactics: For the Instruction, Exercise, and Manoeuvres of the Soldier, A Company, Line of Skirmishers, Battalion, Brigade, or Corps d'Armée* de Silas Casey.

62. "In the Grip of the Civil War", Lew Lord, *U.S. News and World Report*, 15 de agosto de 1988, p. 50.

63. *Ibid.*, pp. 48-59.

64. Ver *Gilham's School of the Soldier and School of the Company; For Infantry and Rifle Drill* de William Gilham.

65. *Civil War Handbook*, William H. Price, pp. 12-16.

66. *Ibid.*, p. 11.

4

Steve: O Soldado Regressa

67. Ver *Life After Life* e *The Light Beyond*, ambos de Raymond Moody, Jr.

68. *Children Who Remember Previous Lives: A Question of Reincarnation*, Ian Stevenson, M.D., p. 183.

69. Ver *Regression Therapy: A Handbook for Professionals*, Vols. I e II, de Winafred Blake Lucas.

70. *Reliving Past Lives: The Evidence Under Hypnosis*, Helen Wambach, p. 142.

71. *Exploring Reincarnation*, Hans TenDam, p. 177.

72. *Edgar Cayce on Reincarnation*, Noel Langley, p. 109.

73. Ver *Many Lifetimes* de Denys Kelsey e Joan Grant.

74. Entrevista histórica, Brian Pohanka.

5

Alan: Sorte de Principiante

75. Entrevista histórica, Brian Pohanka.

76. *Civil War Prisons: A Study of War Psychology*, William B. Hesseltine, p. 152.

77. *Ibid.*, p. 152.

78. *Ibid.*, p. 145.

79. *Ibid.*, p. 152.

80. Entrevista histórica, Brian Pohanka.

81. Ver *The Salisbury Prison: A Case Study of Confederate Military Prisons*, Louis A. Brown.

82. *Ibid.* Ver também registos militares e de pensões dos Arquivos Nacionais.

83. *Ibid.* Ver também *The Salisbury Prison: A Case Study of Confederate Military Prisons*, *op. cit.*, p. 272.

84. *The Southern Side: Or Andersonville Prison*, R. Randolph Stevenson, M.D., p. 382.

6

Dave: Estranhas Coincidências

85. *Civil War Handbook*, William H. Price, p. 57.

86. *Exploring Reincarnation*, Hans TenDam, p. 120.

87. "Reincarnation: Field Studies and Theoretical Issues", Ian Stevenson, M.D., *Handbook of Parapsychology*, p. 656.

88. Ver material de origem compilado por Dave Purschwitz que inclui: registos militares e de pensões dos Arquivos Nacionais, os Arquivos do Estado de Nova Iorque, registos oficiais dos Exércitos da União e da Confederação, a Série da Guerra Civil da Time-Life, registos da Biblioteca da Cidade de Nova Iorque e registos da Biblioteca do Condado de Augusta em Fisherville, Virgínia.

7

Rob: Da Boca das Crianças

89. *Children Who Remember Previous Lives: A Question of Reincarnation*, Ian Stevenson, M.D., p. 182.

90. Ver *Twenty Cases Suggestive of Reincarnation* de Ian Stevenson, M.D.; e "Reincarnation: Field Studies and Theoretical Issues" de Ian Stevenson, M.D., *Handbook of Parapsychology*.

91. *Units of the Confederate Army*, Joseph Crute, Jr., p. 28.

92. *Ibid.*, p. 30.

93. *Civil War Handbook*, William H. Price, p. 13.

94. Entrevista histórica, Brian Pohanka.

95. *Civil War Handbook, op. cit.*, p. 16.

96. Entrevista histórica, Brian Pohanka.

97. *Civil War Handbook, op. cit.*, p. 13.

98. Entrevista histórica, Brian Pohanka.

99. *Ibid.*

100. *Ibid.*

101. *Ibid.*

102. *Ibid.*

8

Buddy: Problemas de Coração

103. Ver *Pickett's Charge* de George R. Stewart.

104. *Civil War Handbook*, William H. Price, p. 12.

105. Entrevista histórica, Brian Pohanka.

106. *Ibid.*

107. *Units of the Confederate Army*, Joseph Crute, Jr., p. 87.

108. Entrevista histórica, Brian Pohanka.

109. *Ibid.*

110. Ver *The 7th Virginia Regimental History Series* de David Riggs.

111. *The 17th Virginia Regimental History Series*, Lee A. Wallace, p. 105.

112. *The 58th Virginia Regimental History Series*, Robert Driver, Jr., p. 94.

113. Ver *The 40th Virginia Regimental History Series* de Robert E. Krick.

114. Ver *History of the 49th Virginia Infantry CSA: Extra Billy Smith's Boys* de Laura Hale e Stanley Phillips.

115. Ver *The 33rd Virginia Regimental History Series* de Lowell Reidenbaugh; e registos de enterro do Cemitério Nacional de Spotsylvania.

9

MaryLynne: Uma Crinolina para uma Arma

116. *Children Who Remember Previous Lives: A Question of Reincarnation*, Ian Stevenson, M.D., p. 185.

117. *Many Lifetimes*, Denys Kelsey e Joan Grant, p. 21.

118. "Reincarnation: Field Studies and Theoretical Issues", Ian Stevenson, M.D., *Handbook of Parapsychology*, p. 655.

119. *Exploring Reincarnation*, Hans TenDam, p. 297.

120. *Reliving Past Lives: The Evidence Under Hypnosis*, Helen Wambach, p. 124.

121. *Exploring Reincarnation, op. cit.*, p. 122.

122. "Reincarnation: Field Studies and Theoretical Issues", *op. cit.*, p. 656.

123. Ver *Roster of Ohio Soldiers, 1861-1866: War of the Rebellion* pela Comissão de Listas do Ohio.

10

Dale: O Incêndio de Richmond

124. "The Evidence for Survival from Claimed Memories of Former Incarnations, Part 1: Review of the Data. Part 2: Analysis of the Data and Suggestions for Further Investigations", Ian Stevenson, *Journal of the American Society for Psychical Research*, abril e outubro de 1960, p. 114.

125. *Ibid.*, p. 114.

126. Ver "Second Annual Directory of the City of Richmond for 1860" por W. Eugene Ferslow, *Series of Bibliographies of American Directories*.

127. Ver *The 55th Virginia Regimental History Series* de Richard O'Sullivan.

128. *Ibid.*

129. Ver *History of the 49th Virginia Infantry CSA: Extra Billy Smith's Boys* de Laura Hale e Stanley Phillips.

130. Ver *The 37th Virginia Regimental History Series* de Thomas Rankin.

131. Ver *Richmond Volunteers: The Volunteer Companies of the City of Richmond and Henrico County, Virginia, 1861-65*, por Louis H. Manarin e Lee A. Wallace, Jr.

132. Ver registos militares dos Arquivos Nacionais; e *Units of the Confederate Army* por Joseph Crute, Jr., p. 350.

133. *Ibid.*, p. 386.

11

Ed: Comida para a Alma

134. *You Have Been Here Before*, Edith Fiore, p. 240.

135. *Coming Back*, Raymond A. Moody, Jr., p. 45.

136. *Edgar Cayce on Reincarnation*, Noel Langley, p. 115.

137. *The Photographic History of the Civil War*, pp. 76-81.

138. *Civil War Handbook*, William H. Price, p. 13.

139. Ver *Mosby's Rangers* por James J. Williamson. (Nota: O incidente foi descrito como uma emboscada planeada a uma coluna de carroças de mantimentos da União pela Cavalaria de Mosby na estrada do vale perto de Newtown, Virgínia. Quando a cavalaria iniciou a carga, perceberam que as carroças eram apoiadas por infantaria e cavalaria. Os *Rangers* recuaram, mas apenas depois de os Yankees terem disparado uma salva e matado um soldado chamado William E. Embrey.)

140. Ver *The 43rd Battalion Virginia Cavalry, Mosby's Command Regimental History* por Hugh G. Keen.

141. Ver lista de prisões dos Arquivos Nacionais; e Serviço Nacional de Parques, Point Lookout, Maryland.

142. Ver *The 40th Virginia Regimental History Series*, Robert Krick, p. 97; e registos militares dos Arquivos Nacionais.

12

Tom: Um Oficial e um Cavalheiro

143. *Reliving Past Lives: The Evidence Under Hypnosis*, Helen Wambach, p. 114.

144. *Edgar Cayce on Reincarnation*, Noel Langley, p. 104.

145. Entrevista histórica, Brian Pohanka.

146. Ver *These Honored Dead: The Union Casualties at Gettysburg* de John Busey.

13

David: Morte Viva

147. *Whispers of the Mind*, Elaine Stephens, p. 3.

148. Ver *The Pattons: A Personal History of an American Family* de Robert H. Patton.

149. "The Evidence for Survival from Claimed Memories of Former Incarnations, Part 1: Review of the Data. Part 2: Analysis of the Data and Suggestions for Further Investigations", Ian Stevenson, *Journal of the American Society for Psychical Research*, abril e outubro de 1960, p. 114.

150. Ver *You Have Been Here Before* de Edith Fiore.

151. Ver *Reliving Past Lives: The Evidence Under Hypnosis* de Helen Wambach.

152. Ver *Coming Back* de Raymond A. Moody, Jr.

153. "A Series of Possibly Paranormal Recurrent Dreams", Ian Stevenson, *Journal of Scientific Exploration*, agosto de 1992, pp. 281-289.

154. *All for the Union: The Civil War Diary and Letters of Elisha Hunt Rhodes*, Robert Hunt Rhodes, pp. 115-116.

155. Ver *These Honored Dead: The Union Casualties at Gettysburg* de John Busey.

156. Ver registos militares dos Arquivos Nacionais; e *Annual Report of the Adjutant General of the State of Rhode Island and Providence Plantations for the Year 1865* pelo Brigadeiro-General Elisha Dyer.

14

Paul: Regresso a Alexandria

157. "In the Grip of the Civil War", Lew Lord, *U.S. News and World Report*, 15 de agosto de 1988, p. 52.

158. Ver *Reliving Past Lives: The Evidence Under Hypnosis* de Helen Wambach.

159. Ver *Regression Therapy: A Handbook for Professionals*, Vols. I e II, de Winafred Blake Lucas; *Past Lives Therapy* de Morris Netherton; *You Have Been Here Before* de Edith Fiore; e *Past Lives, Future Lives: Accounts of Regressions and Progressions Through Hypnosis* de Bruce Goldberg.

160. *Many Mansions*, Gina Cerminara, p. 57.

161. Ver *Exploring Reincarnation* de Hans TenDam, p. 121.

162. Ver *Reincarnation: Claiming Your Past, Creating Your Future* de Lynn Sparrow.

163. Ver *Russell's Civil War Photographs: 116 Historic Prints* por Andrew Russell.

15

Brian: O Coração de um Historiador

164. *Civil War Handbook*, William H. Price, p. 24.

165. *New York in the War of the Rebellion: 1861-1865*, Frederick Phisterer, p. 1954.

166. *Ibid.*

167. *Ibid.*, p. 2550.

168. *Ibid.*, p. 2550.

169. *Ibid.*, p. 1954. Ver também registos militares dos Arquivos Nacionais; e *The Heroes of Albany: A Memorial of the Patriot-Martyrs of the City and County of Albany*, Rufus Clark, pp. 542-544.